

Como fica claro nas tabelas acima, a despeito da faixa de idade semelhante e da inserção em um universo de sociabilidade comum (a torcida organizada do Atlético Paranaense), são poucas as temáticas que apresentam unanimidade entre os/a torcedores/a. Para os fins deste trabalho, é relevante que a maioria tenha afirmado categoricamente sua concordância com a representação segundo a qual o Brasil é o país do futebol. O fato dos jogadores brasileiros serem considerados diferenciados, como em afirmações sobre a “ginga” e o “samba no pé”, denota igualmente uma dimensão de orgulho compartilhado e pertencimento a uma comunidade: “É a única coisa que o brasileiro, a maioria dos brasileiros gostam, se divertem, é ver o futebol (...) Quem que não fica esperando chegar o final de semana pra ver um joguinho de futebol, pra ver seu time, né?” (T6). Mesmo entre aqueles que relativizam o mito do “Brasil melhor do mundo”, há o reconhecimento da importância sócio-cultural do jogo: “Transformou-se no país do futebol (...) porque a criança já nasce, já recebe uma camisa de um time e com quatro cinco anos o pai já quer que jogue bola, então (...) É o país do futebol por isso e vai continuar sendo” (T7).

As percepções dos/a torcedores/a sobre a carreira de jogador se dividem entre considerá-la “muito curta” ou “muito boa”. Algumas respostas enfatizam a diferença das condições atuais para com as do passado: “Hoje é um país das maravilhas pros caras” (T10); “Hoje em dia o que hoje o futebol proporciona pro jogador... Eu mesmo se pudesse, no passado, ter tido um apoio pra ser eu também gostaria de ser jogador de futebol. (...) Antes não era, mas hoje é uma febre” (T6). Para grande parte dos/a entrevistados/a, a profissão de futebolista acarreta exigências menores do que outras oportunidades empregatícias: “É uma carreira sem obstáculos, né? Se você souber jogar bola você não precisa falar inglês. Você não precisa falar português. Você não precisa falar nada. Você tem que saber jogar bola. Você fala com os pés (risos)” (T4). O caráter meteórico tanto da exposição midiática quanto dos rendimentos financeiros são mobilizados para explicar o fato da carreira de jogador ter se tornado “uma febre”: “[Por exemplo], um atacante. Então às vezes ele tem 18 anos, 17 anos, jogou seis meses na categoria de base, ele é posto no profissional e já é projetado pra um outro país, ou pra ter um mega-salário dentro do país (...) E aí vira muitas cifras, quando ele atravessa a fronteira. Então ele se projeta com muita facilidade” (T7). Para alguns dos entrevistados, esta conjuntura acarreta na deterioração do “amor à camisa” (ao clube) e deslegitima o processo de seleção: “Deveria ser necessário, para ser jogador

profissional de futebol, o cara ter raça, ter amor, mas não é isso que interessa hoje em dia, né? (...) hoje entra cara que nem habilidade tem” (T6).

Considerando a desigualdade econômica do país e estabelecendo um contraste entre a educação formal e o esporte, um dos torcedores argumentou: “Porque a maioria da nossa população é pobre e vê no futebol, tipo... [Se] o cara vai trabalhar, vai se formar, estudar, vai ganhar três mil reais. Um pangaré, que nem a gente tem um no nosso time hoje, não faz nada, só desfila em campo, ganha dez mil reais, então, por que o cara vai estudar? O cara vai ser jogador de futebol pra ganhar dez mil, por isso” (T2). O mesmo entrevistado salienta, todavia, que ao atleta é necessário “ter um pouquinho de estudo pra não ser enganado” e para estar preparado caso uma contusão encerre previamente sua inserção profissional.

Encarada como uma carreira “fácil” e que mobiliza os interesses das camadas pobres, o futebol pode ou não assumir um caráter profissional/responsável, dependendo da postura dos jogadores enquanto indivíduos: “Bom, tem dois, tem dois caminhos. O cara que é profissional, que se dedica, que sabe que a carreira dele vai durar no máximo quinze anos e o cara se profissionaliza, não sai na noite, o cara cumpre, porque sabe que vai ganhar muito dinheiro e o resto da vida vai sustentar aquele dinheiro, tudo bem. Mas só que tem cara (...) que chega, morava numa família humilde, de repente o pai e a mãe junto ganhavam quinhentos reais e o cara vem, ganha seis mil reais, aí sobe pra cabeça, vai fazer festa, mulherada, né? E isso não é profissional” (T2). As representações mobilizadas por estas falas são bastante disseminadas no universo do futebol e permitem introduzir debates que serão posteriormente aprofundados.

Parte dos/a entrevistados/a defende que, muito mais do que um critério qualitativo, a diferença salarial entre os jogadores obedece às hierarquias clubística e ao acaso: “você tem mais de quatro mil clubes de futebol no Brasil, e desses tira quarenta que conseguem pagar um salário bom e em dia (...) vamos supor, tem duzentos jogadores que ganham acima de vinte mil reais e tem quatro mil que ganham salário mínimo, às vezes os caras ganham salário mínimo, lugar pra dormir, café da manhã, almoço e janta. Café da manhã, um pão com manteiga, um café preto e é isso” (T2); “Você vê às vezes aí um cara que é muito bom, muito melhor do que qualquer cara que está jogando aí, e ele ganha bem mal. Na minha opinião, é um golpe de sorte, hoje em dia, jogador se dar bem e ter uma vida boa” (T6). As condições econômicas diferenciadas entre os países também são descritas como relevantes: “Principalmente

os que jogam na Europa (...) A moeda deles pesa muito. [É] muito mais forte do que a nossa” (T8).

Contrastando com as avaliações sobre os jogadores brasileiros, a opinião dos/a torcedores/a sobre os clubes é significativamente negativa. As principais censuras às agremiações dizem respeito à má administração: “Porque é muita falcatrua, muita maracutaia que a gente vê” (T2). Perguntados sobre o que deveria ser aperfeiçoado no futebol brasileiro, cinco dos torcedores frisaram que a esfera administrativa precisa ser alterada, com respostas como: “Melhores administradores de clubes e empresários honestos” (T8); “Menos ganância e mais humildade” (T5); “Seriidade mesmo. De cima pra baixo no futebol, tinha que melhorar” (T9); e “Estrutura” (T10). Em algumas das falas, a gestão deficitária está diretamente relacionada com as transferências internacionais. Inquirido sobre o que causa a diferença de rendimento entre os clubes, um torcedor respondeu: “A diferença é [que] um clube é bem administrado e outro clube praticamente só quer saber de vender jogador” (T8). Outros defendem que as transferências auxiliam no sustento financeiro das agremiações e dos atletas e, neste sentido, são benéficas ao futebol. Todavia, algumas respostas apresentam o argumento de que o lucro advindo das negociações de jogadores não é necessariamente investido no jogo, como nas seguintes afirmações: “Depende do que o dirigente vai fazer com o dinheiro que entra” (T9); “Tem que saber pra onde esse dinheiro está sendo revertido” (T7).

Os empresários/agentes, por sua vez, suscitam comentários negativos quase unânimes, desde atravessadores e mercenários até mafiosos e cafetões. Um dos entrevistados salientou a ligação entre a Lei Pelé e a expansão do poder dos agentes: “Você vê que não existia muito empresário antigamente no futebol, mas foi só sair a Lei Pelé (...) [que] beneficiou o jogador, o jogador não tinha tanto direito como tem hoje. Só que infelizmente alimentou a área dos empresários, por isso que apareceu tanta gente” (T6). Inclusive entre aqueles que defendem a importância da função dos empresários, restrições contra a falta de honestidade de muitos integrantes da profissão estão presentes.

Tanto a avaliação dos clubes quanto os termos pouco elogiosos utilizados para descrever os empresários são, em parte, expressão da insatisfação dos entrevistados com a configuração do futebol contemporâneo. Em sua maioria, os/a torcedores/a são profundamente críticos às transferências internacionais. A principal determinante do

aumento das transferências diz respeito aos interesses financeiros: “Eles só vão embora porque lá fora pagam melhor” (T4); “O futebol, infelizmente, virou comércio” (T7). Paralela à censura contra as transferências e à queda de qualidade do jogo no Brasil, transparece nas falas uma espécie de resignação sobre inevitabilidade da imigração de jogadores, pois as condicionantes e motivações econômicas são preponderantes:

“Normalmente, isso é uma coisa que é, tem que acontecer. Por quê? O Brasil hoje é um país que não tem poder aquisitivo em todos os segmentos, a gente paga aqui para um jogador ganhar cinquenta mil por mês, vem um clube de fora, paga pro clube cinco milhões de dólares, cinco milhões de euros, e vai pagar pro jogador trezentos mil euros por mês. Como que a gente vai segurar? Os bons não ficam aqui, os bons jogam seis meses, no máximo um ano aqui e vão pra fora. É a vida profissional, é o dinheiro. O que que a gente quer? A gente quer ganhar dinheiro, pra poder dar o melhor sustento para a nossa família, é o que acontece com os jogadores (...) E a gente fica vendo um monte de pangaré chutando o chão, chutando grama e os bons indo pra fora. Os favorecidos são os de lá, têm mais poder aquisitivo, vai levar sempre” (T2).

“Acho um pecado, porque você não tem espaço no teu próprio país pra estar ganhando dinheiro, pra estar atuando. Daí você passa a fronteira e lá você é ovacionado e lá você vira o imperador, lá você vira o fulano-mania. E aqui, no meu país, que é dito o país do futebol, não tem espaço pra atuar. Então acho muito triste. (...) O futebol ficou meio alienado, voltou ao fordismo ao taylorismo, virou uma maquininha de fazer dinheiro e isso eu acho que tinha que ser um pouquinho menos. Teria que estar olhando um pouquinho mais o sujeito aí, não olhando tanto as cifras. (...) [A gente] não entende mais nem como é que funcionam essas transações, porque é um troço assim que você não consegue... Quando você faz a conversão pra real, fica impressionada. (...) E aqui não fica nada pra gente, na realidade, tá tudo atravessando a fronteira. Nós estamos ficando zerado. Porque se em contrapartida a gente conseguisse estar formando jogador no mesmo tempo em que eles estão atravessando a fronteira, sem problema algum. Mas não é colocá-los como faz com... com as galinhas, né? Que você deixa sem dormir, injeta hormônio e aí elas tão prontas pro abate. Nós não conseguimos formar atletas nesse mesmo tempo que eles estão saindo do país. (...) Claro, pra quem quer ganhar dinheiro, sem problema algum, mas e pra nós aqui, o que que está ficando?” (T7).

“O dia em que o Brasil conseguir se igualar o nível dos outros clubes europeus, você pode ter certeza de que não vai sair tanto jogador do Brasil. Mas infelizmente, por a Europa ser melhor e ter uma condição melhor, os jogadores vão pra lá. Eu não acho nada de mais. Infelizmente os melhores jogadores daqui, brasileiros, estão na Europa. E são os melhores, não adianta. Tem jogador bom no Brasil, mas não sei porque, o jogador na Europa ele... ele... é melhor. Ele se destaca” (T6).

Ao mencionar transferências internacionais, o destino por excelência são as agremiações européias. A despeito de parte dos torcedores terem citado que as negociações de jogadores são realizadas com “o mundo inteiro”, as referências à Europa são predominantes. Os/a torcedores/a, ao mesmo tempo em que afirmam sua

compreensão e concordância com a disponibilidade dos jogadores em atuarem fora do país devido à elevação de poder aquisitivo que a mobilidade proporciona, lamentam a desigualdade econômico-midiática entre os futebolistas nacionais, que os coloca em posição subalterna. O fato dos melhores jogadores atuarem fora do Brasil é encarado como prejudicial para as pessoas que acompanham o futebol no país, afetando diretamente a experiência dos/a entrevistados/a – neste sentido, quatro atestaram que os maiores prejudicados com as transferências são os torcedores. Simultaneamente, a posição do boleiro como imigrante é destacada por uma das respostas: “Não é fácil você ficar longe de tudo e de todos, numa língua que você não conhece, com uma comida que você não se adapta (...) Será que vale a pena? A custo de que essas pessoas estão ficando? Estão se privando de tudo, do seu eu? E será que tem valido a pena?” (T7).

Frente à pergunta “Você se interessa pelo futebol jogado em outros países? Quais?”, a fala dos/a torcedores/a chama a atenção para a distribuição desigual de espaço midiático, salientando que algumas nações européias são mais valorizadas pelos meios de comunicação. Neste mesmo sentido, um torcedor reafirma a superioridade brasileira e critica o prêmio de melhor jogador do mundo outorgado pela FIFA, declarando: “Porque é um país que já chegou sete finais, é pentacampeão e se você pegar nos quinze anos, nós temos oito melhores jogadores do mundo, fora outros que podiam ser inclusos, mas porque não jogam na Europa, jogam aqui, não são inclusos” (T2). Noções segundo as quais a Europa é “vitrine” (T9) e que o interesse dos atletas, ao serem transferidos para o exterior, é “se mostrar para o mundo” (T8) também enfatizam a visibilidade diferenciada oferecida por espaços futebolísticos nacionais específicos: “Não é nem por falta de qualidade, mas assim: ele vai pra Europa, é como se melhorasse o triplo o futebol dele” (T7).

No futebol profissional, planejar uma carreira de sucessos significa, para toda uma geração de aspirantes, fazer parte de um time que concilie altos salários com visibilidade midiática. E é exatamente isso que a idéia de “jogar na Europa” representa. Negociar um jogador para “a” Europa é sinônimo de sucesso, tanto do ponto de vista do clube, que arrecada mais com a venda, quanto do jogador, que “deu certo” na profissão. Contudo, mesmo no interior do futebol europeu, nem todos os países oferecem as mesmas oportunidades financeiras e midiáticas, por isso não partilham de igual prestígio entre os jogadores. Neste cenário, uma “certa Europa” tem sido construída como a Meca do futebol mundial, concentrando os times mais

ricos e célebres: Espanha, Itália, Inglaterra, Alemanha e França (não, admiravelmente, os “expoentes” da cultura ocidental).

Os números elevados de transferências internacionais contêm uma dimensão de reconhecimento da qualidade do futebol brasileiro que suscita narrativas de orgulho nacionalista não desprovidas de fundamento. De fato, sendo o assunto futebol, não é possível desconsiderar os investimentos identitários feitos ao redor – e por meio – dele. O que aproxima as concepções correlatas de torcedores, clubes “vendedores” e clubes “compradores” é que partilham da representação que confere especificidade ao futebol brasileiro e seus jogadores. A história “antropofágica” do estilo latino-americano de jogar “bonito” tornou-se uma construção discursiva bastante difundida no cenário internacional do futebol. A componente mitológica que acompanha tal narrativa parece ser a da valorização de jogadores formados em condições de vida adversas, numa espécie de romantização da pobreza que perpetua o ciclo da espoliação – até porque, parte do que torna tão atrativos os atletas brasileiros é seu preço.

2. Aspirantes

E um belo dia a deusa dos ventos beija o pé do homem, o maltratado, desprezado pé, e desse beijo nasce o ídolo de futebol. Nasce em berço de palha e barraco de lata e vem ao mundo abraçado a uma bola. Desde que aprende a andar, sabe jogar. Quando criança alegre os descampados e os baldios, joga e joga e joga nos ermos dos subúrbios até que a noite cai e ninguém mais consegue ver a bola, e quando jovem voa e faz voar nos estádios. Suas artes de malabarista convocam multidões, domingo após domingo, de vitória em vitória, de ovação em ovação (...)

O bairro tem inveja dele: o jogador profissional salvou-se da fábrica ou do escritório, tem quem pague para que ele se divirta, ganhou na loteria. Embora tenha que suar como um regador, sem direito a se cansar nem a se enganar, aparece nos jornais e na televisão, as rádios falam seu nome, as mulheres suspiram por ele e os meninos querem imitá-lo. Mas ele, que tinha começado jogando pelo prazer de jogar, nas ruas de terra dos subúrbios, agora joga nos estádios pelo dever de trabalhar e tem a obrigação de ganhar ou ganhar.

(Galeano, 2004: 11/13)

Além de uma categoria profissional economicamente relevante, “jogador de futebol” é uma representação social cercada de glamour e reconhecimento; com forte presença nas comunicações midiáticas e, mais recentemente, também nas interpretações acadêmicas, os discursos produzidos a respeito dos futebolistas compõem uma mescla de informações sobre condições de trabalho, impressões pessoais, preconceitos sociais de todos os matizes, genuína admiração pelo feito alheio e uma espécie de nacionalismo exacerbado que se transveste de politicamente correto. Eduardo Galeano, destacado escritor latino americano, com trânsito tanto entre jornalistas quanto entre acadêmicos de esquerda, formula, em *Futebol ao sol e à sombra*, uma narrativa paradigmática a respeito do jogo e dos jogadores. Sua obra, que oscila entre prosa literária e denúncia social, conquistou ampla penetração desde que foi publicada pela primeira vez em 1995.

Galeano inicia seu livro afirmando que “como todos os meninos uruguaios, eu também quis ser jogador de futebol” (2004: 9). Constrói, dessa maneira, um “nós” identitário que possivelmente ecoa em experiências comuns de leitores brasileiros, portugueses ou argentinos¹², especialmente aqueles para quem o futebol foi uma promessa de futuro não cumprida, pois o autor se reconhece, ironicamente, como “o

¹² Além destes países, traduções de *Fútbol a sol y sombra* foram publicadas na Inglaterra, Estados Unidos, França e Itália, entre outros.

pior perna de pau que já passou pelos campos do meu país”. Em sua narrativa anedótica, denomina o futebol de “esperanto da bola”, linguagem universal presente entre os chineses da dinastia Ming, os italianos do Renascimento e os astecas Pré-Colombianos (2004: 28-32).

Reivindicação similar de uma história compartilhada é expressa na descrição das peripécias (dentro e fora de campo) de jogadores memoráveis de diversas nacionalidades. Galeano compõe um rosário de gols e jogadas, exemplos de “bom futebol” que sublinham a individualidade dos ídolos – a despeito do esporte ser coletivo. Exceções são o time do Peñarol da década de 60, o *Laranja Mecânica* (seleção holandesa da Copa de 1974) e recorrentes menções ao estilo de jogo latino americano em geral e ao brasileiro em particular, considerado o “futebol mais bonito do mundo”, que “prefere o prazer ao resultado” (2004: 49).

A descrição feita por Galeano da disseminação do futebol no Cone-Sul Americano enfatiza que ele era “um produto de exportação tão tipicamente britânico como os tecidos de Manchester”, mas que ultrapassou o círculo dos “meninos de boas famílias” e lançou raízes nos terrenos “baldios, becos e praias”, fazendo convergir os interesses de imigrantes expulsos de diversos locais da Europa. Galeano afirma que, no Brasil, o futebol se “tropicalizou”, a elite perdeu a prerrogativa sobre a sua prática e foram “os pobres que o enriquec[eram], enquanto o expropriavam” (2004: 39). Para Galeano, as primeiras vitórias de times latino americanos sobre clubes e seleções européias equivalem ao “segundo descobrimento da América” (2004: 52). Neste processo de expansão, o futebol tornou-se um caminho de ascensão social “para o menino pobre, em geral negro ou mulato, que só tem a bola como brinquedo: a bola é a única varinha mágica em que pode acreditar” (2004: 51).

Mas em meio à glorificação do futebol nacionalizado e popularizado, que teria resultado na reinvenção do jogo, *Futebol ao sol e à sombra* é também uma história de degradação e saudosismo. Uma “triste viagem do prazer ao dever” seria o destino da mercantilização e mediatização do esporte. Galeano critica duramente a inserção de anúncios publicitários nos uniformes dos clubes e a gestão de João Havellange à frente da FIFA, de cunho abertamente capitalista. Para ele, “a engrenagem do espetáculo tritura tudo” (2004: 19); os jogadores “se deixa[m] levar pela promessa de mais fama e mais dinheiro”, ficando “presos” na obrigação profissional que é estranha ao prazer e à beleza do “jogo pelo jogo”. Na configuração atual do futebol “ao sul do

mundo”, o itinerário de um “jogador com boas pernas e boa sorte” seria um processo de ascensão “das ruas de terra” aos clubes maiores em cidades maiores, até a “coroação” de sua carreira na Europa (2004: 201).

Hugo Lovisoló chama a atenção para o fato de que Galeano, ao denominar seu livro de *Futebol ao sol e à sombra*, pretende enfatizar o caráter de denúncia que o caracteriza, com o objetivo de iluminar o que permanece “à sombra”¹³. Neste sentido, seu intuito seria “dizer-nos o que está podre no reino do futebol e deixar entrever quão maravilhoso ele seria se as causas da podridão fossem eliminadas” (Lovisoló, 2001: 80). Para Lovisoló, Galeano pertence à tradição ideológica segundo a qual o dinheiro corrompe e, portanto, o advento do “futebol espetáculo, preocupado com os lucros, estaria destruindo a beleza do esporte” (2001: 85). Distanciando-se do que chama de “saudosismo, infantilização e vitimização” (2001: 85), Lovisoló propõe questionar o pressuposto de que motivações econômicas diminuiriam a qualidade do jogo e do jogador, afirmando não ser evidente que a intersecção entre esporte e capitalismo tenha resultado automaticamente na perda de “alegria, ousadia e fantasia”, como quer Galeano (2001: 87).

Ao diagnosticar a mercantilização como a origem de todos os males do futebol, Galeano defende a “pureza” do jogo em si: “sem motivo, sem relógio e sem juiz” (2001: 84). Paradoxalmente, este “jogo porque sim” não poderia fazer da bola a “única varinha mágica” confiável para os garotos com poucas oportunidades sócio-econômicas. Como destaca Lovisoló, Galeano acaba por defender uma perspectiva aristocrática para o esporte: ele “sente e declara que é uma decadência o fato dos jogadores profissionais serem tais, jogarem mediante um contrato de trabalho, uma de cujas principais cláusulas é o pagamento em dinheiro” (Lovisoló, 2001: 82-3). É essencial recordar, todavia, que a profissionalização está intimamente relacionada com a popularização. Este processo histórico é não raro descrito como uma vitória dos jogadores, da torcida e do próprio futebol contra os valores elitistas que proibiam a remuneração dos atletas visando perpetuar o elitismo esportivo.

Marcelo Proni chama atenção para o fato de que a primeira Copa do Mundo, realizada no Uruguai em 1930, caracterizou-se pela presença de seleções (formalmente) amadoras. Em meados da década de 30, todavia, a profissionalização

¹³ Eu mesma tinha lido “ao sol e à sombra” como um marcador de amplitude, o futebol em espaços e condições diversos, “universais”.

ganhou terreno no universo do futebol. Na maioria dos casos, a remuneração deparou-se com a resistência dos estabelecidos que defendiam o “esporte pelo esporte”, ou seja, a manutenção do elitismo e a exclusão dos subalternos. A solução de compromisso foi baseada “na aceitação do profissionalismo para os atletas e na preservação do amadorismo para os dirigentes de clubes e de federações” (Proni, 2000: 40). Segundo Proni, esta “ética dual” de organização futebolística foi inicialmente adotada na Inglaterra e prevaleceu como modelo para outros países, inclusive o Brasil. Tal constatação é especialmente reveladora das dinâmicas de classe e raça que estão imbricadas na organização do futebol e cujos efeitos (e causas) são determinantes na atualidade.

As análises econômicas do futebol defendem que a situação financeira dos clubes está diretamente relacionada com o nível de desenvolvimento econômico de um determinado país (Sebreli, 1981 apud Proni, 2000; Setz, 2007). Isto significa que, à exceção dos períodos conturbados das I e II Grandes Guerras, a maioria dos clubes europeus estiveram sempre em posição de superioridade frente aos latino americanos e africanos. Na América do Sul, uma das causas determinantes para o processo de profissionalização foi o fato de diversas agremiações européias fecharem contratos salariais para a transferência de jogadores de países nos quais o sistema vigente era o amador (ou o “amadorismo marrom”). De acordo com Aidan Hamilton “foi o êxodo dos melhores jogadores do Brasil (primeiro para a Europa, depois para a Argentina e o Uruguai), com a ajuda dos agentes estrangeiros de recrutamento, que trouxe o profissionalismo legalizado para mais perto do Brasil” (2001: 210). Neste sentido, percebe-se que a estruturação dos espaços futebolistas nacionais nunca foi descolada das relações internacionais de desigualdade. Ao contrário: o futebol tornou-se esfera de representação e contestação de tais desigualdades. Juntamente com a intensa mobilização de pessoas que este esporte suscita, tal constatação torna compreensível os investimentos estatais realizados para financiar e subsidiar clubes e federações.

Contra a “velocidade e a força” do futebol contemporâneo, ápice de sua narrativa de desencantamento na qual “o dever acaba com o prazer”, Galeano clama pela “tradição mítico-poética” que relaciona o estilo do futebol à cultura ou caráter nacional (Lovisoló, 2001: 93). Daí afirmar que o futebol brasileiro “prefere o prazer

ao resultado”¹⁴. Lovisolo salienta que esta é uma matriz explicativa de caráter populista e romântico, cujos argumentos são “quase que incontestáveis do ponto de vista da emoção que demanda a unidade” (2001: 95); pois se fundam em analogias desprovidas de embasamento empírico. Em paralelo, é possível identificar em Galeano determinada perspectiva “das trajetórias de vida dos ídolos [que] enfatizam sobremaneira a genialidade e o improviso como características marcantes e fundamentais para se alcançar o sucesso” (Helal, 2001: 135). Além de realçar o indivíduo em um jogo no qual a competição se desenrola entre equipes, tal ênfase na “genialidade” é feita em detrimento do trabalho e do esforço disciplinado. Segundo Ronaldo Helal, os modelos de idolatria hegemônicos no Brasil se aproximam dos essencialismos, louvando a capacidade inata, “como se não fosse possível ser talentoso e esforçado ao mesmo tempo”. Com efeito, chamar um futebolista de “esforçado” é demeritório (2002: 138)¹⁵.

A pesquisa de Arlei Damo sobre a formação dos jogadores brasileiros descreve uma realidade bastante diversa da genialidade inata, apesar de sua mitologia ser um componente importante do processo. Segundo a estimativa realizada por Damo, o processo de produção de um jogador profissional é um investimento de cinco mil horas de treinamento, ao longo de aproximadamente dez anos, no qual as relações de poder são unilaterais e os futuros jogadores ocupam o pólo mais fraco. Trata-se de um aprendizado “prolongado, metódico e seguidamente extenuante” de um sistema de referências perceptivas que supra as demandas do futebol-espetáculo (2005: 51).

As exigências embutidas no trajeto formativo torna-o menos atraente para jovens de classes média e alta, que contam com outras possibilidades profissionais. Para os garotos pobres e sua família, entretanto, a carreira no futebol constitui-se como investimento viável e capaz de trazer retorno compartilhável. Todavia, tal caminho de ascensão, como ressalva Damo, apesar de ter profundo impacto simbólico, não deve ser tomado como promotor de mobilidade social em larga escala (2005: 184). E pode-se mesmo observar uma articulação de mão dupla, na qual as

¹⁴ Pertinente frisar que esta é uma interpretação que exclui o futebol brasileiro da esfera da racionalidade, plena de significados preconceituosos, a despeito de sua valência pretensamente positiva.

¹⁵ O argumento central do artigo de Helal, que se debruça sobre a biografia de Zico, é, todavia, de que existe espaço para outras narrativas de sucesso no Brasil, calcadas no trabalho árduo e na (auto)superação disciplinada.

carências e dificuldades das camadas pobres brasileiras são romantizadas como formadoras do estilo de jogo aclamado como “o mais bonito do mundo”.

O trabalho de Damo enfatiza que é exatamente na disponibilidade de um grande número de meninos interessados em seguir a projeto futebolístico que reside um dos “segredos” da bem sucedida produção de jogadores no país. A “formação à brasileira” é caracterizada pela disponibilidade quase irrestrita de aspirantes, que reservam a maior parte de seu tempo para o treinamento, em detrimento da educação formal. Seguindo esse argumento, talvez não seja exagero ver nessa superabundância da oferta um dos processos legitimadores dos altos salários pagos aos “craques” que se provaram melhores do que seus concorrentes, visto que o mercado de trabalho para boleiros é extremamente competitivo.

Em 2005, Raí¹⁶ (em parceria com Soninha e Milly Lacombe) publicou livro cujo título é *Para ser jogador de futebol: dicas de um campeão para você se tornar um jogador profissional de sucesso*. Adjacente à lucrativa indústria de produção de futebolistas no país, a publicação tem a pretensão de expor didática e ludicamente informações úteis para os/as interessados/as em ingressar no universo do futebol. De acordo com a obra: “O importante aqui é saber que você talvez não chegue a ser exatamente esse jogador fora de série, o craque. Mas é fundamental que você almeje isso. É fundamental que você treine e se comporte para ser esse jogador. Porque é esse espírito que o levará ao topo da montanha. Onde quer que o topo seja, porque, na vida, cada um tem o seu” (Raí, 2005: 23). Além de salientar a desigualdade intrínseca à hierarquia futebolística, e a despeito da linguagem irrepreensível, o livro incita os/as aspirantes a adotarem uma postura ambiciosa e, em certa medida, individualista – característica da competitividade do meio. Não é sem razão que os processos de seleção de boleiros no Brasil sejam chamados de “peneiras”.

A conversão de meninos em (simultaneamente) atletas e mercadorias se funda numa lógica seletiva, voltada para “indivíduos legitimamente reconhecidos como portadores de atributos especiais, vocacionados” (Damo, 2005: 188). Daí que o “dom” seja considerado um conceito importante para Damo. Ele diz respeito a um significativo flutuante, dentro do marco teórico da antropologia, que pretende preservar a dimensão intangível intrínseca ao futebol. A auto-percepção de

¹⁶ Raí Souza Vieira de Oliveira foi jogador “de destaque” durante a década de 1990, atuando no São Paulo Futebol Clube, no Paris Saint-Germain Football Club e na seleção brasileira durante.

predestinado à craque depende intimamente do reconhecimento que o universo futebolístico (em especial os torcedores) conceda a cada aspirante. Para Damo, isto faz parte da dinâmica de circulação do dom, sendo ele o objeto de cobiça de jogadores, clubes, empresários e do público.

É também neste marco perspectivo que Damo localiza os gastos monetários dos boleiros que alcançaram o topo da carreira: “redistribuição mediada pelas estratégias da entourage” (2005: 114) – entendida como a comunidade em pequena escala que mobiliza a seu favor o sucesso que ajudou a construir. Em grande parte egressos de camadas populares desfavorecidas, os futebolistas carregam o estigma de burros por utilizarem seu dinheiro de forma discordante com os padrões de acumulação e poupança. O recurso ao conceito de dom possibilita uma leitura alternativa: “se você não tem carro importado, celular de última geração, relógio da marca Rolex e roupa de grife, como poderão saber que você é um boleiro bem sucedido?” (Damo, 2005: 123, nota de rodapé). Segundo Damo, dinheiro, visibilidade e prestígio são ostentados porque denotam o êxito de um jogador.

A dimensão “representativa” da carreira é, portanto, quase tão importante quanto a capacidade demonstrada em campo. Aliás, o jogo em si tem implícita uma dose considerável de atuação teatral, parte do que Damo denomina “sistema de referências perceptivas” exigida pelo espetáculo (2005: 14). Galeano flerta com a metáfora teatral, perguntando “Quantos cenários cabem no retângulo de grama verde?” (2004: 20). Neste sentido, é reveladora a descrição que Pelé realiza em sua autobiografia: “definitivamente, trago alguma coisa de ator dentro de mim – jogar futebol no mais alto nível requer isso” (2006: 241). Este é um tipo de capacitação que não pode ser simplesmente “treinada” nas escolinhas e centros de formação. Ela está relacionada com a experiência do estádio, do público, da pressão causada pela possibilidade de derrota: com a *atuação/encenação* no jogo.

Trata-se de outro condicionante que ajuda a compreender porque o Brasil é bem sucedido na formação de jogadores. A importância que o futebol tem para um número considerável de brasileiros, a difusão tanto da prática quanto da audiência, oportuniza que os aspirantes adquiram experiência de atuação durante o processo formativo. Segundo Gilmar Mascarenhas, a difusão do futebol no Brasil ocorreu em um território fragmentado e com uma diminuta base urbana, no qual prevaleceu o localismo – acarretando na valorização das disputas clubísticas intra-urbanas. De acordo com abordagem de Marcelo Proni sobre a trajetória do “rei” do futebol:

“provavelmente, Pelé só teve chance de aparecer porque aquele *habitus* futebolístico já havia se espreado pelo interior do Estado de São Paulo” (Proni, 2000: 137). Antes de “aparecer para o mundo”, Pelé já era identificado como capacitado no futebol local: “em Bauru aconteceram os primeiros dribles, os primeiros gols, títulos, prêmios, elogios na imprensa, aplausos da torcida, a formação de um ídolo que, mesmo menino, já levava a platéia aos campos de futebol” (Cordeiro, 1997: 18).

Pode-se argumentar que a história de Pelé é característica de um outro momento do futebol brasileiro, inviabilizando que a interpretação a seu respeito seja estendida para a formação de boleiros na contemporaneidade¹⁷. Isto tem sua razão de ser: o processo de seleção e produção de jogadores transformou-se muito desde que Pelé se apresentou ao Santos em 1956¹⁸. Mas pelo menos duas dimensões essenciais permaneceram inalteradas desde então. A primeira diz respeito ao consenso de que jogos competitivos são imprescindíveis para o aprendizado profissional. Segundo Damo: “quaisquer que sejam as tecnologias usadas na formação dos boleiros, é preciso que os meninos joguem e não apenas treinem; que joguem pra valer, em competições e não em amistosos” (Damo, 2005: 201). Ou seja: que tenham a experiência da encenação e da pressão envolvidas no futebol profissional. A este respeito, é relevante que estádios ou ginásios esportivos estejam presentes em 76% dos municípios brasileiros (IBGE, 2001).

Uma segunda dimensão na qual se observa continuidade ao longo de praticamente toda a história deste esporte no Brasil se refere ao futebol como espaço privilegiado para a construção da masculinidade. De acordo com Robert Connell, as competições esportivas fornecem uma das formas hegemônicas de representação dos corpos masculinos em movimento, enfatizando a superioridade do/s vencedor/es num contexto de concorrência. Em suas palavras, “o esporte se tornou um definidor primordial de masculinidade na cultura de massa” (Connell, 1995: 54, tradução livre). Partindo do princípio de que são *performances* que dão consistência à divisão de gênero, compreende-se porque, para Damo, os meninos “imaginam ocultar um segredo: de que jogando estão se fazendo homens” (2007: 139). O caráter

¹⁷ Apesar da experiência de Liedson ser um claro exemplo contemporâneo (Moreira, 2006).

¹⁸ “Está quase sepultada a fase em que jovens eram revelados nos campos de várzeas ou nos times de fábricas (...) Hoje os jogadores são ‘feitos’ nos próprios clubes, o que implica transformações no seu rito de iniciação, incluindo desde a necessidade de ter ‘um padrinho’, geralmente, um empresário que o adote, até a exigência de maior carga de exercícios físicos e treinamento técnico e tático” (Souto, 2000: 19).

“compulsório” da prática de futebol entre os meninos brasileiros pode ser exemplificado por uma canção do músico Lulu Santos, na qual expressa sua inadequação aos padrões de sociabilidade: “Quando eu era pequeno / Eu achava a vida chata / Como não devia ser / Os garotos da escola / Só a fim de jogar bola / E eu queria ir tocar guitarra na TV” (Compacto Minha Vida, 1991). Simultaneamente, a letra de Lulu Santos revela a existência de vivências diversificadas, baseadas em outros projetos e interesses. Através da perspectiva de Connell, é possível interpretar a prática do futebol como um dos “momentos de adesão” (*momento of engagement*) dos garotos ao projeto de masculinidade hegemônica, inserindo-se numa esfera de homosociabilidade que, se já não interdita, certamente não encoraja a entrada de mulheres. Como escutei em numa exaltada polêmica entre terceiros em contexto informal: “futebol é coisa pra macho!”

Tanto a exclusão das mulheres quanto o hierarquização implícita nas estruturas internas possibilitam encarar o futebol como um terreno propício para a representação simbólica das relações sociais. Como demonstra Rodrigues: “nos interstícios da linguagem futebolística, pode-se encontrar, expressas de maneiras conotativas, mensagens virtuais sobre igualdades e desigualdades sociais. É simultaneamente uma linguagem e um sistema conotador” (Rodrigues, 1992: 81 apud Souto, 2000: 17). A pretensa igualdade inicial do jogo funciona como legitimador da estratificação social e a ênfase no talento individual pode dar a impressão incorreta de que os jogadores estão acima dos condicionantes profissionais da carreira. Este processo de individualização do craque e da conquista que ele realizou auxilia na compreensão da diminuta quantidade de iniciativas dos jogadores, enquanto categoria profissional, reivindicarem coletivamente direitos e condições propícias de trabalho.

Uma situação descrita por Luiz Henrique de Toledo em *Lógicas no Futebol* é representativa para acessar a diversidade de interesses existentes entre jogadores de futebol. Em 1986, Carlos André Gonçalves Cunha, boleiro nascido no Recife e conhecido como Caé, proprietário de seu Passe e integrante eventual de agremiações da segunda divisão, participou de uma reunião do sindicato de jogadores profissionais em São Paulo na qual era discutida a possibilidade de deflagrar uma greve contra a prorrogação do Copa do Brasil, estendendo-se para além da data estipulada por lei que estabelece o recesso dos jogadores a partir de 18 de dezembro. Nas palavras de Caé:

Tinham vários jogadores famosos e o assunto era sobre a greve dos jogadores (...) fui até a frente e disse: meu nome é Caé, como estou fazendo aqui de novo [neste

depoimento], estou sempre dando a cara pra bater estou sempre mostrando como são as coisas..., meu nome é Caé, sou da segunda divisão, eu ganho muito mal, não participo desse Campeonato Brasileiro, já estou de férias, estou sem clube porque o passe é meu e estou aqui prestigiando você com mais dois caras da segunda divisão, eu acho que essa reunião ‘tá muito cheia de boa representação mas não tem ninguém, não tem ninguém da segunda, da terceira [...] o sindicato não vive basicamente de vocês. Vocês têm que desenvolver a mentalidade de que o atleta tem que estar unido, todas as divisões, não o Bebeto dizendo que temos que jogar e o Sócrates dizendo que temos que parar. Queria que o sindicato chegasse até as outras divisões (apud Toledo, 2002: 122).

Ao passo que os jogadores renomados se preocupavam em debater o desrespeito ao seu recesso legalmente garantido, Caé salienta que tal questão não dizia respeito aos atletas das divisões inferiores, conclamando um debate mais amplo sobre as condições de trabalho dos boleiros enquanto categoria, incluindo aqueles sub-representados reunião do sindicato. Além da “mística da predestinação”, de acordo com a feliz expressão de Sergio Monteiro Souto, e a competitividade característica entre os aspirantes em formação, Hugo Lovisolo sugere outro condicionante relevante para que os futebolistas não se organizem pela adequação legal (ou cumprimento da legislação) em sua categoria. Para este autor, eles “podem não lutar a favor da regulação da profissão porque entendem que o atual sistema brinda as melhores possibilidades para contratos milionários” (Lovisolo, 2001: 92). Em tal aposta de tudo ou nada, grande número de boleiros (a maioria, no Brasil pelo menos) está fadado a enfrentar condições adversas de trabalho, baixos salários e instabilidade contratual no mercado profissional. Em sua crítica ao livro de Galeano, Lovisolo defende que é nesta desigualdade sistêmica, e não especificamente nas logomarcas dos patrocinadores espalhadas pelos uniformes, que encontramos as sombras mais obscuras do futebol contemporâneo. “Trata-se, isso sim, de aumentar a luz para todos” (2001: 92). Tendo a concordar com ele.

No debate sobre as condições profissionais dos boleiros, Sergio Souto defende que “a velocidade com que os acontecimentos se sucedem no mundo do futebol também não deixam uma margem muito ampla para seus protagonistas teorizarem sobre essas e outras questões” (Souto, 2000: 33). Por mais que isso seja verdadeiro, e que os futebolistas comecem sua carreira, em sua maioria, imaturos (a julgar por sua idade), uma interpretação deste teor está perigosamente próxima da vitimização contestada por Lovisolo em *Futebol ao sol e à sombra*. É necessário computar, como afirma Damo: que “os meninos em formação não são ventrílocos de quem quer que

seja. São sujeitos, como outros qualquer, empenhados na realização de seus projetos, referidos seguidamente como sonhos” (Damo, 2005: 169). Aqueles para quem o sonho não se concretiza, igualmente, “não são coitados nem os que estão nas piores condições em nossa sociedade” (Lovisoló, 2001: 92). Essas ressalvas são importantes para os objetivos a que me proponho nesta pesquisa, uma vez que elas reivindicam que o discurso dos jogadores de futebol seja escutado seriamente.

**

Início neste momento a parte que considero mais relevante ao longo de todo o trabalho de pesquisa, que é a interpretação das entrevistas realizadas com rapazes em diferentes estágios de sua carreira de jogador. A seguir são apresentadas as falas de aspirantes a profissionais ou atletas recém-profissionalizados, enfatizando suas expectativas de vida, as concepções que mobilizam para se posicionarem no futebol e as explicações que utilizam para dar sentido ao jogo e suas condicionantes no Brasil.

*

Anderson tem dezesseis anos¹⁹. Nasceu em Curitiba mas ainda criança seus pais mudaram-se para Guaraqueçaba, no litoral paranaense, onde viviam as famílias de ambos. Sua mãe é auxiliar administrativa num hospital e seu pai é motorista. Atualmente treina todas as manhãs na categoria juvenil do Paraná Clube, como volante²⁰, e mora em Curitiba com seu irmão e sua irmã mais velhos (que trabalham), recebendo auxílio financeiro dos pais para seu próprio sustento. “Mas eu vim mesmo pra cá pra jogar bola, porque desde criança assim eu gosto de jogar bola”. Segundo o que me disse, os boleiros em Guaraqueçaba “sofrem por tudo” e não recebem qualquer auxílio da prefeitura. “Porque tem alguns jogos lá que eles mesmos pagam barco, pagam ônibus pra ir. (...) Então isso que é o ruim de lá. Por isso que eu vim morar pra cá, entendeu?”

Apesar de declarar mais de uma vez que “desde criancinha” foi “apaixonado” por futebol, quando perguntei por que, sua resposta remeteu muito mais a uma conformidade com a tradição estabelecida do que a uma propensão individual:

¹⁹ Apesar da entrevista ter sido realizada em 2007, mantenho o presente na conjugação verbal por arbitrariedade literária. As citações foram parcialmente editadas, buscando preservar as características orais.

²⁰ A posição de volante é de ligação entre defesa e meio de campo, protegendo a entrada da área; mais recuada que a os demais jogadores (com exceção dos zagueiros), tem a função de marcar o adversário e passar a bola para o contra-ataque.

“Porque, tipo, meu pai jogou futebol, meu vô jogou futebol, minha mãe joga futebol, minha irmã joga futebol, meu irmão também... Então foi uma coisa acho que deles mesmo, sabe? Porque eles sempre me ensinaram e me incentivaram”²¹. Neste contexto familiar, Anderson assumiu o projeto do futebol como próprio: “Daí eu, por mim, eu continuava no futebol. Até então eles conseguiram, né? É isso que eu quero ser”.

Quando tem que responder institucionalmente qual é sua ocupação, Anderson prefere definir-se como estudante do que como jogador. Apesar de se sentir um futebolista, declara que “minha mãe e meu pai mesmo me ensinaram não ficar assim, tipo, não ficar metido, entendeu? Porque mesmo que eu estou jogando no Paraná, eu nunca falo que eu estou jogando no Paraná, eu falo que eu estou jogando bola, num clube, não falo qual que é o clube”. Além de denotar modéstia, esta colocação me parece indicativa de que ele ainda não “se provou” como jogador. De que sua carreira é uma incógnita cujo desfecho não depende só dele: “Só que, tipo, mesmo assim eu acho que vai dar certo, né? Por mim vai dar certo”.

Enquanto isto não acontece, Anderson continua estudando e pretende finalizar o ensino secundário em dezembro de 2008. Mas sua relação com o colégio é condicional: “Se fosse pra mim parar de estudar pra continuar jogando bola, eu parava. Já falei pra minha mãe, entendeu? Só que, tipo, minha mãe falou pra mim estudar também, porque caso não dê certo o futebol, eu tenho o estudo terminado”. Assim, ele se esforça por conciliar os dois projetos. Como o Paraná Clube eventualmente agenda treinos à tarde, Anderson optou pelo ensino noturno. Em contrapartida, decidiu não morar na sede do clube, como poderia (e apesar da dificuldade dos pais em mantê-lo em Curitiba), porque “colégio ali perto é ruim, né? É no Boqueirão, né?” Além disso, a agremiação não se responsabiliza por matricular os aspirantes na rede pública de educação e nenhum dos colegas de Anderson residentes no Centro de Treinamento estudava na altura da entrevista. Nas palavras de Anderson: “Não é que, tipo, o Paraná [Clube] é ruim e tal, mas só que, tipo... [silêncio]”.

Apesar de ser o terceiro time curitibano em relação ao número de torcedores, sua estrutura e faturamento são precários se comparados aos do Atlético Paranaense e

²¹ Interessante que ele tenha mencionado irmã e mãe como praticantes de futebol, isto foi uma revelação que não se repetiu nas outras entrevistas. O pai considerou ingressar na carreira profissional durante um período, mas desistiu para auxiliar na manutenção da casa.

do Coritiba Foot Ball Club (os dois maiores). O padrinho de Anderson é secretário de esportes da Prefeitura de Guaraqueçaba e é a ele que o jogador recorre “de vez em quando” para solicitar chuteiras. O Paraná Clube não fornece qualquer remuneração ou ajuda de custo aos aspirantes. “Só se tiver no profissional ou no juniores, daí começa a receber, mas o juvenil e o infantil não recebem”. Para Anderson, isto significa ainda algum tempo de investimento pessoal e familiar: “Eu tenho mais acho que dois anos ainda, pra começar a receber. Eu tenho esse ano e o ano que vem ainda, daí o outro ano que eu... Se eu for pro júnior ainda, daí que eu começo a receber”. Quando perguntei quanto gostaria de auferir, afirmou que o suficiente para “poder ajudar minha família, né? Que é o mais certo. Poder ajudar meu irmão e minha irmã, né?” O que Damo constrói como a dinâmica de circulação do dom, é descrito por Anderson como oportunidade de retribuir o apoio que está recebendo no começo de sua carreira.

No intuito de tornar-se um jogador profissional, além de treinar de segunda a sexta, Anderson não fuma e não ingere bebidas alcoólicas. Depois que assistiu à palestra de uma nutricionista no Paraná Clube, se esforça para não comer “besteiras, balas e salgadinhos”. A única resistência que Anderson tem à disciplina corporal recomendada aos futebolistas é a beterraba: “Eu não como. Isso não... Podem me pagarem, podem fazer o que for, eu não como”. Irrelevante como é a beterraba, este exemplo proporciona acesso à dimensão de esforço que os aspirantes estão dispostos a se impor (mesmo assim limitado), bem como ao grau de absorção cotidiana que a atividade no futebol reivindica. Anderson se queixa que os amigos do colégio desconhecem a dificuldade do treinamento de um jogador, achando que é “só jogar e não fazer nada”, quando na realidade: “Eles que pensam, entendeu? (...) a gente faz bastante coisa ali que eles não fazem”.

Antes de ingressar no Paraná Clube, Anderson participou de uma “peneira” no Atlético em 2002. Afirma que “estava sem um preparo físico nenhum, nunca tinha jogado campo, a primeira vez que eu joguei foi aqui. Daí... me reprovaram”. Nesta altura, ele voltou para Guaraqueçaba e passou a treinar com jogadores mais velhos. “Daí, minha mãe ainda, tipo, começava a reclamar porque teve um piá da minha idade que jogava com essa turma, com os amigos de vinte e três, vinte anos... e quebrou a perna. Daí ela tinha medo que eu quebrasse a perna, acontecesse alguma coisa pior...”

Anderson pretende continuar no Paraná “até que eles me mandem embora”. Caso isso aconteça, selecionou em uma revista os números dos doze maiores clubes

brasileiros, para onde tem intenção de telefonar para “conseguir uma vaga”. Enquanto aspirante a profissional, Anderson não tem o controle sobre sua carreira: “Mas acho que, pelo que eles me informam, tipo, o roupeiro, o técnico tudo que me informam lá, eu estou jogando bem, entendeu? Se eu continuar com aquele meu jeito de jogar, eu fico até o fim ali. Eu entro no profissional. E é isso que eu quero”. Ele encara seu treinamento no Paraná Clube como crescimento pessoal, tendo amadurecido e “pegado experiência” – inclusive no relacionamento com o técnico, preparador físico e colegas. Estas conquistas são motivo de orgulho: “Até então, esse ano contra o Nacional, ali do Boqueirão mesmo, eu fui capitão, né? Tipo, conversar com seus amigos, incentivar eles é o que mais o capitão tem que fazer, né? E nos treinos que estava tendo, quem estava mais falando era eu. Daí o técnico resolveu colocar eu de... [capitão]”.

Anderson também demonstra ter internalizado uma espécie de ética de responsabilidade e comprometimento. A respeito das viagens que fez pelo estado do Paraná junto ao clube, das quais afirmou gostar, disse que “a gente vai, tipo, a gente vai curtindo, né? Só que chegando lá daí também é... fazer o nosso trabalho”. Em paralelo, adquiriu consciência a respeito da diferença entre seu envolvimento com o futebol enquanto jogador e o engajamento dos torcedores: “É melhor, tipo, você não gostar de ninguém e só... Porque não adianta você odiar [um time], sendo que algum dia eu posso sair daquele clube e ir pro outro, né?” Se pudesse, Anderson jogaria futebol até os quarenta anos, “que nem o Romário. Eu por mim sempre continuava jogando bola”. Depois que encerrar a carreira de jogador, pretende (“se eu tiver um tempo também”) ingressar numa universidade de educação física e tornar-se professor.

Pareceu-me relevante que, quando perguntei sobre sua colocação no time, se estava ou não no banco de reservas, Anderson respondeu “sou titular” (e não o mais transitório “estou”). Declarou que há muita competitividade entre os jogadores, mas que a situação melhorou depois que passou da categoria infantil para a juvenil. Em uma dada ocasião, cumprindo a decisão do técnico, que trocou sua posição, Anderson entrou em desavença com alguns jogadores mais velhos: “Eles estavam bravos comigo. Daí eles queria me bater, um monte de coisa... entendeu? Fazer um monte de coisa... Só que daí eu ficava só na minha, né? Não fazia nada de mais”. Ele não concorda com esse tipo de atitude, disse que já “ficou” de reserva, “só que nem assim,

nem por isso eu... parei de... de... lutar pelo que eu queria, né? Tipo, eu não cheguei a bater em ninguém”.

Anderson não confia na maioria dos seus colegas de treino e já conviveu com alguns que “pela frente era um amigo e por trás era outra coisa”. Ele acha ruim não poder falar abertamente com os outros boleiros, mas acredita que isso poderia prejudicar sua carreira: “Porque se, tipo, o relacionamento com algum amigo ali, [você diz] que você não está se sentindo bem ali. Ele vai lá, comenta com outros amigos, outros amigos vai lá e comenta com o técnico. O técnico... ‘ah, então manda embora’, entendeu? Daí isso... isso você não queria, você só não estava se sentindo bem ali, porque você está sozinho e tal...” Não é possível deixar de observar que uma situação na qual os amigos do colégio não compreendem o universo do futebol e os colegas do futebol não podem se tornar amigos, restringe consideravelmente o círculo afetivo de um aspirante como Anderson, que deposita praticamente toda a sua confiança na família: “O que eu tenho pra contar eu conto pro meu pai, pra minha mãe e tudo. Tipo, conversar e tal, essas coisas, eu converso só com o meu pai e com a minha mãe”²².

Dois empresários o procuraram no Paraná Clube tentando firmar contratos, ambos foram rejeitados porque Anderson não quer “pegar qualquer empresário”. Para ele, um empresário bom não chegaria “de uma hora para a outra”, sem qualquer indicação. “Porque tem empresário que tem quase cinquenta jogadores”, quando o ideal, para ele, seria dedicar-se a dez ou quinze, estando disposto a “ajudar” (financeiramente) durante o começo da carreira de cada um deles. “Só que, tipo, eu estava conversando com o meu técnico, né? E têm alguns empresários que vêm, falam isso, mas não ajudam em nada, entendeu? Só assinam o contrato e tal, mas não ajudam em nada. Só esperam, tipo, eu começara a ganhar, ou algum dos jogadores começar a ganhar pra ele começar a cuidar do dinheiro, sabe?” Apesar de ter medo de se comprometer com um desconhecido, Anderson acredita que um empresário pode auxiliar a carreira de um jogador e consideraria mais sério se um deles procurasse inicialmente seus pais.

²² Segundo Brenner, Dayrell e Carrano, “é importante dizer que a amizade não é somente uma questão dependente da eleição livre nem da seleção por atração pessoal; a disponibilidade de amigos está fortemente referida à localização física e à inserção dos indivíduos na estrutura social. Fazer amigos, portanto, é menos livre e resultante da pura escolha pessoal do que possa parecer” (2005: 209).

A inserção dos patrocínios esportivos nos clubes futebol, duramente criticada por Eduardo Galeano, apresenta-se para Anderson como uma possibilidade de melhoria das condições de trabalho no Paraná Clube: “Porque os patrocínios eles, de vez em quando, eles ajudam bastante coisa, né?” A agremiação estava, na época da entrevista, trocando seu fornecedor de material esportivo. A expectativa do jogador era de que o novo patrocinador, além de enviar o equipamento do time, fornecesse chuteiras para os atletas e exigisse, por exemplo, que os integrantes das categorias de base estudassem.

Sobre as transferências internacionais, Anderson afirmou que “o sonho dos jogadores do... dos brasileiros mesmo é sair do Brasil, né? Eu acho que se você chegar e perguntar pra qualquer jogador, assim, acho que... Pra eles saindo do Brasil já estava ótimo. Eu, pra mim, tipo, pra mim mesmo já estava ótimo”. Na sua opinião, isso não é motivado apenas pelo fator financeiro. “Lá” os jogadores são mais valorizados: “eles incentivam mais, lá você pode fazer o que você quer... Aqui não, aqui tem muitos jogadores que já não deixam você fazer isso. Como eu estava falando, tipo, essas coisas de briga, lá não tem. (...) Aqui não, aqui já não dá porque eles... podem te bater, eles podem... Até quebrar a sua perna, alguma coisa assim. Você pode ver que nesse campeonato europeu aí... falta é uma coisa rara (...) Entendeu? Lá é bom por causa disso”. Relevante o fato de que, antes mesmo que eu começasse a questionar sua disponibilidade para residir em locais específicos, Anderson localizou automaticamente o “lá” com a Europa.

Assegurou que “desde que fosse pra jogar bola”, iria para qualquer lugar. Mas quando perguntei diretamente sobre Argentina e Chile, disse-me que “ah, pra cá não... não precisaria ir não... Ficava no Brasil mesmo. Não sei porque, mas acho que eu ficaria no Brasil mesmo”. Ainda que seja incapaz de especificar um motivo, América Latina (“cá”, em oposição ao “lá” europeu) não se apresenta como uma opção atraente para Anderson. Para o Japão, em compensação, “eu poderia até ir, né? Porque lá é uma boa também”. Suas exigências são maiores para cogitar uma transferência para países com religião oficial muçulmana: “Não sei explicar porque, eu não conheço muita gente de lá, mas dependendo do que eles me informam assim, entendeu? Do que eles iam me dar e tudo lá, eu poderia até ir. Eu sabendo que tinha mais algum brasileiro. Ou podia levar alguém daqui, entendeu? Pra cuidar de mim lá... tal. Pra mim estava sendo ótimo”. A diferença cultural apresenta-se como uma perspectiva assustadora, que poderia ser automaticamente sanada com a presença de um

brasileiro. Se tivesse condições de levar alguém consigo, Anderson considera seu irmão como a melhor opção.

O nacionalismo de Anderson se expressa também na confiança nos critérios de julgamento de seus conterrâneos, que emerge, por exemplo, com relação a Portugal: “Tem o Felipão que tava na seleção brasileira, o técnico, foi pra lá e não se incomodou, né? Eu acho que lá deve ser bom. Porque se fosse ruim o Felipão não estava lá, né? Que houve um monte de proposta pro Felipão, o Felipão não quis sair... Então acho que lá é uma boa escolha”. Convém ressaltar que tal percepção está intimamente relacionada com as formações de redes inter-pessoais internacionais, características dos processos migratórios em geral. O destino de sua preferência, a Itália, é igualmente escolhido “porque tem bastante jogadores lá, né?” Infere-se que os jogadores a que se refere sejam brasileiros. Anderson não tem conhecimento da língua italiana, mas assegura que “lá a gente se vira, né? Pelo futebol a gente faz qualquer coisa”.

No seu projeto de vida, jogar fora do país significa “já estar com o futuro feito”. Assim, seu sonho é “ir pra lá”: a Europa. Nas suas palavras: “Que fosse pra Europa. Qualquer cidade da Europa que um time que tivesse na série A da... da... tipo, dos piá do meu nível lá... do campeonato. Eu queria estar lá”. É revelador que, ao mesmo tempo em que romantiza a perspectiva de ser profissional em outros países, Anderson diz que não aceitaria sair do Brasil para receber uma quantia semelhante ao salário local: “Aqui eu estou mais perto da minha família. Só que, tipo, se eu fosse se mudar e ganhar mais do que eu estou ganhando aqui, pra ajudar minha família, daí eu iria. Mas não adianta nada eu se mudar e ganhar o mesmo dinheiro que eu estou ganhando aqui, né?” Ele percebe que, também para os clubes, é mais vantajoso negociar jogadores com agremiações estrangeiras do que nacionais e não concorda que a venda de boleiros esteja causando diminuição da qualidade do futebol no Brasil, pois muitos jogadores bons, apesar de receberem propostas internacionais, permanecem no país, “acho que por causa da família deles, não sei”.

Anderson defende que as transações internacionais de boleiros “estão sendo ótimas” para o Brasil. Cita o exemplo de dois japoneses que treinam no Paraná Clube “para aprender a jogar que nem os brasileiros”. Para ele, o destaque do país no futebol se explica pela originalidade: “Ah, porque aqui acho que, no Brasil eles... inventam de tudo, né? Acho que aqui no Brasil eles inventam o futebol, inventam vários métodos. Então acho que o jogador já nasce tendo personalidade. Sendo jogador de futebol.

Tipo, eu comecei desde criança, assim, jogando bola”. Sua narrativa, ao mesmo tempo em que expressa a “mística do predestinado” (já nasce tendo personalidade), presta homenagem à tradição de originalidade que acompanha o futebol brasileiro. Neste sentido, gosta de assistir aos jogos televisionados para acompanhar os volantes que atuam do lado esquerdo do campo, que é sua posição, para ver “como que eles jogam, aonde eles vão, qual direção e tal, pra mim isso daí já me ajuda em muita coisa. Já pego experiência”.

Em uma abordagem que discorda da interpretação segundo a qual o futebol é uma das características fundamentais e mais valorizadas da brasilidade, ele afirma sobre os dois japoneses que “lá, no futuro, eles vão ganhar bem mais do que a gente ganha aqui no Brasil, né? Porque lá eles dão mais valor ao futebol do que aqui no Brasil, porque aqui no Brasil tem muitos jogadores, né? Daí o ruim disso é porque aqui tem bastante jogadores, lá não”. Anderson percebe uma contradição na lógica de importar atletas, que ultrapassa a mera “falta” de pé-de-obra local, na medida em que se funda em uma estratégia de lucratividade em detrimento dos jogadores nativos: “Mesmo eles não valorizando os jogadores dali, eles pegam os de fora, os do Brasil e tal, que tem bastante jogador bom, né? Porque eu acho que eles pegam jogador daqui e pagam bem, né? Pra eles jogar pro clube, pro clube faturar mais dinheiro do que está faturando. Daí acho que, com o dinheiro que ele paga pra esse jogador, ele vai conseguir o dobro, né? Que esse jogador vai ajudar ele em bastante coisa”. A “causa” fundamental da importação de boleiros (assim como de sua emigração) reside, portanto, no potencial aumento da lucratividade financeira, não apenas para os jogadores, mas igualmente para as agremiações.

Anderson concorda com um ensinamento de seu técnico, para quem os aspirantes “devem aproveitar a vida agora”, pois a configuração do futebol está muito mais favorável aos jogadores na contemporaneidade: “Ele quis dizer que, tipo, que o valor, né?, pra ser jogador antes... não era tão valorizado assim antes. Eles não pagavam tão bem. Só se você gostasse de jogar bola mesmo você iria jogar. Mas agora não, agora é, tipo, tem clube que está pagando trinta milhões, quarenta milhões... isso nem existia, isso nem existia pra eles na época deles...” Anderson diz que não gosta de pedir dinheiro e que sofre bastante com a falta dele. Seu sonho era poder ajudar o irmão, que está há quatro anos prestando vestibular pra o curso de medicina, sem sucesso. Uma potencial transação internacional se baseia na vontade de ter o “destino feito”. Quando perguntei o que isso significava, ele respondeu: “Ter

família, sendo jogador de futebol... Daí eu, tipo, sendo jogador de futebol, tendo a minha família, terminar meu curso, fazer minha faculdade de educação física, pra mim já estava ótimo... Eu ajudando meus irmãos... minha família. Isso daí é o futuro feito pra mim”.

Com um tom ligeiramente preconceituoso, quis saber de Anderson o que ele achava da perspectiva de ficar muito famoso, sofrer assédio de fãs e ser uma personalidade conhecida na mídia. Foi uma de suas respostas mais reveladoras: “Ah, eu não ia se importar com isso. Eu lutei pra ter isso, entendeu? Se eu fosse um dia. Eu lutei bastante. Até que eu merecia, né? Então se tem um monte de gente e tal, assim, que eu fui pra mídia, eu mereço, né?” De acordo com a minha opinião pessoal, ele merece.

*

Tanto quanto Roberto, que tem dezoito anos e treina no Coritiba Foot Ball Club. Nascido em Fazenda Rio Grande, na região metropolitana de Curitiba, ele joga futebol desde os dez anos de idade, tendo ingressado no Coritiba através de uma “peneirada” em que concorreu com “uns quatrocentos moleques” para participar do grupo de futebol do salão do time: “Daí faz uma seleção, joga dez minutos, assim, e eles escolhem, assim, sabe? Daí eu peguei, joguei e passei, né?” Na sua opinião, em dez minutos “tem que ter sorte e mostrar serviço”. Posteriormente, seu técnico o remanejou para o futebol de campo, onde atua na posição de volante, como Anderson.

Roberto tem contrato profissional com o clube desde 2006, jogando na categoria dos juniores. Perguntei-lhe se sua expectativa era continuar no Coritiba e ele respondeu que “sempre o sonho de qualquer jogador é jogar no exterior, né?” O dele também é – demonstrando como, além de ser uma ambição compartilhada, a expectativa de sair do país constitui parte do senso comum a respeito dos projetos dos futebolistas no país. Sobre as razões porque tinha escolhido jogar futebol, afirmou que “não é uma paixão”. O futebol é, em suas palavras, “um lazer que eu tinha desde pequenininho, assim. Comecei a jogar, a gostar e sempre... desde pequenininho comecei a me destacar, sabe? Dos [jogadores] da minha idade. Eu comecei a jogar com garotos mais velhos, assim, sabe? E eu me destacando... Daí até que surgiu a oportunidade de eu fazer um teste e tudo. Passei e estou até hoje... Estou bem. Pra mim, hoje, é uma profissão, né?, mas não deixa de ser um lazer. Eu me sinto bem, me sinto confortável”. Neste sentido, a narrativa de Roberto também remete mais à aceitação da masculinidade estabelecida do que a uma escolha pessoal. Tendo se

destacado, Roberto seguiu a tendência “normal” da profissionalização. Em casa, joga “a famosa peladinha” com pai e os dois irmãos mais velhos, mas afirma que “para eles é só brincadeira”.

Ao contrário de Anderson, Roberto diz que, jogando bola, teve oportunidade de fazer muitas amizades “dentro de campo” e, como estudava, “fora de campo” também. Em diversas ocasiões, ele mobilizou sua personalidade (“sempre me relacionei bem com as pessoas, assim, sabe?”) como um mecanismo de distanciamento dos aspectos negativos do futebol. Esta estratégia de diferenciação pode ser encarada como uma maneira de articular psicologicamente a “mística da predestinação” sem exagerada prepotência. Simultaneamente, e de forma quase contraditória, Roberto se esforça para demonstrar que é um jogador “normal”. A condição econômica de sua família o afasta do padrão de classe que geralmente compõe o recrutamento de boleiros. Seus pais são donos de um posto de gasolina e de uma empresa de distribuição de combustível. Ele reconhece esta situação da seguinte forma: “As exceções são os jogadores que são bem de vida, assim, desde o começo. Eu, graças a Deus, tive uma situação financeira... média pra alta... mas... nada que um dinheirinho não seja bem-vindo, né?” Ele escolhe as palavras para se referir a “quem não tem uma situação financeira agradável”. E conclui, em uma lógica pertinente num sistema capitalista, que “todo o dinheirinho é bem-vindo”. Com relação aos seus colegas, diz que “se eles têm o sonho de ser profissional e ajudar a família deles, eu tenho o sonho de ser profissional e... me sentir bem, me sentir confortável, sabe? E o sonho deles é ajudar a família. Eu tenho o sonho de ser reconhecido, jogar fora do país...”

Roberto terminou o ensino secundário em 2006 e em 2007 ingressou no curso superior de administração da Unicenp, uma universidade particular de Curitiba, com a perspectiva de auxiliar na empresa de seus pais, na qual já trabalham seus dois irmãos. Durante quatro meses tentou conciliar a faculdade com o futebol, mas “quando começ[aram] as provas já não deu pra acompanhar o ritmo” das aulas, pois estava disputando campeonatos que o obrigavam a viajar para o interior do Paraná. Para ele, abandonar a faculdade foi uma escolha consciente: “Acho que na minha idade assim eu consigo... decidir o que você quer fazer da vida, né? Ou estudar ou jogar bola. E eu decidi, junto com os meus pais, jogar bola, né? Ver se dá certo e tudo pra... quem sabe eu tenho um futuro promissor aí”.

Em seu contrato profissional, Roberto recebe aproximadamente dois salários mínimos, o que considera “razoável”. Afirmar que atualmente todos os seus pagamentos são realizados na data combinada, mas que, na época em que estava no juvenil, o Coritiba costumava atrasar o repasse da ajuda de custo. Quis saber se ele tinha conhecimento de atrasos nos salários de seus colegas-adversários (com quem declarou confraternizar amigavelmente durante os jogos), mas ele afirmou que a folha de pagamento dos clubes não é uma pauta comum nos diálogos entre jogadores: “Não chego a conversar com relação a isso”. Sobre as possibilidades financeiras futuras, conjectura comparativamente: “Eu vejo os jogadores profissionais, aqui no Brasil, ganham uma base de dez, quinze mil, assim, né? Por baixo, assim, né? Certo que tem uns jogadores que ganham bem mais. Mas não é o meu objetivo... é... ter uma... o que eu considerar razoável pra dar conforto, saúde... pra mim e pra minha família, né? E se você falar no exterior... nem se fala, né?” Percebe-se que atuar fora do país é um horizonte constantemente presente em seu discurso – assim como nos seus projetos de futuro. Ao contrário de Anderson, que pensa o dinheiro como uma maneira de “ajudar” sua família (denotando carência), Roberto enfatiza “conforto e saúde”.

O jogador descreve as preleções de seu técnico sobre a necessidade de “ter cabeça” para usar o dinheiro, “até porque... que nem, no futebol os jogadores não têm muita... situação financeira agradável. E quando têm, vê aquele dinheiro, se espantam e começa a gastar, né? Às vezes não têm muita cabeça. E... gastam em noite... em balada, daí complica o próprio trabalho dele, né?” Em uma relação de causalidade quase automática, os pobres não sabem ter dinheiro, quando têm, “se espantam” e gastam de forma desordenada, pois “não têm muita cabeça” (não são inteligentes). Este tipo de raciocínio não é exclusivo de Roberto, ao contrário: impregna as representações sociais sobre jogadores, estigmatizando-os. Tal leitura desconhece, todavia, as condicionantes internas ao universo do futebol – o próprio Roberto, em seu primeiro ano de contrato, comprou um carro.

Participando do Campeonato Paranaense, o time de juniores do Coritiba estava, na altura da entrevista, disputando jogos às quartas e sábados e treinando em horário integral segunda, quinta e sexta. Para Roberto, a disciplina exigida pela carreira já fazia parte de sua vida: “É muito puxado, mas não... já me acostumei, assim, sabe?, ao ritmo de trabalho, assim, mais ou menos”. Ele não fuma e não bebe álcool “pelo futebol e porque... pela minha saúde, né?, porque eu sei que... Que nem eu, se eu quero jogar bola e... jogar até mais... os quarenta anos... eu sei que isso vai

me ajudar bastante, assim. Quanto mais você fumar, mais você beber antes, daí vai... vai diminuindo, né?, a vida futebolística, assim, sabe?” A expectativa de jogar pelo máximo de tempo possível é acompanhada pelo desejo de “depois que, quando eu parar de jogar, eu vou ter uma vida... Vou trabalhar, né? O que eu... A empresa do meu pai e tudo...”

Em sua atividade de atleta, Roberto já quebrou o nariz e a clavícula, em diferentes situações de jogo, e sofreu tendinite nos dois joelhos, devido ao crescimento acelerado dos ossos, que não foi acompanhado pelos músculos. Em todas estas ocasiões, o Coritiba providenciou auxílio médico e fisioterapêutico. Para o jogador, é importante estar bem de saúde, “[por]que, você trabalha todo o corpo, né?, quando você joga bola. Você... teu corpo estando bem você... tem a tendência de simplesmente jogar futebol, sem preocupação com... [silêncio]”. Estar “sem preocupações” é um dos componentes principais para se manter em uma “boa fase”. Roberto diz que o “futebol é a famosa roda gigante, né? Você está aqui, outro dia você está lá em cima, você está lá em baixo. É um ciclo também.” Para ele, os aspectos psicológicos, que incluem fatores extra-campo, são preponderantes para a concentração, para “ficar com a cabeça somente no futebol”. Ele acredita que se “você est[iver] no seu melhor... somente coisas boas vêm a surgir, né?” Nesta concepção cíclica, se “você está numa fase ruim, você domina uma bola e ela vai longe, você chuta, a bola sobe pra cima, assim, sabe?” Roberto, no começo de 2007, passou por uma fase ruim e perdeu a posição de titular. Tal como Anderson, ele defende que a persistência é um aspecto importante na carreira: “você não pode abaixar a cabeça, tem que sempre lutar, trabalhar, treinar bastante pra você sair dessa fase. Hoje, graças a Deus, eu estou numa fase boa e... pretendo me manter assim, continuar, melhorando sempre...” Nesta concepção, a dimensão de superação pessoal está constantemente presente na carreira de um jogador.

Isto vale também para os planos de Roberto. Quando conversamos, seu contrato estaria vigente por mais três meses e ele tinha intenção de renová-lo para participar, em 2008, da Taça São Paulo que, nas suas palavras, “é uma vitrine, assim, pro futebol júnior, daí eu pretendo jogar bem e tal e abrir portas, né?, pro exterior... pra outros clubes...” Mobilizando a hierarquia do futebol, Roberto pretende atuar em outro clube, desde que seja “do Coritiba pra cima”. Ele diz que teve sorte, sendo aceito na primeira e única peneira em que participou e tendo experiências de vitórias

na maioria dos torneios em que participou: “Graças a Deus, no começo, quando... sempre fui campeão na maioria dos campeonatos que eu disputei no começo. Agora, quando, quanto mais vai crescendo a categoria, que nem, passou do infantil, juvenil, júnior... vai aumentando a dificuldade, né? Começa a nivelar os times e tal”. Neste sentido, Roberto não enfrentou as “provações” características da carreira de jogador, que podem incluir diversas negativas e decepções. Além disso, ele e toda sua família torcem pelo próprio *Coxa* (alcunha do clube Coritiba). Mas, de maneira similar à de Anderson, ele narra um afastamento da filiação clubística: “Você deixa de ser aquele torcedor fanático, assim, sabe? (...) Que nem, daqui um tempo eu vou jogar num outro clube. O Atlético Paranaense. Daí vai complicar, né? Daí... é mais o time do coração, assim, mesmo, sabe? (...) Mas não torcer, de fanatismo, assim.” Tem certeza de que jogaria mesmo no clube arqui-rival do Coritiba (o Atlético Paranaense) pois “a partir do momento que você é profissional você tem que correr atrás do seu futuro” – e ser um torcedor “fanático” poderia constituir um obstáculo para a carreira.

Sobre a competitividade entre os jogadores, Roberto entende que “cada um quer conquistar o seu espaço” e algumas pessoas tentam fazê-lo “de uma maneira maldosa”, passando por cima de relações de amizade ou machucando colegas, por exemplo. Em sua dinâmica de auto-afirmação, revela que “sempre tem... no futebol, assim, que se comenta, tem panelinhas, né? Sempre você tem um grupo de amigos. Mas, graças a Deus, hoje eu me dou bem com todo mundo, assim, não tem problema algum... com relação a isso (...) Eu não sou atleta que cria confusão, assim, sabe? Sempre com a disciplina muito boa, nunca tive problema assim, extra-campo. Sempre me dei super bem. E acho que esse é um ponto positivo, assim, pra quem quer... almejar algum... jogar no exterior, uma própria seleção, só... disciplina, assim, acima de tudo, né?” Roberto afirma sofrer “um pouco de preconceito”, é chamado de “playboy” pelos colegas. Mas diz que “leva na brincadeira”: “Isso daí não me atrapalha em nada”.

O boleiro informa que diversos empresários já o procuraram, mas ainda não encontrou “o cara ideal pra minha carreira”. Enquanto isso, seu pai cumpre o papel de negociador para o jogador. Em convergência com a opinião de Anderson, um empresário ideal para Roberto é aquele que não pensa apenas em seu próprio lucro, que “esteja do lado nas horas boas e difíceis, que... abra portas pra mim, em qualquer outro clube, fora do país, aquele que... Pra mim acho que não precisa meio que de ajuda financeira, assim. Mas, caso eu precise, me ajude, sabe? Pra... pra mim o

empresário... que me ajude, assim, nos momentos bons e difíceis. Basicamente é isso”. Ele compartilha da idéia de que existem muitos empresários inescrupulosos, que denomina de “famosos picaretas”. Roberto afirma que não pretende procurar um empresário, apesar de acreditar que ele poderia facilitar seus planos profissionais: “Tem empresário que tem muitos contatos, assim, né? Por mais que eu jogue no Coritiba... pra você ir pra fora você tem que jogar num profissional que é mais vitrine, assim, dos clubes que estão em cima. Mas... eu pretendo, assim, com empresário ou não, eu pretendo ir jogar fora. Também os clubes têm bastante olheiros, assim, que estão atrás de jogadores. Isso daí também vai muito da sorte do jogador, que tem que estar jogando, bem... na hora certa no lugar certo. E jogar bem, né?, que é o mais importante”. Roberto salienta que, mais até do que um empresário, um jogador que almeje uma transferência internacional precisa estar em atuação em clubes com potencial midiático, que sejam “mais vitrine”.

A mãe de Roberto, descendente de imigrantes italianos, está atualmente requerendo a cidadania daquele país, o que, se alcançado, poderia ser estendido aos filhos e, de acordo com o jogador, “facilita[ria] bastante” sua carreira internacional. Em sua perspectiva, com um passaporte da União Européia, a “possibilidade aumenta, pra ir pra fora, né? Não somente pra jogar na Itália, mas pra outros lugares também. Que brasileiro é... Terceiro Mundo, né? (...) com a cidadania italiana você fica... abre qualquer, qualquer tipo de portas, assim, fica abertas. Esse é o meu objetivo”. A hierarquia das nacionalidades é claramente identificada por Roberto, que se sente em desvantagem por ser brasileiro (do Terceiro Mundo). Seu desejo é jogar no “centro europeu”, expressão que indica com perfeição a representação da distribuição geográfica do futebol mundial, com a Europa ocupando o espaço “central”. A iniciativa da família do boleiro em mobilizar sua descendência italiana para adquirir passaportes (e estatuto) europeus é também indicativa da diversidade dos graus de pertencimentos existentes no Brasil, relacionado aos graus desiguais de cidadania – em nível (inter)nacional. Tendo desistido da faculdade, Roberto engajar-se em um curso de línguas (inglês ou espanhol), apesar de não considerar conhecer outro idioma fundamental para atuar como boleiro profissional no exterior: “Se você vai jogar fora, você vai se acostumando e tal... com o tempo você vai pegando o, o... o linguajar estrangeiro. Ah, mas é sempre bom, né? Ainda mais inglês, que qualquer lugar que você vá o inglês é fundamental, né? Consegue se virar com o inglês. O básico, né?”

Roberto morou sozinho em Curitiba por dois anos, enquanto sua família continuava em Fazenda Rio Grande. Ao final deste período, não tendo se acostumado (principalmente devido às dificuldades de alimentação), voltou para a casa dos pais. Ele acredita que “com relação a eu morar fora do país aí vai ser um pouquinho mais complicado. Tem que ver bem certinho, eu sempre brinco com a minha mãe, assim, de levar ela junto pra fazer comida, né?” Quando perguntei se ela iria, ele respondeu que se trata de uma brincadeira, pois não seria adequado deixar o pai e a empresa aqui: “É complicado. Acho que a princípio eu iria sozinho. Ou até ela poderia ir lá de vez em quando, ver como é que eu estou, se eu estiver precisando mesmo. Mas... eu, o meu sonho também é dar uma vida melhor pra eles, assim, dar tudo do melhor... dar todo conforto...” Relevante que a outra pessoa mencionada por Roberto como potencial acompanhante em sua carreira internacional é sua namorada – em concordância com os papéis de cuidado e assistência estereotipadamente atribuídos às mulheres²³. Roberto imagina que encontrará diversas dificuldades ao chegar num novo país, em relação à língua, moradia, alimentação, mas acha que “problemas sempre têm em nossas vidas. É passar por cima, né?”

Ele considera a possibilidade de jogar em lugares que não façam parte do “centro europeu”, desde que a recompensa monetária seja realmente alta. Compreende que, fora da Europa, não terá as mesmas possibilidades midiáticas: “Que por mais que você jogue nesses times, você fica, meio que... isolado do foco, assim, né? Que nem, eu também almejo uma seleção brasileira. É difícil um técnico, digamos, da seleção brasileira ir lá na Ucrânia ver eu jogar. É mais do pólo, né?, da Europa ali, Itália, Alemanha, Espanha... Fica mais o... o futebol de alto nível, mas quem sabe, se surgir a oportunidade de jogar nesses países assim, vai muito pelo lado de eu ver se vai valer a pena ou não, né?” Roberto tem uma percepção transparente das relações de hegemonia no futebol e como elas influem na carreira de um jogador.

Sobre Portugal, diz achar que é “um país agradável de se jogar”, inclusive em função da língua, para onde iria com satisfação. Mas ao ser questionado se consideraria sua carreira plenamente realizada estando em Portugal, ou se gostaria de dali ser transferido para outros lugares, Roberto respondeu que “sempre você quer um algo a mais, assim, né? Meu alvo é sempre... Eu procuro sempre buscar o melhor que

²³ Apesar desta observação, cabe salientar que Roberto não acredita poder impor à parceira que o acompanhe para fora do Brasil: “Ah... [por mim] ela vai junto, né? E, quando chegar na hora mesmo, ela vai pensar o lado dela, também (...) Ela também quer fazer faculdade e tudo, né?”

eu... que eu posso conseguir. Claro, se eu estando bem lá, eu vou querer me manter e tudo, mas sempre vou querer um algo a mais, né?”²⁴ Os países que têm o “melhor futebol”, de acordo com Roberto, são Itália, Alemanha e Espanha.

Diferentemente de Anderson, para quem a referência de outro brasileiro seria preponderante, Roberto enfatiza a dimensão mais genérica da “informação”: “Toda informação, principalmente quando você não está num lugar que você conheça é... super importante, né?” Ele cultiva certa curiosidade sobre a possibilidade de jogar em locais cujas condições climáticas sejam muito diferentes das brasileiras. Falando sobre o inverno russo, com menos de dez graus centígrados negativos, questiona: “Como é que deve ser a sensação, né?, de jogar nesse clima?” – o que revela uma dimensão de desafio que raramente é considerada nas interpretações sobre as transações internacionais de boleiros.

Em sua experiência de dez anos no futebol, Roberto pensa que “um sonho de qualquer um [é] jogar num time grande... mais ainda jogar no exterior, né?” A diferença causada pela desvalorização monetária do Real é um dos fatores levantados pelo futebolista para explicar este sonho compartilhado. Outro aspecto levado em conta na decisão de sair do país diz respeito à violência urbana. E o fato de “que no Brasil está muito competitivo, assim, o futebol. Está muito embolado o futebol aqui no Brasil. Claro, pra quem não tem muita categoria é que facilita, né? Quem tem mais qualidade, lá no exterior se dá melhor.” Esta desvalorização do futebol brasileiro, apesar de não se basear exatamente nos mesmos critérios, é bastante semelhante às críticas feitas por Anderson, ajudando a justificar a pretensão de atuar fora do país.

Sobre as variadas tradições nacionais, Roberto defende que “o jeito de se jogar aqui no Brasil é diferente do lá de fora. Também tem países, que nem a Alemanha é um jogo mais duro, assim. Na Itália é mais só toque de bola... Na Espanha também é mais tático, um futebol mais clássico, assim, sabe?” Frente a tais diferenças, seria necessário, de acordo com Roberto, um período de adaptação para os jogadores transferidos para clubes estrangeiros se entrosarem com o estilo de jogo do país.

Se realizar sua pretensão e conseguir um contrato profissional fora do Brasil, pretende “fazer uma poupança... Eu já tenho uma poupança boa... E pretendo

²⁴ “A nova geração de atletas imigrantes (...) pode ter uma fraca sensação de apego a um espaço ou uma comunidade específica . Critérios altamente técnicos e racionais determinam seu status e valor de mercado (...) os imigrantes atletas abraçam um etos de trabalho duro, recompensas diferenciadas e uma perspectiva de vencer-a-todo-o-custo” (Maguire, 1999: 103, tradução livre).

economizar o máximo pra quem sabe no futuro eu me garantir, né?” Sua ascendência familiar talvez ajude a explicar a ênfase na poupança como garantia para o devir (não tanto porque seus pais são de classe média, e sim por serem empresários). Mas, tal qual Anderson, Roberto também expressa a vontade de “ajudar sua família”. Pois, mesmo não atravessando momentos de privação ou dificuldade, ele se sente em dívida com seus parentes: “Ah, desde o começo eles me apoiaram bastante. Me bancaram, né? Até o ano passado. Daí, depois que eu fiz o contrato com o profissional eu ganhei um dinheiro a mais (...) Já ganhava uma ajuda de custo, assim, sabe? Alimentação também. Mas daí quando fui pro profissional comecei a ganhar um salário fixo. Daí... facilitou, né? Teoricamente [me tornei] um pouco mais independente”. Roberto está, portanto, no processo de afirmação de sua carreira, alcançando paulatinamente sua “independência”.

Jogador profissional no juniores do Coritiba, diz que já enfrenta, durante os treinos e jogos, o assédio das “famosas Maria Chuteiras”, o que provoca ciúmes em sua parceira – com quem namora há mais de um ano. Perguntado sobre o relacionamento dos jogadores de futebol com profissionais do sexo, declarou que “na minha carreira inteira eu nunca vi nenhum tipo de prostituição... homossexualismo”²⁵. Em conformidade com sua estratégia de distanciamento, disse: “Não tenho problema com relação a isso. Nunca tive”. Ele afirma apoiar o futebol jogado por mulheres (“até acho bacana, assim, né?, as meninas jogando bola, se destacando”) e é favorável à criação de um calendário brasileiro de futebol feminino. Simultaneamente, é contra a existência de times mistos nas categorias profissionais: “Porque é uma... como é que eu posso te falar? É desproporcional, assim, sabe? Que nem hoje você vê o futebol masculino, o Brasileirão aí é... competitivo ao último, jogadas bruscas... daí você vai colocar uma mulher no meio fica meio... acho que não daria certo não”.

Roberto se descreve como tendo personalidade tímida: “não gosto de holofotes em cima de mim”. Quando questionei sobre sua percepção a respeito da fama, disse que “por um lado é bom, tem os seus prós e os seus contras. É bom ser reconhecido, você passa na rua dando autógrafo e... Mas também, se a fase não está boa, você está... tem que correr atrás e... tentar botar a cara pra bater mesmo, né?” Na categoria em que joga, ele ainda não teve muitas experiências com a torcida, que só comparece

²⁵ Revelador que tenha estabelecido uma relação com o homossexualismo quanto tratava de prostituição. A moral futebolística cultiva a homofobia com mais severidade do que o preconceito contra profissionais do sexo.

aos jogos considerados “clássicos”. As disputas realizadas no interior do Paraná costumam ter maior público do que os jogos marcados para a capital. Ele realça como um momento importante da sua vida a experiência de jogar em um estádio com a lotação completa: “A primeira vez que eu senti essa sensação de estádio lotado, assim. Nossa, uma sensação muito boa. Ao mesmo tempo você... até a torcida contra te motiva a jogar, assim, sabe? (...) É, a torcida gritando, nossa, é muito bom. Mas eu... eu acho que não vejo problema algum com relação à torcida. Claro, quando estiver no profissional, quando estiver numa fase boa, vai ter a imprensa, a torcida cobrando... Mas eu acho que... [se] você se doar, jogando bem, você estando bem, isso daí eu acho que não vai ser problema no meu caminho”.

Seguindo a tradição dos boleiros consagrados, Roberto sonha em participar da seleção nacional. Trata-se de um projeto de afirmação futebolística coligado com a vontade de realizar algo (historicamente) memorável: “Acho que a seleção é você botar um país e só de pensar que você é um dos melhores do seu país... É algo inexplicável, né? Uma sensação assim que você não esquece pro resto da sua vida.” Tentando ter uma idéia de como estabelecia sua gradação de prioridades, perguntei o que faria se tivesse que escolher entre jogar na seleção e atuar fora do Brasil. Não me respondeu. Até porque, em sua perspectiva, “uma coisa leva à outra, né? Acho que se você jogar na seleção com certeza abre muito mais porta no exterior. E se você for pro exterior, num time grande, você jogando bem... também é uma... é um jeito de você almejar a seleção, né?”

*

Teco é menos ambicioso do que Roberto. Com dezenove anos, um metro e oitenta centímetros de altura, percebe que suas oportunidades como futebolista profissional são menos promissoras. Perguntei se gostaria de ingressar no futebol profissional, ao que me disse: “Tentei, fiz vários testes também pra entrar no profissional. Só que não consegui”. Almejando a posição de goleiro, ele precisaria ter cinco centímetros a mais de estatura para alcançar os padrões exigidos pelos clubes brasileiros. Como o crescimento de uma pessoa geralmente estaciona aos vinte e um anos de idade, ele entende que seu corpo “não cresce mais, pode chegar até três [centímetros] no máximo”. Dentre todas as pessoas que entrevistei, Teco foi certamente quem menos apreciou narrar suas relações com o futebol; suas respostas

foram sempre sintéticas e em algumas delas transparecia uma dose considerável de decepção.

Teco começou a treinar com nove anos de idade. Optou pela colocação de goleiro por influência da família: “Meu pai era goleiro, daí... desde criança ele foi me educando pra ser goleiro”. Afirma que quando era criança, “tentava imitar o Dida²⁶, né? Pensava que queria ser igual a ele. Falava ‘ah, eu vou ser igual ao Dida’”. Seu pai nunca trabalhou como futebolista, jogava como amador na Argentina, onde nasceu, e atualmente é vendedor de roupas de couro. A mãe é professora do sistema público de ensino do Paraná e ele tem mais três irmãos, nenhum dos quais se interessou pela carreira de boleiro²⁷. A motivação de Teco para o futebol, paralela ao discurso do sonho, parece ser baseada em um processo de eliminação das oportunidades profissionais disponíveis. Ele diz que o futebol “é bom porque eu gosto de jogar bola, né? É o melhor jeito de se ganhar dinheiro... Porque fazendo faculdade assim é muito sofrido, você ganhar bastante dinheiro com uma faculdade, depois procurar um emprego, você tem que ralar bastante. E no futebol ali você se encaixa num time, vai subindo, vai subindo... Sempre foi um sonho meu jogar bola”. Observe-se que “ganhar bastante dinheiro” é um pressuposto, assim como para Roberto, para quem “um dinheirinho é sempre bem-vindo”. Estabelecida a possibilidade de independência financeira, dentre as opções colocadas, ser jogador é, para Teco, “bem mais fácil e menos chato” do que estudar e/ou trabalhar em outras profissões. Sobre o fato da carreira de jogador ser curta, argumentou que “até os trinta e cinco [anos] é bastante, né?”

Ao contrário de Roberto, que está há dez anos no mesmo clube, Teco atuou em diversos lugares na tentativa de conquistar seu espaço como profissional. A despeito da variedade de times, afirma que as técnicas de treinamento para goleiro não são muito diferenciadas: “Chute no gol, bastante pulo assim, pular cone, essas coisas. Que goleiro tem que pular bastante né? Essas coisas...” Como os outros jogadores, ele declara que treinar “não é chato”. Apesar de cansativa, as disciplinas corporais diárias têm uma forte dimensão de superação pessoal: “Porque [você] sempre quer estar

²⁶ Nelson de Jesus Silva, conhecido como Dida, foi goleiro da seleção nacional brasileira e recebeu os prêmios de Segundo melhor goleiro do mundo em 2006 e Terceiro melhor goleiro do mundo em 2007, ambos pela FIFA.

²⁷ Sobre um de seus irmãos, Teco afirma, como quem narra um desperdício, que “tem um mais novo que... ele podia ser goleiro, né? Mas ele não gosta de futebol. Porque ele tem quatorze anos e tem um metro e oitenta e cinco de altura (...) Calça quarenta e cinco já. Quatorze anos. Só que ele não gosta de futebol, ele gosta de natação. Faz natação”.

melhor, né? No treinamento daí você dá o máximo de você”. Assegura que, dentre os aspirantes com quem conviveu, “deve ter” algum que alcançou uma colocação no futebol profissional: “Tanta gente jogou comigo”. É relevante que ele não tenha mantido contato com seus antigos colegas. Apesar do fato de que “o goleiro fica um pouco mais isolado no treino”, a descontinuidade dos relacionamentos (“não falei mais”) fornece elementos para pensar as relações de sociabilidade entre aspirantes a jogadores de futebol. A opção de manter-se afastado por parte de Anderson, os limites temáticos expostos por Roberto (como o relacionado aos atrasos salariais) e a ausência de contato com ex-colegas apontada por Teco são facetas da competitividade implícita ao processo de formação profissional.

Sobre as peneiras, Teco explica que “você vem com um monte de gente e eles vêem qual é o melhor e fica daí”. Ele tem ampla experiência nestes processos seletivos. Na época em que jogava em uma “escolinha” de goleiros, realizou uma peneira com duração de uma semana no Atlético Paranaense: “Lá no Atlético era por indicação, né? Você tinha que ter alguém indicando você pra fazer o teste. Pelo menos pra fazer o teste. Daí quem me indicou foi o Ricardo Pinto, que eu treinava com o Ricardo Pinto e ele era treinador de goleiro lá no Atlético. Daí eu fui só que... tinha uns vinte meninos tentando fazer e ninguém passou”. Além do Atlético, ele participou de testes no Paraná Clube, no Cortiba Foot Ball Club e em uma agremiação do interior do estado, o Nacional de Rolândia. Em todos estes clubes, Teco foi rejeitado porque “eles queriam alguém alto”. Ele tinha cerca de dezessete anos quando iniciou sua peregrinação em busca de um lugar nos times de Curitiba. Na sua percepção, deveria ter ingressado mais novo em uma agremiação: “É meio tarde, dezessete anos... Eles preferem mais novo”. Perguntei porque, então, não tinha começado a realizar testes antes: “Não sei... acho que eu vi que eu estava mais preparado com dezessete (...) Ou o tempo foi passando também”. Tais afirmações demonstram que, apesar da necessidade de auto-reconhecimento da capacitação para jogar, “eles” (os selecionadores) regulam o acesso de acordo com critérios que não levam em consideração as trajetórias de vida distintas de cada aspirante.

Em todas as peneiras que realizou, Teco narra que “já de cara olhavam assim, viam no teste e já falavam na altura”. Este pré-requisito de estatura impossibilitou que ele fosse seriamente avaliado: “No Atlético eles nem me olharam direito, eles só... O preparador de goleiros viu lá, falou pra mim assim ‘ah, você vê que a gente tem goleiro mais alto, né? Você é meio baixo, não sei o que lá’. Eu falei ‘ah, deixa eu

treinar então'. Daí só que eles nem, nem viram eu jogar. Tinha vez que mandavam jogar lá no campo e nem olhavam..." Teco não elabora um discurso de deslegitimação completa do processo de seleção de jogadores, afinal entende que "os melhores ficam", mas critica duramente o fato de não ter tido oportunidade de demonstrar qualificação: "Daí eles nem vêem se o goleiro é bom, nada. Vê primeiro pela altura já". Perguntei o que é necessário para ser um bom goleiro e, expressando a internalização de parâmetros que o excluem, respondeu-me que "principal acho que é a altura, né?". Frente a minha insistência, avançou com a noção de que um bom goleiro "tem que ter agilidade, ter reflexo, concentração... Porque eles preferem pegar um goleiro alto e treinar ele, pode ser ruim o goleiro, só que alto, daí eles treinam e deixam o goleiro bom e alto, que já é, né? E do que pegar um baixo que é bom... Baixo não, né?, um e oitenta..." Nem baixo nem ruim, portanto, mas incapaz de reformular, ainda que para si mesmo, os critérios que impedem seu acesso ao futebol profissional. Nos primeiros testes em que realizou, Teco recordou ser "muito difícil ouvir não". Quis saber se depois as rejeições deixaram de ser tão frustrantes: "Não. Depois eu já tava acostumado já a falarem da altura. Todos falavam da altura, ninguém reclamava de como eu era no gol".

Ele jogou durante dois anos no time da Unicenp – a universidade onde Roberto começou o curso de administração. Teco, na época concluindo o ensino secundário, participou de um teste e foi aprovado. Não teve problemas com a estatura porque "a Unicenp não é time tão qualificado quanto os outros, né?" Trata-se de uma agremiação amadora. Em 2005 foi goleiro titular do time da Unicenp que conquistou o primeiro lugar no Campeonato Metropolitano de Curitiba. Perguntei qual era a sensação de vencer: "Ah... bom, né?, ganhar o campeonato. Só que tinha que ter alguma, alguma, como é que se diz...? Tinha que ter alguma coisa boa que acontecesse depois, por a gente ter ganhado". A princípio achei que, além da medalha de campeão e do jantar oferecido pela universidade, Teco estivesse se referindo a uma premiação em dinheiro como "alguma coisa boa" que deveria resultar da vitória. Apesar desta recompensa monetária não estar ausente da sua reivindicação, ele enfatizou que "tinha que ter alguma... alguém indicar pra algum clube, por você ter ganhado". A grande esperança dele, vencendo um campeonato por um time amador, era conquistar sua entrada para o futebol profissional.

Em uma situação bastante diversa da de Roberto, que planeja continuar sua carreira em clubes "do Curitiba pra cima", Teco quer, mais prosaicamente, "uma

vaga”. Torcedor do Atlético, questionei se aceitaria atuar no Coritiba ou no Paraná Clube. Respondeu afirmativamente, como Anderson e Roberto, mas com uma entonação menos voltada para a ética profissional: “Jogava, claro. Não tenho muito o que escolher também. Nessa situação, quando alguém quer entrar num clube. Acho que ninguém prioriza um clube assim, quando... Só depois de um tempo, né?, que já tá jogando... Daí pode escolher. Que já ganha dinheiro...” A percepção de que não cabe a ele decidir para onde vai é importante para a compreensão dos projetos de vida abertos aos aspirantes no Brasil: “No começo todo mundo quer entrar, entra em qualquer time”. No tocante às boas maneiras relacionadas à filiação clubística, Teco salienta que um jogador deve “ficar quieto” sobre o clube de sua preferência, pois “jogando no time pega mal falar que torce pra outro time”. Esta ressalva se aplica para a condição de torcedor. A experiência em outros clubes, mesmo que rivais, por sua vez, é considerada por ele como um tópico imprescindível na apresentação do currículo – além de altura, peso, se você “fala que jogou em tal time, tal time, eles olham diferente”.

Conhecendo as dificuldades de acesso ao gol, especulei se Teco consideraria trocar de posição e atuar “na linha”, junto aos outros jogadores, para os quais não há exigência de estatura. Ele garantiu que não era uma opção, “até porque na linha é bem mais difícil do que entrar no gol. Tem muito mais concorrência (...) bem mais. Nos testes que, na maioria dos testes que eu vi tinha dois goleiros no máximo. Eu e mais dois. Na linha tinha uns vinte. Na linha é bem mais difícil. Por isso que eu... já tava indeciso no gol, imagina na linha”. Perguntei o que era necessário para ser jogador na linha. “Só ser bom”, me disse. Depois acrescentou: “Ser bom e ter corpo também. Ter corpo bom (...) Tem que ter corpo, porque se você for muito magrinho assim perde tudo os negócios”.

Expressões como “ter corpo” ou “ter cabeça” (que apareceu repetidamente na entrevista feita com Roberto), remetem para uma pragmática de posseção que se realiza no de controle de si mesmo. Neste sentido, “tem corpo” quem se submete às práticas continuadas de exercícios físicos visando aumentar a massa muscular; “tem cabeça” quem não esbanja seu rendimento projetando angariar uma poupança para os gastos futuros. Esta ênfase no auto-controle e na propriedade são características de uma construção específica de masculinidade que atravessa a vivência dos jogadores de futebol, dentro e fora de campo. Outro aspecto relevante da “masculinidade futebolística” é o fato dela conceder preponderância à competitividade. É uma

competitividade baseada no individualismo. Assim, ao tratar sobre a disputa entre jogadores pelas colocações de titular, Teco declara que “é bem concorrido, né?” Estar ou não no banco de reservas depende, de acordo com a sua experiência, “do treinador do goleiro e de você mesmo”.

A percepção de corporalidade compartilhada pelos boleiros é também acessível através das histórias de ruptura da normalidade causada por machucados, distensões e comprometimento ósseo. Jogando futebol pelo time de seu antigo colégio secundário, Teco fraturou o maxilar com a força do chute de outro atleta. “Aí minha boca ficou torta. Eu tive que fazer uma cirurgia pra colocar um aparelho pra gengiva aqui pra ficar em baixo de todos os dentes, pra ficar forçando assim pra cicatrizar certo o maxilar”. O colégio não forneceu qualquer auxílio para o tratamento; Teco só era capaz de se alimentar com líquidos, através de canudos, e ficou dois meses sem jogar. Perguntei se considerou abandonar a carreira de futebolista durante o período de reabilitação, quando esteve com o aparelho: “Não, nunca. Pensava em tirar e jogar de novo”.

Teco não contratou (nem foi contatado por) nenhum empresário, apesar de acreditar, como Anderson e Roberto, que “com empresário fica bem mais fácil também entrar nos clubes”. No teste em que realizou no Atlético, ele foi colocado no grupo “dos que não tinham empresários”. Reflete que “já era separado por isso, né? Quem não tinha empresário e quem tinha empresário. Eram dois grupos (...) Daí os que não tinha empresário, ninguém entrou”. Ele não acompanhou se algum dos aspirantes a goleiro com empresário foi aprovado para jogar no time, mas afirma que “deve ter entrado, com certeza”.

Teco ignora se em outros países a necessidade de estatura do goleiro é tão importante quando no Brasil. Menciona um goleiro mexicano que fez parte da seleção nacional de seu país e que “tinha um e setenta e poucos”. Ele gostaria de “fazer [um] teste fora do país, pra ver como é que é, se eles não vêem tanto a altura como eles vêem aqui. Porque eu acho (...) que eles não vêem tanto a altura, que eles querem mais um goleiro... com reflexo, agilidade...” Diferentemente dos outros futebolistas com quem conversei, Teco considera a Argentina como seu destino de preferência caso venha a sair do Brasil para jogar. Esta propensão pouco comum à América Latina se deve à descendência paterna: “Eu tenho família lá. Daí é fácil”. Tem expectativa de realizar uma peneira na Argentina em sua próxima visita aos parentes. Em concordância com o discurso de valorização dos boleiros nacionais, ele acredita

que “por falar que o jogador é brasileiro eles já olham com olho diferente também, eu acho” e isso seria “um diferencial” importante para usar a seu próprio favor. Em contrapartida, a seleção brasileira não exerce um poder de atração tão marcada sobre ele quando sobre Roberto, por exemplo. Teco tem cidadania argentina e questioneei, caso fosse jogar naquele país, se não faria questão de atuar na seleção brasileira: “Não faço. Faço questão só de entrar num clube profissionalmente”.

Perguntei se teria vontade de jogar na Europa e ele me disse que “dá vontade, né?”, mas que não teria condições financeiras para comprar as passagens. A travessia é arcada pelo clube “comprador” somente quando o contrato já está acertado. A situação de Teco é diversa: “É então, pra jogar lá você tem que fazer teste lá. Ou entrar em algum clube aqui e ser mandado pra lá, né? E como eu não consegui entrar em nenhum clube aqui... algum clube profissional. E pra fazer teste lá tem que ter dinheiro pra ir pra lá... hospedagem...” Enquanto exemplo que não deu certo, a experiência de Teco é especialmente esclarecedora a respeito do processo de seleção e recrutamento de jogadores brasileiros que são transferidos para o exterior.

Caso pudesse escolher algum país da Europa para atuar, Espanha e Itália estão no topo da lista de Teco. Quis saber se teria algum lugar do mundo onde ele se recusaria a viver. Respondeu: “Não, se fosse pra jogar, profissionalmente, ganhando dinheiro, eu iria pra qualquer um. Até pra fora da Europa”. Afirmou que não fazia questão de ir para um clube famoso nem de primeira divisão, pelo menos “no começo não... Só depois, né? No começo, você tendo contrato de profissional fica mais fácil”. Ele defende que o momento decisivo na carreira de um jogador é alcançar o primeiro contrato profissional: “o profissional, o jogador quando tem currículo profissional eles já botam no time e você vai jogando, se você for ruim eles tiram. É que o profissional já entra no clube, o empresário é mais fácil de pegar você também”.

Em 2006 Teco parou de treinar. Ele joga futebol de salão todas as semanas com os amigos, mas prefere não atuar no gol. Na altura da entrevista, tinha participado de três vestibulares, concorrendo a uma vaga para os cursos de publicidade, administração e direito. Perguntei quando decidiu parar de jogar futebol. “Acho que em nenhum momento que eu decidi que não dava mais, fui parando mesmo... Hoje, se tiver uma oportunidade eu tento ainda. É que não é que nem antes, né?, eu não estou treinando sempre. Antes eu treinava quase todo o dia da semana. Agora eu não estou treinando. Só que...” Acreditando que já “atingiu a idade”, ele vai aos poucos abandonado o projeto de se tornar um jogador. Ao contrário de Roberto,

que escolheu conscientemente desistir (ou postergar) a faculdade, Teco pára porque a esfera do futebol profissional se fechou para ele. Esta condição de “excluído” é relevante para compreender o caráter pessimista – talvez mesmo realista – que permeia seu discurso. Empreitada longa e árdua, as dificuldades implícitas na profissionalização de um jogador aparecem com mais clareza na entrevista de Teco, enquanto para Anderson e Roberto, a despeito do reconhecimento dos obstáculos, mantêm-se a percepção de que ser bom e treinar com empenho são garantias suficientes para uma colocação profissional. Os dois cultivam o sonho, por exemplo, na escolha dos clubes de predileção para potenciais transferências, em contraste com a perspectiva de Teco, cujo pessimismo/realismo é indicativo de uma posição diferenciada no espaço futebolístico.

*

Cacau nasceu em Paranaguá, no litoral paranaense, tem dezessete anos e mudou-se para Curitiba para jogar futebol. Seu apelido remota à época de futsal, em que era comparado a um jogador da seleção brasileira que, como ele, “era o pivot e tal assim. Daí eu jogava futsal também quando era pequeno e eles começaram a dizer assim, como eu era parecido, era negrão assim também. Daí ficou, até hoje”. Atualmente Cacau treina no Clube Atlético Paranaense na posição de atacante. Seu pai é estivador no Porto de Paranaguá, mas sempre que possível viaja aproximadamente uma hora até a capital para assistir aos jogos do filho. “Hoje também, ele veio assistir o jogo, terminou o jogo ele volta (...) pra trabalhar ainda”. A mãe, que era professora primária da rede municipal de ensino, faleceu há cerca de dois anos. Segundo Cacau “Deus levou ela pro time dele, lá de cima, né?” Nenhuma das duas irmãs de Cacau se interessou por jogar futebol. Como os outros jogadores entrevistados, ele começou brincando, por volta dos quatro anos de idade. Quando perguntei porque tinha escolhido o futebol, me respondeu que “Ah... é uma paixão, né? É bom, assim... Não que eu escolhi o futebol, né? Já veio de Deus, assim, escreveu ‘vai jogar aí, moleque’. E eu tou jogando”. Tal justificativa religiosa se relaciona com a construção da capacitação no esporte como um dom, uma vocação a ser seguida.

Cacau cursa o segundo ano do Ensino Médio em um colégio estadual próximo ao Centro de Treinamento do Atlético, onde reside, mas afirma que é difícil conciliar a educação com o futebol: “É corrido, difícil, a gente treina dois períodos, todo o dia, a gente viaja bastante também, fica bastante corrido, assim. Mas tamo levando aí...”

Sobre a possibilidade de cursar uma faculdade, Cacau diz que “do jeito que está tá difícil, mas eu penso sim, em me formar”. Da mesma maneira que Anderson, ele gostaria se especializar na área de educação física, voltado para o trabalho corporal e mantendo a vinculação com o esporte. Jogando futebol de salão por seu colégio em Paranaguá, Cacau foi convidado, aos sete anos, para ingressar no grupo de futsal da ABB (Associação Banco do Brasil), em Curitiba. Durante um período, ele continuou morando em sua cidade natal, “Aí... toda terça e quinta, junto com meu pai, ou com a minha mãe, ou com as minhas irmãs, eu vinha treinar e voltava pra Paranaguá. Treinava lá de manhã, estudava à tarde, vinha, treinava de manhã e voltava, pegava aula à tarde”.

Aos onze anos, mudou-se definitivamente para Curitiba (“vim pra cá jogar bola”) e passou a viver junto com uma das irmãs, que cursava faculdade na época. Ao contrário de Teco, Cacau nunca participou de uma peneira. “De um jogo da ABB... o pessoal me viu jogando, me convidou pra participar do campo”. Em 1998, Cacau aceitou o convite e começou a jogar no Curitiba Foot Ball Club. Durante quatro anos, Cacau conciliou a participação no futsal e no futebol de campo. Em 2005, quando atuava no Curitiba, foi chamado para ingressar no Atlético. “Decidi vir pra cá, conheci a estrutura aqui, conheci tudo o pessoal, gostei, acabei vindo pra cá e tou feliz aqui”. Cacau afirma que a estrutura do clube é “sensacional (...) Porque a gente tem alimentação que eles dão, lavanderia, tudo.... Eu não preciso me preocupar com nada”.

Contratado como profissional, ele declara que “Até a metade de 2009 eu sou do Atlético” – indicando uma dimensão de pertencimento além do mero “estar”. Calcula que seu salário mensal esteja na faixa de setecentos a mil reais. Cacau condiciona sua satisfação com o rendimento financeiro com base nas necessidades familiares. Quando perguntei se sua remuneração era apropriada, respondeu afirmativamente: “porque, tipo, meu pai trabalha, minhas irmãs também, assim, não tenho tanto dever de ajudar em casa, apesar que eu ajudo, mesmo assim eu ajudo. Se o meu pai não estivesse [trabalhando]... tivesse desempregado e minhas irmãs também, daí com certeza eu ia conversar com o pessoal pra dar uma ajudinha a mais...” É relevante ressaltar não apenas que Cacau se sinta em posição de negociar uma melhor remuneração caso considere necessário, mas que sua relação com a família se baseie no compartilhamento das responsabilidades, de acordo com a capacidade de cada um dos membros em um dado momento. Quando perguntei qual seria sua ambição

salarial, me respondeu: “Ó, não tem uma meta pra isso aí. Eu sendo valorizado, como estou sendo no momento assim, pra mim já tá de bom tamanho. Eu também não tenho nenhuma meta estabelecida, assim, de dinheiro”. Com tal afirmação, Cacau chama atenção para uma dimensão não-financeira do crescimento profissional, que diz respeito ao reconhecimento (“valorização”) de seu trabalho.

Participando do Campeonato Estadual de juniores, o time de Cacau treina durante dois períodos, seis dias por semana: “só folga um dia, um período... Por exemplo, jogamos hoje à tarde, amanhã de manhã não tem treino, só de tarde (...) Agora a gente chegou em um determinado momento do campeonato que vai visar mais a parte com bola, assim. Que é segunda, terceira fase, a gente começa a jogar a parte com bola, mas até o final da primeira fase eles visam bastante o trabalho físico. Pegar força, velocidade, arranque, explosão, tudo isso...”. A intensidade de treinamento não é vista como um problema por Cacau, em suas palavras, o treino “até que vai. Gosto mais de jogar, mas gosto de treinar. Também tem essa consciência.”

Sobre seu futuro, Cacau diz que: “Minha expectativa é... estrear logo no profissional, chegar logo no profissional do Atlético, né?... no clube aqui, que abriu as portas pra mim, que vem me ajudando, né?, ajudar eles. Fazer minha história aqui, né?, pra que no futuro eu possa ser vendido ou continuar na seleção brasileira, né? Que já venho sendo convocado em algumas ocasiões”. Atuando na posição de atacante, Cacau espera (“pelo que tão me falando, pelo que eu tou demonstrando também”) ser integrado ao time principal do Atlético, alcançando assim maior visibilidade e abrindo novas perspectivas profissionais. Numa dinâmica dual, ele pretende “ajudar” o clube que o ajudou não apenas jogando, mas constituindo uma fonte de renda: “fazendo minha história aqui (...) para que no futuro eu possa ser vendido”.

Ele foi convocado para jogar na seleção brasileira em seis campeonatos internacionais²⁸ nas categorias sub-15 e sub-17 e afirma que a experiência é, além de uma honra, uma responsabilidade: “A gente disputou o Pan Americano, agora [2007], até então isso nunca tinha... Eu particularmente nunca tinha disputado uma, um campeonato assim, pelo Brasil, no Brasil mesmo. Não tinha noção de tanta cobrança como é. Que os outros campeonatos foi disputado fora do Brasil. Tinha cobrança, ali,

²⁸ Sul-Americano Sub-15 (2005); Torneio de Tampa - EUA (2005); Quadrangular Nike - EUA (2006); Sul-Americano Sub-17 (2007); Campeonato Mundial Sub-17 (2007); Jogos Pan-americanos - Rio de Janeiro (2007).

do pessoal da comissão, mas não como foi aqui no Brasil, torcida e... a imprensa mesmo cobrando e tal..." Sobre as cobranças e a relação com a paixão dos torcedores, Cacau acredita que um jogador deve ter uma relação de respeito: "Eu não tenho medo... [É só] corresponder, que eles não vão fazer nada de mais não".

Cacau defende que faz parte de uma geração cujos ídolos não atuam no país. Isto seria um dos motivos para explicar a vontade de ser transferido para fora do Brasil e, especificamente, para a Europa: "hoje em dia, nós jogadores, assim, mais novos, queremos ir pra Europa, né?, que de fato, nossos ídolos, assim, jogam lá e foram os craques, né? Os bons jogadores aqui do Brasil... sempre saem daqui, surgem novos e vão pra lá... Então... Os campeonatos bons são lá, salário lá... independência financeira... Então tudo isso conta ponto, né?" Apesar de reafirmar que seu interesse atual é estreitar no Atlético e de não ter um clube preferencial, encara uma potencial transferência para as grandes agremiações européias como uma promoção profissional não só salarial, mas qualitativa, na medida em que proporcionaria maior visibilidade.

Cacau não tem contrato fechado com um empresário, mas recebe auxílio legal de um procurador que "só me ajuda mais assim, meus papéis, não chega nem a ser um empresário. Ele me ajuda... (...) um cara, uma pessoa bacana, eu conheço a família dele... O pai também. É uma pessoa que ajuda, assim, pra... Eu estou em boas mãos". Relevante que sua confiança esteja fundada em relações de amizade/parentesco, não em parâmetros contratualmente estabelecidos. Isto é encarado por Cacau como um fator positivo. Apesar de estar há três anos contanto com os serviços de seu procurador, "eu não cheguei a assinar nenhum papel com ele, assim, sabe? Só entreguei os documentos pra ele, não tem nada assinado assim, tipo... (...) Ele não tem nada, se [eu] quiser encerrar, ó, obrigada aí, tá? Não, tudo bem. Não é assim, um acordo formal". Além do procurador, Cacau conta com o auxílio de seu pai para negociar contratos: "porque o meu pai entende um pouco, sabe? Tem amigos também que entende, então a gente está sempre perguntando, uma hora ou outra. Isso não tem perigo, assim, de...[silêncio]". Ele afirma não ter qualquer interesse "em assinar com outro empresário" e considera a atuação de um empresário profissional "indiferente" para a sua carreira, em contraste com Teco, para quem contar com o auxílio de um agente seria determinante.

Sobre a possibilidade de uma transferência internacional Cacau declara: "Lógico que eu nunca vou sair daqui sem estar tudo certo lá, tendo uma casa lá, eu

podendo levar alguns acompanhantes, acho que não teria problema assim. Nunca que eu vá, que eu vá sozinho pra um país assim, que até então eu não conheça, que as pessoas falem outra língua, isso daí também não, né?” Ao contrário da relação de confiança que estabeleceu com seu procurador, condiciona sua mobilidade à existência de um contrato “certinho”. Em clara divergência com as perspectivas de Teco, Cacau se percebe como estando em posição de fazer exigências: “Que eu tenho essa consciência já de que, se for pra ir, não, vamos sentar, certinho, conversar assim. Penso assim: vou levar meu pai, minhas irmãs, minha namorada, minha noiva, minha mulher que seja... Então tá bom, sem problema”.

Diferentemente de Anderson e Roberto, para quem sair do país significaria elevar o padrão econômico de suas famílias no Brasil, Cacau imagina levar os familiares consigo – indicando a possibilidade de imigração permanente. Com efeito, perguntado sobre qual seria sua escolha caso o salário oferecido no país e no exterior fossem semelhantes, Cacau respondeu: “Olhe, talvez, hoje, talvez hoje eu fosse pra Europa pela questão da segurança, assim, de roubo e tal. Ia pra lá e levava a minha família pela questão da segurança no país”. Consciente da desigualdade de espaço midiático concedido a personagens famosos, afirma: “A gente volta e meia vê mãe de jogador sendo seqüestrada, irmão de jogador... E isso das pessoas famosas mesmo, que aparecem na TV. Imagina quanta pessoas, assim, coitadas, que são roubadas, são mortas e que não aparece na televisão”.

Quis saber se Cacau tem um país específico de preferência no caso de uma transferência internacional. Disse que: “Não... pra mim é indiferente”. No tocante aos países onde não gostaria de atuar, todavia, falou: “Que eu não iria? Ah!, pros países, assim, fora da Europa, né? Arábia, esses lugares aí acho que não me interessa muito assim”. A “indiferença” do jogador se restringe, portanto, aos limites da Europa Ocidental: “[Me] interessa, assim, tipo Espanha, Itália, esses países mais... Portugal, né?, Inglaterra, França... Por essa região ali. Mais pra longe não me interessa muito não”. Para além da distância geográfica em si, o que está em jogo nestas representações sobre “longe” e “perto” são processos de identificação cultural, em larga medida relacionados à visibilidade do futebol “europeu” no Brasil. Cacau tem relações de amizade com alguns jogadores que estão atuando fora do país, apesar de salientar que é uma “amizade entre aspas, que quando vai pra lá, perde um pouco de contato, né?” Mesmo assim, acredita que todos os que foram transferidos para “a” Europa estão satisfeitos em suas colocações.

Cacau não conhece nenhuma outra língua além do português, mas acredita que isso não caracteriza impedimento para a atuação profissional em outros espaços nacionais. Para ele, “É um problema assim, fora o futebol só, que no futebol é boleirês que fala, né? A gente brinca, assim, que entende, de uma maneira ou outra entende. Mas acho que pega rápido, assim, né?, a maioria dos jogadores são espertos, são ligados, então acho que questão de cinco, seis meses, já tá falando assim, a língua certinho do país”. Em contraste com grande parte das representações sobre jogadores de futebol, Cacau defende a inteligência dos atletas e sua capacidade de aprendizado. O fato da maioria dos jogadores não se preocuparem em aprender outra(s) língua(s) antes de deixar o país pode ser parcialmente explicado pela situação de completo desconhecimento sobre seu destino profissional futuro, posto que estão dependentes das ofertas dos clubes, fora de seu controle.

Questionado sobre o que as transferências internacionais representam para o futebol brasileiro como um todo, o futebolista disse ser “uma pena” que tantos jogadores mudem de país. “O Brasil é famoso pelo celeiro, né?, de atletas, especificamente do futebol, mas não tem esse poder pra continuar com esses atletas, assim, que começam aqui, se destacam, talvez se fosse mais visado a questão do investimento, né?, segurar o atleta aqui mesmo, acho que muitos ficariam, né?” Cacau acredita que a maioria dos jogadores almejam ser transferidos para a Europa por motivos econômicos: “não que todos, né?, não que 100%, mas a grande a grande maioria, 80, 70%, vão pensando em ganhar a independência financeira, pra jogar na Europa”. Por outro lado, concordou com meu comentário de que os jogadores de grandes clubes no Brasil não poderiam afirmar não ter independência financeira.

Em mais de um momento da entrevista, Cacau mencionou a dimensão de realização pessoal que encontra no futebol. Quando perguntei-lhe sobre a possibilidade de tornar-se famoso, ainda mais sendo atacante, respondeu: “Ah! Sei lá, agora você me pegou. Não, primeiramente eu penso em fazer o meu trabalho, eu não penso na fama, eu penso em... eu quero jogar, eu quero me divertir. Não penso na fama, lógico que eu penso em aparecer durante o jogo, [mas] não em ficar famoso. Isso vai acontecendo na seqüência, se Deus quiser que eu fique famoso eu vou ser. Mas eu quero jogar só, eu quero... quero jogar, ajudar minha família também. Se a fama vier ou não...” Em uma lógica segundo a qual seu comprometimento e atuação dentro de campo são o principal, Cacau entende que o sucesso pode ser um caminho de ascensão social que beneficiaria sua família. Mesmo sem declarar expressamente o

desejo de ser famoso, ele almeja alcançar as posições mais cobiçadas do futebol mundial. “Até porque quando a gente assiste programas, assim, a gente vê nossos ídolos, né?, a casa que eles estão, a casa da família deles, assim, né?, a gente fica imaginando, pô, a gente conversa no quarto ‘será que a gente vai ser assim também?’ Aí dá uma certa vontade, assim, um certo ânimo. Você olha, devagarzinho a gente chega lá”.

O maior incentivador da carreira de jogador de Cacau é seu pai. “O meu pai desde, desde quando eu não nasci acho que ele já me apoiava, ele jogava umas bola... na barriga da mãe até pra (risos). Ele me apóia bastante. O meu velho é... pô, sempre que dava ele vem aqui, coisa e tal, vem ver, traz um amigo, parente. Sempre que dá ele vem aqui ver o jogo”. Perguntei se o pai o acompanharia caso ele fosse transferido para o exterior. “Ah, sem duvida, né? Não, pra ele é um sonho também, ele vem me acompanhando desde cedo, desde que eu comecei mesmo. Tenho certeza de que ele me imagina mais do que eu mesmo me imagino. Ele sempre fala ‘capriche e tal’. Sempre diz que ‘nós vamos pra Europa juntos’ e tal...” A oportunidade de “chegar lá”, ou alcançar o topo do futebol, está intimamente ligada à inserção nos clubes participantes da *Liga dos Campeões* – e este sonho é compartilhado não apenas entre os jogadores, mas também por suas famílias.

*

Como essas quatro entrevistas demonstram, os jogadores estão plenamente conscientes de que, em sua posição de aspirantes a uma destas vagas, estão sujeitos a condicionantes que escapam seu poder de decisão. Neste sentido, a possibilidade de ver suas aspirações frustradas é tão presente quanto a perspectiva de “chegar lá”. Nem por isso a exclusão do futebol profissional se torna menos decepcionante para quem realizou tantos investimentos no “sonho” – e, aliás, constrói a carreira como um “sonho”. Esperançosos ou já nem tanto, estes boleiros contam histórias diversas dos que narram o futebol a partir das arquivancadas, como Galeano. A recompensa financeira e o espaço midiático que acompanham a mercantilização do futebol não são estranhas ao prazer do “jogo pelo jogo”, são antes fatores de atração, benesses concedidas por mérito e esforço. A profissionalização não é encarada como uma “prisão”, mas como uma oportunidade, cercada da competitividade entre colegas e da potencial exploração por empresários inescrupulosos, mas plena de aprendizados e de incentivos à superação pessoal. A carreira de jogador, se bem sucedida, congrega reconhecimento social, realização pessoal e retorno financeiro – neste sentido, trata-se

de uma opção satisfatória dentre as alternativas profissionais ao alcance dos rapazes brasileiros.

**

Antes de dar continuidade à interpretação das falas dos jogadores, e para evitar que fiquem todas entrincheiradas em um capítulo empírico exclusivo e discursivamente separado das interpretações acadêmicas, me interessa tentar contextualizar a vida desse grupo de pessoas através de leituras sobre a juventude brasileira contemporânea. Enquanto desporto que exige esforço físico extenuante e conforme seus padrões de organização atuais, a prática de futebol profissional restringe-se às pessoas jovens. Neste sentido, a carreira de um jogador tem curta duração e raramente se estende até os 40 anos de idade, o que constitui uma característica relevante das dinâmicas do jogo. Para explorar o caráter das vivências jovens no Brasil contemporâneo, recorro a um amplo levantamento quantitativo denominado “Perfil da Juventude Brasileira”, realizada pelo Instituto Cidadania no âmbito do “Projeto Juventude”, e que deu origem a um livro de artigos de diversos autores analisando os dados a partir de diferentes recortes (Abramo e Branco, 2005). A pesquisa foi realizada em 2003 e respondida por 3.501 jovens de 15 a 24 anos. Gostaria de esclarecer que, assim como uma parcela dos jogadores cujas entrevistas foram tratadas neste capítulo, eu também faço parte desta geração (dos nascidos entre 1980 e 1988).

Como salienta Helena Wendel Abramo, durante muito tempo a visibilidade da juventude no Brasil se resumiu aos jovens escolarizados de classe média, centrada no potencial de transformação política e social que encarnavam, especialmente através dos movimentos estudantis e de contracultura. Por volta da década de 1970, a atenção foi parcialmente deslocada para as crianças e jovens em situação de risco, os chamados “meninos e meninas de rua”, dando origem, nas palavras da autora, “a uma onda de pânico social como uma importante mobilização em torno da defesa destes segmentos” (2005: 38). O aparecimento de novos grupos juvenis, como os integrantes dos movimentos *punk* e *hip-hop*, bem como a conscientização de que a vulnerabilidade dos jovens não desvanece aos 18 anos, possibilitaram o advento de uma percepção alargada de juventude, além daquelas centradas nos adolescentes em situação de risco ou nos estudantes de classe média. Abramo localiza esta

transformação na primeira metade dos anos 90. O levantamento feito pelo “Perfil da Juventude Brasileira” é, ao menos em parte, tributário desse processo.

Fase do ciclo de vida que faz a ligação entre a infância e a idade adulta, a juventude compreende experiências diversificadas, razão pela qual muitos/as autores/as recomendam que o termo seja utilizado no plural, *juventudes*, para evitar transformar em ausências as diferenças de origem social, escolaridade, gênero, região, religião e raça²⁹. Os dados da pesquisa revelam que mais de 40% dos jovens brasileiros têm renda familiar mensal abaixo de três salários mínimos, 39% entre dois e dez salários mínimos e apenas 5% acima de dez salários mínimos – índices demonstrativos da extrema desigualdade econômica reinante no país. Com relação à raça, 44% dos entrevistados se declararam como brancos, 42% como negros³⁰, 5% como indígenas e 4% como amarelos. Do contingente jovem, 76% frequentou, durante toda a sua vida escolar, o sistema público de ensino e tão somente 5% o fez sempre em colégios particulares, distribuição que salienta a importância da educação pública e gratuita. Cerca de 81% dos jovens residem no meio urbano, 78% são solteiros e 78% não têm filhos. Entre os entrevistados, 48% moram com pais ou padrastos, enquanto apenas 1% deles vivem sozinhos.

Com relação à percepção sobre sua situação, uma porção superior a 70% dos jovens acredita que há mais coisas boas do que ruins em ser jovem e 91% afirmaram que nos próximos anos sua vida pessoal vai melhorar. As questões sobre representações políticas revelam que a democracia é sempre melhor do que qualquer outra forma de governo para 53% dos jovens brasileiros e 59% deles acham que a melhor coisa para resolver os problemas do país é a participação da população nas decisões importantes do governo. Perguntados sobre os direitos humanos de presos e bandidos, 40% responderam que eles devem ser respeitados em parte, 36% que eles não devem ser respeitados, e somente 18% que eles devem ser totalmente respeitados.

²⁹ A despeito disso, Antonio Lassance, realizando uma leitura regional dos dados sobre o perfil da juventude, enfatiza que “podemos falar, sem sombra de dúvida, da existência de um jovem brasileiro” (2005: 84). Paul Singer levanta um argumento semelhante, ao afirmar, sobre as pessoas inseridas em uma coorte, que “é de [se] esperar que a maioria vivencie a realidade brasileira ao mesmo tempo e em estágios vitais semelhantes” (2005: 27).

³⁰ O padrão de categorias raciais aplicado para pesquisa estatísticas no Brasil, com base no modelo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, difere “pardos” e “pretos” tanto nos questionários como na quantificação dos dados. A maioria das análises, todavia, opta por somar as duas categorias e utilizar a palavra “negro”, “por considerá-la mais representativa da reconstrução identitária da população negra impulsionada pelo Movimento Negro Brasileiro nas últimas décadas”. (Borges e Geovanilda Santos, 2005: 292).

No tocante à idade penal, 75% reivindicam que ela deve ser diminuída. Entre os jovens, 80% afirmaram nunca terem sido assaltados, enquanto 77% deles admitiram já terem visto uma arma de fogo. A violência é, com efeito, um dos assuntos que mais preocupa os jovens. Em contraposição aos estereótipos que os classificam como usuários de drogas ilegais, apenas 10% declaram já ter experimentado maconha e 3%, cocaína ou crack. Em paralelo, 52% têm hábito de ingerir bebidas alcoólicas.

Dada a diversidade de questões abordadas pela pesquisa, e feita esta sintética apresentação de alguns dos índices que me pareceram mais reveladores, é pertinente estreitar o foco para as temáticas mais diretamente relacionadas ao universo descrito pelos jogadores entrevistados. Neste sentido, recorro às análises elaboradas a respeito das esferas do ensino, da família, do lazer e do trabalho, visando fazer emergir alguns dos condicionantes que cercam a vida dos jovens e, entre eles, dos aspirantes a futebolistas.

A década de 1990 assistiu a um crescimento expressivo do acesso à escola por parte da população juvenil. Todavia, Marília Pontes Sposito ressalva que o aumento das oportunidades escolares “ocorreu sob a égide de uma forte crise econômica que estagnou o crescimento, acentuou as desigualdades e fez aumentar os índices de desemprego” (2005: 96). O aumento do nível de escolaridade dos jovens não foi acompanhado pelo incremento das oportunidades profissionais. De acordo com Sposito, os jovens reconhecem a escola como importante instituição de referência, não contestando demasiadamente sua legitimidade. Simultaneamente, “sabem que a escolarização é uma entre outras possibilidades para se situar melhor no mundo”. Assim, tal como revelaram as declarações de Anderson e Roberto, escola e trabalho são projetos que se superpõem, podendo ser enfatizados em graus variáveis, dependendo do momento no ciclo de vida e das condições objetivas em cada situação. Neste sentido, “a experimentação e a reversibilidade de escolhas aparecem como fatores importantes para compreender as relações dos jovens tanto com a escola como com o mundo do trabalho” (Sposito, 2005: 106). Além disso, as condicionantes econômicas são fatores cruciais para delimitar os horizontes possíveis de ação dos jovens.

Maria José Gevanilda dos Santos e Rosangela Borges enfatizam que, quando se discute a desigualdade social brasileira, é imprescindível reconhecer a dimensão de raça que a caracteriza. Em suas palavras, “quando se fala das pessoas que vivem na base da pirâmide social, logo se identifica a pobreza e quando se fala em pobreza no

Brasil está-se falando principalmente da população negra e da discriminação social” (2005: 292). A pesquisa sobre o perfil da juventude no Brasil confirma que os afro-brasileiros estão em desvantagem tanto no tocante ao rendimento mensal familiar quanto ao nível de escolaridade, tendo declarado com mais frequência do que os brancos terem sido alvos de preconceito, humilhação ou discriminação. Através do enfoque sobre a percepção dos entrevistados a respeito do orgulho de ser brasileiro e do caráter alegre da população do país, Santos e Borges sugerem que os jovens negros são suscetíveis ao mito da democracia racial brasileira, compartilhando, em grande medida, do imaginário da cordialidade e da visão paradisíaca do país. Esta é uma hipótese relevante para os fins deste trabalho, dado que parte significativa dos discursos relacionados ao futebol traçam paralelos entre o bom desempenho dos jogadores brasileiros e uma espécie de negritude romanceada, frisando exatamente a alegria e a “ginga” como características do “futebol-arte” nacional.

A família aparece, para grande parte dos entrevistados, como um dos principais fatores de amadurecimento, instância fundamental para a vida. Dado que a maioria dos jovens são solteiros e quase a metade deles reside com os pais, e a despeito das declarações sobre falta de liberdade e experiências de humilhação/violência em casa, a família é tomada “como estrutura central para poder viver a vida enquanto jovem, como referência afetiva, como referência ética e comportamental e para o próprio processo de amadurecimento” (Abramo, 2005: 60). Frente à pergunta “considerando os assuntos mais importantes para você, quem é a pessoa para quem você dá mais atenção ao que ela diz?”, 59% dos jovens brasileiros citaram a mãe, 15% o pai, 6% o cônjuge, 3% o padre ou pastor e 2% o professor. Estes índices parecem ecoar com as constantes menções que Anderson, Roberto, Teco e Cacau fizeram aos seu(s) pai(s) ao longo de toda a entrevista e em relação a praticamente todos os assuntos. Sposito aponta ainda que a importância da família aumenta com a diminuição da renda: os jovens pobres atribuem maior relevância ao grupo familiar do que aqueles com renda mais alta.

Outra esfera de grande significância para abordar as vivências juvenis no contexto deste trabalho é aquela do lazer, especialmente porque ela permite acesso ao espaço ocupado pelo esporte na vida dos jovens. Ana Karina Brenner, Juarez Dayrell e Paulo Carrano (2005) salientam que o lazer é fundamental para a criação e fortalecimento das relações sociais, constituindo espaço privilegiado para a formação de identidades. Cerca de 22% das mulheres e 33% dos homens afirmaram participar

em algum tipo de esporte. A prática de futebol é citada por 13% dos rapazes como opção para ocupação do tempo livre. Dado o grande contingente de homens brasileiros que se dedica ao “futebol de final de semana”, esse índice não se referente necessariamente ao número de jovens engajados no treinamento visando à profissionalização. O esporte foi identificado como tema de interesse por um número relevante de jovens de sexo masculino, com incidência de citação igual ao interesse pela escola.

Outra constatação relevante possibilitada pelo levantamento sobre a juventude foi que mais de 70% dos jovens nunca participou de qualquer atividade esportiva promovida pelo poder público. Ao mesmo tempo em que tal dado indica a ausência de investimento governamental na promoção do esporte, salienta que o recrutamento, a seleção e o treinamento dos tão afamados jogadores brasileiros, que carregam nas chuteiras uma parte considerável da identidade do país, são sustentados por instituições externas ao Estado. Apesar das ligações entre governo(s) e futebol serem muito mais complexas do que a mera “externalidade”, me parece significativo que uma esfera tão alargada em poder e em alcance geográfico, que mobiliza uma quantidade considerável de pessoas e tem papel relevante nas relações internacionais brasileiras, não seja dependente do poder público – e nem pautada estritamente por lógicas capitalistas.

Especulações à parte, o questionário sobre o perfil da juventude apresentava uma pergunta sobre as opções para ocupação do tempo livre, caso os jovens pudessem realizar algo que nunca tivessem feito e sem preocupar-se com tempo, dinheiro, proibição dos pais ou qualquer outro problema. Frente a este questionamento, 43% escolheram atividades de lazer e, entre estas, a mais citada foi a de viajar. Brenner, Dayrell e Carrano observam que há nítidas diferenças de classe e escolaridade na incidência desta resposta. Somente 6% dos jovens com renda mensal familiar de até dez salários mínimos citaram viajar pelo Brasil ou para o exterior como um desejo, contra 12% daqueles com renda superior a dez salários mínimos. No tocante ao nível de escolaridade, 6% dos jovens com ensino fundamental e 7% daqueles com ensino médio completo citaram viagens como forma desejada para ocupação do tempo livre, em contraste com 17% dos jovens com nível superior de escolaridade. “Isso revela forte componente de classe no que se refere ao encurtamento ou alargamento das expectativas de ter viagens de lazer como formação cultural e humana” (2005: 203). Ainda que tais dados se refiram a ocupação do tempo livre, são indicativos da

percepção de mobilidade que os jovens têm sobre si mesmos. A constatação de que os horizontes de alcance projetados são intimamente influenciados por recortes de classe e escolaridade suscita reflexões sobre a questão da transferência internacional de jogadores de futebol, que pode ser encarada, a partir desta perspectiva, como tendo um efeito potencial de expandir (pelo menos geograficamente) as perspectivas de vida dos aspirantes e profissionais.

Aproximadamente 76% dos jovens entrevistados fazem parte da população economicamente ativa nacional (36% trabalhando, 32% desempregados e 8% que nunca trabalharam, mas estão procurando emprego). Apenas 24% declararam nunca ter trabalhado nem procurado trabalho. A atividade profissional, portanto, não é alheia, mas formadora, da experiência juvenil. Guimarães reivindica que esta característica seja salientada, denominando o grupo pesquisado de “juventude *trabalhadora* brasileira”. Esta autora afirma que “é o desemprego, ou a falta de empregos, a faceta problemática do trabalho, sentida em igual medida por todos os jovens, independente de sua condição em face do mercado de trabalho” (2005: 150). Isto porque a inclusão social é tributária, fundamentalmente, da possibilidade de exercer trabalho remunerado dentro ou fora da economia formal. Neste sentido, Helena Abramo sugere que “a grande desigualdade social parece estar não tanto no fato de os jovens entrarem ou não no mundo do trabalho, mas no tipo de relação com o trabalho, nas condições e qualidade do trabalho encontrado” (2005: 53).

Pedro Paulo Branco chama atenção para o fato de que a taxa de desemprego entre os jovens é quase três vezes mais alta do que a dos adultos (maiores de 25 anos). O crescimento da economia nacional, segundo o autor, tem sido insuficiente para oportunizar a criação dos postos de trabalho necessários para absorver os contingentes jovens que entram no mercado a cada ano. Branco calcula que, para reduzir em 25% a taxa do desemprego existente e empregar os novos ingressantes em quatro anos, seria preciso gerar cerca de 2,5 milhões ou 2,7 milhões de ocupações ao ano, o que exigiria uma taxa de crescimento anual do PIB de mais de 7% (2005: 134)³¹.

Este quadro de desesperança não escapa aos jovens, como fica demonstrado pela extrema preocupação com o desemprego. Os dados estatísticos auxiliam na compreensão de uma situação nacional não tão favorável à juventude. Tal contexto

³¹ Entre 2000 e 2007, a taxa de crescimento anual do PIB não ultrapassou a marca de 5,7% (IBGE, 2008).

deve ser levado em consideração ao interpretar a opção de grande parte dos jogadores de futebol em posicionar “o exterior” como um destino legítimo. Para colocar as coisas de modo mais enfático: porque eles não deveriam querer ir, se aqui não há possibilidade de inserção para todos? Pois, como demonstra Damo, a estabilização do número de clubes de futebol brasileiro, diretamente relacionada à “saturação” da demanda por filiação clubística, significa que a quantidade de postos de trabalho não terá chance de expansão para empregar a quantidade de aspirantes existentes no país. Por maior que seja o crescimento econômico do país, é mais provável que ele resulte no aumento do rendimento dos clubes existentes, e do salário dos jogadores que neles atuam, do que novas agremiações (e “vagas”) sejam criadas.

Apesar disso, é adequado matizar o tom apocalíptico de algumas das análises suscitadas pela pesquisa sobre o perfil da juventude brasileira, inclusive porque diversas estratégias marginais de sobrevivência não são captadas pelas porcentagens. Para fechar este capítulo retornando à discussão inicial, convém não esposar o tom de vitimização estabelecido em *Futebol ao sol e à sombra*. Galeano representa a estreiteza de alternativas existentes para um número significativo de jovens através da imagem do menino pobre (“em geral negro ou mulato”), que tem na bola sua varinha de condão. Reconhecer as dificuldades de inserção social para o jovem brasileiro pobre não é o mesmo que afirmar que “a miséria o torna apto para o futebol ou para o delito” (2004: 51). Estabelecendo uma relação de causa e efeito entre pobreza e criminalidade (ou futebol), afirmações deste calibre não apenas são preconceituosas, como legitimam uma espécie de determinismo social com o poder da profecia auto-cumprida. Com tal argumento, Galeano homogeneiza as vivências diversificadas dos jovens brasileiros, especialmente daqueles em condições desfavoráveis na estrutura social. Homogeneiza, igualmente, os jogadores de futebol, divulgando sobre eles uma representação estereotipada que lança à sombra suas experiências e expectativas, na medida em que estabelece mais um estreitamento à suas vidas, reforçando um discurso hegemônico ao qual eles devem se adaptar.

3. Visibilidade e nacionalismo

Gooooooooool!

Corri direto para o fundo da rede, peguei a bola e a beijei. O estádio era uma explosão de rojões e gritos. De repente, me vi cercado por uma imensa multidão de repórteres. Havia microfones diante do meu rosto, e então dediquei o gol às crianças do Brasil. Disse que precisávamos cuidar das nossas criancinhas. Comecei a chorar e fui parar em cima dos ombros de alguém, segurando a bola no alto como um troféu.

(...)

Por que mencionei as criancinhas? Era o aniversário da minha mãe naquele dia, e talvez eu devesse ter dedicado o gol a ela. Não sei por que não pensei nisso. Na hora me vieram à cabeça as criancinhas. O que aconteceu é que me lembrei de um incidente ocorrido em Santos alguns meses antes. Eu saía do treino um pouco mais cedo quando vi uns garotos tentando roubar um carro estacionado perto do meu. Eram uns meninos pequenos, a quem você normalmente daria uns trocados para lavar o seu carro. Perguntei o que estavam fazendo e eles responderam que eu não me preocupasse, só estavam roubando carros com placas de São Paulo. Eu falei que não iam roubar carros de lugar nenhum e mandei sumirem dali. Lembro-me de ter conversado depois com um companheiro de time sobre aqueles meninos, sobre os problemas de crescer no Brasil. Eu já me preocupava com a formação das crianças, e essa foi a primeira coisa que me veio à cabeça quando marquei o gol.

(Pelé, 2006: 171)

A narrativa acima se refere a um jogo realizado no Maracanã³² em 19 de novembro de 1969, entre o Santos Futebol Clube e o Club de Regatas Vasco da Gama, no qual se concretizou o milésimo gol de Pelé. Baseado em um levantamento encomendado pela Confederação Brasileira de Desportos, a contagem regressiva para o milésimo gol transformou-se em um acontecimento midiático cercado de expectativa, que culminou, de acordo com a autobiografia de Pelé, em um grito de “gol” com nove “O’s” que ele dedicou às “criancinhas”. Pertinente enfatizar que isto acontecia menos de um ano após a entrada em vigor do Ato Institucional nº5, que consolidou o endurecimento da Ditadura Militar vigente no Brasil, fechando o Congresso Nacional, proibindo quaisquer reuniões de cunho político e determinado a censura prévia de produções musicais, teatrais e cinematográficas. Segundo Hilário Franco Junior, “nesse período caracterizado pela repressão, o futebol se tornaria instrumento da ditadura” (2007: 143).

Fato notório na história do esporte no Brasil que os marcos de institucionalização e regulamentação da atividade futebolística são em sua maioria

³² “Estádio Jornalista Mário Filho”, no Rio de Janeiro.

localizados em períodos de gestão estatal autoritária. Neste sentido, como aponta Marcelo Proni, o governo militar dava continuidade à tradição de Getúlio Vargas, no esforço de ordenar e tutelar a esfera esportiva. “Note-se que, em 1968, havia sido regulamentada a venda do ‘passe’, exigindo-se a concordância do jogador nos termos da transação e garantindo ao atleta 15% do valor de negociação” (2000: 142). Ao passo que a profissionalização dos futebolistas realizou-se no efervescente contexto de consolidação das leis trabalhistas da Era Vargas, a ditadura militar estabelecia os parâmetros legais para as transferências de atletas exigindo, entre outras coisas, a anuência e a bonificação dos jogadores para que ela se concretizasse.

Em 1969, foi instituída a Loteria Esportiva, “procurando conciliar sorte e futebol, anunciando a chance de mobilidade social para todos” (Agostino, 2002: 162), cuja arrecadação seria destinada “a gerar fundos para fins sociais e para a promoção do desporto” (Proni, 2000: 143). Transformado em estratégia do que hoje em dia se chamaria *marketing*, o futebol era enfatizado como denotador de normalidade, desenvolvimento e nacionalismo. A delegação que representou o Brasil na Copa do Mundo do México, em 1970, foi deliberada e profundamente militarizada. “Cabelos cortados ao estilo da caserna, preparação física coordenada por militares, contraditoriamente a este esquema tão rígido a seleção se transformaria, dentro de campo, em paradigma do futebol-arte” (Agostino, 2002: 163). As relações entre o governo militar e o futebol reforçaram sobremaneira o investimento identitário da brasilidade em “nossos” jogadores.

Proni argumenta que a concretização de um Campeonato Nacional, instituído em 1971, foi em larga medida motivado pela ambição de multiplicar os dividendos políticos mobilizados através do futebol. A paulatina expansão do número de times participantes, na interpretação dos defensores do formato, tornava o Campeonato “inclusivo e democrático (abrindo espaço à participação de equipes de todo o país, sem diferenças)”. Os críticos, por sua vez, afirmavam que “esse discurso apenas procurava legitimar o estilo de gestão autoritária e os mecanismos de cooptação política, perdendo de vista a hierarquia clubística (separação em Divisões), sem a qual o equilíbrio entre os competidores e a qualidade do torneio ficavam comprometidos” (Proni, 2002:145). Esta incorporação interesseira de clubes e a reivindicação de um discurso de igualdade para legitimar práticas nem tão igualitárias assim, teve (e tem) implicações relevantes na estruturação do futebol no país. Entre elas, é forçoso reconhecer que tal formato “inchado” do Campeonato Nacional, sustentado um

espaço de visibilidade para clubes de todos os estados da federação, foi determinante para que o recrutamento e seleção dos melhores jogadores se estendesse geograficamente e, em simultâneo, assumisse uma representação pseudo-promotora da ascensão social em larga escala.

Gilmar Mascarenhas argumenta que a instauração do Campeonato Nacional, acarretando no encurtamento dos campeonatos estaduais³³, foi concomitante ao processo de metropolização do futebol brasileiro, conceito que se refere ao “crescente poderio (econômico, político e cultural) dos clubes ‘metropolitanos’, ampliando sua área de influência (raio de alcance de adesão do torcedor) e minando as forças e tradições locais, ao converter a hiterlândia em mera bacia coletora de talentos individuais” (Mascarenhas, 2003: 93, nota de rodapé). Apesar das transferências internacionais estarem atualmente em destaque, a mobilidade dos boleiros, sendo negociados entre clubes no espaço nacional, é prática de longa data. As agremiações metropolitanas exerciam seu poder (financeiro e midiático) de atração, comprando os “passes” de atletas das diferentes regiões. A partir desta perspectiva, pode-se argumentar que o eixo do futebol brasileiro deslocou-se, e a força centrípeta do “centro” nacional (o Sudeste) foi suplantada pelo poder aquisitivo das moedas estrangeiras. Mascarenhas defende que a transição para uma dinâmica extra-local, intensificada na década de 90, contribui para o enfraquecimento das “pequenas” agremiações.

De acordo com a terminologia de Gilberto Agostinho, durante a ditadura militar, a esfera futebolística foi mobilizada para suprir a “obsessão legitimadora” do regime, sendo a festa comemorativa relacionada ao milésimo gol de Pelé uma “oportunidade sem igual” para a interação entre futebol e poder (Agostino, 2002: 158). “Aquilo virou a notícia do ano. A imprensa – local e internacional – parecia não falar de outra coisa. Cada jogo do Santos era acompanhado por uma multidão de repórteres” (Pelé, 2006: 166). A “calculada antecipação” que cercou o feito visava perpetuar a expectativa sobre ele. “Até porque ninguém podia saber exatamente em que jogo o tento histórico seria marcado, embora esforços tenham sido feitos para que este ocorresse em uma grande praça – preferencialmente o *Maracanã*” (Agostino, 2002: 158). Cinco dias antes do jogo com o Vasco, em 14 de novembro de 1969, o

³³ O calendário futebolístico brasileiro foi dividido em dois semestres: um para os certames estaduais e outro para o nacional (Mascarenhas, 2004: 93).

Santos realizava um certame com o Botafogo Futebol Clube da Paraíba, em João Pessoa. Pelé, ao converter em gol uma cobrança de pênalti, marcou seu 999º gol. “Daí em diante, segundo o depoimento do juiz do jogo, Armindo Tavares de Pinho, tudo foi feito para que Pelé não tivesse oportunidade de marcar novamente, a ponto de o técnico do *Santos*, Antoninho, acertar no intervalo da partida a saída do goleiro [Jair Estêvão] e a entrada de Pelé no gol” (Agostino, 2002: 158-9). (Substituições não eram permitidas na época e Pelé era, de fato, o goleiro reserva do time.) Em sua autobiografia, Pelé descreve o mal súbito que acometeu o goleiro titular como “uma coisa muito estranha” e declara não ter a “menor lembrança” do técnico premeditar a contusão de Jair Estêvão, apesar de seus companheiros de time garantirem que ela ocorreu. A torcida presente em João Pessoa desaprovou a estratégia e expressou seu descontentamento com ruidosas vaias. Ainda no nordeste, o Santos enfrentou o Esporte Clube Bahia, em Salvador, jogo no qual Pelé teve duas oportunidades de gol: numa delas a bola atingiu a trave e na outra o zagueiro que realizou a defesa foi vaiado pela torcida de seu próprio time.

Além de demonstrar a intensidade de trabalho dos jogadores na década de 1960 (três jogos em menos de uma semana), a história do milésimo gol de Pelé é reveladora do que poderia ser denominado como política geográfica da visibilidade, um jogo de interesses midiático-estatais que favorece a caixa de ressonância do Maracanã em detrimento do estádio do Botafogo da Paraíba. Com efeito, a “fama”, para além de ser limitada no tempo, tem suas condições de existência localizadas espacialmente, na medida em que determinados “centros” têm preponderância na produção e difusão de conteúdos midiáticos, dominando os critérios de julgamento e exercendo poder de atração em um processo retro-alimentado de hegemonia. Isto é relevante pois lança luz no destaque outorgado à (uma certa) Europa como Meca do futebol mundial contemporâneo, concentrando os olhares e os patrocínios milionários. A contrapartida desta dinâmica é que os torcedores paraibanos não sejam considerados merecedores de testemunhar ao vivo o auge da carreira dos “melhores do mundo”, hoje talvez ainda mais do que em 1969. Ironicamente, uma recontagem realizada em 1995 pelo Jornal Folha de São Paulo sobre a carreira de Pelé resgatou um gol que o atacante fizera contra o Paraguai em 1959, no Campeonato Sul-Americano Militar, quando ele prestava o serviço militar obrigatório (Agostino, 2002: 159). Demonstrativo da arbitrariedade do esforço em quantificar a atuação de um bom

jogador de futebol, a recontagem também não pôde transformar em alegria as vaias dos paraibanos que se sentiram desmerecidos em 1969.

19 de novembro foi convencionado como o Dia da Bandeira no Brasil. Segundo a descrição de Pelé, os times do Santos e do Vasco “entraram carregando o pavilhão nacional aberto, cada um segurando de um lado. Havia uma banda militar em campo, balões subiram ao céu. O dia era perfeito para uma festa” (Pelé, 2006: 169). E a festa foi feita, com direito à beijos na bola, gritos, rojões e “uma imensa multidão de repórteres”. No momento de seu milésimo gol, que poderia ter dedicado à mãe, Pelé lembrou das crianças do Brasil. As crianças que sofrem com a exclusão social, roubam carros e professam uma ética da malandragem que não pretende atingir os vizinhos (“só estavam roubando carros de São Paulo”). Se é possível argumentar que, ao reivindicar que “precisávamos cuidar das nossas criancinhas”, Pelé constrói um discurso de homogeneização e vitimização semelhante ao de Eduardo Galeano, por outro lado ele se utilizou de um momento de visibilidade pessoal para expor uma questão social grave e, em larga medida, silenciada (pelo menos na época). Ao tratar “sobre os problemas de crescer no Brasil”, o jogador, oriundo de uma família pobre, parece estabelecer um laço de identidade com as crianças em situação de exclusão, apesar de seu interlocutor na autobiografia pertencer a uma classe distinta (como fica claro na afirmação de que “você normalmente daria uns trocados para lavar o seu carro”).

Pertinente frisar, neste sentido, que a autobiografia de Pelé, redigida por Orlando Duarte e Alex Bellos, foi originalmente publicada por uma editora inglesa, sob o título *My Autobiography*, sendo posteriormente traduzida para o português. Um dos mais consagrados e relatados casos de mobilidade social através do futebol, Pelé é uma lenda viva da imagem dos brasileiros no exterior e seu talento e trajetória mobilizam forte componente de orgulho nacional entre os brasileiros (e brasileiras). Segundo Luiz Henrique de Toledo, Pelé simbolizou a ápice da singularidade na tradição do futebol brasileiro. Ponto de convergência de interesses diversos:

Seu corpo vagou pela sociedade em imagens reproduzidas à exaustão nos jornais, revistas, televisões, *banners* nas esquinas, cartazes fixados nos ônibus, *outdoors* pelas vias públicas, placas nos edifícios, figurinhas, decalques e histórias em quadrinhos infantis. Suas formas físicas puderam ser multiplicadas e transfiguradas também no universo simbólico do consumo das mercadorias, fixando, numa estratégia de *marketing* até então sem precedentes no mundo esportivo brasileiro, inúmeras marcas e produtos (Toledo, 2004: 154).

Personificação da brasilidade bem sucedida, a trajetória de Pelé incluiu atuar em uma agremiação estrangeira, no clube New York Cosmos, como parte de um projeto mais amplo para difundir o futebol associação nos Estados Unidos. Sua transferência internacional realizou-se, todavia, após despedir-se oficialmente da seleção brasileira, em 1971, e do Santos Futebol Clube, em 1974 – sem que o “encerramento” de sua carreira no país estivesse diretamente relacionado à negociação com o Cosmos (ao menos publicamente). Neste sentido, apesar de sua fama internacional ter sido fomentada pelo trabalho que fez no exterior, a maior parte de seu percurso profissional foi desenvolvido no Santos e o sua instituição enquanto figura pública estava plenamente consolidada.

Na época em que foi proferida, a frase de Pelé sobre as criancinhas foi extremamente criticada. Dado o contexto político reinante, as acusações de que sua atitude teria sido hipócrita e demagógica são perfeitamente legítimas – se nada mais, Pelé era conivente com a utilização de sua imagem pela Ditadura Militar. Todavia, as críticas são igualmente indicativas de uma espécie de indisponibilidade para escutar as falas dos futebolistas. Pois, se é verdade que os jogadores ocupam um significativo espaço midiático, deve-se reconhecer que não controlam o conteúdo do que é veiculado a seu respeito, pelo contrário. Isto está relacionado, entre outras coisas, ao julgamento depreciativo de boleiros específicos. Uma vez por semana, por exemplo, a Gazeta do Povo, em seu caderno de esportes especial de segunda-feira, elege o “Perna de Pau” das rodadas realizadas no sábado e no domingo, cujos nome e foto são expostos em uma coluna ao lado do nome e da foto do “Craque” eleito pelo jornal. Em sua análise de inspiração foucaultiana sobre o futebol brasileiro, José Paulo Florenzano afirma que: “Os programas esportivos da televisão, no rádio e as páginas esportivas dos jornais encontram-se em boa parte transformados em tribunais nos quais a conduta do jogador, dentro e fora de campo, é classificada, julgada e condenada consoante o ‘padrão de normalização’ imposto no futebol pelas disciplinas” (Florenzano, 1998: 14).

No mesmo sentido, debatendo a partir da teoria da comunicação, Sérgio Monteiro Souto questiona: “Em que outra secção [que não o caderno de esportes] seria permitido a um jornalista, sem passar pelo constrangimento de ser flagrado negando as normas que regem a objectividade, dar nota para o desempenho de jogadores durante uma partida? Ou ainda recorrer, sem pudor, ao uso de adjetivos para nominar de ‘horível’ ou ‘fantástico’ um jogo de futebol?” (2004: 124).

Estratégia utilizada pela Rádio Transamérica, de Curitiba, que, ao final da transmissão de cada partida, realiza uma votação entre narrador, comentarista, repórteres de campo e sonoplasta para escolher o “Banbanban” e o “Bunbunbun” (respectivamente, o melhor e o pior) do jogo.

Justas ou injustas, tais hierarquizações midiáticas são profundamente desrespeitosas com os futebolistas enquanto profissionais e demonstrativas da provação psicológica a que a carreira os submete – especialmente para os que são desmoralizados –, mas não esgotam as produções jornalísticas formuladas à revelia dos atletas. Inclusive quando são diretamente inquiridos, as questões são freqüentemente rituais, quase esvaziadas. Como aponta ironicamente Galeano: “Antes da partida, os comentaristas e cronistas formulam suas perguntas desconcertantes: – *Dispostos a ganhar?* E obtêm respostas assombrosas: – *Faremos todo o possível para obter a vitória*” (Galeano, 2004: 21-2, itálicos no original). Se esta dimensão algo repetitiva é verdadeira por um lado, por outro é forçoso reconhecer a densidade do futebol, universo absorvente que reedita semanalmente dramas, conflitos e conquistas específicos.

Em uma de suas crônicas na Gazeta do Povo, o jornalista Carneiro Neto lamenta: “De vez em quando conseguimos ouvir alguma declaração inteligente no futebol. É coisa rara, incluindo-se aí locutores, comentaristas, dirigentes técnicos e, sobretudo, jogadores” (Carneiro Neto, 10/06/2007: 2). O estigma segundo o qual aos futebolistas falta inteligência pode ser encarado como uma estratégia de desvalorização de suas falas. Comentando sobre uma declaração de um jogador atleticano com a qual concordava, Carneiro Neto conclui que “Alex Mineiro saiu-se bem ao comunicar a preferência em continuar jogando no Atlético mesmo diante do forte assedio [para ser transferido]. O que já foi muito, porque seus colegas não conseguem articular uma frase que não seja lugar-comum, um clichê, uma bobagem. Infantilidades ditas por marmanjos” (Carneiro Neto, 10/06/2007: 2).

A dinâmica de silenciamento dos atletas é ainda mais clara no regimento regulamentar da FIFA a respeito da comemoração de gols: os jogadores estão atualmente proibidos de “tirar a camisa, erguê-la para cobrir o rosto e exibir mensagens religiosas e políticas” (Gazeta do Povo, 07/06/2007: 5). Desde julho de 2007, máscaras, gorros ou qualquer outro adereço que não façam parte do uniforme estão igualmente sujeitos a penalizações através de cartões disciplinares. Muito mais freqüentes são as estratégias de censura do que de incentivo à voz dos jogadores. Até

porque a convergência de opiniões entre jogadores e clube como a alcançada no grupo que ficou conhecido como Democracia Corinthiana é bastante incomum.

Durante a primeira metade da década de 1980, segundo a descrição de Washington Olivetto, “se juntaram no mesmo time cabeças privilegiadas e espíritos insubmissos” no momento em que o grupo de oposição aos “conselheiros que pareciam estar lá, nas mesmas cadeiras, sob o pó acumulado pelo tempo, desde os tempos de Venceslau Brás”³⁴ assumiu a direção do Sport Club Corinthians Paulista (2002: 182-3). Experiência paradigmática da abertura política e social que era realizada ainda sob a tutela da Ditadura Militar, a Democracia Corinthiana questionou simultaneamente a patronagem sobre a vida pessoal dos atletas (deslegitimando, por exemplo, a prática da “concentração” compulsória na véspera dos jogos) e o regime estatal autoritário. Olivetto, que era vice-presidente de *marketing* do clube na época, defende que ela foi um “movimento sociopolítico-esportivo”, além de tudo bem sucedido dentro de campo, conquistando o bicampeonato paulista em 1982 e 1983. “[I]magina aquela galera toda aplaudindo um time de massa que entra em campo com ‘Democracia’ estampada na camisa. A CBF acabava de autorizar anúncio nas camisas (...), e o Corinthians (confesso que ajudei nisso aí) decidiu anunciar o produto que andava mais em falta no Brasil” (Olivetto, 2002: 185).

Sócrates Brasileiro Sampaio de Sousa Vieira de Oliveira foi um dos jogadores mais destacados a integrar a Democracia Corinthiana. Segundo Alex Bellos, “Pelo fato do movimento de Sócrates ter acontecido no futebol – no maior clube de São Paulo – tornou-se um acontecimento público e transbordou para a vida política nacional. A ‘Democracia Corinthiana’ passou a ser um ponto de referência para o debate enfurecido acerca da democratização do regime militar” (Bellos, 2004: 371). Os jogadores tornaram-se figuras públicas em defesa da campanha pela realização de eleições presidenciais. Além de estamparem slogans “subversivos” em seus uniformes, os integrantes da Democracia Corinthiana tentaram mobilizar as transferências internacionais como barganha política em favor da oposição ao regime. Ainda de acordo com Bellos: “Em 1984, aos 34 anos, [Sócrates] discursou num comício para um milhão e meio de pessoas. Fez uma promessa: caso o congresso aprovasse a emenda constitucional para o restabelecimento das eleições directas para a Presidência da República, que seria votada alguns dias depois, ele não aceitaria uma

³⁴ Venceslau Brás foi presidente do Brasil entre 1914 e 1918.

oferta para jogar em Itália. A emenda não foi aprovada. Sócrates seguiu para a Fiorentina” (Bellos, 2004: 371). Nem a transferência de Sócrates nem a dissolução da Democracia Corinthiana interromperam o processo de abertura política do país, mas o evento é significativo para acessar as representações sobre as transferências internacionais: a cartada de Sócrates partia do princípio de que sua estadia era desejada no país.

Se por um lado, a Democracia Corinthiana revela que a esfera futebolística não estava unanimemente e em bloco a favor da Ditadura, por outro chama a atenção para o potencial de mobilização intrínseco ao futebol, potencial que está atualmente, quase que em sua totalidade, voltado para a promoção do consumo. Aos jogadores cabe portar os anúncios publicitários nos uniformes que emolduram seu corpo, mas não divulgar assuntos de interesse pessoal, sejam eles uma fé determinada, uma perspectiva política ou “as criancinhas do Brasil”.

A visibilidade é uma questão geopolítica para todos os agentes envolvidos com o futebol, sendo portanto objeto de disputa sujeita a inúmeras estratégias (explícitas ou veladas) que afetam diretamente a carreira dos jogadores. Neste sentido, Fagner Carniel descreve a situação de Juliano, boleiro oriundo de Dois Vizinhos, município com pouco mais de 30 mil habitantes do interior do Paraná, filho de agricultores familiares e “que sempre reclamava do salário e de trabalhar muito longe de casa” (2007: 91). Alocado como jogador reserva do Avaí Futebol Clube, de Florianópolis, o sonho de Juliano era “jogar no Rio ou em São Paulo”, em clubes considerados “grandes” e “com estrutura moderna”. Apesar de almejar viver mais próximo de seus pais e de ter recebido propostas do Dois Vizinhos Esporte Clube (pertencente à segunda divisão do campeonato paranaense), ele seguia as recomendações de seu agente/empresário, para quem “não era uma boa estratégia profissional atuar em um time do ‘interior’ (pequeno) porque ‘ninguém vê você jogar’”. Nas palavras de Juliano: “os times do interior não aparecem na televisão, a não ser quando é para falar mal dos salários ou das condições do clube” (apud Carniel, 2007: 91). Assim como a maioria dos futebolistas entrevistados para a realização desta pesquisa, o duovizinhense se esforça por mobilizar a visibilidade a favor de sua carreira. O faz, todavia, de uma posição subordinada – fadado como está a disputar espaço com outros jogadores em clubes “grandes”.

Revelador da necessidade de estar “em exposição” são das recomendações formuladas por Raí³⁵ em seu livro (escrito em parceria com Soninha e Milly Lacombe) destinado aos aspirantes: “Se este livro tivesse de escolher apenas uma dica para dar a você, ela seria essa: o importante é entrar em campo, seja aonde for” (2005: 54). Este conselho é repetidamente enfatizado. Se, por um lado, ele está diretamente relacionado com o aperfeiçoamento da capacitação profissional (jogando, treina-se), por outro, ele é um indicativo da visibilidade como sendo imprescindível para a carreira de boleiro. “[O] importante, no início, é estar em atividade, disputando campeonatos, tendo a possibilidade de jogar e de *ser visto*” (2005: 49, itálicos adicionados). Argumentando que há no Brasil uma extensa rede de “olheiros”, encarregados de identificar e recrutar jogadores, os autores defendem que “se você for realmente bom, será faltamente encontrado”. Ser “encontrado” (ou *visto*) significa ter acesso às colocações privilegiadas, localizadas nos clubes “grandes”. Uma vez estabelecido em tais agremiações, um jogador estará “fatalmente” nas manchetes, preferencialmente em valência positiva, como “Banbanban”.

Sérgio Souto demonstra de que maneira a conformação do universo jornalístico, seguindo critérios de noticiabilidade como o quantitativo de fãs/torcedores, acarreta na eleição de um número reduzido de agentes e agremiações cujos rumos e propósitos são acontecimentos midiaticizáveis. Em suas palavras: “Uma pesquisa que medisse o número de vezes em que jogadores são citados no noticiário esportivo da mídia em geral constataria a existência de um círculo vicioso. Como a objetividade jornalística define critérios que transformam um número restrito de jogadores em ‘mais noticiáveis’, a elevação desse círculo à categoria de atores dos acontecimentos de rotina, restringe e, não raro, anula a possibilidade de acesso a outros sujeitos” (Souto, 2004: 129). Trata-se de um processo que reafirma e realimenta o status dos “melhores” atletas atuando nos “melhores” clubes e que está diretamente relacionada à geografia futebolística.

A visibilidade diferenciada proporcionada pelas diversas especialidades do jogo são captadas com humor por uma charge de Tiago Recchia de “Los Tres Inimigos”. Personagens representativos das três maiores agremiações curitibanas (Coritiba de verde e branco; Paraná Clube de azul, vermelho e branco e Atlético de

³⁵ Raí Souza Vieira de Oliveira foi jogador “de destaque” durante a década de 1990, atuando no São Paulo Futebol Clube, no Paris Saint-Germain Football Club e na seleção brasileira durante.

preto e vermelho) olham de soslaio para as agremiações paulistas: São Paulo (branco, preto e vermelho) e Palmeiras (verde), que atuam em uma tela significativamente maior do que a destinada ao futebol paranaense. Trata-se de uma desigualdade relacionada à disparidade regional brasileira e à existência de um “Norte-interno”, cujo centro é o Sudeste, que sustenta dinâmicas de poder e exploração com outras áreas geográficas, inclusive no futebol.



(RECCHIA, 26/05/2007: 1)

Para um jogador do Avaí, a perspectiva de ser transferido para agremiações do Rio de Janeiro ou São Paulo representa uma promoção – midiática e salarial – similar à transferência de um jogador do Rio de Janeiro ou São Paulo para os clubes das primeiras divisões italiana ou espanhola, por exemplo. Seguindo a analogia de Recchia, o futebol europeu próspero teria provavelmente o tamanho de uma tela de cinema no comparativo midiático global. Isto é transparente na narrativa construída por John Carlin sobre “os bastidores do Real Madrid” em *Anjos Brancos à beira do inferno* (2006). Jornalista internacional, além de cronista esportivo, Carlin introduz seu livro com a descrição de uma viagem feita ao Quênia em 2003: “Eu fui à África escrever sobre a epidemia de AIDS, mas as pessoas só queriam saber de David

Beckham e Real Madrid (...), a transferência do jogador de futebol mais glamouroso do mundo para o clube mais glamouroso do mundo” (2006: 16). Narrando um debate travado por seus companheiros de jornada em um ônibus que percorria Nairóbi a caminho da favela do Majengo, ele defende que “exatamente a mesma conversa” sobre os últimos acontecimentos no Real Madrid Club de Fútbol, da Espanha, estaria sendo travada por “todo o planeta Terra”: “sentado naquele ônibus, pensei que a discussão que eu estava acompanhando com toda a certeza estava sendo reproduzida não apenas em cada esquina da Espanha, não apenas em todas as outras partes do Quênia e da África, mas por todo o mundo – na França, na Alemanha, no Japão, na Rússia, na China” (2006: 17).

Seu espanto frente ao diálogo dos quenianos sobre o Real Madrid se relaciona, por um lado, ao estereótipo da África como local de ignorância. A representação caracteristicamente negativa do continente, tomado enquanto espaço homogêneo, é patente em sua afirmação sobre a “imundície sórdida que eu tinha visto naquela manhã em Majengo” (2006: 22). Carlin constrói, por outro lado, uma imagem do futebol mundial na qual todas as atenções estão voltadas para o “centro” europeu. Obviamente contestável, sua perspectiva é sustentada pela crença “partilhada pela maioria dos *connoisseurs* de futebol, eu suponho – de que o campeonato espanhol era o melhor do mundo” (2006: 23). E o era por concentrar os melhores jogadores do mundo.

O livro de Carlin se dedica especialmente à temporada 2003/2004, durante a qual a polêmica gestão de Florentino Pérez à frente do Real Madrid deu continuidade à política de despender somas exorbitantes na contratação de ídolos do futebol. Luis Figo, Zidane, Ronaldo e, na ocasião comentada em Nairóbi, David Beckham, passaram a fazer parte do elenco do clube com base em uma estratégia que Carlin descreve como sendo uma “forma revolucionária de administrar o futebol” (2006: 19). Seguindo a lógica de contratação de “estrelas” que rege grande parte da produção cinematográfica em Hollywood (conforme a comparação estabelecida no livro), para Florentino Pérez: “se você comprar os melhores jogadores, os melhores de todos, você vai ganhar no final, porque eles se pagam” (apud Carlin, 2006: 19).

O aumento no faturamento que os *galáticos*, como eram chamados os jogadores milionários do Real Madrid, propiciaram ao clube (em conjunto com uma violenta estratégia de *marketing* voltada para o mercado internacional, notadamente o asiático), fez da agremiação espanhola o clube mais lucrativo do mundo. “Mais do

que a passageira felicidade da vitória, o que o Real Madrid aspira fazer é atingir um pouco da duradora qualidade da arte, algo que toque as pessoas em *todos* os lugares, *sempre*” (2006: 20, itálicos adicionados). A convergência dessa perspectiva globalizadora com a fama dos jogadores aclamados reforça a imagem do Real Madrid como “o clube mais glamouroso do mundo”. A narrativa de Carlin é, em larga medida, uma tentativa de justificação da incapacidade do Real Madrid em conquistar o primeiro lugar em qualquer um dos campeonatos que disputou durante a temporada 2003/2004 – a despeito do investimento feito para a congregação dos *galáticos*.

Na ocasião em que Beckham desembarcou em Madrid para assinar seu contrato, uma indústria automotiva que estava em processo de negociação para se tornar a fornecedora oficial de carros ao Real Madrid providenciou três automóveis para serem utilizados pela comitiva do atleta em seus deslocamentos pela cidade durante os dias 1º e 2 de julho de 2003. Em meio ao frisson midiático que acompanhou a transferência de Beckham, o carro “em que circulou estava o tempo todo na televisão e nas fotos de jornais em toda a parte” (Carlin, 2006: 76). O presidente da empresa, ao comentar sobre este evento, calcula que “para pagar tal quantidade de publicidade, teríamos primeiramente que vender a empresa! (...) Nem o Papa nem o presidente dos Estados Unidos, nem qualquer um em quem eu possa pensar poderia nos dar uma publicidade como aquela” (Carlin, 2006: 77). É este potencial de visibilidade que tem feito dos clubes de futebol (e dos futebolistas que se tornam personagens midiáticos) uma das esferas de concentração dos interesses de divulgação de empresas – distribuídas, claro está, em estratos hierárquicos conforme seu poder mercado.

O “perfil” do Real Madrid, tal como é vendido para seus parceiros de *marketing*, incorpora “idéias de elegância, estilo e classe”. O clube seria “naturalmente aristocrático” e um definidor da “*Españolidad*” (ainda que talvez fosse mais honesto dizer “*Castellanidad*”). Trabalhando a partir de entrevistas, Carlin reproduz em sua obra uma perspectiva que legitima a pretensão expansionista do clube a partir da tradição colonialista do país. Neste sentido, um “jornalista conhecido” de Madri teria afirmado: “Não se esqueça de que, desde que a Espanha comandou os mares no século XVI, desde o tempo de Felipe II, o Real é a maior coisa que a Espanha produziu em termos de alcance internacional. O que o Real faz pelos espanhóis é suprir um desejo nostálgico de, de alguma forma, recuperar aquelas glórias imperiais” (apud Carlin, 2006: 78-9). Mesmo sendo difícil concordar que

todos os torcedores do Real Madrid o sejam por razões “psico-históricas”, é relevante que um embaixador da Espanha nas Nações Unidas, Inocencio Arias, “também gosta[sse] muito de estabelecer relações entre Felipe II, o grande rei imperial do século XVI e os soldados estrangeiros na armada do Real Madrid” (2006: 79). Trata-se de uma estratégia de reivindicação da história que visa legitimar a “superioridade” da agremiação espanhola e, por corolário, do futebol “europeu”. Afirmações deste calibre põe a descoberto a dimensão geopolítica do futebol contemporâneo e sua mobilização para reforçar (tanto simbólica quando economicamente) as desigualdades financeiro-futebolísticas nacionais.

A hierarquia da visibilidade no futebol é diretamente proporcional à arrecadação dos clubes, que por sua vez determina os salários concedidos aos jogadores. As verbas televisivas e oriundas de patrocínios estão, com efeito, relacionadas ao inflacionamento do salário dos atletas observado nas últimas décadas, especificamente na Europa “central”, com a entrada agressiva das televisões por assinatura e a escalada dos valores de parcerias de *marketing*³⁶. No contexto brasileiro, e talvez latino-americano, as folhas salariais dos clubes aumentaram de valor, ao menos em parte, na tentativa (frustrada) de acompanhar o mercado europeu, visando manter postos de trabalho minimamente atraentes para os jogadores que “se destacam”. De forma paradoxal, na atualidade, os altos salários pagos aos futebolistas que permanecem no Brasil são mantidos com a arrecadação proveniente da exportação de outros jogadores.

Em sua obra sobre a globalização do esporte, Joseph Maguire aponta que as fontes de rendimento tradicionais (como as receitas de bilheteria e a patronagem política) declinaram seu percentual de participação na arrecadação total das organizações desportivas. Ele denomina a inter-relação entre os meios de comunicação e o esporte de alto nível de “complexo global midiático-esportivo” e observa que esta é a origem de uma parcela substancial das novas fontes de recursos. “As organizações esportivas têm que garantir exposição suficiente para si mesmas a fim de estarem visíveis no mercado de patrocínios e promoções. A cobertura

³⁶ “Em um mercado de trabalho competitivo, em que os clubes disputam os jogadores, cada clube está disposto a pagar pelo jogador (em valor de transferência + salários) o equivalente ao valor presente da receita marginal que aquele jogador gerará ao clube, sob a forma de maior bilheteria, maior exposição da marca, maiores valores de TV etc. Embora essa receita marginal seja de difícil estimação, é certo que ela cresceu dramaticamente em função do aumento exponencial das receitas dos clubes europeus, sendo inevitável que grande parte disso tenha sido repassado aos jogadores, sob a forma de maiores salários e valores de transferência” (Diniz e Cesar, 1999: 30 apud Proni, 2000: 236).

mediática assegura isso” (1999: 150, tradução livre). Reconhecendo as relações desiguais de poder embutidas no complexo global midiático-esportivo, Maguire salienta que grande parte das organizações desportivas “têm pouco ou nenhum controle sobre a natureza e a forma como ‘seus’ esportes são televisionados, relatados ou noticiados” (1999: 150, tradução livre). Neste sentido, a dependência com relação à mídia, que tem aumentado com o tempo, representa uma espécie de subordinação aos padrões de divulgação vigentes no meio do entretenimento.

De acordo com Marcelo Proni (2000), a formação de uma rede federativa de dimensões mundiais, com torneios e campeonatos transnacionais, precede o contexto de mercantilização mais acentuada do futebol que se deu através de sua intersecção com a indústria do entretenimento. O advento das relações mercantis, por sua vez, com a “inflação de custos”, desestabiliza o modelo de gestão amadora e exige um planejamento orçamentário baseado em administrações empresariais “racionalis”. Os “novos dirigentes” partilham da racionalidade lucrativa, mas não rompem com as estruturas de poder vigentes, sendo incapazes de alterar, por exemplo, os estatutos das federações internacionais. Na interpretação de Proni, esta é uma das contradições mais acentuadas do futebol contemporâneo.

Outro aspecto salientado por Proni diz respeito ao espaço dominante de formulação das tendências no desenvolvimento futebolístico, que se localiza nos principais centros da Europa. A reconfiguração da organização esportiva europeia serve como paradigma para os projetos de modernização em outros países, especialmente aqueles nos quais o futebol é internacionalmente competitivo, como é o caso do Brasil. O formato hegemônico de gestão no futebol é o dos clubes europeus multimilionários, cuja metodologia administrativa moderna e/ou profissional deveria ser “assimilada” pelos demais espaços futebolísticos mundiais. O discurso em favor dos agentes FIFA se apropria de argumentos deste calibre contra os empresários “clandestinos”. Se é certo que existe um maior grau de responsabilidade e transparência em algumas das agremiações do Norte, em especial aquelas cujo capital é negociado em bolsas de valores, nem por isso essa construção de um modelo “mais” desenvolvido deixa de ser profundamente hierarquizante. Além disso, tal apropriação dos princípios “modernos” não necessariamente resulta favorável para os países periféricos. Assim como em nível internacional, a “modernização” do futebol brasileiro resultou no aumento da desigualdade de distribuição de renda tanto entre clubes como entre atletas. No esforço por seguir o modelo europeu (e tentando manter

um mínimo de poder de controle nas transferências internacionais), os clubes com capacidade de atrair patrocínios elevaram em até 200% duas folhas de salários ao longo da década de 90, de acordo com as estimativas de Proni. Os clubes “menores”, por sua vez, sofrem perpetuamente com a possibilidade de falência e dissolução.

Em paralelo, a dicotomia tradição x modernidade que perpassa a história do futebol, tanto na atuação dos agentes envolvidos como dos teóricos que se debruçam sobre a temática, precisa ser rigorosamente localizada, pois apesar da constância dos termos e das valências a eles atribuídas, seus conteúdos foram completamente transmutados ao longo do tempo. Nas palavras de Proni: “Quando foi introduzido, o modelo amador elitista era um signo da modernidade; nos anos vinte, tornou-se a bandeira do conservadorismo. Da mesma forma, a ‘ética dual’ foi entendida como o modelo perfeito para a democratização do futebol durante décadas; depois se tornou, nos anos noventa, não só um modelo ultrapassado, mas a própria encarnação do atraso. E a presença de interesses comerciais na organização do esporte, que era vista como prejudicial nos anos sessenta, foi eleita recentemente como sua redentora” (2000: 169). Os signos de “modernidade”, em todos os exemplos dados por Proni, tem uma clara origem geográfica (o futebol “europeu”), denotando a hegemonia existente na estruturação mundial do jogo.

Se o futebol serve para mobilizar uma imagem positiva do Brasil e inventar tradições sobre a nação, é pertinente salientar que ele é também metáfora para críticas dos mais diversos matizes, em sua maioria fundadas em concepções pessimistas que declaram o “atraso” do país. O historiador Hilário Franco Júnior, por exemplo, afirma que “o papel central do futebol deve-se ao fato de nele depositarmos o orgulho e a esperança que não temos em relação a outros assuntos” (2008: 2). De acordo com sua perspectiva, o Brasil sofre de uma “esquizofrenia nacional”: “Desde a infância aprendemos e aceitamos jogar futebol dentro das regras e de acordo com nossa capacidade, enquanto em outros setores da vida social não estamos dispostos a jogar o jogo, a nos submeter a regras, a ter a preparação e a disciplina necessárias ao sucesso” (Franco Júnior, 2008: 2). Este caráter nacional “flexível” e “lúdico” explicaria o destaque brasileiro “no futebol, mas também no carnaval, na música, na sonegação, na corrupção” (2008: 2). Franco Júnior entende que estes “são traços de uma sociedade ainda colonial, em certos sentidos mesmo medieval, que, longamente enraizados, dificultam a modernização do país” (2008: 2). Construída sobre uma concepção linear de história, a interpretação de Hilário localiza o “sub-desenvolvimento” da sociedade

brasileira em uma dimensão temporal, sendo pretensamente causada pela especificidades do país, cujo caráter “flexível” e “lúdico” o incapacitaria para a disciplina e o sucesso. Tais concepções sobre “atraso”, contraposto a um estereótipo de modernidade como destino, obscurecem a dimensão espacial da desigualdade e descaracterizam o caráter pós-colonial do mundo contemporâneo.

A transformação do futebol em grande negócio na era da globalização exacerbada as desigualdades entre clubes tanto intra-países como na configuração internacional. Uma vez que o principal gasto das equipes é com aquisição e salários de futebolistas, sendo uma “indústria intensiva de mão de obra” (Diniz e Cesar, 1999 apud Proni, 2000: 236.), a consequência mais direta da concentração acentuada de recursos é a atração dos melhores jogadores do mundo para os campeonatos de clubes europeus – atração esta retroalimentada pelos salários mais altos e pelas exigências de/do público. Para além disso, no caso brasileiro, a fragilidade financeira dos clubes, acentuada pela recessão econômica da década de 1980, colocou-os em uma situação na qual não eram mais capazes de manter, nas palavras de Proni, “parte importante de seu patrimônio líquido: os ‘passes’ de seus melhores atletas” (2000: 148). A desvalorização da moeda brasileira, então como agora, torna relativamente barata a contratação de jogadores por clubes estrangeiros dos países do Norte. Todavia, como ressalva Proni, não é possível fazer uma relação direta entre a conjuntura econômica do momento e as transferências de atletas: “as equipes brasileiras sempre estiveram propensas a vender seus principais jogadores e os atletas sempre foram seduzidos pelos salários e vantagens oferecidos por times estrangeiros” (2000: 152).

Está claro que o endividamento crônico das agremiações brasileiras não pode ser tributada unicamente à recessão econômica, mas a condição de devedor deve ter tido alguma importância para o estabelecimento de um círculo vicioso no qual os gastos elevados (e os juros) são sanados com a venda de atletas para o estrangeiro. Proni defende que por volta de 1987 e 1988 houve uma aceleração sem precedentes da emigração de jogadores brasileiros. A grande diferença desse momento para os precedentes, além da escalada dos salários de jogadores na Europa, foi que, se inicialmente o comércio de passes se restringia aos futebolistas de grandes clubes e/ou com passagens pela seleção nacional, nessa época o mercado internacional de atletas expandiu-se para incluir os jogadores “promissores”, ou (ainda) não consagrados. “A estratégia de sobrevivência das ‘grandes equipes nacionais’, nesse aspecto, tornara-se semelhante à dos pequenos times do interior” (Proni, 2000: 151).

Constrói-se, assim, uma imagem piramidal da dinâmica futebolística em nível nacional e internacional – no qual base e topo não são esferas desconectadas, antes intimamente interligadas em relações de dependência recíprocas. Com efeito, como afirma Proni, “se estas tradicionais (e ultrapassadas) formas de organização do futebol ‘profissional’ sobrevivem, é porque interagem, de algum modo, com o segmento moderno” (2000: 172). Ora, esta interação é predominantemente realizada dentro do processo de seleção e treinamento de atletas, sustentada, em larga medida, pela quantidade de jovens brasileiros dispostos a se tornarem jogadores de futebol. Segundo Proni: “a maioria dos times do país só persiste porque existe no imaginário dos adolescentes pobres o sonho de um dia virar um Ronaldinho, um Rivaldo, um Marcelinho” (2000: 172).

Por outro lado, como afirma Maguire, a despeito da existência de agentes poderosos que visam controlar e regular o sistema esportivo global, ele “possui uma dinâmica relativamente autônoma que não é dominada por nenhum grupo específico” (1999: 151, tradução livre). Observação semelhante pode ser feita a respeito da(s) mídia(s) e este é um aspecto crucial para que a expressão esportiva/midiática de um espaço “periférico” não seja tomada como mero reflexo distorcido e diminuído das imagens hegemônicas provenientes do “centro”. Em outras palavras, apesar da tela destinada ao futebol paranaense ser comparativamente menor ao espaço concedido à Beckham e ao Real Madrid, isto não torna menos prepotente a afirmação de Carlin de que, em junho de 2003, Beckhan fosse “o” assunto em todas as esquinas do mundo. Acatando a ressalva de Maguire, convém localizar tal perspectiva em meio às relações de poder esportivas, imersa como está em interesses e estratégias competitivas – não restritos ao campo de jogo. Trata-se, seguindo a terminologia de Boaventura de Sousa Santos (2001), de um “localismo (castellano) globalizado” – ou a tentativa de tornar hegemônica uma distribuição geo-midiática do futebol que tem a Europa como centro difusor.

A despeito de Carlin e do Real Madrid, a dinâmica da produção midiática curitibana – para utilizar o exemplo do espaço onde esta pesquisa foi realizada – se desenvolve de acordo com uma lógica própria, local. Neste sentido, são reveladoras as declarações de Júlio T. (Julinho). Jornalista que se dedica há aproximadamente treze anos à área desportiva e trabalhou em diversos meios de comunicação impressos, Julinho me concedeu uma entrevista reveladora sobre os critérios de noticiabilidade aplicados à cobertura esportiva na Tribuna do Paraná, jornal em que está atualmente

empregado. Explicando o funcionamento das editorias do jornal, ele afirma que, não obstante a designação eventual de alguns profissionais para reportar esportes radicais, amadores, basquete, vôlei, etc., o foco primordial do jornal é o meio futebolístico – em suas palavras: “basicamente a gente fica ligado ao futebol e ao futebol local”. O fato do futebol ocupar mais da metade dos cadernos “esportivos” é amplamente conhecido. Isto exige criatividade por parte dos jornalistas, para evitar “ficar se repetindo pro leitor”. De acordo com Julinho, é necessário “estar na rua” e desviar-se da lógica “treino-treino, jogo-jogo”, que restringe as fontes de informação.

Por outro lado, ele argumenta que a densidade própria do futebol assegura a renovação constante das temáticas a serem publicadas: “sempre tem situações diferenciadas de um jogo pro outro. Por mais que seja o mesmo time, o adversário é diferente. A situação tática do adversário é diferente, tem vários componentes, o cara está contundido, no outro pode ser gol, o cara está num grande momento. Clássico, muitas vezes, um Athletico, Paratiba, Atlético e Paraná, você sempre tem essas coisas, essas rivalidades dos dois lados”. Neste sentido, e corroborando a interpretação de Mascarenhas, segundo a qual a disseminação geográfica do futebol Brasil proporcionou o desenvolvimento de clássicos locais, Julinho enfatiza a importância das disputas entre clubes da cidade: Atlético x Coritiba (Athletico), Paraná x Coritiba (Paratiba) e Atlético x Paraná. Ele argumenta que “são várias [as] situações. (...) E aí eu acho que o futebol é isso, o esporte é isso... São, são fatores de várias histórias”.

Julinho descreve a realidade de um clube do interior do Paraná, o Matsubara, do município de Cambará, que negocia diversos jogadores com clubes do Vietnã. “A gente vê jogador do Matsubara – que era uma mina pra clubes no Vietnã – se você falar pra eles: ‘você acompanha o campeonato do Vietnã?’ Eles nem sabem o que se joga no Vietnã. Quais são os times?” Apontando a existência de visibilidades diferenciadas para os campeonatos nacionais estrangeiros, ele conclui: “Claro, se você for procurar você vai achar, né? Mas não é tão comum. E aos caras vinham buscar jogadores aqui. Oferecendo não sei em que condições e tal. Mas os caras iam. Se tem alguém interessado em jogar lá fora e se tem uma oportunidade, o cara vai pra tentar ser melhor remunerado, né?” No que diz respeito às transferências internacionais, Julinho critica o fato de poucos jogadores terem o esclarecimento necessário para negociarem seus próprios contratos, perpetuando a dependência para com os empresários: “Os intermediários acabam ganhando muito mais do que os próprios donos do espetáculo, que são os jogadores e os clubes que formam esses jogadores. E

por aí ficamos numa roda viva, né?” A transação de atletas, além de ser uma importante fonte de rendimento para os clubes brasileiros, constitui uma pauta relevante para os jornais, na medida em que interessa aos leitores/torcedores.

Se é possível identificar uma dimensão propriamente local dos critérios de noticiabilidade, também é inegável que o espaço televisivo/jornalístico destinado ao futebol espanhol, italiano, inglês, francês ou português aumentou de modo considerável no Brasil durante a última década. Um/a telespectador/a que não possua televisão por assinatura, por exemplo, pode acompanhar os jogos do Campeonato Italiano na programação de um canal aberto aos sábados de manhã – o Campeonato Russo, em compensação, não poderia ser visto sequer na televisão paga. Neste mesmo sentido, aumenta a presença de camisas de clubes estrangeiros entre os brasileiros, especialmente jovens, e alguns analistas prevêm a difusão da filiação clubística à agremiações internacionais no país como uma tendência em processo de acentuação (Seitz, 2007). Obviamente, tais projeções de futuro não se referem a quaisquer clubes, mas em específico àqueles que participam da *Liga dos Campeões*³⁷. São poucas as vozes, jornalísticas ou acadêmicas, que criticam diretamente a construção do futebol europeu como o “melhor do mundo”. Apesar disso, tal discurso de hegemonia é apropriado de uma maneira muito específica que, se legitima a superioridade de uma certa Europa, simultaneamente glorifica os jogadores brasileiros que são bem sucedidos no exterior. Um caderno de esportes aleatório da Gazeta do Povo apresenta os resultados da rodada de seis campeonatos nacionais estrangeiros. Além das tabelas de todos os jogos, as notas destacadas pelo jornal têm o seguinte conteúdo:

INTERNACIONAL

CAMPEONATO INGLÊS – GEBRA AZUL NA PONTA

O *brasileiro* Giovanni foi o responsável pela maior surpresa do futebol mundial no fim de semana. O atacante marcou o gol da vitória do surpreendente City sobre o United no clássico de Manchester. (...)

SUPERCOPA DA ITÁLIA – ÁESTA ROMANA EM MILÃO

De Rossi (e) e Aquilani, da Roma, não se intimidaram e bateram o Internazionale por 1 a 0 (...), conquistando a Supercopa da Itália. Cobrando pênalti, De Rossi marcou o gol da vitória *que fez os brasileiros* Doni, Mancini, Taddei e Juan celebrarem o primeiro título da temporada na Bota.

CAMPEONATO ALEMÃO – EÁVAROS DE ALMA LAVADA

O Werden Bremen, do goleiro Wiese e *do brasileiro* Diego, é a decepção do início da temporada alemã. O Alviverde somou só um ponto em dois jogos.

³⁷ Reportagem da Gazeta do Povo, sob o título *Marketing e êxodo criam geração de fãs “europeus”*, argumenta: “Cada vez mais, os jovens torcedores migram suas atenções para fora das fronteiras do campos nacionais. O melhor futebol do mundo – o brasileiro – continua atraindo, menos quando jogado deste lado do Oceano Atlântico” (Gazeta do Povo, 20/05/2007: 1).

Já o Bayern de Munique, *de Zé Roberto*, goleou os rivais no sábado por 4 a 0 e lidera.

SUPERCOPA DA ESPANHA – PEMPERO *BRASILEIRO* EM MADRI

O Santiago Bernabéu lotado com mais de 120 mil merengues e o Real Madrid não foram adversários para o Sevilla, ontem, no jogo de volta da Supercopa da Espanha. A vitória de 5 a 3 (...), deu *ao time de Adriano*, Luís Fabiano, Renato e Daniel Alves o título.

CAMPEONATO FRANCÊS – AOB A REGÊNCIA DE GRAFITE

Com o gol *do brasileiro* Grafite, o Le Mans empatou por 1 a 1 com o Lille e assumiu a liderança do Campeonato Francês (...)

CAMPEONATO PORTUGUÊS – RMÉM

O atacante Quaresma fez os dois gols da vitória por 2 a 1 do Porto sobre o Braga na abertura do Português, nos sábado (Gazeta do Povo, 20/08/2007: 15, *itálicos adicionados*).

É pertinente ressaltar que o Caderno Esportivo da Gazeta do Povo limita sua seção “Internacional” a seis nações européias, transformando em ausência os campeonatos disputados em outros países e continentes, incluindo o famoso futebol argentino. Para além dessa seleção específica, que reforça a hegemonia do “centro” futebolístico global, causa impressão as estratégias literárias utilizadas para narrar os desdobramentos dos campeonatos. Tão somente no caso português a presença de jogadores conterrâneos no exterior não foi objeto de destaque – seja ele feito salientando a atuação de futebolistas transferidos ou utilizando-os como referência para identificação de clubes. Neste mesmo sentido, um título no alto da última página do Caderno de Esportes da Gazeta do Povo de 18 de setembro de 2007 estampava: “Europa exhibe estrelas do futebol brasileiro” (Gazeta do Povo, 18/09/2007).

A importância da proximidade com o público como um dos principais critérios de noticiabilidade ajuda a explicar esta configuração. Mas ela está também inserida em uma ordem de discurso mais ampla, que diz respeito à reivindicação de uma identidade compartilhada pelos jogadores de futebol brasileiros – passível de ser mobilizada como símbolo da nação. O fato “do Brasil” (ou antes, de um selecionado de jogadores nacionais) ter sido o time vitorioso em cinco das dezoito Copas do Mundo da Fifa realizadas até o presente, contribui sobremaneira para a construção da imagem do “país do futebol”. A mobilização política do futebol igualmente fomentou este investimento identitário: na Copa do México (1970), os “cartazes de propaganda do regime confundiam-se com o sucesso do escrete nacional” (Franco Júnior, 2007: 143). Como foi argumentado, o regime militar apropriou-se do futebol de forma paradigmática, mas não foi único neste intento – outros governos, antes e depois, também se esforçaram por fazer a bola correr a seu favor. Paralelamente, a

reivindicação do futebol (e seus jogadores) como indicador de brasilidade é uma representação que ultrapassa a esfera política e que já estava em formação antes mesmo de uma seleção brasileira ter conquistado qualquer Copa do Mundo. Realizando uma investigação dos discursos sobre o estilo de jogo nacional, Hugo Lovisolo e Antônio Jorge Soares afirmam que “a narrativa sobre a cultura ou o tipo de civilização a ser construída confundia-se com as narrativas sobre o que é e o que deve ser o futebol, o Brasil e os brasileiros” (Lovisolo e Soares, 2003: 134). Segundo estes autores, a metáfora do futebol para a idealização do país constituía-se a partir: “a) do mundo civilizado europeu, que deveria modelar a jovem nação; [e] b) da cultura singular que aqui havia se instalado e se estava construindo, como corresponde a uma nação original” (Lovisolo e Soares, 2003: 134).

Tornar o Brasil “o país do futebol” foi, e continua sendo, um projeto nacional comparável ao de modernização através da industrialização – e imensamente mais bem sucedido. Neste sentido, destaca-se a atividade de um grupo de “jornalistas e intelectuais de alto capital social que militaram pelo futebol criativo dos jogadores de origem popular” no Rio de Janeiro durante as décadas de 30 e 40 (Lopes, : 112). Tendo como interlocutores Mário Filho, Ari Barroso e José Lins do Rego, Nelson Rodrigues elaborou um conjunto de crônicas incomparável, tanto em sua insistente doutrinação sobre a superioridade brasileira no futebol quanto no valor literário de sua obra.

Em 1956, dois anos antes do time brasileiro se sagrar campeão mundial pela primeira vez, ao comentar sobre um jogo amistoso realizado no Maracanã, Rodrigues afirmava: “Para mim, que me considero um objetivo, um isento, um imparcial, a batalha de ontem, contra os tchecos, demonstrou, precisamente, que nós somos os melhores do mundo, em futebol” (2007: 119). Convém salientar esta vírgula, algo irônica, que separa “melhores do mundo” de “em futebol”. O time brasileiro perdeu o jogo por um gol. Para Rodrigues, isso não prova nada: “Com a nossa estreita e alvar objetividade, temos a mania do resultado. Tudo para nós é o resultado. Os tchecos marcaram um gol e os brasileiros zero, logo os tchecos são melhores. Mas semelhante raciocínio é de uma inenarrável estupidez” (2007: 119). Descrevendo os lances do jogo e reivindicando, na esteira dos cronistas europeus, a importância do time tcheco (que acabara de vencer a consagrada seleção húngara com Puskas), Rodrigues conclui que “embora derrotados, jogamos mais do que os melhores do mundo. Portanto, somos os tais” (2007: 120).

Rodrigues transformou a afirmação da superioridade dos jogadores brasileiros em uma profissão de fé e criticava abertamente os cronistas que não a compartilhassem. Sobre a conquista do Campeonato Pan-Americano de 1956, realizado na Cidade do México, afirmou que os “correspondentes brasileiros, que estavam no México, deviam mandar, de lá, telegramas rimados, unguídos de histerismo cívico. Mas, como estamos em crise de Bilacs, o fabuloso triunfo só inspirou mesmo uma pífia correspondência, que nos enche de humilhação patriótica e vergonha profissional” (2007: 62). A elevação do futebol à questão nacional está imersa, para Rodrigues, na narrativa jornalística – e esta deve responsabilizar-se por torná-lo emocionante: “Os cronistas patricios teriam que dizer, do México, que fomos os maiores, que teríamos papado o próprio escrete húngaro, e que houve, no mínimo, umas 35 bolas na trave. Dirá alguém que seria uma inverdade. De acordo. Mas o fato ganharia em poesia, em ímpeto lírico, em violência dramática” (2007: 23).

A objetividade de Rodrigues tem como pressuposto a maestria brasileira no futebol. Assim, afirma que as “derrotas em campo são meras contingências. (...) O pior, o grave, o irremissível é quando jornalistas e *speakers* brasileiros se põem a negar, a refutar ou simplesmente a ignorar os méritos evidentiíssimos do nosso futebol e dos nossos jogadores” (2007: 96). Elogiar o futebol da seleção da Hungria, por exemplo, correspondia, para Rodrigues, a “um verdadeiro canto de autonegação” (2007: 86). Sobre os jornalistas que acompanharam o Mundial de 1954, na Suíça, diz que “se falavam de Puskas, escorria-lhes da boca uma água indescritível, que era a baba grossa e bovina da admiração (...) não é normal, não é salubre, não é nem viril que uns sujeitos exaltem os húngaros com histérico exagero para rebaixar o futebol patricio” (2007: 87). Em sua narrativa, é manifesta a relação simbiótica entre pátria e futebol, construída a partir do discurso nacionalista clássico homogeneizante, portanto excludente e masculinista. “É o homem brasileiro que vence e se afirma, de maneira dramática, no esporte” (Rodrigues, 2007: 111). O cronista, se não inaugura, exacerba o futebol como épico brasileiro. Neste sentido, suas afirmações não são menos prepotentes que as de Carlin sobre a superioridade do Real Madrid. E ambas são construídas a partir do contraste internacional.

A representação do jogador de futebol brasileiro como “melhor do mundo” denota, a um só tempo, uma reivindicação de identidade compartilhada (*nós* “somos os tais”) e uma imagem a ser difundida para os outros, não-brasileiros. Uma marchinha de carnaval de 1958, cantada por Angelita Martinez e composta por

Wilson Batista e Nóbrega de Macedo, é transparente nesta dupla conotação dos “craques” nacionais: “Mané Garrincha, Mané Garrincha / Até hoje meu peito se expande / Mané que brilhou lá na Suécia / Mané que nasceu em Pau Grande // Não é só café / Que nós temos para vender / Dribla, dribla, Mané / Para o mundo inteiro ver” (Batista e Macedo, 1958 apud Castro, 1995: 195). No contexto do final da década de 50, a música enfrentou a proibição da censura, devido à menção do local de nascimento de Garrincha, que foi considerada obscena, especialmente porque Martinez, ao apresentá-la ao vivo, substituía o *em* por *de* (Castro, 1995: 195). Característica das figuras de duplo sentido com longa tradição na música popular brasileira, tal alusão anatômica pode também ser encarada como expressividade da virilidade de Garrincha e, por extensão, dos jogadores brasileiros – igualmente presente nas crônicas de Nelson Rodrigues. Mas o interesse maior em citar a composição de Batista e Macedo reside em sua afirmação do futebol tanto como esfera de emoção compartilhada (“até hoje meu peito se expande”) quanto de performance brasileira no contexto internacional: além de café, Garrincha “para o mundo inteiro ver”.

Um artigo do jornalista Paulo César Vasconcellos, intitulado *O Brasil e a bola*, é representativo de como o jogo é construído enquanto aspecto estrutural da sociabilidade nacional: “Dizem que no Brasil todos são técnicos de futebol. É errado. Além de técnicos, todos são jogadores, dirigentes e árbitros. Conhecem táticas, jogadas, formas de organizar um campeonato e regras de como arbitrar uma partida. A paixão é isso. Se um brasileiro não entra nessa discussão, está mal da cabeça ou doente do pé. Afinal de contas, o País – queiram ou não – é do futebol e nunca deixará de sê-lo. A cada momento nasce um craque, um dirigente, um técnico e um juiz. É uma paixão eterna” (s/d: s/p). Para além de seu conteúdo totalizante, importa ressaltar que a crônica de Vasconcellos seja divulgada pela Divisão de Operações de Difusão Cultural do Ministério das Relações Exteriores brasileiro.

**

Fábio Franzini, em sua pesquisa histórica sobre a expansão do futebol no Brasil durante o começo do século XX, argumenta que “o ‘país do futebol’ forma-se muito antes do que se imagina. Muito antes, por exemplo, de 1958 e 1962, quando o triunfo em duas Copas seguidas consagra definitivamente o nome do Brasil no vasto mundo do futebol” (2003: 12). Como aponta Gisella de Araújo Moura, “corria o ano

de 1919 quando conquistamos o nosso primeiro título internacional”, no III Campeonato Sul Americano, cuja final realizou-se no Rio de Janeiro (1998: 18). Franzini salienta que a difusão do futebol no contexto brasileiro não foi feita sem tensões, contradições e conflitos, difíceis de serem identificados na “visão resumida” que estabelece uma linha de continuidade entre a entrada do esporte no país, através das elites urbanas, e sua apropriação pelo “povo, que a partir daí estabelece com a bola uma ligação profunda e produtiva a ponto de caracterizá-la como um produto nacional, consagrado pela conquista de títulos mundiais e pelo talento de nossos jogadores” (2003: 10).

Para Franzini, é necessário “escapar à superfície de nossos sucessos internacionais, ao brilho de nossos craques e mesmo à paixão incondicional que dedicamos à bola para buscar as raízes do vínculo estreito e intenso que estabeleceu entre ela e nossa própria identidade” (2003: 12). De acordo com ele, a invenção das tradições do futebol brasileiro data das décadas de 1920 e 1930 e há uma diversidade de tensões implícitas na construção do “país do futebol” – especialmente relacionadas à origem social e ao preconceito racial. Franzini investiga a disputa travada e perdida pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD) em defesa de “valores elitistas” – que proibiam o pagamento de salários e bonificações, perpetuando exclusões de classe e raça dentro de campo – e demonstra que a gradativa conquista de espaço pelos jogadores de origem popular não foi desprovida de episódios violentos e racistas. Este processo de inclusão, que serve de base à representação do futebol como “unificador” nacional, é provavelmente uma das mais poderosas narrativas de igualdade social existentes no Brasil contemporâneo, calcada na valorização da competência publicamente demonstrada em disputas regulamentadas dentro das quatro linhas.

A Copa do Mundo de 1950, segundo Gisella Moura, é um evento encarado como momento de afirmação do Brasil empreendedor, vitorioso e bem sucedido – e a construção do Estádio do Maracanã reveste-se de um significado especial. Apesar da muito debatida derrota no jogo final com o Uruguai, para Moura, “nossos rapazes jogavam um futebol-arte, bailavam, sambavam com a bola nos pés e encantavam o mundo com suas maravilhosas exibições” (Moura, 1998: 12). Assim como afirma Nelson Rodrigues, o placar expressa só uma parte do jogo. Elemento agregador do país, o futebol, neste sentido, contribuiu para a hegemonia do Rio de Janeiro como capital político-social e vitrine-exterior, bem como para a difusão da “torcida carioca

como espelho do povo brasileiro” (Ferreira, 1998 apud Moura 1998: orelha de apresentação).

Na Copa da Inglaterra (1966), por outro lado, a derrota brasileira resultou, segundo José Paulo Florenzano, numa profunda reconfiguração da imagem dos futebolistas: “Se ao longo de oito anos o nosso talento inato e espontâneo fizera-se imbatível, agora ele revelava-se impotente em face dos jogadores ‘fabricados’ da Europa” (1998: 12). A repercussão negativa converteu-se na modificação das estratégias de formação e treinamento, enfatizando as disciplinas (no sentido foucaultiano) e criando, em simultâneo, a imagem do “jogador problema”. Para Florenzano, os jogadores que não se adaptam às novas regras instauradas pela modernização do futebol na segunda metade do século XX representam a rebeldia contra as relações de poder no esporte, pois recusam o limitado papel de “jogador-peça”. Discutindo detidamente os casos de Afonsinho e Edmundo, ele defende que o rebelde é um “Dom Quixote” engajado nos “desregramentos da imaginação, vislumbrando a possibilidade de transformar o futebol num espaço de liberdade, tanto dentro quanto fora dos gramados” (1998: 246).

Florenzano conecta a disciplinarização com a difusão do modelo empresarial de gestão nos clubes, contrapondo à imagem do “futebol força” uma representação do “jogo concebido como arte” – em certa medida semelhante ao jogador-onírico de Eduardo Galeano, mas ressaltando que a negação da norma é geradora de estigmas de delinqüência e anormalidade. De acordo com a interpretação de Florenzano, a resistência cotidiana dos futebolistas da década de 1970 “desdobrava-se em várias frentes, e apontava, em especial, para a possibilidade da criação de uma outra forma de vivenciar o futebol, antecipando em boa parte a experiência da Democracia Corintiana nos anos 80” (1998: 246-7). Neste sentido, o futebol servia de espaço para a expressão de rupturas, indicando não apenas a unidade, mas também fissuras no projeto nacional.

Tais abordagens são reveladoras da densidade sócio-cultural que envolve e conforma o futebol no país. Multifacetado e heterogêneo, ele foi (e é) mobilizado por uma ampla gama de perspectivas e posições políticas, divergentes ou não. Mas há um importante ponto de convergência, que perpassa a maior parte das interpretações sobre o futebol brasileiro, inclusive as análises de Franzini, Moura e Florenzano. Trata-se da continuidade do que poderia ser denominado como “ordem de discurso” rodriguesiana, na qual está implícita a existência de uma identidade dos futebolistas

nacionais, compartilhada por todos os brasileiros – representação que se insinua também em trabalhos acadêmicos (as três obras são o resultado de pesquisas de mestrado nas ciências humanas). Franzini menciona, por exemplo, “o brilho de *nosso* craques” e a “paixão incondicional que [*nós*] dedicamos à bola”, enquanto Moura denomina os atletas de “*nosso* rapazes”, se refere ao “*nosso* primeiro título internacional” e Florenzano cita “*nosso* talento inato e espontâneo”. As colocações de pronomes possessivos que acompanham, quase que obrigatoriamente, as alusões feitas por brasileiros aos jogadores brasileiros são característica importante para vislumbrar não apenas os motivos porque tantos meninos e jovens homens almejam a carreira de futebolista, mas também a repercussão que o aumento das transferências internacionais suscita – para atletas, clubes e torcedores. Para o antropólogo Everardo Rocha, a “verdadeira magia do futebol brasileiro – o futebol no imaginário dos brasileiros, bem entendido – está principalmente no fato de que este é o jogo escolhido, o esporte preferencial para, através dele e de suas práticas, falarmos sobre *nós* mesmos” (2003: 28, *itálicos adicionados*).

A mitologia verde-amarela é um importante componente promotor do crescimento das transações de jogadores nacionais para os mais diversos países do mundo. Não estranha que análises realizadas através do instrumental da economia e da administração tenham estabelecido, em gradação hierárquica, o “Brasil” como a maior marca do futebol mundial (Seitz, 2007). Talvez não seja exagerado encarar a imagem de “país do futebol” como o mais bem sucedido “localismo globalizado” brasileiro, se bem que o reconhecimento da boa atuação dos “craques canarinhos” por cronistas estrangeiros, notadamente europeus, também teve (e tem) uma relevante função “especular” para reforçá-la. Carlin, por exemplo, estabelece repetidas comparações entre o Real Madrid, “o clube mais charmoso”, e os times que representam o Brasil. Para ele, apesar de ter passado 24 anos sem conquistar um Mundial³⁸, “o Brasil continuou a ser a seleção mais carismática do mundo, aquela que todo mundo – não importa de que país fosse – queria ver” (2006: 247). Em concordância com abordagens que enfatizam o “futebol-arte” como característica nacional, Carlin defende que, segundo a ética do esporte no país, “vencer é fundamental, mas não é suficiente. Se você vence jogando um futebol defensivo e

³⁸ Entre 1970, quando conquistou o tri-campeonato, e 1994, ano do “tetra”. A contagem de 24 anos, realizada por Carlin, é contestável, na medida em que inclui os anos em que as vitórias ocorreram. Se isto tivesse importância, seria mais apropriado calcular 22 anos ou 5 Copas.

aborrecido, o mérito da vitória é menor. O que importa é jogar com elegância” (2006: 247). Reportagem de Carlin, publicada pelo New York Times em junho de 2006, afirma que os brasileiros “patentaram o que veio a ser conhecido como jogo bonito, um estilo de jogo que combina exuberância com sucesso” (04/06/2006: s/p, tradução livre). A grandeza do jogo no Brasil não seria, portanto, simplesmente qualitativa, mas também estética. Descrevendo a atitude de Ronaldinho “Gaúcho” em campo, Carlin declara que “Como Pelé, ele marca gols sublimes, montes deles (...) Além disso, ele sempre joga com um grande sorriso no rosto, mesmo quando erra um chute” (04/06/2006: s/p, tradução livre).

Tal representação de superioridade, compartilhada nacionalmente e reconhecida internacionalmente, é inflada, em especial, na imagem dos jogadores contemporâneos: para Carlin, Ronaldinho joga “como Pelé”. Há uma linha de continuidade entre os grandes futebolistas do passado e a atuação dos atletas atuais (ainda que o saudosismo também seja uma construção discursiva com autoridade). Tratando da mística da camisa de número sete, Armando Nogueira estabelece uma genealogia de pontas-direitas que se destacaram em diferentes gerações. A tradição que começa com Tesourinha, na década de 1940, segue com Garrincha e Julinho, nos anos 50 e 60, Jairzinho, em 60 e 70, Renato Gaúcho, durante os 80 e início de 90, e culmina com Edmundo, no final dos anos 90 – quando sua crônica é escrita. Nas palavras de Nogueira: “Te vejo, com alegria, Edmundo. Derradeiro varão de uma realza fundada no apuro da invenção. (...) Teu drible tem ressonâncias de Garrincha, de Julinho, de Renato Gaúcho, de Stanley Matthews, de Tesourinha, de Jarizinho, aos quais te junta para fazer a conta mística da camisa sete” (1998: 6). Futebolista inglês que atuou profissionalmente de 1932 a 1965, Stanley Matthews seria provavelmente uma citação reprovada por Nelson Rodrigues. Nogueira foi, com efeito, um dos alvos das críticas de Rodrigues, precisamente por elogiar times de outras nações: “[Ele n]unca perdoou que eu tivesse descoberto na seleção húngara do Mundial de 54 uma equipe melhor do que a brasileira. Tratava-me como um desavisado que traía a pátria amada de chuteiras. A tal equipe da Hungria só existia na minha imaginação (...) Néelson Rodrigues, amável carrasco do meu sensato amor pelo futebol” (Nogueira, 1998: 138). Reivindicando implicitamente o julgamento da história, Nogueira se posiciona como sendo mais objetivo (ou “sensato”) que Rodrigues. Inserido entre os outros pontas-direitas, todavia, Stanley Matthews antes reforça do que prejudica a

imagem de superioridade do Brasil: são seis os destaques nacionais, contra apenas um representante do “resto” do mundo.

Um outro exemplo de mobilização das figuras históricas do futebol brasileiro para rotular positivamente os jogadores atuais é dado na introdução de um artigo de Heraldo Simões Ferreira: “Ele vem avançando, pedala passando os pés por cima da bola, uma, duas, três e outras tantas vezes, não pára, segue, hipnotiza, brinca e oferece prazer a quem assiste (...) O goleiro, assustado, lembra-se da figura de Pelé, mas só vê um menino... seu nome Robinho” (2005: s/p). Estreando profissionalmente como atacante no mesmo time que Pelé, o Santos Futebol Clube, Robinho serve de metáfora para Ferreira explorar a questão do talento desportivo brasileiro. Sob o título *Por que a Europa não produz Robinhos?*, seu artigo expõe uma série de especificidades do contexto nacional que pretendem explicar – ultrapassando a fábula do “dom” inato – a constituição do país como formador de “Robinhos”.

A lista de fatores explicativos elencada por Ferreira inclui nove itens de comparação entre “o” Brasil e “a” Europa, construídos como espaços homogêneos, cujas diferenças incluem características geográficas, sociais, econômicas e genéticas – diretamente relacionadas com os estereótipos de Primeiro e Terceiro Mundos. Sobre o clima, por exemplo, ele afirma que “a Europa sofre com invernos rigorosos boa parte do ano. O Brasil, por ser um país tropical, possui a companhia do sol a maior parte do tempo” (2005: s/p). De acordo com o autor, isto acarretaria no fato do “europeu, durante o período de frio, fica[r] mais em casa ou em lugares fechados”, estando o brasileiro, em contrapartida, mais propenso a praticar jogos com bola em espaços abertos. No tocante ao fator financeiro, a disparidade de rendimento salarial entre trabalhadores das duas regiões é motivo para justificar que o futebol seja atividade de entretenimento mais acentuada entre os brasileiros: “Enquanto um operário europeu presentearia seus filhos com vídeo-games, computadores e outros brinquedos eletrônicos, o empregado brasileiro só consegue juntar alguns trocados para presentear seus filhos com... uma bola! Assim, fica constatado que o contato com a bola, é muito maior pelas bandas de cá” (2005: s/p).

A mesma lógica dedutiva é aplicada por Ferreira para a disponibilidade de espaços vazios (nas áreas urbanas ou rurais); a ausência de atividades de lazer como museus, bibliotecas ou parques de diversões; a duração do período escolar cotidiano; a importância cultural do futebol, e a exploração midiática da figura do “craque” – todos contribuindo para que as crianças, ou antes, os meninos brasileiros estejam mais

próximos deste esporte do que os europeus. Além disso, a possibilidade de ascensão social também configura um fator importante: “Como uma criança, da classe popular, no Brasil, pode sonhar com casa própria, ajuda aos pais, carro conversível e conforto? Qual o caminho que ela deve trilhar para alcançar estes sonhos? Pergunte a qualquer garoto e a resposta está na ponta da língua: ser jogador de futebol!” (2005: s/p). Em contraste, as opções de enriquecimento seriam mais amplas para os europeus: “seja pelo estudo, ou pelas heranças de família”.

Segundo Ferreira, “nós, simples brasileiros, terceiro-mundistas”, também temos a miscigenação como característica propiciadora de superioridade no futebol. Seguindo a mitologia das “três raças”, ele afirma que “através desta combinação genética, formamos atletas com as qualidades específicas para o futebol”. As heranças recebidas pelos jogadores seriam: “Do índio a habilidade, pois para sobreviver nas matas o nativo precisava de agilidade e velocidade, qualidades necessárias para caçar, pescar, fugir ou apanhar presas. [E d]o negro, tão injustiçado no período da escravidão, recebemos sua estrutura muscular, forte para suportar o trabalho pesado nas plantações e nos engenhos” (2005: s/p). Convém salientar que Ferreira não menciona qualquer característica específica dos brancos. Seu texto é elaborado nos seguintes termos: “Somos o fruto de uma miscigenação de três grupos étnicos, a saber: o branco, o índio e o negro. Herdamos das duas últimas a habilidade e a força”. Em sua pretensa negação do racismo, Ferreira reproduz imagens que localizam na genética a “força” dos negros e a “habilidade” dos índios, que, tacitamente, contrastam com a “inteligência” dos brancos.

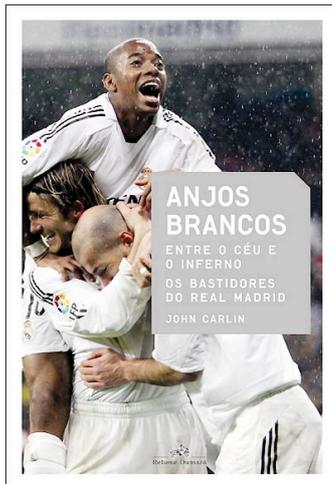
A estratégia de argumentação de Ferreira (e mesmo a pergunta que suscita seu artigo) se baseia no contraste entre a Europa e o Brasil, cuja legitimidade reside na problemática das transferências internacionais. Neste sentido, afirma: “Fomos agraciados com a arte de Robinho, camisa 7 do Santos Futebol Clube (...) e da Seleção Brasileira, por pouco, pouquíssimo tempo. Quatro ou cinco anos nos foi permitido vê-lo atuando pelos gramados brasileiros. Agora, Robinho foi-se para a Europa, irá brilhar, encantar e levar suas pedaladas e outras brincadeiras com a bola para o Velho Continente” (2005: s/p). Em 2005, ano de publicação do artigo, o jogador foi transferido para o Real Madrid. Na interpretação de Ferreira, isto não constitui um problema em si: “Não nos importamos de ver nossos meninos brilhando na Europa, mas queremos que nossos Robinhos também leiam mais, tenham outras

oportunidades de crescer na vida e que continuem pedalando em busca de seus sonhos” (2005: s/p).

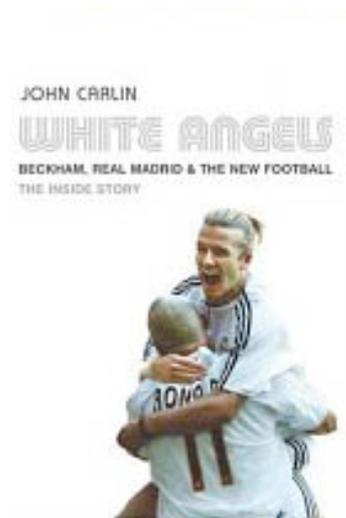
O autor defende que “sol, espaço e genética favorável” são características das quais “devemos nos orgulhar”. A injustiça social, a falta de perspectivas de ascensão econômica e de atividades de lazer, todavia, “nos envergonham”. As condicionantes estabelecidas por Ferreira como promotoras do talento futebolístico brasileiro não estão desvinculadas das condicionantes promotoras de transferências internacionais. Isto é transparente em sua proposição final: “Como conclusão, foi constatado que através dos fatores expostos, o Brasil ainda vai continuar exportando craques de futebol por um longo tempo” (2005: s/p). Com efeito, como fica claro na metáfora dos “Robinhos”, atuar nos grandes clubes da Europa passou a ser uma das características definidoras da identidade dos jogadores brasileiros – tanto quanto a reivindicação da tradicional superioridade congênita verde-amarela.

A própria questão “Por que a Europa não produz Robinhos?” está fundamentada na proposição (falaciosa) de que não há jogadores europeus talentosos. Neste sentido, o discurso de Ferreira revela uma arbitrariedade tipicamente rodriguesiana, que ignora jogadores formados na Europa e internacionalmente reconhecidos, como Zidane, Figo ou Thierry Henry. Não importa quão famoso ele seja em outros países do mundo, Beckham dificilmente seria contratado para figurar em uma campanha publicitária no Brasil³⁹. Neste sentido, o livro de John Carlin, que em sua publicação inglesa trazia à capa uma foto de Beckham, teve o título *White Angels: Beckham, the Real Madrid and the New Football* alterado para a edição brasileira, cuja capa destaca não o jogador inglês, mas Robinho:

³⁹ Procurando bibliografia sobre futebol em uma livraria de Curitiba em 2007, ouvi um comentário revelador sobre a receptividade a jogadores de futebol de outros países. Com uma biografia de Zinedini Zidane nas mãos, um rapaz disse ao outro: “Esse livro tinha era que ser queimado no Brasil”.



Edição brasileira



Edição inglesa



Edição espanhola⁴⁰

Na temporada 2003/2004, o período enfatizado por “Anjos Brancos”, Robinho sequer atuava no Real Madrid. Difícil especular porque Ronaldo Nazário, ou “Fenômeno”, atacante do clube na época, não tenha sido eleito como o astro da capa, mas é possível que as severas críticas que cercaram sua performance e forma física durante a Copa do Mundo de 2006 (ano em que o livro foi lançado em português) tenham feito diferença. Independente disso, Beckham e Zidane estão literalmente encobertos pela representação do jogador brasileiro sorridente na foto que introduz o livro aos leitores nacionais. Sob tal perspectiva, Ferreira está coberto de razão ao afirmar que a Europa não produz Robinhos – ainda mais com este diminutivo característico. Parte-se do pressuposto de que um ídolo de futebol no Brasil não poderia ser de outra nacionalidade que não brasileira. Porém, se o fato de Beckham não figurar no subtítulo em português é relevante, também o é no que diz respeito à tradução em espanhol. A política editorial nacionalmente diferenciada evidencia que uma dinâmica semelhante à reivindicação da brasilidade através do futebol se estabelece em outros países. *Los Ángeles Blancos: el Real Madrid y el nuevo fútbol* apresenta, entre fotos de futebolistas, retratos da torcida, espanhola ou não, mobilizada pela agremiação – e igualmente exclui o destaque à Beckham.

Se a combinação verde-amarela compõe uma representação bem sucedida, inclusive por ter sido apropriada e reforçada por corporações capitalistas multinacionais interessadas em vincular sua imagem à da seleção brasileira, ela nem

⁴⁰ Lamento pela qualidade gráfica das imagens, elas eram as únicas disponíveis na Internet. Realizou-se uma busca pelo mesmo livro em francês, italiano, japonês e alemão, mas, ao que tudo indica, ele não foi traduzido para estas línguas.

por isso é única. Pablo Alabarces, por exemplo, demonstra em *Fútbol y patria* como este esporte foi ativado enquanto componente fundamental da nação argentina. De modo algo semelhante ao contexto brasileiro, “o futebol [na Argentina] funcionou ao longo do século XX como um forte *operador de nacionalidade*, como construtor de narrativas nacionalistas fecundas e eficazes, em geral com um alto grau de coerência com as narrativas estatais de cada período” (Alabarces, 2002: 20, itálicos no original, tradução livre). Após inventariar diversas fases do futebol argentino desde sua inserção no país, Alabarces explora a configuração contemporânea do jogo, investigando as relações que ele estabelece com o “neo-nacionalismo”, com os meios de comunicação e com o contexto político da Argentina no começo do século XXI.

Para o autor, o futebol é um dos gêneros da “máquina cultural de nacionalidade pós-moderna”, pois sua história, seu caráter épico e dramaticidade implícita são características cruciais para uma representação eficaz da nação. Além disso, trata-se de uma esfera “dramaticamente despolitizada”: de acordo com Alabarces, o futebol “narra a nação como um repertório de consumos, não como um conjunto de determinações nem de estruturas; como estilos expressivos, como eleições estéticas, como afirmações passionais; mas nunca, jamais, como um conflito de dominação que não se reduz ao resultado de uma partida” (2002: 108, tradução livre). Tal argumento, ao mesmo tempo em que recupera a noção de uma lógica própria do futebol, cuja existência não pode ser completamente absorvida pelos interesses políticos e/ou econômicos, ajuda a explicar como ele pôde se constituir em instrumento de regimes estatais e/ou administrativos tão diversificados quanto as ditaduras militares, os populismos pseudo-trabalhistas, os associativismos elitistas e os clubes-empresas – para manter os exemplos na esfera de referências latino-americana. Neste sentido, o futebol serve também aos interesses midiáticos, que não inventam, mas respondem ao desejo de constituição de uma comunidade compartilhada: “Assim, [o futebol] se transforma na melhor mercadoria da indústria cultural” (Alabarces, 2002: 208).

Alabarces identifica uma espécie de “futebolização” da cultura, com a gramática futebolística estendendo-se à política, à estética, ao cotidiano. Na interpretação de Alabarces, o futebol é mediador: um “lugar em torno do qual se constituem identidades e imaginários, como uma arena dramática quase sem equivalentes, como espaço ritual de massas por excelência na Argentina do presente –

e em boa parte do mundo contemporâneo, e inclusive de uma pretensa sociedade global” (2002: 10-11, tradução livre). Seguindo a abordagem do autor, e apesar da impossibilidade de investigar detidamente outros contextos nacionais, parece acertado afirmar que o Brasil não é o único país cujo orgulho cívico percorre os campos de futebol – reconhecendo nos jogadores representantes da pátria.

Óbvio como pareça, esta ressalva auxilia na compreensão da formação da imagem da “Europa” como Meca do futebol, posto que os clubes participantes da *Liga dos Campeões* congregam não apenas jogadores de diversas nacionalidades, mas a carga simbólica neles investida. Nos termos de Carlin: “O futebol é jogado em todos os países do mundo. Milhões de pessoas, da floresta amazônica às montanhas do Tibete, chutam uma bola todos os dias. Milhões desses milhões sonham um dia se tornarem jogadores profissionais. E de todas essas almas inumeráveis, seis das melhores surgiram de três continentes, e ao final desse processo de destilação acabaram – ouro puro – no Real Madrid” (Carlin, 2006: 18). A racionalidade globalizadora do Real Madrid, neste sentido, não se resume a aumentar sua visibilidade (ou a venda de camisas) na Ásia, mas legitimar sua especificidade como “garimpeira” do talento mundial: “Ainda mais marcante, ainda mais inteiramente sem precedentes, este time tinha os melhores não de uma, duas ou três, mas de cinco das principais nações que jogam futebol: Inglaterra, Brasil, França, Espanha e Portugal” (Carlin, 2006: 18). Em paralelo, tal constatação permite questionar quão europeu é o futebol europeu – na medida em que operacionaliza um cosmopolitismo que ultrapassa as fronteiras da CE.

No processo de concentração de jogadores oriundos de diversos países nos “maiores” clubes europeus, pode-se identificar uma outra consequência, que diz respeito à “purificação” do atleta como representante da nação – na medida em que permanecem em visibilidade, mas afastados das rivalidades clubísticas locais. Como aponta Alabarces a respeito da trajetória de Diego Maradona, sua condição de ídolo nacional era fragmentária enquanto ele jogava no país, pois o “Boca é o clube com a torcida mais numerosa... mas não a única da Argentina” (2002: 148, tradução livre). Ao ser transferido do Club Atlético Boca Juniors para a Europa, inicialmente para o Futbol Club Barcelona, depois para o Società Sportiva Calcio Napoli, Maradona esteve melhor posicionado para “encarnar” a imagem da nação unificada. Ainda mais por ter, na Itália, sido identificado com a figura do herói que luta pela redenção da injustiça que o “Forte” submete ao “Fraco”: com a presença de Maradona, pela

primeira vez na história do Campeonato Italiano, o Nápoli, agremiação do Sul do país, conquistou a vitória sobre as do Norte, mais ricas e poderosas (Alabarces, 2002: 150). O fator moral embutido nos triunfos futebolísticos é um aspecto relevante para a representação mitológica do jogador como aquele que supera obstáculos através de suas qualidades individuais – característica definidora, também, da masculinidade hegemônica.

O movimento de jogadores ao redor do globo é unilateral: a rota Sul-Norte não tem contrapartida Norte-Sul. Por mais que a identidade do “país do futebol” seja reconhecida internacionalmente, nem por isso o Brasil se tornou um destino atraente para futebolistas provenientes dos países do Norte. Há, todavia, uma crescente migração Sul-Sul, de que são exemplos as transferências realizadas do Brasil para o México ou da Colômbia para o Brasil. Implicando redes de conexões e relações de poder diversificadas, tais movimentações, que envolvem transações financeiras de menor vulto e jogadores de com menos destaque, não têm a mesma visibilidade que a transferência de Robinho para o Real Madrid, por exemplo. No caso dos jogadores brasileiros, entretanto, tanto as transferências “obscuras” quanto as que se tornam manchetes estão intimamente relacionadas com a mitologia verde-amarela. Nas palavras de Tostão, ex-jogador e comentarista esportivo: “Por que vai tanto jogador brasileiro para a Europa, Ásia, Japão, para o mundo todo? Porque no mundo todo se acha que jogador brasileiro é sempre bom” (apud Schwartz, 2008).

**

Neste sentido, parte do crescimento no número de transferências internacionais de atletas brasileiros está baseada em uma imagem estereotipada dos futebolistas nacionais. Segundo Jacobs e Duarte, “o interesse pelo atleta do Brasil tem pitadas de marketing. Ter um brasileiro na equipe indica uma ferramenta promocional” (2006: 23). Um evento na trajetória de Caé, descrita por Luiz Henrique de Toledo, é especialmente ilustrativa deste fato. Após anos de peregrinação entre diversos clubes da segunda divisão, Caé encontrava-se uma vez mais desempregado, em busca de uma “chance”. Na tentativa de mobilizar sua rede de contatos, Caé foi assistir a um treino da seleção, em Teresópolis⁴¹, e encontrou, acidentalmente, “um empresário

⁴¹ Município do estado do Rio de Janeiro, onde está situada a Granja Comary, local de concentração da Seleção Brasileira de Futebol.

alemão e seu intérprete catarinense, Lindolfo, à procura de um jogador brasileiro para ser negociado na Alemanha” (Toledo, 2002: 123). Nas palavras de Caé: “Ele precisava de um jogador que não fosse famoso, que fosse atacante e que fosse de cor negra, porque lá ele já tinha um jamaicano mas não era atacante (...) porque ele queria impressionar, porque ainda na Alemanha existia aquele negócio de se chegar com um jogador brasileiro negro vai impressionar” (Toledo, 2002: 123). Não fica claro porque o jogador não deveria ser famoso, possivelmente porque com a fama as exigências financeiras seriam maiores, mas o requisito da cor indica uma espécie de maniqueísmo algo semelhante à presença de anões em circos – ainda mais “porque lá ela já tinha um jamaicano”. Ao contrário dos projetos e programas de discriminação positiva, uma demanda desta natureza, visando atender a interesses na Alemanha (“vai impressionar”), revela, além da representação homogeneizada dos jogadores nacionais, uma imagem essencializante dos afro-brasileiros. “Escutando a conversa, Caé antecipou-se e ofereceu seu futebol ao empresário, afirmando que atendia a quase todas as exigências, e estava desvinculado de qualquer clube mas, como se via, não era negro” (Toledo, 2002: 123); ele permaneceu por dois meses na Alemanha, sendo dispensado ao final deste período.

Discutindo sobre as representações hegemônicas do país, Soares e Lovisolo argumentam que “o negro e a cultura identificada como afro aparecem como a imagem generalizadora do Brasil e dos brasileiros” (2004: s/p). Tanto interna como externamente, a brasilianidade só seria *autêntica* se relacionada às tradições culturais afro. A reivindicação da contribuição africana na formação do país é uma longa disputa por reconhecimento histórico que está longe de ser plenamente satisfeita. Apesar disso, e em especial na esfera futebolística, é precisamente a herança negra que serve para legitimar a especificidade nacional – desde a afirmação do samba e da capoeira como práticas corporais formadoras do estilo de jogo “canarinho”, até a defesa da “força natural” dos negros como apropriada para o esporte. Segundo Bruno Otávio Abrahão, a “estética do estilo de jogo do futebol brasileiro é também lida, nos dias de hoje, como uma herança da cultura africana na constituição étnica brasileira, que pode ser notada pela representação da origem do nosso futebol” (2005: 72)⁴².

⁴² A narrativa de Hamilton sobre a visita do Exeter City Football Club ao Brasil em 1914 é paradigmática desta tipo de discurso: “Seja lá o que tenham sido levados a acreditar a respeito do futebol na América do Sul, o grupo do Exeter não estava preparado para a vista que o saudou no Rio. Vendo um jogo em andamento à distância, fizeram tudo para chegar logo na praia – ‘...só para

Capoeira, ginga, samba, improviso, arte, malandragem são adjetivos que, de acordo com Abrahão, permitem entrever a singularidade identitária do Brasil. Para Lovisolo e Soares: “Diante disto surge um tremendo paradoxo: como conseguimos instalar o racismo contra o negro e ao mesmo tempo tornar a cultura negra como central na construção da brasilidade?” (2004: s/p).

Trata-se, em certa medida, de uma contradição tributária aos projetos nacionalistas que pretendiam conciliar a distribuição populacional brasileira com as teorias racistas européias – entre os quais se desaca a noção de “democracia racial” elaborada por Gilberto Freyre. Com efeito, não é pequena a influência de Freyre na narrativa futebolística do país – e seu contraste entre o estilo de jogo “apolíneo” (europeu) e o “dionísico” (afro-brasileiro) está, em larga medida, fundado em declarações sobre a ginga e malandragem “características” dos negros e mestiços. Como demonstra Diosmar José Meira de Almeida (2005), Freyre teve forte ascendência sobre Mário Filho, autor de *O Negro no Futebol Brasileiro*, obra de referência sobre o racismo (e a luta contra ele) no futebol carioca. Irmão de Nelson Rodrigues e partidário de um nacionalismo semelhante, Mário Filho teria, de acordo com Antonio Jorge Soares Soares (1999), construído uma narrativa mitológica na qual os negros, heróis injustiçados, teriam superado as adversidades e imposto sua superioridade em campo. Para Soares, Mario Filho enfatizou erroneamente o preconceito de raça em detrimento dos conflitos gerados pela defesa do amadorismo em um futebol crescentemente profissionalizado – no que foi seguido por acadêmicos posteriores. A introdução de mecanismos de treinamento e disciplina teriam sido desconsiderados na interpretação sobre a inserção das classes populares (e dos afrobrasileiros) no universo do futebol (Soares, 1999). Lovisolo e Soares argumentam que “[t]alvez seja pela fusão das imagens entre cultura e futebol que é difícil falarmos do treinamento, das bases científicas, como fundamentais no sucesso do futebol brasileiro” (2004: s/p).

Há nesta intersecção entre brasilidade e negritude, simbolizada pelo futebol, uma pluralidade de contrastes relacionados com a polissemia de significados do termo cultura. É possível reconhecer, por um lado, um conceito amplo (“antropológico”) de cultura, baseado no contraste entre Outros, fundador de identidades, no qual o

descobrir que era uma partida entre times com jovens de 18 a 20 anos de idade. Eram todos negros, tão negros como um tição, e a maioria jogava de pés descalços’. Sem querer, o grupo de Devon tropeçara nas sementes que desencadeariam uma revolução no futebol brasileiro” (Hamilton, 2001: 146).

“futebol-arte” representa um reconhecimento legítimo e politicamente justo, na medida em que reivindica a importância da contribuição de atletas negros para a formação do que é glorificado como o vitorioso estilo de jogo brasileiro. Por outro lado, e frente à idéia de que os jogadores nacionais seriam “naturalmente dotados” – como se seus atributos positivos não derivassem do esforço ou do conhecimento adquirido, mas de uma certa “essência” – há um sentido de cultura como contraposta à natureza. Sob tal perspectiva, a reivindicação da negritude como fundadora da especificidade do estilo de jogo nacional remete a tradição afro para a esfera da natureza, em contraste com o “cultivo” ou desenvolvimento “racional” das metodologias de treinamento.

Em paralelo a esta concepção de cultura quase como sinônimo de civilização, pode-se identificar uma definição que faz referência à relação de exterioridade entre economia, política, ciência e cultura. Apesar destas esferas não serem estanques, tampouco elas são idênticas – e são representadas hierarquicamente, com a cultura ocupando o pólo menos prestigiado na escala de poder. As características hegemônicas de brasilidade, estabelecidas por Lovisolo e Soares como sendo o futebol, o carnaval, o samba, a capoeira e, “mais tênue”, as religiões afro-brasileiras, todas indicam tal denotação de cultura que remete à arte, às humanidades e à religião. Face à desigualdade simbólica entre as esferas sociais, pode-se especular sobre o espaço “concedido” ao universo afro na brasilidade como um todo – e, em simultâneo, à brasilidade na dinâmica da visibilidade mundial. Em outras palavras, a representação hegemônica da brasilidade não comporta referências às dimensões econômicas, políticas ou científicas – tidas como encarnação da racionalidade por uma perspectiva eurocêntrica. Como releva a abordagem teórica pós-colonial, parte do poder do Ocidente foi legitimado exatamente por esta reivindicação da racionalidade contra a “irracionalidade” dos Outros. Romantizado como “futebol-arte”, a pretensa superioridade brasileira antes contribui do que contesta a representação do Ocidente como encarnação da racionalidade.

Everardo Rocha, em sua pesquisa sobre as imagens tradicionais das seleções nacionais brasileiras, conclui que “ao lugar pouco importante atribuído ao técnico, adicionamos um conjunto amplo de imagens relacionadas ao futebol sem comando, rebelde, espontâneo, malandro, improvisado, solto, natural e, conseqüentemente, criativo do brasileiro” (2003: 24). Neste sentido, o imprevisto “característico” do futebol nacional é elaborado em contraste com o “futebol-força” dos países europeus,

tomados enquanto espaço homogêneo, cujo mecanismo de jogo é “esquemático, planejado, *fechado, preso e duro de cintura*” (Rocha, 2003: 25). Mesmo que a representação da racionalidade enquanto positividade seja questionada em tal percepção, através da valorização da criatividade, sua localização no Ocidente não é posta em causa, mas reforçada.

A reivindicação da tradição negra como fundante da brasilidade aponta também para um conceito de cultura estático e imutável. Nas palavras de Lovisolo e Soares: “A equação vem de novo à tona para afirmar que a cultura é brasileira quando negra e que talvez se deturpa quando deixa de sê-lo, quando se mistura” (2004: s/p). Estreitando as possibilidades de intercâmbios, ao condensar uma imagem definida da cultura brasileira, tal perspectiva prioriza a manutenção do *status quo*. Neste sentido, apesar da miscigenação ser glorificada enquanto conceito, trata-se de uma miscigenação estabelecida *a priori*, cerceada de potencialidades, enclausurada na representação de si mesma. De acordo com a interpretação de José Melquíades Ursi, a “cor dominante do Brasil é a mestiça, se é que possa ser denominada assim a mistura de todas as cores raciais que aqui se entrecruzaram” (2005: 36). Em conformidade com a invenção de uma linha de continuidade entre jogadores brasileiros de diversas gerações, Ursi questiona: “Qual a cor de Pelé, de Garrincha, de Nilton Santos, de Mauro Ramos, de Ademir da Guia, de Ronaldo, de Ronaldinho Gaúcho (...), de Romário, de Kaká, de Rivaldo, de Roberto Carlos, de Robinho e de tantos outros? Juntem-se os tons e matizes das peles de todos eles e se verá que a cor que os une e os tons que os diferenciam num só povo é a do mestiço, o mais autêntico mestiço de toda a terra” (Ursi, 2005: 36). Neste sentido, a mestiçagem é limitada em um significado previamente estabelecido, que não enfatiza os conflitos e/ou as diferenças, mas a unidade nacional. “A mistura não só produziu o angu das raças e das cores, mas especialmente a sobremesa da tolerância para com as diferenças que cada cultura trouxe para a formação de um mesmo povo” (Ursi, 2005: 36). Assim, a mitologia verde-amarela do futebol representa uma identidade que reforça o mito da democracia racial. Para Roberto DaMatta, por exemplo, “todos são iguais perante a bola” (2006: 121).

Em *A bola corre mais do que os homens*, DaMatta argumenta que “o futebol proporciona à sociedade brasileira a experiência da igualdade e da justiça social. Pois produzindo um espetáculo complexo, mas governado por regras simples que todos conhecem, o futebol reafirma simbolicamente que o melhor, o mais capaz e o que tem

mais mérito pode efetivamente vencer” (2006:164). As “massas brasileiras”, de acordo com a sua concepção, seriam atraídas pelo igualitarismo democrático do esporte, no qual “as regras valem para todos. Para os times campeões e para os times comuns, para ricos e pobres, para negros e brancos, para homens e mulheres, para jovens e idosos, nacionais e estrangeiros e, no nosso caso, para vivos e mortos. Neste sentido profundo, portanto, o futebol nos dá uma potente lição de democracia” (idem, p.165). Apesar de se basear especificamente na universalidade das regras internas do jogo, a representação do futebol como espaço democrático/igualitário construída por DaMatta parece desconhecer que sua estrutura é calcada na hierarquia de clubes (primeira, segunda e terceira divisões) e de jogadores (de que a desproporção salarial é exemplo patente).

DaMatta sustenta sua análise na interpretação sobre a introdução do futebol no país. Segundo ele, o regime escravocrata no Brasil instaurava “dois ideais corpóreos: o do senhor (para o qual toda a atividade física era um interdito ou um desprestígio) e a do escravo que a encarnava e, por prescrição social, deveria realizá-la” (2006: 134). Neste contexto, a inserção de novidades como a “educação física, a ginástica, o esporte e, sobretudo, o futebol, [faz] surgir a idéia de um corpo universal” (2006: 134). O futebol está inserido, para DaMatta, em um conjunto de práticas igualitárias que transformou as concepções sobre corpo no Brasil ao contestar a representação de poder e superioridade baseados na imobilidade física e ao fomentar a internalização de uma mentalidade individualista e competitiva. A partir de uma lista de expressões populares relacionadas aos pés, DaMatta indica a existência de uma afinidade implícita entre o futebol e a valorização das práticas corporais populares, em contraste com o circunscrito uso das mãos pela elite – que, no limite, é o contraste entre racionalidade/civilização e corporalidade/natureza. Defendendo a dimensão igualitária do esporte, o autor propõe que “o sucesso mundial brasileiro obrigou a mudar as velhas teses sobre a identidade nacional” (2006: 143). Além disso, possibilitou a apropriação dos símbolos nacionais (bandeira, hino) e, através da experiência das vitórias em Copas do Mundo, fomentou o desenvolvimento da confiança em “nossa capacidade como povo criativo e generoso” (2006: 166).

Neste sentido, DaMatta compartilha, ao menos parcialmente, dos ideais nacionalistas rodriguesianos e pretende demonstrar que o futebol tem um importante papel pedagógico na sociedade brasileira. Se sua análise evidencia a relevância das transformações simbólicas relacionadas às práticas corporais, tendo o futebol

contribuindo para a inversão das valências entre popular e elitista, convém salientar que ela transforma em ausência as experiências femininas, ignorando o impacto periférico que a inserção do futebol no país teve sobre a vida das mulheres. Com efeito, a esmagadora maioria das análises sobre a difusão do jogo no Brasil se limita a mencionar as torcedoras “históricas”, pertencentes à elite, que frequentavam o convívio social das arquibancadas. Dado que as mulheres foram, durante décadas, proibidas de jogar futebol – e que mesmo na atualidade os incentivos à sua prática e benefícios dela advindos são distribuídos de maneira desigual entre os sexos –, afirmar que “todos são iguais perante a bola” é uma generalização injustificada que perpetua a invisibilização das mulheres ao tornar a experiência masculina como padrão. Para além das mulheres, também os deficientes/portadores de necessidades especiais estão completamente excluídos da interpretação do futebol como esfera de des-hierarquização de corporalidades. Em paralelo, DaMatta parece desvincular o futebol de seu contexto, abstraindo o caráter racista da sociedade brasileira. Até porque, se “todos são iguais perante a bola”, não o são em outras esferas da vida – e mesmo a inclusão no futebol indica uma distribuição sócio-profissional baseada em critérios de exclusão racial.

Bruno Abrahão, em sua pesquisa sobre o racismo no futebol, afirma que o jogo é um “daqueles espaços que teriam sido destinados para a expressão da ‘raça negra’” no Brasil (2005: 05). Sua abordagem defende que, ao se basear em características pretensamente inatas, “as representações positivas atribuídas aos afro-brasileiros no espaço do futebol contribuíram para a afirmação e a manutenção de hierarquias sociais” (2005: 08). Moldado a partir da essencialização de atributos tidos como próprios da “raça negra”, o “futebol arte” atuaria como fator legitimador da exclusão de afrobrasileiros das esferas mais prestigiosas da sociedade. “Versado pelo discurso masculino e branco, a suposta superioridade revelada [pelos] negros para as atividades que dizem respeito ao uso do corpo indicam, em última instância, a forma como os afrodescendentes deveriam ser integrados à sociedade, ocupando os lugares distantes das atividades superiores da razão” (Abrahão, 2005: 08). Apesar de ser impossível imaginar atividades que não digam respeito ao uso do corpo, o contraste está implícito nas representações hegemônicas (ocidentais) e revela dinâmicas de inserção/exclusão que desfavorecem os afrodescendentes.

Por outro lado, o futebol proporciona uma importante dimensão de reconhecimento identitário na medida em que estabelece espaços de visibilidade

positivamente mobilizados. Neste sentido, é especialmente reveladora a descrição feita por Grant Farred, torcedor do Liverpool Football Clube, time inglês, de sua infância no contexto do apartheid sul-africano. Para um defensor da igualdade racial, a exclusão de negros dos quadros de “seu” clube tornava-se especialmente dolorosa. A experiência por ele descrita realça o sentido político/pessoal da inclusão de jogadores negros no Liverpool. Tratando de John Barnes, o primeiro futebolista negro a representar o Liverpool de maneira bem sucedida, Farred afirma: “Eu sou grato pelo fato de poder assistir Barnes jogar seu melhor futebol na televisão. Eu sou ainda mais grato que seus talentos fossem expressos de modo tão confiante através de sua aguda consciência de identidade racial” (Farred, 2002: 22-23, tradução livre). Barnes foi admitido no clube em 1987 e simbolizou, ao menos para Farred, o apaziguamento de sua paixão futebolística com seus ideais políticos.

Muito anterior à inclusão de jogadores negros nas agremiações inglesas, a representação afro-brasileira nos gramados nacionais revela, para além da dinâmica hierárquica implícita nas noções de corporalidade racial, um espaço relevante de visibilidade positiva para personagens públicos negros, subvertendo o circuito de invisibilização dos afro-brasileiros – ou seu confinamento à imagens negativas. E talvez não seja exagero afirmar que o futebol não teria se constituído nacionalmente como paradigma da brasilidade caso não possibilitasse a identificação de amplas parcelas da população. Partindo desta argumentação, que se aproxima da de DaMatta, para além do investimento estatal e/ou nacionalista-literário, o “país do futebol” poderia ser interpretado como projeção dos “subalternos”: esfera de reivindicação de pertencimento para os excluídos. Os pronomes pessoais que acompanham as menções a jogadores brasileiros denotam, acima de tudo, orgulho. Orgulho por testemunhar a vitória não apenas do “mais fraco”, mas de “um de nós”. São “as criancinhas do Brasil” transformadas em “Robinhas” – cujas qualidades são reconhecidas “mundialmente”. Seria infrutífero tentar explorar se o discurso hegemônico se apropriou das identidades subalternas ou o inverso, parece mais acertado encarar ambos os processos como co-constitutivos e formadores do triunfo do “país do futebol”.

Em contrapartida, é pertinente mencionar que a representação dos jogadores de futebol está imersa em uma lógica profundamente individualista. Como afirma DaMatta no excerto anteriormente citado, “o futebol reafirma simbolicamente que o melhor, o mais capaz e o que tem mais mérito pode efetivamente vencer” (2006:164).

Muito mais do que igualitária, tal concepção reforça a lei do mais forte, justificando a desigualdade ao legitimar a superioridade dos “vencedores”. Neste sentido, a ascensão social de alguns atletas não é compartilhada pela sua comunidade de origem (a não ser simbolicamente). A história de vida típica de um futebolista bem-sucedido consiste em “sair” da pobreza, galgar posições sociais, em uma trajetória ascendente que não desafia, antes reforça, a desigualdade social. Apesar da partilha de rendimentos com os familiares imediatos e amigos próximos, o universo de convívio dos jogadores “vencedores” se transforma tanto quanto seu poder aquisitivo, o que é exemplificado pelo interlocutor implicitamente estabelecido na autobiografia de Pelé, proprietário de um automóvel. Tal percurso de distinção geográfica/temporal é sobremaneira reforçado no deslocamento propiciado pelas transferências internacionais. Correlata à política espacial da visibilidade, o jornalista Fernando Calazans elabora uma crônica lamuriosa sobre uma ocasião em que Maradona participou de uma partida no Brasil: “Esta é uma rara oportunidade que o torcedor brasileiro tem de ver Maradona em pessoa. Poucas vezes ele se aventura por aqui. Prefere os gramados mais ricos e bem tratados da Europa, onde seus passes, dribles e gols têm pagamento à altura. Pobre de nós, plebeus latino-americanos, que não podemos pagar o preço de sua arte” (Calazans, 1998: 21).

Em sua interpretação sobre a carreira de Diego Maradona, Pablo Alabarces demonstra como as narrativas sobre a vida do atleta estão repletas de mitificações. “Os dados sobre o nascimento e a infância de Maradona se acumulam em uma única direção: a pobreza, a origem humilde, uma condição social baixa (...) a marca básica que permitirá estruturar a posteriori um *épico* do pobre está condensada no nome da comunidade: *Villa Fiorito*” (Alabarces, 2002: 144, itálicos no original, tradução livre). Segundo Alabarces, a operação de mitificação se completa com o verbo “sair”: “De Fiorino *se sai*, para chegar à fama, ao mundo, à glória” (2002: 145, itálicos no original, tradução livre). Reveladoras da política da visibilidade no qual o futebol está imerso – a fama não poderia ser alcançada *em* Villa Fiorino –, as histórias contadas sobre Maradona estão fundadas na glorificação do herói, que supera individualmente as adversidades. “Sem origem humilde, reza o mito, não há *épico* de ascensão social” (Alabarces, 2002: 189, tradução livre). Edificada como *épico*, a ascensão dos jogadores despolitiza a desigualdade social.

Em simultâneo, a narrativa de ascensão social tal como é geralmente representada através das trajetórias de vida dos jogadores de futebol contribui para a

constituição de uma espécie de “romantização da pobreza” entre aqueles que não a compartilham. Ursi estabelece a problemática nos seguintes termos: “A pergunta que não cala corre o mundo: por que esses meninos pobres viram estrelas de um dia para o outro quase em sequência?” (2005: 80). Juntamente com as pretensas características raciais dos afro-brasileiros, também os campos de terra, as bolas de meia e as condições adversas enfrentadas por parte das crianças brasileiras são mobilizadas como fator explicativo para o “futebol-arte” nacional. “Ora, eles são tantos e jogam tão bem que nenhum estorvo abala grande parte deles. Antes de se consagrarem, viravam-se com trabalhos informais para sobreviver e superar as dificuldades. Assim, chegam ao estrelato como se estivessem brincando com os infortúnios para realizar seus sonhos, como se praticassem games da vida real, sem computador” (Ursi, 2005: 80). Ao mesmo tempo em que afirma o potencial criativo das classes populares, esta representação da ausência como causa para o sucesso no futebol cria uma imagem fantasiosa da experiência da privação social. “Eles foram criados para a liberdade, para inverter direções, saltarem muros, negociarem nos semáforos, venderem a alegria da pipoca e, então, dominarem a bola, o que para eles se faz muito mais fácil do que as outras tarefas que se obrigaram a enfrentar” (Ursi, 2005: 80). Na medida em que é caracterizada como esfera do lúdico e do tempo ilimitado, a pobreza romantizada não explicita críticas ou suscita resistências.

Ainda que não propicie a mobilidade econômica em larga escala, o futebol possibilita que determinados indivíduos provenientes dos estratos populares “alcancem” os mais altos escalões da fama e do rendimento salarial – nacionalmente e em nível “mundial”. Apesar da intensa visibilidade que suas vidas como boleiros proporcionam, trata-se de uma visibilidade limitada, dado que os jogadores não controlam as produções midiáticas a seu respeito. Uma declaração de Maradona é especialmente significativa no tocante aos mecanismos de desincentivo à enunciação: “Dizem que eu falo de tudo, e está certo. Dizem que briguei com o Papa, e têm razão. Só porque saí de Villa Fiorino não posso falar?” (Maradona, 2000:139 apud Alabarces 2002: 145, tradução livre). Conforme aponta Alabarces, todavia, tal reivindicação de direito à voz calcada na oposição ao silenciamento social dos pobres representa igualmente uma mobilização interessada, imersa em relações de poder, posto que Villa Fiorino não é uma vizinhança tão miserável quanto os relatos (e Maradona) pretendem fazer crer.



(QUINO, 1991)

Quino formula, através de Mafalda, uma crítica típica da abordagem marxista ao futebol, que o rotula como pertencente à esfera da ideologia (“ópio do povo”), distanciando as pessoas de questões supostamente mais relevantes, relacionadas às dinâmicas de classe. Ao invés de estabelecer uma relação de exterioridade hierárquica entre futebol e desigualdade, é pertinente elaborar de que maneira as representações sobre o jogo e a distribuição de poder dentro dele estão imbricadas com a organização social – o que foi tentado ao longo das páginas precedentes.

4. Ex-jogadores

ESTADÃO FILHA DA PUTAAAA - preciso da ajuda de vcs

gUs is Back*

[14-04-2005, 21:22]

Venho através deste expressar minha raiva e pedir um favor aos prezados flooders da hardmob.

No final do ano, após o Santos se consagrar campeão brasileiro, já foi publicada uma matéria no Estadão (principal jornal de São Paulo): Robinho já está vendido, e ira no meio do ano para a Europa.

Ai foi passando o tempo, Robinho jogando cada vez mais e todo dia o Estadão publicando uma nova matéria dizendo q já estava tudo acertado e que Robinho DEVERIA ir para Europa, para melhorar seu futebol blablablaba, e além de tudo desmerecendo o time do Santos, dizendo q o time era o Robinho...

Ate q domingo passado, dia 10 de abril, o Estadão publica uma matéria de capa: ROBINHO JA ESTA VENDIDO, VAI EM JULHO PARA O REAL MADRI, 100% CONFIRMADO

(...)

Ate q hoje a tarde me sai nos principais meios de comunicação: Marcelo Teixeira⁴³ e Robinho anunciam, no aniversário do Santos(hj) : ROBINHO FIKI ATEH A COPA DE 2006.

Agora eu quero que vocês analisem o caso imparcialmente, sem levar em consideração rivalidade de times. O Estadão q[ue]r que o Robinho vá embora, num eh possível, e chega a publicar notícias SEM FUNDAMENTO. Eu soh naum sei pq, se Robinho eh um jogador de todas as torcidas, que alegra os campeonatos no Brasil.

Por favor peço ajuda de vocês para me ajudar a expressar minha raiva: mandem e-mails mostrando indignação para falecom@estado.com.br e me ajudem a mostrar essa injustiça para o Estadão.

Pai Mei

[15-04-2005, 0:55 # 23]

Se o Robinho continuar até a Copa 2006, não dou um ano pra ele cair no esquecimento.

O cara tá de saco cheio com Brasil e dou o maior apoio pro cara ser reconhecido mundialmente, se ele ficar no Brasil ninguém vai dar mole pro cara.(...)

Europa = Fama = Sucesso = Mulheres = Dinheiro = Contratos Milionários de Publicidade.

Se você fosse ele, qual escolha faria ?

(Fórum HardMOB, 2005: s/p).

De acordo com seu administrador, o Fórum HardMOB “foi criado com o intuito de fornecer um ambiente público de debate sadio acerca dos vários temas (...) abordados” (2008). As salas de discussões incluem, entre outras, temáticas relacionadas a Foto, Áudio & Vídeo; Carros, Motos & Som Automotivo; Jogos eletrônicos; Economia & Finanças; Educação & Profissões, e Esportes & Bem Estar.

⁴³ Marcelo Pirilo Teixeira, presidente do Santos Futebol Clube desde o ano 2000.

O proponente do tópico “ESTADÃO FILHA DA PUTAAA”, postado em 14 de abril de 2005, critica o jornal O Estado de São Paulo (*Estadão*) pela cobertura dada à possibilidade de transferência de Robinho, com o argumento de que o jornal não deveria publicar impunemente notícias “sem fundamento”. Defendendo a importância do jogador para o futebol brasileiro como um todo, gUs*⁴⁴ acusa o *Estadão* de ter interesse na transferência de Robinho. Fica claro em sua colocação que a insatisfação com a imprensa se mistura com o descontentamento que tal transferência suscitaria: “Robinho eh um jogador de todas as torcidas, que alegra os campeonatos no Brasil”. Neste sentido, a tentativa de angariar parceiros para estabelecer um movimento de *flooding*⁴⁵ contra o jornal pode ser encarada como uma crítica não apenas à publicação de notícias desprovidas de embasamento, mas também à evasão de futebolistas de “seu” clube – em contestação à lógica de que “Robinho DEVERIA ir para Europa, para melhorar seu futebol blablablaba”.

É pertinente salientar que, não obstante a declaração pública do presidente do Santos Futebol Clube em 14 de abril (segundo a qual Robinho permaneceria na agremiação até a Copa do Mundo de 2006), o futebolista estreou no Real Madrid menos de seis meses depois, em agosto de 2005⁴⁶. Investigando detidamente o processo de transferência de David Beckham para o mesmo clube espanhol, John Carlin afirma que “quando a questão é comprar e vender grandes craques de futebol, a verdade é que todos mentem” (2006: 66). Para manter uma margem de vantagem na negociação, as agremiações de origem e de (potencial) destino mantêm sigilo sobre suas intenções institucionais, evitando que a mídia tenha acesso direto às transações em curso. Trata-se, para Carlin, de uma condicionante do mercado de transferências – ainda que o sigilo nunca seja completo, devido à manipulação de informações extra-oficiais por parte dos clubes ou à capacidade de investigação dos/as jornalistas.

⁴⁴ Optei por manter a grafia dos “nicks” (apelidos) tal como apareciam no HardMOB, bem como a estrutura da linguagem adotada pelos internautas.

⁴⁵ “*Flooding*” consiste em sobrecarregar a rede de uma determinada instituição através do envio de um número excessivo de e-mails por diversos internautas atuando em simultâneo, tornando o servidor incapaz de manejar o tráfego de informações.

⁴⁶ Conforme descreve a publicação Universo Masculino: “25 de agosto de 2005. Nessa data o futebol brasileiro assistiu ao fim de uma das mais demoradas negociações para a venda de um jogador. Após um mês de queda-de-braço com o Santos, o atacante Robinho, na época com 21 anos, deixou o clube paulista e foi jogar no Real Madrid, da Espanha. A transação para o clube mais rico do mundo envolveu a cifra recorde de 40 milhões de euros (30 milhões foram para o Santos, e o restante para Robinho e seu agente) e ecoou em todo o mundo” (Universo Masculino, 2007: 1).

Paralelamente, as transferências de jogadores são temáticas relevantes para os meios de comunicação. Segundo Carlin: “Duas coisas compõem a dieta básica do jornalismo esportivo: jogos e notícias de transferências (...) Como há no máximo dois dias de jogos por semana, a cada semana você fica com pelo menos dois, normalmente três, em que ainda tem de encher páginas de esporte. As transferências – normalmente especulações sobre transferências – são o que preenche o vazio” (2006: 61). Em meio ao conflito de interesses entre clubes e mídias, o pólo mais fraco é sem dúvida o dos torcedores/espectadores, sujeitos tanto à falta de transparência das agremiações envolvidas em negociações quanto à especulação de jornalistas e cronistas sobre o destino dos jogadores que consideram importantes – o que fica patente na indignação expressa por gUs* contra o *Estadão*.

A discussão por ele iniciada suscitou trinta e três comentários posteriores. Alguns internautas declararam compreender a raiva de gUs*, com afirmações como “É a PORRA da mídia”, “a mídia é sensacionalista” e “IMpresa é tudo fdp [filha da puta]!” (Fórum HardMOB, 2005: s/p). Todavia, somente uma minoria expressou concordância com a iniciativa de estabelecer um movimento de *flooding* contra o jornal. Parte das respostas duvidava da importância do tema, apresentando declarações como: “No que isso muda a minha ou a tua vida?”, “Quando a gente acha que está prestes a entrar em um tópico sobre um assunto de alguma relevância... Surpresa!” e “Cara, vc quer q eu perca meu tempo q eu poderia tar coçando o cu ou peidando e cheirando, pra enviar um email reclamando q eles publicaram uma notícia errada?!” (Fórum HardMOB, 2005: s/p).

Outros internautas consideraram a questão encerrada defendendo que o jogador não permaneceria no Brasil, a despeito de qualquer declaração do Santos Futebol Clube, como nos comentários: “Mas o Robinho vai msm [mesmo]!..”, “Robinho é do Real sim.. / Parem de chorar santistas...” e “O cara tá de saco cheio com Brasil e dou o maior apoio pro cara ser reconhecido mundialmente” (Fórum HardMOB, 2005: s/p). Um último grupo de críticas se concentrara na legitimidade de utilizar a estratégia de *flooding* para demonstrar indignação contra o jornal. Neste sentido, um internauta perguntou: “Ué prá que floodar ? Manda um e-mail pro ombudsman do Estadão”, enquanto outro atestou que “Se floodarmos todo jornal que publicar uma noticia sensacionalista não faríamos mais nada da vida” e um terceiro criticou gUs* escrevendo que “Qualquer merda é motivo pra flodar, porra!!! Vamos

flodar o Planalto pedindo mais dignidade para o povo brasileiro, mais educação e saúde” (Fórum HardMOB, 2005: s/p).

O debate no HardMOB permite investigar as representações que cercam a mobilidade social e geográfica dos jogadores e o potencial de mobilização política existente contra a negociação de atletas. Apesar da reclamação de gUs* ter sido motivada pela divulgação de reportagens inverídicas em um jornal, os comentários posteriores são indicativos da heterogeneidade de percepções sobre as transações internacionais. As divisões oriundas da competitividade entre torcedores de diferentes clubes são fatores importantes, mas a noção de que a transferência dos atletas é acima de tudo uma questão de direito individual (e não de interesse público) parece ser predominante.

Na intersecção entre mídia e futebol, o descontentamento expresso por um leitor/torcedor em um fórum de discussão na internet e, em especial as respostas que suscitou, são exemplos significativos do caráter multifacetado das representações sobre transferências internacionais. Apesar de não se constituir em um discurso definitivo e coerente (e por isto mesmo), o debate no HardMOB demonstra a heterogeneidade de perspectivas construídas simultaneamente uma com/contra as outras. Pesquisar os processos de migração de atletas brasileiros exige atentar para esta multiplicidade, demonstrando que as afirmações de torcedores, dirigentes, jogadores, da mídia e da própria academia são co-dependentes, numa dinâmica de reforço e contestação de representações.

Neste sentido, é paradigmática a equação estabelecida por Pai Mei, segundo a qual “Europa = Fama = Sucesso = Mulheres = Dinheiro = Contratos Milionários de Publicidade”. Com efeito, na dinâmica de visibilidade do futebol internacional, determinadas agremiações européias propiciam fama e sucesso, altos salários e contratos publicitários vantajosos. A interpretação de Pai Mei reforça a percepção hegemônica de que o topo da carreira de um futebolista brasileiro é uma colocação em um dos clubes participantes da *Liga dos Campeões*.

Interessa ressaltar, todavia, que sua lista incluía “mulheres” como uma das “conquistas” implícitas ao auge da trajetória dos jogadores. Como tem argumentado o debate sobre esporte e masculinidades, as práticas desportivas dominantes não apenas desvalorizam o engajamento de mulheres em um processo de exclusão/depreciação, mas funcionam ativamente na (re)produção da desigualdade de gênero, criando espaços de homossociabilidade cuja dinâmica é de afirmação de superioridade pelos

homens (Messner e Sabo, 1990). A equação não é exclusiva de Pai Mei, ao contrário: trata-se de uma percepção amplamente difundida no universo futebolístico. “Salários astronômicos, fama, mulheres, carrões importados. Se você é jogador de futebol e dos bons, pode ter tudo isso em um estalar de dedos” (Amaral, 2006: s/p). No plural e niveladas com automóveis e rendimentos financeiros, as mulheres estão sujeitas a um processo de objetificação extremamente perverso neste tipo de representação. Elas são tomadas como um dos denotadores de status dos boleiros bem sucedidos e mobilizadas para legitimar a masculinidade hegemônica (heterossexual).

A popular figura da “Maria Chuteira” – expressão utilizada para designar mulheres que teriam especial interesse em relacionar-se amorosamente com jogadores de futebol – constrói as mulheres como sendo predominantemente ambiciosas e interesseiras: “Todo mundo já sabe que existem jogadores que ganham fortunas com o futebol, jogadores milionários que deixam as Marias Chuteiras louquinhas para arrumar um bom casamento, o casamento ‘Baú da Felicidade’” (Tapa na Cara, 2008: s/p). Segundo o estereótipo popular, a Maria Chuteira é atraente, atrevida e loira, na maioria dos casos “oxigenada” (ou seja, com os cabelos descoloridos com água oxigenada). O objetivo principal de uma Maria Chuteira seria casar-se com um futebolista ou “dar o golpe da barriga”, a saber, engravidar de um jogador rico visando receber a pensão alimentícia legalmente garantida para a(s) criança(s) até a maioridade. Convém ressaltar que tal estereotipização não é desrespeitosa somente com as mulheres, mas igualmente com os jogadores de futebol, na medida em que insinua serem dinheiro e fama seus únicos fatores de atração no “mercado” afetivo. Caso se considere que o recrutamento de boleiros tem classe e raça como determinantes relevantes, pode-se começar a acessar o caráter profundamente preconceituoso que conforma a figura da Maria Chuteira.

Uma entrevista concedida à Revista Veja em 2003 pela jogadora Milene Rodrigues, a “Rainha das Embaixadinhas”, fornece mais alguns elementos para pensar sobre as configurações de gênero no futebol. Milene era uma figura pública por ter conquistado o “recorde mundial de embaixadinhas, aos 17 anos, ao dar 55.197 toques em uma bola de futebol durante nove horas seguidas, sem parar sequer para comer” (Agência Estado, 2006: s/p). Posteriormente, namorou, teve um filho e casou-se com Ronaldo Nazário, ou “Fenômeno”. A introdução formulada pela Veja à fala de Milene reforça sua imagem pública como esposa do jogador: “A mulher de Ronaldo diz que ‘existe vida fora do casamento’ e que não quer ficar com o dinheiro dele”

(Brasil, 2003: s/p). Explorando como notícia as crises de relacionamento do casal, a entrevista permite acessar algumas das representações que cercam o assédio feminino aos futebolistas: “Desde que se casou com o jogador, quatro anos atrás, a paulistana Milene Domingues, 24 anos, já ouviu várias histórias sobre o envolvimento de seu marido com modelos, dançarinas... No princípio do casamento, tais comentários a incomodavam muito. Agora, não mais” (Brasil, 2003: s/p).

É relevante que as mulheres citadas pela *Veja* sejam modelos e dançarinas, em sua maioria integrantes do universo midiático para quem beleza e visibilidade são questões profissionais. Segundo Milene: “Muitas delas fazem tudo por um minuto de fama, por uma oportunidade de aparecer. Quando sai publicado que uma mulher foi vista com um jogador, e o mesmo acontece quando ela sai com um artista, o passo seguinte é o assédio. As mulheres conseguem trabalho por pelo menos três meses. Algumas acabam posando nuas, ganham dinheiro” (apud Brasil, 2003: s/p). Apesar de não ser explicitamente nomeada, tais comentários se referem à figura Maria Chuteira e à sua posição (subalterna) na hierarquia do *show business*. Neste mesmo sentido, a despeito de salientar que seu relacionamento com Ronaldo “foi diferente”, Milene reconhece que a fama do marido foi relevante para sua convocação para a seleção feminina brasileira de futebol: “Ele me ajudou indiretamente. Pelo fato de eu ser esposa dele, as pessoas têm curiosidade e vão procurar saber se estou jogando. Acabam indo lá ver” (apud Brasil, 2003: s/p).

A história de Milene também é significativa para examinar a dimensão de gênero implícita na mobilidade dos jogadores. Ela descreve da seguinte maneira sua rotina na Itália, na época em que Ronaldo atuava no Internazionale: “Eu tinha tudo que alguém poderia sonhar em ter. Uma casa com três andares, três carros na garagem. Podia sair e comprar o que tivesse vontade, mas aquilo não era a minha felicidade (...) Viver na Europa, longe do meu país, da minha família, dos meus amigos, e sem falar italiano, não é fácil. (...) O primeiro ano na Europa foi difícil” (apud Brasil, 2003: s/p).

Relacionada ao fato das imigrações serem, tradicionalmente, uma prática masculina, as transferências internacionais impactam de forma direta a vida das esposas de futebolistas – e possibilita problematizar quem são as mulheres dispostas a acompanhar seus maridos. Aproximadamente um mês após a publicação da entrevista na *Veja*, Ronaldo e Milene oficializaram sua separação. De acordo com reportagens publicadas na época, um trabalho que a jogadora teria feito para uma revista

masculina teria precipitado o divórcio do casal, que selara um acordo pré-nupcial de separação total de bens: “Foi a gota d’água. O ensaio sensual de Milene Rodrigues na revista Vip, da Editora Abril, rachou de vez o casamento com o craque Ronaldo” (Redação do JM, 2003: s/p).

Outra representação reveladora sobre a construção de estereótipos de gênero no futebol é a dos significados investidos na bola – substantivo feminino e feminilizado. De acordo com Armando Nogueira, “a alma feminina de uma bola é capaz de perfídias inimagináveis” (1998: 145). Mesmo defendendo publicamente a participação das mulheres nos esportes em geral, Nogueira reforça a dinâmica de erotização a que estão submetidos os corpos femininos, posicionando-os como alvo do olhar masculino⁴⁷. Seus comentários traçam repetitivos paralelos entre a bola e as mulheres: “Ganhei uma bola. É uma jóia. Contemplo-a como se estivesse olhando uma mulher bonita” (1998: 1). Roberto DaMatta, em crônica publicada no Jornal da Tarde, compara a bola de futebol às personagens de Capitu e Carmem, para posteriormente descrever “essa bola que tentamos domesticar, segurar e ‘comer’. Sem ela, poderia haver jogo, mas não haveria grandeza e ritual. Pois a bola representa insegurança, descontrole e, é claro, o sal da vida” (2006: 24).

Tanto quanto às metáforas militares e de combate, como foi apontado por Franco Júnior (2007), o futebol se presta à metáforas sexuais, difundindo um imaginário que contrasta estereótipos de masculinidade-ativa e feminilidade-passiva. Segundo DaMatta, “a potência que sustenta casamentos, engendra filhos e, no campo de futebol, produz a vitória, não depende só de milagre. Ela é, acima de tudo, a decisão de ‘comer a bola’ e o time adversário (...) Se a bola, como todo mundo sabe, corre mais do que os homens, não se pode ficar parado, tem-se de correr atrás dela e fazê-la penetrar no gol do adversário” (2006: 55). Na mesma medida em que se pretendem literárias, tais narrativas não são inocentes e, como demonstra a crítica feminista, reforçam padrões desiguais de gênero.

O futebol, espaço privilegiado para socialização de meninos e homens no Brasil, oferece uma arena de difamação pública e deliberada dos “Outros” identitários

⁴⁷ “Steffi Graf era uma menininha sem graça. Jogava um tênis soberbo, mas não tinha a sensualidade de Natalia Svereva, nem a beleza de Sabatini. Fez-se moça, ganhou viço e já é, hoje, uma das musas mais cortejadas do tênis internacional. A cada novo game, Steffi fica mais bonita. Agora, ela resolveu inovar em matéria de roupa. Trocou o uniforme convencional por um conjunto bem mais sedutor. Um saíote generosamente curto, vazado na frente e atrás, deixando à vista uma calcinha estampada de singular colorido. Um toque sensual que o olho da televisão, como o meu próprio, contempla sem piscar” (Nogueira, 1998: 22).

da masculinidade hegemônica. Em nenhum outro lugar isto é mais manifesto do que nos estádios, palco do clamor das torcidas. Formulados visando não só valorizar seu próprio time, mas ofender o clube e os torcedores adversários, os gritos entoados em coro compartilham o padrão sexualizado e misógino do linguajar de baixo calão em português. Algumas das ofensas generalizadas são menções pejorativas às supostas práticas sexuais das mulheres relacionadas aos torcedores adversários – indicando que os interlocutores idealizados são igualmente do sexo masculino. A torcida do São Paulo Futebol Clube, por exemplo, em confrontos futebolísticos contra a Sociedade Esportiva Palmeiras, brada: “éééé / mulher de palmeirense só não come quem não quer / eu já comi!”⁴⁸ Em Recife, a Torcida Organizada Inferno Coral, composta por adeptos da agremiação tricolor Santa Cruz Futebol Clube, ofende seus rivais da torcida Jovem, do Sport Clube do Recife (cujas cores são vermelho e preto) gritando: “ÔôÔôô mulher de rubro negro só fode com tricolor ÔôÔôô”.

Outro conjunto ainda mais forte de estratégias de difamação se assenta na homofobia predominante no universo do futebol. Contra seus adversários torcedores do Coritiba Football Club, também conhecido como *Coxa*, os integrantes da Fanáticos, torcida organizada do Clube Atlético Paranaense, entoam: “Atirei o pau nos coxas / E mandei tomar no cu / Coxarada filha da puta / Chupa rola e dá o cu / Hey, coxa, vai tomar no cu!!!” De acordo com Antônia Schwinden, “No jogo contra o Grêmio Foot-ball Porto Alegrense (31 de outubro/07), um dos seus jogadores ouviu dos mais de 20 mil torcedores atleticanos – incluindo ‘família, mulheres e crianças’ – durante aproximadamente cinco minutos um coro ritmado e uníssono de ‘vá-toma-no-cu”” (Schwinden, 2008: 85). Num acróstico para depreciar a imagem dos competidores da torcida Jovem, a Inferno Coral canta nos estádios: “J de Jovengay (bis)... o O é de Otário (bis)... o V é de Viado (bis)... o E é de Estranho (bis)... o M é de Mulher (bis)...” Tais excertos demonstram a existência de uma dinâmica similar à analisada por Ben Clayton e Barbara Humberstone no tocante às conversas informais entre universitários jogadores de futebol na Inglaterra. O estudo aponta que, em meio à sociabilidade praticada em vestiários e bares estudantis, “os homens negociam sua identidade posicional masculina e (re)afirmam sua separação do ‘outro’, as mulheres e os homens gays” (2006: 295, tradução livre).

⁴⁸ Todos os gritos de torcidas foram coletados em endereços eletrônicos das torcidas organizadas, referenciados na bibliografia.

Ela própria uma torcedora do Atlético, Antônia Schwinden entrevistou dez adeptas do clube para a produção de um livro sobre o relacionamento das mulheres com o futebol denominado *Dez atleticanas e uma fanática*. Para todas as participantes, os palavrões são parte do ambiente do estádio, uma das características que o torna atraente. A maioria delas os profere e considera sem fundamento as apreciações contrárias aos xingamentos. Uma das entrevistadas se Schwinden, que declara nunca dizer palavrões, ressalva que adere aos hinos dos torcedores: “no dia em que não conta aquela musica do Coxa não é um dia de jogo. Tem que ter aquela musiquinha, mesmo que a gente jogue com outros [times]” (Schwinden, 2008: 87). Esposando uma perspectiva contrária à de Clayton e Humberstone, Schwinden defende “a honra e o lugar do palavrão” enquanto expressão popular, afirmando que as obscenidades misóginas e homofóbicas assumem um caráter diverso dependendo do contexto de utilização. Baseando-se em estudos lingüísticos, ela argumenta:

Lá nos idos dos anos oitenta, Dino Preti escreveu que a linguagem obscena em determinadas situações perde sua conotação injuriosa e, com isso, o vocabulário obsceno cresce e o chamado ‘palavrão’ se desmitifica, contribuindo ‘para a rápida superação dos tabus morais que ele representa’. Será?! No campo, o assistente de árbitro é ‘piranha’ e ‘gostosa’, e o bandeira, um ‘veado’ ou ‘corno’. Acrescento aqui a explicação de Desiree: ‘na verdade, não significa isso, né? (...) o cara que te corta no trânsito, embora seja macho, é veado, porque aquilo é uma veadagem, não tem nada a ver com homossexualidade, é um xingamento diferente...’ (Schwinden, 2008: 84).

Schwinden cita uma crônica de Armando Nogueira, publicada em 1973: “A acreditar nas conversas da cidade, ao longo da semana, as mulheres resolveram se juntar aos noivos, aos maridos, aos namorados, aos amigos, às amigas, e vão encher de encantos o Maracanã, hoje à noite. Já estou ouvindo o auto-falante do estádio, logo mais: ‘Torcedor, ao seu lado pode estar uma mulher: contenha a sua linguagem’” (Nogueira, 1973: 135 apud Schwinden, 2008: 88). Ressaltando a crescente inserção feminina nos estádios desde 1973, Schwinden critica a mobilização da presença de mulheres como argumento para censurar o linguajar de baixo calão: “ainda ronda o perigo de servirmos de justificativa para manter o falso moralismo” (Schwinden, 2008: 88). Para além da defesa dos palavrões, a autora ressalta a dimensão preconceituosa de interpretações pretensamente respeitadas que defendem a ausência de obscenidades em contextos freqüentados por mulheres.

Um intenso movimento de condenação social aos cânticos e ofensas racistas têm, paulatinamente, conscientizado os agentes envolvidos no universo do futebol sobre o caráter político de expressões pejorativas como “macaco”. Apesar de não

estarem excluídos dos estádios, os gritos e ofensas que depreciam afro-brasileiros foram inseridos na agenda pública como um problema a ser enfrentado. Neste sentido, a Fifa tem patrocinado projetos contra o racismo no Brasil, de que é exemplo o site www.racismonofutebol.org.br, mantido por Martin Christoph Curi Spörl, antropólogo alemão radicado no Rio de Janeiro⁴⁹. Encabeçado pelo slogan *Mande um cartão vermelho para o racismo no futebol*, o site realiza enquetes, disponibiliza notícias, artigos e estudos de caso contra práticas discriminatórias entre torcedores e jogadores, contrapondo-se frontalmente à ideologia da democracia racial brasileira. A iniciativa é elogiada pela maioria dos internautas que manifestaram sua opinião no site, e auxilia não apenas na criação de espaços públicos de debate, mas no processo de identificação e censura aos mecanismos racistas no futebol.

Em um jogo contra o São Paulo Futebol Clube pela *Taça Libertadores da América*, realizado na capital paulista em 14 de abril de 2005, Leandro Desábado, “jogador argentino do Quilmes [Atlético Club], teria ofendido o jogador do São Paulo chamado Grafite com expressões de cunho racista: ‘*Negrito de mierda, enfia la banana en el culo*’” (Abrahão e Soares, 2007: 2, itálicos no original). A ofensa contra Edinaldo Batista Libânio, o “Grafite”, está imersa na complexa dinâmica dos estereótipos raciais, que remete os negros para a esfera da natureza, da inferioridade e da irracionalidade. Desábado foi detido por injúria qualificada após o término do jogo. Segundo artigo de Arahão e Soares, disponibilizado no site www.racismonofutebol.org.br, tal utilização de uma disposição legal para defender o jogador ofendido – e, junto com ele, a identidade nacional brasileira – não deve ser encarada como indicativo da ausência de discriminação racial no país. “O racismo de Desábato que supostamente após a prisão seria tratado como crime inafiançável, foi tratado, nos termos da interpretação legal, com um tipo de injúria não enquadrada como racismo e, portanto, afiançável” (2007: 15). Convém ressaltar que sua prisão foi efetuada *após* o jogo, o que é indicativo da importância concedida ao combate ao racismo no futebol. Mantido sob custódia durante 16 horas, o futebolista foi liberado depois da fiança ter

⁴⁹ Pertinente ressaltar que a disponibilidade de patrocínio não está descolada de questões geopolíticas: “O site coordenado por Spörl tem o apoio oficial da Fare, ONG europeia estabelecida em 1999 e que lidera as campanhas internacionais de combate ao racismo no futebol. / A entidade tem até o aval da Fifa para regular a questão. Foi a Fare (sigla em inglês para futebol contra o racismo na Europa) quem abriu o edital para selecionar projetos bancados pela entidade do futebol mundial e é ela quem administra os repasses do financiamento. / Além do projeto do alemão, outras duas iniciativas foram agraciadas na primeira oferta de verba da Fifa a entidades não europeias de combate ao racismo. ‘Uma é do México, e a outra, da África’, disse Spörl” (Ferrari, 2008: s/p).

sido quitada por seu clube. Apesar disso, os autores argumentam que “essa prisão foi inédita na história do futebol brasileiro” (2007: 2).

Na grande maioria dos relatos sobre o evento, a frase de Desábato é descrita como racista, ao passo que a homofobia nela implícita raramente é citada como um mecanismo de discriminação social. Mesmo Abrahão e Soares somente a mencionam de passagem, de maneira indireta: “Em tempo, é importante salientarmos que Desábato, ao mandar ‘enfiar la banana em el culo’, utilizou duas imagens para desestabilizar emocionalmente Grafite pelos códigos da masculinidade que deve ser definida pela atividade e da superioridade ‘racial’ [sic]” (Abrahão e Soares, 2007: 7-8) – portanto, sem nomear explicitamente a dimensão de preconceito sexual presente na ofensa. Neste sentido, parece acertado indicar que, se há um movimento público e difundido visando deslegitimar o linguajar racista no futebol, o mesmo não pode ser dito sobre as discursividades homofóbicas e misóginas.

No dia 29 de agosto de 2007, “o meio-campista Richarlyson, do São Paulo, foi recepcionado no Parque Antarctica⁵⁰ aos gritos de ‘bicha’ e ‘mulher’” (Correio do Brasil, 2007: s/p). Especialmente ofendida pelo fato de Richarlyson Barbosa Felisbino ter optado, em 2005, por atuar no São Paulo Futebol Clube em detrimento de sua agremiação, a torcida palmeirense dava continuidade ao discurso de difamação iniciado por Jose Cyrillo, dirigente do Palmeiras, em junho de 2007. Participando de um programa televisivo, Cyrillo foi questionado sobre um boato segundo o qual “um jogador de um grande clube paulistano estava em negociação com a TV Globo para assumir a homossexualidade (...) Indagado sobre a possibilidade de haver um atleta homossexual no elenco palmeirense disposto a assumir publicamente sua opção, Cyrillo começou a responder dizendo: ‘O Richarlyson quase foi do Palmeiras’” (Folha Online, 2007: s/p). Frente ao frisson midiático que a declaração causou (e acentuando-o) Richarlyson apresentou uma queixa-crime contra o dirigente do Palmeiras. O juiz Manoel Maximiano Junqueira Filho, responsável pelo caso, determinou a não continuidade do processo: “No documento em que relaciona os motivos para o arquivamento do caso, Junqueira Filho classifica o futebol como ‘jogo viril, varonil, não homossexual’ e sugere que um atleta gay deve abandonar a carreira ou montar um novo time e criar uma federação própria para continuar atuando” (Folha Online, 2007: s/p). Posteriormente, a sentença se tornou alvo de sindicância do

⁵⁰ Estádio Palestra Itália da Sociedade Esportiva Palmeiras, em São Paulo.

poder judiciário, Junqueira Filho decidiu anular o que escreveu e Richarlyson iniciou novo processo contra o juiz. Mesmo não sendo prática exclusiva do universo esportivo, utilizar termos relacionados à homossexualidade e à feminilidade como injúrias, como fez a torcida do Palmeiras contra Richarlyson, corresponde a elevar simbolicamente a masculinidade “viril, varonil, não homossexual”.

Identificar algumas das dinâmicas de gênero implícitas no futebol brasileiro possibilita interpretar de maneira diversa o investimento nacionalista que se realiza ao redor deste esporte – em outras palavras, quais são as ausências criadas pela invenção da tradição do Brasil como país do futebol⁵¹. Silvana Vilodre Goellner argumenta que “há muito tempo as mulheres protagonizam histórias no futebol brasileiro ainda que tenham pouca visibilidade, seja na mídia, no cotidiano dos clubes e associações esportivas, na educação física escolar ou nas políticas públicas de lazer” (2005: 143). As experiências femininas no futebol, além de quantitativamente reduzidas, são distintamente valorizadas, na medida em que se inserem nas dinâmicas de espetacularização/erotização das mulheres, do qual o ensaio de Milene para a revista VIP é um exemplo. “Objeto do olhar de outrem, o corpo erotizado no e pelo esporte, inventa uma imagem da atleta contemporânea que, mesmo exercitada fisicamente, inscreve no seu corpo marcas que o tornam absolutamente desejável” (Goellner, 2005: 147).

Promovido pela Federação Paulista de Futebol (FPF), o campeonato estadual de futebol feminino de 2001, também conhecido como “Paulistana”, interditou a participação de atletas que tivessem mais de 23 anos, cabelos raspados ou corporalidade “masculinizada”. De acordo com uma das jogadoras da competição, não identificada porque o regulamento proibia expressamente as participantes de publicizar críticas à organização do Campeonato: “Eles queriam vender a imagem do campeonato, passar na TV, eles não iam querer ver uma desdentada, e queriam ver a loirinha. Então teve muita menina que passou porque era bonitinha e não porque jogava. (...) Como teve menina também, que era do cabelinho ruim, não tinha dente, não passou e jogava bem. Foi muito de imagem e isso me irritou, me irritou mesmo” (apud Knijnik e Vasconcellos, 2003: 86). Jorge Dorfman Knijnik e Esdras Guerreiro Vasconcellos argumentam que a “promoção da Paulistana nestes moldes gerou uma

⁵¹ Seguindo a proposta metodológica estabelecida por Boaventura de Sousa Santos em sua sociologia das ausências e das emergências (2006).

série de polêmicas: deputados entraram com representações contrárias à discriminação das 'feias', atletas foram aos jornais reclamar, houve alguns protestos isolados, mas o campeonato aconteceu” (Knijnik e Vasconcellos, 2003: 77).

O Campeonato Paulista Feminino de Futebol de 2008 tem inscritas 18 equipes (Federação Paulista de Futebol, 2008). Em grande parte dos times, as mulheres conciliam dupla jornada de trabalho. Exemplo é o Nacional A.C., do distrito de Barra Funda em São Paulo, que tem dificuldade de manter o ritmo de treinamento de três vezes por semana. Segundo o diretor de futebol da equipe, Cláudio Ferraz Aguirre: “Depende da disponibilidade das meninas. Como a maioria do grupo trabalha e temos dificuldade em encontrar bons campos de futebol, treinamos na quarta ou quinta-feira” (apud Federação Paulista de Futebol, 2008). Segundo a jogadora Marta Vieira da Silva, “o Brasil é o país do futebol masculino. As mulheres não têm muito espaço, essa é a realidade” (apud Maranhão, 2006: s/p). Marta é, atualmente, a mais famosa boleira brasileira.

À primeira vista, a trajetória de Marta é bastante semelhante à dos boleiros nacionais bem-sucedidos. Nascida em um pequeno município de Alagoas, filha de uma família mono-parental de baixa renda, atuou por algum tempo no Rio de Janeiro e no interior de São Paulo, antes de transferir-se para o clube Umeå IK, da Suécia, em 2004, quando tinha dezoito anos. Também referida como “Pelé de saias”, Marta foi eleita como a melhor jogadora do mundo pela Fifa em 2006 e 2007 e foi artilheira da seleção brasileira nos *Jogos Pan-americanos* de 2007. Tem o segundo maior rendimento mundial entre as jogadoras de futebol do mundo, de aproximadamente US\$ 55 mil por mês entre salário e patrocínios, e seu “carro dos sonhos” é um BMW (The Official Site of Marta, 2008). Ao contrário dos homens, entretanto, para quem o ingresso no futebol representa um processo normalizado, padrão, condizente com as práticas masculinas, o percurso de Marta não foi marcado por incentivos. Segundo seu site oficial na Internet: “No início, a pequena Marta não era tão feliz quanto às demais crianças, já que era a única menina a correr atrás da bola, e sofreu com o preconceito. Seus primeiros chutes e dribles foram dados entre os moleques da vizinhança, a maioria deles bem mais velhos do que ela. Alguns diziam que Marta não podia jogar por ser mulher” (The Official Site of Marta, 2008).

A proibição legal à prática do futebol feminino vigorou no Brasil entre 1965 e 1979 (Goellner, 2005). O futebol feminino não tem, até o presente, um calendário nacional que proporcione a continuidade das iniciativas, apesar de alguns esforços

estarem sendo realizados neste sentido – inclusive por influência da Fifa e do Ministério dos Esportes, que têm promovido o jogo para as mulheres. De acordo com a mídia esportiva, “o futebol feminino luta para sobreviver no país” (Pappon, 2004: s/p). Tais condições de existência são refletidas nos percursos migratórios realizados pelas atletas: “Apesar de adorar o Brasil, Marta afirmou que tão cedo não volta para o país (...) ‘Se sair de lá [Umeå], só se for para outro clube europeu’, explicou” (Gazeta do Povo, 2006: 2). Não existem estatísticas oficiais nem dados oficiais que permitam avaliar a dimensão das transferências internacionais entre as jogadoras brasileiras⁵². Segundo Delma Gonçalves, mais conhecida como “Pretinha”, que atuou nos Estados Unidos, no Japão e na seleção brasileira: “É que nem no futebol masculino, todo mundo quer jogar no exterior (...) Lá tem mais valorização” (apud Pappun, 2004: s/p).

Quando a seleção de futebol feminina recebeu a medalha de ouro nos *Jogos Pan-americanos*, em 2007, Marta deu continuidade à estratégia de ocupação do espaço midiático para exigir maior atenção ao futebol feminino – o que já havia realizado em competições internacionais anteriores e nas premiações da Fifa. Em entrevista publicada pela Agência Brasil, afirmou: “Tem muita menina querendo jogar, tem muita Marta, muitas Formigas, muitas Danielas [jogadoras da seleção]⁵³ e a gente ta ai junto na luta para que isso venha acontecer, para que a gente possa ter uma liga, para que a gente possa ter uma estrutura melhor aqui no Brasil” (apud Amado e Aquino, 2007: s/p). A jogadora defende que o desenvolvimento do jogo entre as mulheres não depende apenas da CBF, mas do envolvimento dos clubes, das empresas e do governo. Ao mesmo tempo em que as reivindicações por maior apoio e investimento ao futebol feminino brasileiro feitas pelas jogadoras são legítimas, é pertinente salientar dois aspectos obscurecidos por seus protestos, na medida em que são ausências criadas nos interstícios do discurso.

Ao defender que “lá [no exterior] tem mais valorização” e que é necessária “uma estrutura melhor aqui no Brasil”, o discurso de reivindicação afirma implicitamente que a diferença entre o futebol masculino e o feminino é um problema

⁵² Discutindo o esporte em geral, não só o futebol, Maguire argumenta: “Seja quais forem as vantagens [na migração esportiva], elas parecem fluir ao longo de linhas de gênero, pois o padrão de migração global descrito até agora, envolvendo jogadores, treinadores e oficiais, envolve predominantemente, ainda que não exclusivamente, homens” (Miguire, 1999: 99, tradução livre).

⁵³ Observe-se que os autores da reportagem consideraram necessário identificar as jogadoras, o que seria impensável para jogadores da seleção brasileira masculina.

nacional. Todavia, uma descrição sobre o contexto esportivo português constata que: “É um futebol diferente. Não tem muitos espectadores, não tem transmissão televisiva, não tem milhares de euros, não tem estrelas e – muitas vezes – nem tem relvados (...) As jogadoras da 1ª e 2ª Divisões de futebol feminino são todas amadoras” (Cabral, 2007: s/p). Trata-se de uma realidade compartilhada por grande parte das jogadoras de futebol em diversos países do mundo. Mesmo para aquelas que ocupam as posições mais valorizadas do futebol feminino mundial, a desigualdade com seus colegas homens é patente. O rendimento de Marta, por exemplo, não alcança 5% do salário de Ricardo Izecson dos Santos Leite, o “Kaká”, jogador brasileiro com a maior remuneração mundial do futebol, de aproximadamente US\$ 14 milhões por ano, sem incluir patrocínios ou contratos publicitários (Futebol Finance, 2008). Em paralelo, a premiação outorgada pela Fifa aos “melhores” jogadores do mundo, que teve início em 1991 para o futebol masculino, somente foi estendida ao futebol feminino em 2001. Neste sentido, a desigualdade de gênero no jogo (e no esporte em geral) não é uma questão brasileira – mesmo que ela se encaixe perfeitamente nas narrativas sobre o “atraso” do país.

Uma segunda ausência criada pelo debate sobre a falta de apoio ao futebol feminino, tal como tem sido formulado, é a existência de um expressivo número de jogadores homens que não estão inseridos nos grandes clubes e também enfrentam a falta de investimento. Cláudia Silvia Jacobs e Fernando Duarte apontam que, “de acordo com as estatísticas oficiais mais recentes, baseadas nos registros de 2002 da CBF, 82,41% dos pouco mais de 19 mil atletas profissionais brasileiros atuando no país não ganhavam mais do que dois salários mínimos por mês e apenas 3,57% contavam com uma renda mais avantajada de vinte salários mínimos” (2006: 15). Mário Magalhães, em *Viagem ao país do futebol*, narra algumas histórias sobre agremiações marginais, cujas condições de existência são precárias. Uma delas é a Sociedade Esportiva Ypiranga Futebol Clube, de Santa Cruz do Capibaribe, em Pernambuco, que participa da primeira divisão do campeonato estadual, mas não é capaz de garantir o valor de um salário mínimo para seus atletas e administradores. A maioria dos envolvidos com o Ypiranga mantém seu sustento com a fabricação de roupas de baixo em estabelecimentos domésticos (Santa Cruz do Capibaribe é um importante pólo de produção e venda de calcinhas, cuecas e shorts). “No começo da temporada [de 1997], o dirigente reuniu a equipe e tornou público o salário de cada jogador. ‘Aqui, todos sabem quando os outros ganham (...) Eles têm que entender que

isso não é emprego, mas uma vitrine para aparecer. O Gaúcho, que jogou aqui, está no Rio Ave, de Portugal” (Magalhães, 1998: 76-7). A dupla jornada de trabalho e as dificuldades enfrentadas por jogadores do Ypiranga, que ocupa a 278ª posição no ranking de clubes da CBF, são justificadas pela possibilidade de mobilidade que o futebol oferece.

“Como seus companheiros, o centroavante Gerlan, do Atlético Roraima Clube, não recebe remuneração. Para efeitos legais – agora o campeonato é profissional –, ele ganha um salário mínimo” (Magalhães, 1998: 39). Alçada à categoria profissional em 1995, a primeira divisão do campeonato de Roraima, estado cuja economia se baseava na extração de ouro e diamantes, não oferece condições empregatícias mínimas para seus jogadores. O diretor de futebol do Atlético de Roraima, clube da capital, Boa Vista, Josenildo Feitosa, “descobriu o que considera a principal semelhança entre a corrida do ouro e o esporte: ‘Futebol é como garimpo. O sonho de vencer é de muitos, mas poucos chegam lá’ (...) Para os jogadores, hoje a chance de fortuna está associada a um passo indispensável: ir embora” (Magalhães, 1998: 40).

**

As histórias descritas por Magalhães se referem a agremiações geograficamente distantes do centro futebolístico nacional, mas elas não são exclusivas de espaços “marginais”. As dinâmicas de desigualdade entre Norte e Sul internos se reproduzem em mais de uma escala – a disparidade entre as agremiações curitibanas é exemplo de fato. A trajetória de vida dos jogadores entrevistados ao longo desta pesquisa revelam que as conquistas e derrotas que o futebol proporciona assumem formatos diversificados, não estando restritos à dimensão econômica (apesar dela ter importância crucial). Também relações outras com as mulheres podem ser identificadas, especialmente moldadas pelos contextos familiares e/ou nacionais. Dando continuidade à análise da fala dos atletas, problemáticas diversas emergem no tocante às representações de gênero, bem como ao que significa “chegar lá” em experiências profissionais futebolísticas, nas quais está envolvida a mobilidade internacional. A seguir são interpretadas entrevistas realizadas com quatro boleiros que, ao contrário dos aspirantes mencionados anteriormente, encerraram sua experiência no futebol profissional. Os nomes são fictícios.

*

Vinícius nasceu no município de Rolândia, no norte do Paraná, em 1960. O pai, ensacador de café, e a mãe, dona de casa, migraram com a família para Curitiba quando ele tinha seis anos de idade. Frente às dificuldades financeiras do domicílio, Vinícius realizava diversos serviços informais e, aos sete anos, passou a trabalhar como frentista em um posto de gasolina. O comprometimento profissional e as constantes mudanças de moradia entre bairros de Curitiba fizeram com que Vinícius parasse de freqüentar a escola na quarta série do ensino primário. Aos 48 anos, ele afirma: “Uma coisa que eu me arrependo é não ter estudado”.

Na infância de Vinícius, o futebol representava um lazer e uma promessa. Perguntado sobre por que começou a jogar, respondeu: “Porque eu adorava, né? Adoro até hoje (...) A minha vida é futebol, desde criança eu sabia que eu queria jogar. Eu jogava descalço no campo de terra”. Aos dezesseis anos foi convidado por amigos para participar de uma peneira em um clube profissional e, dentre todos os colegas que o acompanharam, foi o único aprovado. Vinícius defende que as peneiras são momentos de extrema competitividade, durante os quais os jogadores “têm que mostrar tudo ali, na hora”. Tendo sido bem sucedido, ingressou no Colorado Esporte Clube, agremiação que, em 1989, seria reunida ao Esporte Clube Pinheiros para dar origem ao Paraná Clube.

Vinícius foi profissionalizado no Colorado: “Daí eles me emprestaram pra ganhar experiência, fui pro Rio Branco de Paranaguá”. O jogador atuou durante seis meses no Rio Branco Sport Club e, neste período, contundiu-se na coxa da perna direita. Recordando a época, diz que “até fizeram infiltração lá um dia pra eu fazer, pra eu jogar, aí o Colorado não gostou, na época. Até fui jogar com infiltração, joguei com infiltração e ainda fiz o gol da vitória (...) Matei com essa perna [direita] e fiz com essa [esquerda]”. Além de indicativa do tratamento irresponsável para com a saúde dos jogadores, a narrativa de Vinícius denota orgulho pelas conquistas alcançadas, a despeito das dificuldades existentes. Insatisfeito com o tratamento dispensado ao futebolista no Rio Branco, o Colorado exigiu seu retorno. “Aí voltei pro... Aí o Colorado tava numa fase sem dinheiro (...) eles quiseram me dar o passe, eu achei que eu ia ganhar dinheiro, né? Que eles me dando o passe eu ia arrumar... [silêncio]”.

A instituição do passe, vigente no Brasil até o advento da Lei Pelé, estabelecia o vínculo compulsório do jogador ao clube que o tinha profissionalizado, impedindo

que ele atuasse em outras agremiações sem a concordância do clube originário. Com a propriedade do passe, Vinícius poderia buscar trabalho livremente em outras equipes profissionais. “Aí que foi o meu erro, que eu saí. Deveria ter ficado, né? Tipo, ah, eu tava aqui com família, né?, morava com os meus pais. Devia ter ficado, agüentado sem dinheiro mesmo”. Vinícius localiza seu arrependimento neste momento em que optou por aceitar a oferta de seu passe em nome de outras oportunidades, quando contava com o apoio familiar.

Descrivendo a trajetória do jogador Caé, Luis Henrique de Toledo chama atenção para a percepção negativa que cercava os futebolistas detentores do poder de decisão sobre seu destino: “Com passe livre, entretanto, [Caé] carregava também todos os estigmas dessa condição no Brasil. Pois passe livre ainda é sinal de ‘jogador-problema’, indisciplinado portanto, ou jogador que está contundido, ‘bichado’, como se diz no meio futebolístico” (Toledo, 2002 : 118). Vinícius descobriu-se em dificuldades no mercado de trabalho do futebol: acreditava que encontraria uma nova colocação, “mas eu não arrumei. Você com o passe na mão...” Assim como Caé, Vinícius jogou em diversos clubes de segunda e terceira divisão. Abandonando o Colorado, viajou pelo Paraná, “depois joguei em Santa Catarina, né? Fui dois anos lá (...) Sempre eu fui jogando assim na equipe. No Rio Grande do Sul eu fui em três equipes. Depois, no último é que eu fui pra Portugal”.

Portador de seu passe, a transferência internacional de Vinícius não foi negociada entre clubes, mas organizada por colegas jogadores. “Eu saí com certeza que ia dar tudo certo lá, tipo, os caras ligaram pra mim, uns amigos que estavam lá: ‘Pô, [Vinícius], pode viajar que a gente tem clube pra você já, você vai chegar, vai assinar contrato e...’ E na verdade não foi isso. Eu viajei... Minha história dava um livro. Viajei num sábado, embarquei aqui em São Paulo, de São Paulo, desembarquei em Portugal no outro dia, domingo, foram me buscar no aeroporto e tudo, aí quando eu cheguei lá na segunda-feira o rapaz falou bem assim ‘ah, agora você vai... vamos lá no clube, você vai fazer teste’. Não era nada disso, não era nada certo, eu achei que era chegar e assinar o contrato”. Frustrado em suas expectativas, o jogador, então com 26 anos, enfrentou dificuldades para encontrar uma colocação num clube português. Contou com a ajuda de Ronaldo, antigo parceiro de um clube curitibano que, depois de saber de sua chegada, ofereceu-lhe auxílio. “Daí começou. Ele já tava indicado lá, já tinha carro, tudo, daí ele falou assim: ‘[Vinícius], é o seguinte, pô, vou te ajudar’. E

ele saía comigo. E a gente ia fazer teste. Eu treinava no time que ele tava, né? E... E daí [ia] fazer teste todo o dia. Arrebatava, ia lá no treino, os caras gostavam, mas aí vinha aquela palavra final ‘ah, a gente já tem uma pessoa mais conhecida... não sei o que...’” Com a aproximação da data limite para inscrição de jogadores estrangeiros no campeonato, Vinícius afirma: “Aí eu já tava enrolado já, se eu não arrumasse [um clube] eu ia ter que fazer qualquer outra coisa... Que eu comprei a passagem só de ida. Tinha que pagar essa passagem ainda”.

O tom dramático da narrativa de Vinícius é importante para compreender a situação de desamparo em que se encontrava enquanto jogador de futebol imigrante à procura de uma colocação em uma agremiação profissional. Ronaldo o apresentou a um treinador (“lá é Mister, né?”), que poderia empregá-lo: “Daí ele falou assim ‘ó, Ronaldo’, aquele sotaque português, ‘estou precisando de jogadores, se ele for melhor do que os meus, fica’. Aí eu fui pra lá e eu comecei a treinar. Era a última chance. Todo o dia eu treinava, treinava, treinava bem. Tinha que comer bola todo o dia. Até que, ainda um sábado, tava indo até com um outro amigo do treinador, ele disse ‘o Mister gostou de você, vai ficar com você’.” Assim o jogador ingressou no Clube do Marco, de Marco de Canavenses, agremiação que participa da segunda divisão portuguesa, onde atuou durante uma temporada, de 1986/1987. Vinícius faz questão de enfatizar, não sem relevância, que Marco de Canavenses é a cidade onde nasceu Carmem Miranda: “Até conheci a casa dela e tudo, aquelas casas tudo de pedras...”

Assegurando sua posição no Clube do Marco, o futebolista pôde quitar o valor de sua passagem, hospedagem e alimentação. Tendo residido em uma pensão, Vinícius recorda: “Até lembro da Dona Joaquina e da Dona Aparecida. Elas me trataram como filho... Aí eu chegava com fome, tratavam bem... No restaurante eu comia sem saber se ia poder pagar, mas os caras falaram pra mim ‘não, fique à vontade...’”. A dimensão de sociabilidade descrita por Vinícius salienta as experiências culturais diversificadas que estão implícitas nas transferências internacionais de jogadores. Ele afirma que “tem muita gente boa em Portugal. Pessoas. Jogadores...” Além do contato com portugueses, o boleiro conheceu outros brasileiros que jogavam no Clube do Marco na mesma temporada que ele.

Descrevendo a importância da rede de convivência imigrante, afirma: “É, graças a Deus, eu cheguei lá e encontrei dois. Aí os caras já tavam lá, daí foi mais fácil pra mim (...) Aí eu ia na casa deles, a gente se reunia, era... (...) eles tavam [em

Portugal] bem antes de mim, já eram bem mais carimbado, assim, que fala. Experientes. Então eles já tavam com a vida mais... Estavam com a família e tudo. Isso é bom. Eles já tinham até esposa, os dois tinham esposa, então... Era mais tranqüilo quando você tá com a família”. Vinícius também namorou uma portuguesa: “Eu quase casei lá”. A representação da família como fonte de tranqüilidade e estabilidade é constante no discurso do ex-boleiro e aponta características relevantes da ordem de gênero estabelecida no universo do futebol.

Quis saber de Vinícius se havia mais brasileiros nos clubes portugueses, ao que me respondeu: “Tinha. Muito, muito não, mas eu conheci... Tinha bastante brasileiros em equipes, mas é um país racista, sabia?” Relevante que ele tenha mencionado a existência de racismo ao falar sobre a presença de conterrâneos no futebol português. Frente à questão de se ele tinha sofrido alguma espécie de preconceito, disse: “Não. Não sofri, mas eu via como é que eles tratam os negros, assim, entendeu? Diz que eles sofreram muito com aquele negócio de Angola... da África... (...) da guerra. E de você chegar, acham que você é africano, alguma coisa, eles acham que, né? Mas é pouco, é... Depende do local que você está, entendeu? É, tipo, interior, assim, cidadezinha pequena, vilarejo... então é mais, né?” A diferença de terminologia também é colocada por Vinícius como motivo de espanto: “Eles chamam... Nem de negros eles chamam. Eles chamam de pretos”. O termo “preto” é bastante ofensivo se usado para descrever pessoas no Sul do Brasil, de onde Vinícius é proveniente. Apesar de ter declarado não ter sofrido preconceito, descreveu um encontro futebolístico no qual foi estigmatizado por ser brasileiro: “Um dia eu fui jogar numa terra, assim, tinha um jogador que me marcava, ele ficava todo o tempo me xingando e..., entrando pra me rebentar mesmo, falando ‘pô, você vem do Brasil e tal, veio no...’ Tipo assim, veio no... como é que ele falava? Que eu vim nas bagagens do avião, umas coisas assim...”

Sobre a existência de racismo no Brasil, afirmou categoricamente “Não, isso não. Não, não, não. Aqui não. A gente vê na Europa, que você já viu eu acho que, os jogadores na Alemanha... Da torcida gritando. Mais a torcida mesmo, né?, fazer isso assim. Mas eu tirava de letra. Coisas pequenas, né?”. A fala do futebolista, negando a existência do racismo tanto em sua experiência pessoal quando no futebol de seu país de origem, parece indicar uma estratégia de desvalorização da desigualdade que visa o

afastamento do racismo para sua própria proteção, deslegitimando o debate público⁵⁴. Preocupado em não desmerecer os amigos portugueses que tinha, Vinícius declara: “Tanto é que é difícil você fazer amizade lá. Eu tinha mais amizade com o pessoal, com as mulheres. É mais fácil, elas gostam do sotaque nosso, dos brasileiros. Os portugueses mesmo é difícil. Difícilmente eu ia na casa de um jogador”.

Sem um contrato profissional prévio que lhe possibilitasse solicitar permissão de estadia prolongada em Portugal, ele lembra: “Quando eu viajei não tinha visto nenhum, eu cheguei, fiquei com medo de ser barrado na alfândega, por não ter visto. Quando eu desci, eu desembarquei (...) aí os caras perguntaram o que você estava indo fazer, daí eu falei que eu tava indo jogar futebol, né? ‘Tem alguém me esperando’ e tal. Daí eles viram a bagagem, viram o passaporte e deixaram eu entrar... Aí... não sei se não era muito fiscalizado, foi em [19]86, né? (...) Aí eu passei, fui ficando...” Percebendo sua condição de imigrante ilegal, ele acredita que seu desembarque e entrada possam ter sido facilitados pela vigilância menos intensa na década de 1980. Prévia à integração de Portugal no Espaço Schengen da União Européia (em 1992), a estadia de Vinícius não se constituiu como ilegal em nenhum momento, apesar dele ter residido por três anos no país, pois de três em três meses, período de vigência do visto para turistas, ele viajava até Vigo, na Espanha, e voltava a ingressar em Portugal com permissão de estada para mais três meses.

Depois de um ano no Clube do Marco, Vinícius atuou em outras duas agremiações da segunda e terceira divisão portuguesa. Sua experiência é significativa dos constrangimentos impostos a alguns jogadores estrangeiros em processos de negociação salarial: “A segunda equipe que eu fui fazer o contrato, eu sentei na mesa assim, tipo, você aí [na minha frente], atrás tinha um monte de diretores, aqui na frente, e eles me pressionando”. Ele descreve uma situação na qual esteve literalmente cercado pelos dirigentes da agremiação. “É difícil... Você num país que você não

⁵⁴ Souto argumenta a existência de uma dinâmica semelhante no caso de Pelé: “[Numa entrevista] em que pediu-se para que posicionasse sobre sua condição de negro, mais concretamente se havia sido vítima de preconceito, de modo categórico Pelé afirmou que não, desdenhando até mesmo dos possíveis reveses da memória (...) Supondo que a resposta tenha sido dada de boa-fé, e não se encontram indícios do contrário, ao que parece Pelé jogador não foi vítima ou não percebeu as formas menos explícitas assumidas pelo preconceito nos micro-espacos sociais onde se manifestam as esquivas da convivência interclasses e interracialis, suas idiossincrasias, maneirismos verbais, gestualidades, impedimentos físicos. Porém, refém de um peculiar individualismo orientado numa esfera profissional que o desmobilizou ou o desarmou para o debate público sobre o racismo, certamente poderíamos dizer que sim, foi vítima de preconceito. Neste sentido, foi vítima de uma forma histórica de preconceito incorporada ao sistema de valores vigentes que, em alguma medida, o imobilizou ou o indispôs para o debate público” (2004: 157).

conhece nada e precisando... assim, ficar. Aí eu ficava, orra, um falava uma coisa, outro falava outra. Por isso que é bom ter empresário. Por isso que eu aconselho quem tá iniciando que tenha um procurador”. Sua defesa da importância da função dos empresários/procuradores estabelece um argumento raramente considerado no debate sobre o caráter (benéfico ou nocivo) destes profissionais no universo do futebol. Ele argumenta que “naquela época” não existiam tantos empresários quanto atualmente – “Agora tem bastante. Você surgiu, já tá cheio de empresário em cima” – e que sua carreira poderia ter sido diferente caso tivesse uma pessoa para ajudá-lo. “Eu, sozinho, como é que ia me defender com um monte de... com dez, quinze [dirigentes]... ali?, querendo me contratar, mas querendo dar o que eles queriam (...) Eu fui pressionado pra...[aceitar a proposta do clube]. Senão... Aí era partir pra outro lugar, sem saber o que me esperava, né? Aí eu falei, ‘ah, não, vou pegar porque...’”

Perguntei se Vinícius não tinha procurado ingressar em agremiações maiores em Portugal. Ele afirmou: “Não tive chance. É muito difícil. Você está na segunda divisão, não tem televisão. Que nem tem aqui, até no amador tem televisão. Lá não... Televisão só na primeira divisão. Lá você... [silêncio]”. Expressando de maneira concreta a importância da visibilidade no processo de seleção dos futebolistas, Vinícius defende que a carreira profissional depende, em larga medida, de um acaso fortuito: “É difícil, é de uma pessoa passar e [dizer] ‘puxa, que jogador!’... É sorte, né? Eu não tive muita sorte... Mesmo jogando bem, sair pra uma equipe melhor”. Ele conclui que “Lá é difícil. Ou você dá sorte de uma vez, de você pegar uma equipe, ganhar bem e fazer a tua vida. Ou... né?, fica... tipo assim, pulando de galho em galho e não ganhando nada...” Vinícius estima que seu rendimento era de aproximadamente mil dólares por mês, o que, em sua opinião, “não era suficiente”. Ele tinha um salário confortável para se manter em Portugal, mas não para garantir a formação de uma poupança: “Por lá, pra viver, pô, tá bom, mas eu queria é dinheiro, guardar dinheiro, pra chegar aqui e comprar, né?...” Revelador que a estadia do ex-jogador em agremiações internacionais tenha sido motivada pelo desejo de retornar ao Brasil com um maior poder aquisitivo. Como não estava alcançando tal meta, seu esforço perdia o sentido.

“Na última equipe que eu tava em Portugal eu estava bem, só que não tava ganhando o que eu queria, entendeu? Eu era artilheiro do time, tava num time da terceira divisão até. Aí eu peguei e falei assim ‘ah, sabe o quê?’, eu sou muito

apegado à família, à minha mãe principalmente, daí eu falei ‘ah, eu vou embora’ (...) os caras não queriam que eu fosse embora. Mas aí eu peguei e vim embora do mesmo jeito. Porque eu vi que não tava...” A menção à mãe como um dos principais fatores que motivaram sua volta ao país reforça a valorização da família (e, especialmente, das mulheres da família) como provedora de tranquilidade/estabilidade, tento papel positivo para um jogador. Com efeito, Vinícius afirma que: “Era pra coisa ter dado mais certo pra mim porque eu já tinha cabeça, eu sempre fui caseiro...” Ele não manteve contato com nenhum de seus colegas ou amigos depois de retornar ao Brasil porque considera os telefonemas caros, não gosta de escrever cartas e não utiliza e-mails.

Quis saber se Vinícius se arrependia de ter ido para Portugal. Disse: “Não. Eu gostei. Não adorei ter ido, assim. E... às vezes eu penso ‘pô, eu poderia ter ficado’. Tipo assim, era só uma questão de vir ver a minha mãe [no Brasil] e... voltar [pra Portugal]”. Ele não teria condições de levá-la consigo, nas suas palavras: “É... muito difícil. Eu teria que ganhar muito bem pra... [silêncio]”. Acrescenta que decidiu retornar porque “não tava pensando em futuro nem nada. Por isso que eu peguei e vim embora. Mas hoje, se eu tivesse ficado, eu acho que eu tava... Sei lá!” De modo similar, Vinícius não sabe afirmar como teria sido se tivesse ficado mais tempo no Brasil e saído do país com um contrato previamente estabelecido. “A vida dá umas voltas... E acho que era pra eu vir e constituir uma família primeiro, não era pra eu casar com a portuguesa, como não deu certo, né? Mas hoje eu tou feliz, né?” Ele tem certeza, todavia, de que para ser jogador de futebol no exterior, é imprescindível sair do país com a transferência acertada: “Não saem os jogadores daqui, já sai um monte, né? Eu, é uma coisa que eu falo pras pessoas, quem quiser ir, que vá com... indicado. Pra ir assim na louca, não. Porque é difícil”.

Vinícius reconhece que, desde a sua estadia em Portugal, o número de transferências internacionais de jogadores brasileiros aumentou vertiginosamente. Perguntei qual era sua opinião a respeito e ele retrucou: “Não, eu acho que quem tem a chance de ir tem que ir (...) Porque lá o... É mais fácil ganhar dinheiro, como eu disse, se você vai com tudo certo. Tem que ir”. Como a maioria dos outros aspirantes a futebolistas, ele tinha pretensão de enriquecer através do futebol: “Tinha. Pô, se tinha, né? Eu achei que... Mas aí quando eu vi que...” A trajetória de sua carreira frustrou tal expectativa: “Olha, eu vou te falar a verdade, eu não ganhei muito. Eu não

ganhei nada com o futebol. (...) É, de dinheiro. Mas de experiência eu ganhei muito. Vivi em outro país, é... conhecer outras culturas, isso foi bom. Eu não me arrependo não”. Entre as coisas de que se orgulha na vida, estão ter jogado contra o Coritiba no Couto Pereira e contra o Sport Lisboa e Benfica no Estádio da Luz. Na sua opinião, “a melhor coisa é entrar num campo cheio de adversários”. Também é motivo de regozijo que, durante o período em que atuava no Colorado, “eu fui até sondado pra ir pra seleção brasileira de novos. Na época... vieram até me ver na Vila Capanema [Estádio do Colorado]. Mas no dia acho que não tava muito inspirado, sei lá”. Observe-se que a terminologia seleção “de novos” é tipicamente portuguesa, não sendo comum no Brasil.

Voltando à Curitiba, permaneceu por um período em um clube profissional de São José dos Pinhais, na região metropolitana, e depois reverteu seu registro como jogador profissional para amador. Participando de clubes de bairros da cidade no campeonato amador chamado de Suburbana, Vinícius recebia remuneração por partidas, o que possibilitou que ele conseguisse se estabelecer melhor financeiramente. “Comecei no amador e os caras me deram um dinheiro, eu comprei um terreno, aí começou a minha vida...” Relevante que ele tenha sentido necessidade de explicar porque optou por comprar um terreno: “Aí a minha esposa que... é ex[-esposa]... tava grávida. Daí em vez de eu comprar um carro, eu pesei, ‘pô, ela ficou grávida eu não ia comprar um carro’. Aí comprei o terreno”. Com uma casa própria, que mandou construir, e uma filha, Vinícius descreve este momento como o “começo” da sua vida: “O terreno, já mandei fazer uma casa... né? Com edícula. Ficou bonito, assim, bem bonito. Nos fundos ficou aquele terrenão, mas ficou bonito. Aí começamos a nossa vida. Daí veio a primeira filha, né?, que tem 10 anos hoje. Depois veio um segundo, o Júnior, tem seis. E a vida foi...” Não sem importância, parte de seus irmãos, com os sobrinhos, residem na casa de sua mãe até o presente.

Atualmente, Vinícius trabalha como motorista na Companhia de Habitação do Paraná e uma de suas grandes tristezas é não mais poder jogar futebol devido a uma contusão na cartilagem do quadril: “Ainda esses dias eu andei jogando, eu tava insistindo em jogar, já era pra ter parado. Mas às vezes eu vou, jogo e sinto uma dores terríveis”. Ele pensa em matricular seu filho em uma escolinha de futebol, mas apenas se for de interesse do menino, e afirma que a única exigência que fará aos filhos é para que completem sua formação escolar. Afastado do futebol em sua prática

profissional atual, ele considera a idéia de se reaproximar do jogo. “Uma coisa ainda que eu gostaria de fazer era ser treinador. Começar num clube pequeno, ver no que dá. Gostaria de ser empresário também”. Ele acredita que sua experiência futebolística poderia ser útil para diversos aspirantes. Apesar de sua carreira não ter seguido exatamente o percurso que tinha planejado, o fato de Vinícius declarar, não sem orgulho, que “Minha vida dava um livro”, é revelador de que valoriza vitórias não apenas restritas à esfera monetária.

*

Assim como Vinícius, Tyson defende que sua vivência no futebol constitui um conhecimento especializado que pode ser frutífero para a formação de novos jogadores. Nascido em Curitiba em 1973, ele afirma que começou a jogar porque: “Sempre gostei né, cara? Isso tá no sangue, não tem como explicar. Hoje todo jogador ainda fala: quero ser jogador, ter carro importado, pras crianças. Por causa da mídia, da globalização. Mas antigamente não tinha isso, a gente queria era jogar. Meu sonho era jogar no Coritiba, jogar na seleção brasileira e meu sonho era jogar no Flamengo”. Defendendo que a carreira de booleiro não é escolhida por motivos racionais ou fins práticos, reitera: “Não, futebol não tem isso, futebol você gosta ou... Fazer por fazer não tem. Mesmo porque os treinamentos são muito fortes. E se você não gostar não tem como, principalmente hoje, tá muito mais profissional, hoje tem que ter uma conduta profissional mesmo. Se você não gostar não vai, não tem como”.

Tyson iniciou seu percurso nos times de futebol de salão aos 11 anos e cerca de três anos depois passou a ser remunerado, o que significou uma importante contribuição ao rendimento familiar e à sua independência pessoal: “Financeiramente não tinha condição, meu pai era aposentado, minha mãe trabalhava no lar. Então quando se começa a ganhar teu dinheiro, quando não precisa mais do teu pai, você quer comprar um tênis pra jogar, não pra vestir, mas pra melhorar o teu desempenho, um tênis, uma chuteira, pô daí uma roupinha que você quer às vezes comprar, não tem como”. Olheiros do Coritiba Foot Ball Club, vendo sua atuação no futebol de salão, convidaram-no para realizar um teste no campo em 1986. Tyson foi aprovado, mas optou por não ingressar na agremiação: “Eu fui fazer teste no Coritiba eu tinha 13 anos. O professor me colocou pra treinar contra os juniores. (...) Eu cheguei a treinar contra os juniores, apanhei pra caramba, joguei contra homens de 18, 19, 20 [anos]. Nunca tinha jogado tanto na minha vida. Jogava em campo de pelada. E falei: futebol pra mim não é isso daqui... e falei, ‘não vou ficar’”.

Incentivado por colegas de escola que atuavam no Colorado, o mesmo clube de Vinícius, o jogador participou de uma peneira e foi admitido na categoria infantil da agremiação. Ele afirma que no Colorado “foi um processo mais tranquilo. Depois de alguns meses já estava jogando contra os juniores, já estava mais adaptado, entendia mais o que quê era, né?” No final de 1987, dois anos antes da extinção do Colorado Esporte Clube para a formação do Paraná Clube, Tyson viajou a Porto Alegre para competir na Taça Alegrete: “Quando eu voltei para Curitiba, o Colorado devia dinheiro para o Coritiba, o presidente na época pegou eu, não tinha ninguém expressivo assim de profissional e também estava naquela fase, assim morrendo já. Aí pegou eu como pagamento pelo que o Colorado devia e eu fui para o Coritiba em 88”.

Durante todo o período em que esteve no Colorado e desde sua entrada no Coritiba até 1991, Tyson manteve sua atuação nas equipes de futebol de salão, pois nelas tinha remuneração assegurada. A descrição de sua rotina diária é indicativa da dimensão de esforço a que se propunha: “Conciliava as duas coisas: futebol de campo e futebol de salão. E o colégio. Então saía às sete horas de casa, ia para o colégio, voltava pra casa, tirava o uniforme, almoçava em dez minutos porque três horas tinha que estar no futebol de campo, ia de ônibus porque meu pai não tinha condições de me levar, não tinha nem carro... Saía do campo que treinava no Capão da Imbuia⁵⁵, não tinha água nem pra beber, imagine. Saía sem tomar banho, vestia a roupa do jeito que dava ali, pegava o ônibus e ia para o futebol de salão”. Na tripla jornada do atleta, a educação formal perdeu hegemonia. Ele afirma que, em 1988, aos 15 anos: “Fui para a seleção brasileira, fiquei fora por seis meses praticamente. Eu não era o melhor aluno, mas nunca fui assim tão mal, então os professores me davam uma chance”. Seu engajamento no futebol o levou a abandonar a escola antes de concluir o ensino secundário: “Não tem condições pra... você vê: é muita viagem, muita concentração. Hoje você tá num time, daqui três meses, dois meses, cinco meses, está em outro, muda tudo, muita transferência. E daí chega em uma cidade e a escola é longe... Não tem condição. Infelizmente não tem...”

O boleiro enfatiza que sua formação se realizou em um contexto esportivo significativamente diferente do atual: “Hoje é diferente o futebol. Qualquer time paga dois três mil [reais], naquela época praticamente você pagava pra jogar, não tinha condições nenhuma. Hoje os piás de 14, 15 anos, têm médico, massagista, *gatorade*,

⁵⁵ Bairro de Curitiba, distante do centro da cidade.

fruta no treino. Hoje o futebol está bem mais profissional do que antigamente. Pô, estou falando disso há 10 anos atrás, 15 anos, não estou falando de 1950, 1960. Então o futebol deu um salto muito grande”. No futebol de salão, Tyson conquistou por duas vezes o campeonato brasileiro e foi convidado, em 1991, para atuar no Clube de Regatas Flamengo, do Rio de Janeiro, e no Sport Club Corinthians Paulista, em São Paulo: “Eles queriam que eu fosse jogar com eles, mas eu não queria largar o campo e aqui eu poderia conciliar as duas coisas. Até eu falei com eles na época: tem como conciliar o salão e o campo, porque daí eu me mando, né? Jogar no Flamengo, ou no Corinthians... Mas eles falaram, não, não, aqui é só futebol de salão”. Tyson optou por permanecer em Curitiba. Ele afirma que gosta de trabalhar com planejamento, de uma maneira organizada, mas que “no futebol, infelizmente, não basta porque não depende só da minha cabeça, tinha mais onze, depois mais diretoria”.

Jogando no time principal do Coritiba, ele descreve seu relacionamento com a torcida como sendo conturbado: “Eles me amavam ou me odiavam. Nunca teve uma relação intermediária. Já fui carregado nos ombros pela torcida e já fui xingado”. Atualmente, ele diz compreender a exigência dos torcedores como uma demonstração de sua importância ao time, mas que tal perspectiva é fruto de uma reflexão distanciada: “Hoje eu vejo dessa forma. Na época eu achava mesmo que, pô, torcida filha da mãe. Muitas vezes fiz declarações na imprensa, fui lá brigar com a torcida, mas eu hoje tenho a percepção que eles cobram da pessoa que está dando alguma coisa pro clube”. A estadia de Tyson na equipe profissional do Coritiba, de 1991 a 1996, foi também marcada por atrasos salariais. Como afirmou em uma entrevista concedida a Valdelis Gubiã Antunes: “Na nossa época não tinha dinheiro. A gente pegou o Coritiba com dívidas. O meu mês tinha 90 dias e naquele tempo a inflação era de 50% ao mês. Eu, particularmente, não pensava em dinheiro. Sem demagogia, o meu negócio era entrar em campo e jogar futebol da melhor forma possível” (apud Antunes, 2006: s/p).

No final do Campeonato Brasileiro de 1996, Tyson foi emprestado pelo Coritiba para o clube Os Belenenses, de Portugal, onde permaneceu até 1997. “Todo jogador sonha até hoje, imagina antigamente, como sonhava em jogar na Europa, não é? Então já fazia uns dois, três anos que times da Bélgica, de Portugal e da Alemanha estavam atrás de mim, mas financeiramente, como nesses anos ainda os jogadores eram presos ao clube, pela lei do passe, nunca tinha dado negociação. Pra Portugal, como era empréstimo, eles me liberaram pra disputar”. Sobre sua experiência,

afirmou: “Foi legal. Na verdade assim, cheguei lá em Portugal em dezembro, lá é chuva e frio, chuva e frio. Então quer dizer, este período... E outra coisa: cheguei na terça pra jogar no domingo, entendeu? Então assim o início da experiência não foi muito legal neste aspecto aí, tá? Porque o futebol é diferente, o esquema de jogo é diferente e eu levei algum tempo ali pra...”

Além disso, Tyson narra não ter sido bem recebido pelos jogadores portugueses: “Por que? Ciúmes. Brasileiro que chega lá, sabem que é contratado, muitos fazem teste também lá. Mas os brasileiros que são contratados, eles sabem que vai jogar. Depois até pode ir para o banco, pode ser mandado embora, normalmente. (...) Ninguém vai ser contratado pra chegar lá e ficar no banco, ou não jogar. Então eles ficam meio arreadio, mas depois vai indo, vão se adaptando também com você, você vai procurando também fazer amizade. Mas no início, no início é complicado, complicado a tua chegada”. Para ele esta é uma diferença marcante com a recepção dos novatos em clubes brasileiros: “Não são como os brasileiros aqui que chega um jogador de fora, você já vai, já orienta, já pergunta se está precisando de alguma coisa, convida até pra ir na tua casa. Com eles lá não, é mais difícil, assim mesmo”.

A percepção que o jogador tem de Portugal é, todavia, positiva: “Eu adoro Portugal, adoro, nossa! País muito, muito, muito bacana mesmo. Se for pra morar fora, eu quero morar em Portugal. Me identifiquei com o país assim, sabe? Pela facilidade da língua, dos costumes, da própria comida, entendeu?” Quis saber de Tyson se tinha enfrentado algum tipo de preconceito ou discriminação durante sua atuação nos Belenenses. Respondeu-me: “Dos portugueses? Preconceito não... Até no próprio edifício que eu morava lá todo mundo cumprimentava normalmente, isso não posso falar deles não”.

Um ano antes de ir para Portugal, em 1995, Tyson atuou na Suíça: “Tive uma passagem bem rápida, nesse ínterim de campeonatos também”. Ele era emprestado pelo Coritiba durante o Campeonato Paranaense e retornava para jogar no clube no Campeonato Brasileiro. No comparativo com sua experiência n’Os Belenenses, ele afirma que a Suíça: “É outro departamento, já complica bem, a língua, os costumes, o povo é bem fechado mesmo. Daí é bem complicado mesmo, daí a gente tem que... Aí sim, a gente tem que pensar em dinheiro. Falar: eu tô aqui e vou me ferrar por causa de dinheiro. Não é por outra coisa o esforço. O pessoal não tem calor humano, não tem, é um pessoal bem frio, frio mesmo. Tanto é que eu não via a hora de acabar lá pra mim voltar. Bem diferente mesmo de Portugal, não tem nem comparação”. Estas

diferenças nas experiências que teve em cada um dos dois países esclarecem os motivos pelos quais, durante a entrevista, Tyson mencionou previamente sua estadia na equipe lusa. Simultaneamente, ela dá indicações sobre as razões da preferência entre alguns jogadores brasileiros em atuarem em agremiações portuguesas.

A trajetória do ex-jogador inclui uma passagem de dois meses na Turquia. “É assim, todos os países têm os costumes, lógico. Então adaptação nesses países é bem complicado. No time que eu tava na Suíça não tinha um brasileiro. No time que eu tava na Turquia não tinha um brasileiro. (...) Hoje não, tem vários jogadores de nome na Turquia, então se torna mais fácil porque o povo já conhece, entendeu? Já lembra”. Tyson afirma que a tradição muçulmana do país não afeta a prática de futebol: “Só os costumes, né, cara? Seis horas bate o sino lá e você tem que ajoelhar para seguir a religião deles porque senão você fica parado”. Perguntei se ele se juntava aos colegas em oração, respondeu: “Não, sou católico, seja aqui ou em qualquer país, sou católico. Respeitava, mas não...”

Tyson enfatiza que a diferença cultural é um fator complicador das transferências internacionais: “É complicada a chegada do jogador lá fora. E nesses países que você não fala a língua, você até estuda, mas na prática você não sabe os costumes, entendeu? Então até você se adaptar...” Neste sentido, ele defende a necessidade de um período de um ano de acomodação. “É por isso que todos os jogadores que dão certo lá na Europa eles saem daqui com contrato de três, quatro anos. (...) E o povo europeu, seja lá muçulmano, seja lá asiático, eles pegaram isso há algum tempinho atrás. O jogador, o primeiro ano é adaptação. O Robinho foi pro Real Madri e no início nem jogava, depois que começou a entrar e agora, mas já está lá há quanto tempo? Três anos? (...) É difícil o jogador que chegue lá e já chegue jogando”. Comparando com a sua própria trajetória, na qual teve de ingressar imediatamente na equipe, Tyson afirma que “o meu investimento foi pouco, então os caras botam pra jogar, se der certo deu, se não der, entendeu? Então o investimento que os caras fazem hoje, não... (...) Envolve muito dinheiro hoje”.

Aos 28 anos, quando atuava no Sampaio Corrêa Futebol Clube, de São Luís, capital do Maranhão, Tyson recebeu uma proposta de empresários para ingressar na seleção do Líbano e disputar a Copa da Ásia. “Esse ano, 2000 ou 2001, nem lembro mais, a Copa da Ásia ia ser no Líbano, então a gente fazia pré-temporada na ilha de Chipre, que fica a meia hora do Líbano, de vôo, e depois ia fazer um contrato de um ano com um time da primeira divisão do Líbano. Ia pegar um dinheiro bom assim. Eu

ia me naturalizar libanês, né?” O boleiro aceitou o negócio e passou um mês treinando com a seleção libanesa: “Os caras estavam me esperando no Líbano, cheguei no aeroporto, a imprensa, a equipe da Adidas e tal, hotel cinco estrelas na ilha de Chipre, boa recepção mesmo assim. Só que os caras não tinham conhecimento de causa, da documentação”. Tyson saiu do Brasil durante o período de vigência de seu contrato com o Clube Sampaio Corrêa, “mas os empresários falaram que eu podia ir que eles iam quebrar este contrato com CBF, porque o cara não podia me prender lá. E acabou não acontecendo, né?” A questão tornou-se judicial e o jogador retornou ao país: “Depois, na minha volta, o presidente do Sampaio Correia exigiu 400 mil reais para me liberar pra CBF, tal e multa, não sei o quê, foi um rolo que tinha que ter meu passe”. Omitindo o nome dos empresários envolvidos, o boleiro ainda assim não esconde seu descontentamento com o ocorrido: “Na verdade assim é, é muito pessoal. Até um deles tinha jogado comigo no Coritiba, jogou no Fluminense, é cara de nome no Brasil, sabe? Mas é cara que não tem caráter. O cara que te tira do negócio que eu tava ganhando, tava bem, me tira pra um negócio que nem ele tinha certeza da documentação”.

Decepcionado com os desdobramentos de sua transferência frustrada para o Líbano, Tyson optou por encerrar sua carreira. “Eu podia estar jogando até hoje, se fosse o caso, mas eu também não quis muito não, porque quando eu vim pro Brasil de novo, começou a aparecer time só intermediário assim, não começou a aparecer time... Como já tinha dado este rolo na questão do Líbano, eu já estava meio estafado do futebol por causa desses mal caráter”. Em parceria com sua futura esposa, Tyson investiu em uma empresa de assessoria de marketing e, no ano seguinte, fundou uma agência de turismo. Ele afirma que “hoje eu tenho plena convicção que foi a melhor coisa que eu fiz, parar nesta época”. Seus contatos no futebol foram benéficos para a carreira empresarial. Neste sentido, além de ser torcedor, Tyson mantém negócios com o Coritiba: “Eu gosto do Coritiba, declaro isso aí, torço pelo Coritiba, hoje minha agência atende o Coritiba, eles viajam só comigo, desde a outra gestão já”.

Além destes empreendimentos, há cerca um ano e meio, Tyson fundou uma empresa de assessoria esportiva. Sua meta é agenciar jogadores e receber remuneração pelas transferências. “Porque é assim: eu não pego 10% deles, do salário, como a maioria dos empresários. Os empresários empregam o menino lá, se ganha 5 mil reais, aí o empresário fica pegando 10% todo mês. Eu não faço isso. Minha negociação é o seguinte: vou te vender por 400 mil euros, vou te dar 100 mil

euros, 300 mil euros é meu, tá bom? Tá, então assina aqui. Senão, tá, o salário é teu, vai viver tua vida. Então é mais ou menos assim. Vou te vender por 50 mil reais, vou pegar 40 mil reais pra mim, vou te dar 10.” Relevante que ele não goste se der chamado de empresário, recusando a conotação negativa que acompanha o termo: “Ah, o [Tyson] é empresário. Não, eu não sou empresário: eu tenho uma empresa de assessoria esportiva, onde eu vou dar uma assessoria pro meu atleta, vou tentar ensinar pra ele o que é ruim e o que é bom, mas vai depender da pessoa querer aprender ou não. Mas eu não quero ser mais uma pessoa, mais um especulador que pega um menino lá, da casa, e promete que vai levar, vai fazer, vai acontecer. Daqui a pouco não fez, larga o piá e...” Tendo enfrentado dificuldades com empresários na época em que era jogador que o afastaram do futebol, Tyson pretende partilhar seu conhecimento com os aspirantes e realizar um trabalho diferenciado, em seus termos: “responsável”.

Sua intenção de aproveitar o conhecimento que adquiriu no futebol para agenciar aspirantes data da época em que deixou de ser jogador, mas optou por não seguir a rota tradicional dos ex-futebolistas: “Eu já tinha essa idéia, sabe? Só que é como eu falo pra você, tem muito jogador que pára de jogar futebol, ou ele vira treinador, ou ele vira dirigente de futebol, ou ele vira empresário. Empresário é sempre mais fácil porque não precisa comprovar renda, não precisa você ter ninguém pra trabalhar com você, não precisa de dinheiro, só com o nome você chega lá e conversa com os caras, e o cara ‘pó, esse é fulano e eu vou com ele’. Então muitos, muitos ficam como empresário de futebol. Eu, na época, não fui pra esse lado porque eu falei, primeiro eu vou me estruturar”.

O boleiro afirma estar ainda no processo de constituição de sua assessoria esportiva, apesar de já ter acertado a contratação de um jogador pelo Coritiba e a transferência de um outro para a Alemanha. Seu principal interesse é por aspirantes de 14 a 17 anos, porque “ainda dá tempo de você formar” e a meta é elevar o número de jogadores agenciados. Atualmente ele assessora aproximadamente oito atletas, mas afirma: “Tem que ter mais, né? Com este número aí não dá. Tem que ter, no mínimo, uns 30, 40 pelo menos. Espalhados”. A seleção de jogadores se baseia em uma ampla rede de contatos pelo Brasil: “Tem muita gente que me liga e fala que tem um garoto assim... Esse menino que eu trouxe pro Coritiba é de Brasília. Então eu fui até Brasília, ver jogar lá”. Usando um termo característico, originário da extração de ouro, Tyson relata: “Eu tenho um menino que faz o garimpo pra mim em São Paulo,

interior, interior de São Paulo e tal. Então me liga: ‘Oh [Tyson] tem um garoto que tá bom, assim, joga assim, joga assado’”. O agenciador afirma que seu trabalho consiste em encontrar colocações para os aspirantes: “Tiro lá do terrão, de Brasília, do terrão de São Paulo e coloco em clube, né?” Ele declara ter contatos em diversas agremiações do país, sendo capaz de empregar seus assessorados em grandes clubes: “Sendo bom jogador, eu tenho espaço pra pôr no Brasil todo, Vasco, Flamengo, tenho conhecimento pra colocar no Brasil todo, né? Praticamente, né? Mas pra isso precisa ser bom jogador”.

Tyson afirma que atualmente a função do empresário é “fundamental” para carreira de um jogador. Em concordância com a percepção de Vinícius, acrescenta que “o empresário, na verdade, ele faz a parte suja do futebol, que é negociar, é falar com o clube, é falar com o dirigente, entendeu? Quero isso, ele tem que ter isso, o apartamento dele tem que ser assim, apartamento tem que ser perto do clube. Se o jogador chega lá exigindo isso, eles vão falar: ‘Você não fez nada pro clube, cara e já tá exigindo isso’. Agora, o empresário é diferente, ele faz a parte suja”. Enfatizando, todavia, que o futebol propicia espaço para muitas pessoas inescrupulosas, Tyson reitera que é “necessário o jogador ter... É necessário tomar um cuidado muito grande porque tem muito mau caráter nesse meio, muito, muito mau caráter mesmo. E os caras que caem de pára-quadras no futebol, que não sabem se a bola é quadrada ou redonda”.

Parte do conhecimento que Tyson declara ter está relacionado aos estilos de jogo nacionais: “Então assim, eu tenho um jogador que... eu digo, em Portugal você não vai dar certo, vai dar certo no Japão, ou na Coréia. Por que? Porque é mais velocista, mais rápido. Não adianta eu levar pra Espanha um jogador que vai só correr lá, porque não vai pegar na bola. (...) Já Coréia, Japão, esses lugares não, o jogo é mais rápido, mais correria mesmo. Ou um centro avançado com um metro de 90, desse tamanho aqui, que é mais paradão, leva pra China. O jogo é rápido também, mas eles precisam de jogador de referência, porque é muita bola aérea, ou pra Alemanha, muita bola aérea, entendeu?” Defendendo que as diferenças futebolísticas nacionais devem ser levadas em consideração no direcionamento das transferências internacionais de atletas brasileiros, Tyson pretende construir sua assessoria esportiva de maneira diferente dos empresários em atuação: “Então é isso que eu falo pra você, a maioria dos empresários não tem essa percepção. O cara pega um jogador e manda pra tudo

quanto é lado. Manda fita, ou DVD, tenta fazer contato no Japão, não sei onde, pra onde deu leva o jogador. O jogador vai e fica uma semana, vem embora”.

Tyson afirma que as tecnologias de comunicação auxiliam na divulgação do trabalho de aspirantes, mas não são determinantes em sua contratação: “Há uns anos atrás... você faz contado com DVD, fita VHS. Hoje não, a gente manda o DVD: interessou, ou o clube vem aqui, ou a gente leva o jogador pra fazer uma experiência lá. Se for um jogador que não tem nome, né? Se for jogador com nome, não”. Jogador “com nome”, como fica claro, é um futebolista que já tenha conquistado visibilidade dentro do país e que não precisa comprovar sua capacidade em um período de experiência. “Mas se for um jogador desconhecido, tipo os meninos, a gente leva lá e vai, faz um período de adaptação, um mês, quinze dias”.

Ele descreve o processo de negociação da transferência de um jogador com o Sport Lisboa e Benfica em 2007: “Em novembro a gente levou um menino pro Benfica lá, era pra fazer uma semana, ficou uma semana e o treinador quis ver mais uma semana, e daí pediu pra ver mais uma semana. Daí pediu pra voltar em janeiro agora. O menino tinha 17 anos e, na Europa, com 17 anos não pode pegar lá. (...) Daí o que aconteceu? Os pais tinham que ir pra lá, daí eu pedi que ia ter que arrumar emprego pros pais, pra ficarem junto... Só que daí em janeiro a gente não voltou. Levei ele pra Alemanha, está na Alemanha agora...” Tyson acompanhou o jogador durante todo o tempo em que esteve realizando testes no Benfica. Para ele, esta é uma parte importante do papel de assessor esportivo, “porque o clube quando manda embora, acha que pega o menino, dá um tapinha as costas e vai levar até o aeroporto? O clube não vai pegar o menino e botar dentro do avião. Tchou, tchau, pega um táxi e se vira, cara. Pega a tua passagem e vai embora, mal e mal vai levar até o aeroporto, entendeu? O menino não tem dinheiro, aí o vôo atrasa, aí o vôo não sai, entendeu? (...) Então, tem muito empresário que larga lá, que manda e aí, se vira, né? É esse tipo de coisa que eu quero fazer diferente. Por isso que eu quero trabalhar, eu trabalho com menino que eu sei que a possibilidade de vingar vai ser grande”.

Além disso, Tyson pretende concluir o ensino secundário para cumprir as exigências da Federação Internacional de Futebol Associação e tornar-se Agente FIFA. Parte de seu planejamento para tornar-se assessor esportivo: “Eu quero ser agente FIFA em que sentido? É pra dar um respaldo dos meus jogadores e pra onde você chegar, você ter um respaldo de quem vai falar com você. Porque hoje é agente FIFA, não adianta eu chegar lá e falar que eu sou o [Tyson], um cara conhecido e tal.

Mesmo porque, seu eu não for agente FIFA... vou precisar [de um] pra fazer negociação daí, entendeu? (...) Isso é um respaldo pra mim, na verdade, e pros atletas”. A despeito de sua intenção de tornar-se um Agente FIFA, ele é extremamente crítico aos padrões de recrutamento da Federação. Tyson considera o processo falho e afirma que ele proporciona a oportunidade para que “especuladores” ingressem no mercado de transações.

Para que uma pessoa se torne agente FIFA, ela deve assegurar uma pontuação mínima em uma prova aplicada pela CBF sobre os regulamentos internacionais da Federação de Futebol. Caso aprovada, ela regulamenta sua condição de agente FIFA pagando uma taxa de cinco mil reais à CBF e estabelecendo um seguro no valor de cem mil reais com a FIFA, a ser acionado caso a atuação do agente resulte em danos para algum jogador. “É isso, que é a exigência da CBF. É ter o segundo grau completo e não ter [registro] criminal, aquele negócio todo”. Na opinião de Tyson, as exigências são muito brandas e “qualquer um com dinheiro pode virar agente FIFA”. Em suas palavras: “É branda por que? Porque ela abre pra qualquer pessoa pra fazer o Agente Fifa. Então você vai lá e vê que de vez em quando tem mulher – eu não tenho nada contra mulher, tanto é que só trabalho com menina, aqui [na agência de turismo] (...) eu só trabalho com mulher. Mas eu vejo assim: é mulher, eu digo assim mulher por que? Não tem vivência de futebol e vai ser Agente Fifa! Muito mau caráter, vai lá, especulador, vai lá”. Ao mesmo tempo em que defende a valorização de seu conhecimento adquirido ao longo de sua carreira de jogador, é possível identificar que Tyson elabora uma clara estratégia de defesa de mercado, ao qual as mulheres não têm acesso por não saberem “se a bola é quadrada ou redonda”.

Perguntei qual era a opinião de Tyson sobre o futebol feminino. Respondeu: “Eu acho, puta, [que] qualquer esporte que as pessoas façam, eu acho muito bacana e o futebol para as mulheres é um baita condicionamento físico, aquilo que eu falei: profissionalmente falando é um esporte que tira muitas pessoas da rua, tira das drogas, e tira mesmo isso não é filosofando, sendo hipócrita, falar ah... não é. Tira mesmo. (...) O esporte da competitividade te prepara muito pro futuro. Prepara muito, nossa! Então em acho bacana as mulheres estarem aí, a seleção brasileira, as mulheres se classificou pra Olimpíada. Eu acho bacana, bacana”. Assim como o aspirante Roberto, todavia, considera a possibilidade de jogos mistos inviável: “Não, a diferença é muito gritante. Acho que isso não, a diferença é muito de corpo, de tudo,

isso não dá certo...” Em argumento similar ao relacionado com o recrutamento de Agentes FIFA, as mulheres deveriam se beneficiar dos bens proporcionados pelo futebol, mas não entrar em competição com os homens.

Tyson afirma que o universo do futebol: “É loira do lado⁵⁶ e carro importado. Esse é o princípio do jogador de futebol. Não precisa o cara ser bom. Os caras não têm dinheiro, ou nem têm casa pra morar, mas já têm o carro bom. É a grande maioria”. Isto se deve, de acordo com seu entendimento, à origem social dos jogadores: “Pra você ser um jogador de futebol, não precisa se formar, não precisa de faculdade. (...) O grau de escolaridade deles é péssimo, tem muito jogador de futebol que não tem a quinta série, entendeu? Então o que acontece? Como o futebol comporta isso, a maioria dos jogadores – tem exceções como o Kaká que é filho de médico e tem outra instrução –, mas 95% dos jogadores vieram da sarjeta, vieram ou da favela ou de bairros muitos pobres, ou de pais que não têm condições, não têm estrutura, não digo nem familiar. Então este jogador vive ali. Muitas vezes passando fome e vai pra um clube”. Proveniente de famílias de baixa renda, os aspirantes ficariam deslumbrados com o universo de consumo e sociabilidade dos futebolistas estabelecidos: “O jogador vai pro clube e começa a ver os profissionais andando de carro importado, mulherada em cima, imprensa, não sei o quê. Aí começa já a deslumbrar nesse meio. Aí com 16 anos, 17 anos, começa a jogar no profissional – os medianos pra bons jogadores. Aí o piá, com 15, 16 anos, começa lá de 400 reais já passa a ganhar 5 mil, isso ainda é um médio, mas é pouco dinheiro, pra gente. Mas pra esse piá que ganhava 400 reais é bastante. No final do ano já passa pra 20, 30 mil. Aí faz uns jogos bons lá e já vem a imprensa dizendo que vale 10 milhões de euros, cinco milhões de euros e que já vem clube da Europa pra buscar. Não tem estrutura, não tem... então o mundo do futebol é assim”. Apesar de afirmar que tal configuração está em processo de transformação, ele reitera que “ainda tem muitos casos desse aí, que a pessoa não tem casa pra morar, mas tem carro pra andar”. Os fatores principais de desestruturação seriam o escalonamento acelerado do rendimento, a atenção midiática e a inserção em um universo de consumo (no qual as mulheres estão incluídas na lista de mercadorias) que não se mantêm após o término da carreira.

⁵⁶ Pertinente enfatizar que a preferência por mulheres loiras não está desvinculada de estereótipos relacionados a hierarquizações raciais.

Ele narra as experiências de colegas ex-boleiros que, depois de encerrar a carreira, não foram capazes de se re-estabelecerem profissionalmente: “Tem jogadores que jogaram em seleção brasileira profissional e hoje não têm carro, hoje não tem dinheiro muitas vezes, não digo pra comer, mas têm que se virar pra comer, entendeu? Nossa, tem vários jogadores de nome, que fizeram história no futebol paranaense que hoje estão aqui em Curitiba, são meus amigos, não vou falar o nome porque não vem ao caso, mas são jogadores que hoje sobrevivem...”. Tyson se distancia do que considera uma prática generalizada entre os jogadores e acredita que boa parte da queda no poder aquisitivo dos futebolistas se deva ao dinheiro perdido em divórcios e pensões alimentícias: “Uns têm três, quatro mulher, então é pensão pra todas. Quando se separaram, as mulheres já levaram 30, 40% do capital e bens. Muitos gastam e depois que param, acham que podem continuar gastando do jeito que era quando jogavam, entendeu? Não investem, compram apartamento não sei o quê, mas não investem e o dinheiro, daqui a pouco, já gastaram tudo. Então mais por causa desses casos mesmo. A grande maioria é porque tem três, quatro mulher”. Apesar de não atribuir automaticamente às ex-esposas o estereótipo de Maria Chuteiras e de localizar a responsabilidade pela diminuição do poder aquisitivo nos próprios jogadores, Tyson parece compartilhar das representações que constroem as mulheres como interesseiras/aproveitadoras.

Em paralelo, ele é extremamente crítico à iniciação e aprendizagem no futebol nacional. Em suas palavras: “O processo de formação de jogadores no Brasil é horrível, horrível”. A falta de estrutura dos clubes seria parcialmente responsável pela vulnerabilidade dos futebolistas e a qualidade dos atletas seria explicada por motivos genéticos e culturais: “Mas eu acho que as condições brasileiras é porque nasce mesmo, é formado nos campos de pelada, é aquele negócio, eu jogo de manhã, de tarde e de noite, então isso dá habilidade”. Na opinião de Tyson, “o jogador brasileiro é diferenciado. Por que? O jogador brasileiro consegue colocar em prática a habilidade, a velocidade e o raciocínio rápido. É muito difícil, não dá pra comparar o jogador brasileiro com qualquer outro jogador de qualquer outro lugar do mundo. Não tem como comparar”. Além disso, e reivindicando sua própria experiência, ele defende que “os craques de campo hoje vieram do futebol de salão. Pode pegar aí, todos, todos, todos. Se não vieram do futebol de salão, passaram pelo futebol de salão e vieram dos campos de pelada. Não vieram formadinhos lá no clube e tal. Então eu acredito que seja mais questão de natureza mesmo, inato mesmo, de personalidade”.

Para Tyson, o valor de um jogador se prova dentro de campo: “Não adianta ser leão no treino, no treino era pedalada, era... chega no campo, parece que trava, né? Isso é personalidade, né? Pessoa que consegue desenvolver isso dentro de campo, com torcida a favor ou contra, porque às vezes a torcida do próprio time é toda contra. Mas não consegue se abalar com a situação, são os craques do futebol”.

Quis saber de Tyson o que ele considera um bom jogador. Respondeu que: “Primeiro tem que ter habilidade, quer dizer, hoje em dia, com a preparação física, os habilidosos do futebol brasileiro sumiram. Hoje é muita, muita, muita física, muita física. Então assim: em acho que um bom jogador de futebol, primeiro o cara tem que ter disciplina e o cara tem que falar, ‘não, é isso que eu quero’, ter disciplina pra aquilo”. Para Tyson, o futebol atual “está muito simplificado”. Então bastaria “ter um pouquinho de futebol no sangue, né? Senão não adianta nada. Um pouquinho, não precisa ser um craque do futebol. Por que? Porque o futebol hoje o que quê ele prega? É disciplina, um bom caráter, e... vontade de vencer”. Neste sentido, a ênfase no condicionamento físico estaria acarretando no empobrecimento o futebol: “Porque o craque mesmo, o habilidoso, é bonito, eu adoro ver o cara quando dá drible bonito, faz jogada de efeito e tal, mas isso tá fugindo do futebol. Tá fugindo por que? Porque hoje é zagueiro, é volante, é cinco no meio de campo, às vezes joga como um atacante. Hoje tá muito massacre em cima da preparação física no futebol...”

De acordo com Tyson, esta perda de qualidade se deve, parcialmente, ao aumento do número de transferências e a diminuição da idade dos jogadores transferidos: “Hoje com 14, 15 anos... o europeu não vem buscar jogador com 22, 23 anos. Há uns 15 anos atrás, eles vinham buscar jogador com 22, 23 anos – de 22 anos pra cima (...) Hoje não, hoje vem buscar jogador de 13, 14, 15 anos. Isso logicamente, que, o futebol do Brasil pra lá é muito diferente. O jogador que era habilidoso aqui, lá, com certeza ele não vai mais executar a habilidade dele lá, porque o esquema tático é diferente, os caras nem gostam disso. Os caras gostam quando o jogador brasileiro chega lá, e aí começa a jogar uma partida bem, dá show, aí eles adoram, mas pra você chegar lá, começar a driblar, o treinador já te corta, o esquema tático deles é diferente. Então morre os craques”. Defendendo uma percepção romantizada do futebol nacional, Tyson argumenta que o aumento do número de transferências empobrece o futebol-arte: “Aqui no Brasil, não, aqui no Brasil permanece o drible, prevalece a técnica. Quando tira um jogador desse novo pra lá, morre, morre. Vai ser um jogador comum da Europa, enfim... Aprende de outro jeito, mais objetivo até, porque lá o

futebol é bem mais objetivo. Mas o craque, a jogada de efeito acaba. Eu pelo menos não vi nenhum jogador que saiu daqui novo e se tornou craque. É bom jogador, mas no estilo europeu já, de outro jeito”.

Paralelamente, a transformação do jogo estaria vinculada a uma transformação mais ampla do futebol, a que Tyson denomina modernização ou profissionalização e que representa a inserção da lógica capitalista no esporte. “Eu acho assim que os clubes começaram a ser clube empresa. E as pessoas começaram ver cifras no mundo do futebol, na verdade que são todos empresários. (...) Então esta mudança se deve às cifras que começaram a correr nos bastidores do futebol e estes empresários que vieram tomar conta do futebol e daí virou uma bola de neve, né?”. Em sua opinião, tais transformações deram origem a mudanças positivas e negativas. “Positiva em que sentido? O atleta precisa mesmo de um preparo, precisa de condições pra trabalho, seja ele, principalmente né?, das categorias base, dente de leite, de 8, 10 nos, daí que forma o atleta. Você não vai formar um atleta de 20, 21 anos, é um em um milhão que vai sair um bom jogador com 20 anos, que não tenha passado por este processo. Então isso é de mérito”. O aumento da transparência e a maior valorização dos atletas são os aspectos que Tyson toma como benéficos da modernização do futebol. “Então o futebol começou a se tornar mais profissional, mais do que era antigamente. Antigamente os caras falava, vou te pagar 20, pagava 5 e não pagava mais, ficava por isso. Hoje não, a própria imprensa...”

Por outro lado, afirma: “O que é ruim é que a gente está perdendo muitos craques, muitos jogadores novos pra fora do país ou pra empresários, que virou uma máfia muito grande, muito grande mesmo. Então eu acho que isso pro futebol não é legal, tá? Porque ficou muito esta briga assim, desculpe o termo, de prostituição, entendeu? Ah, quem dá mais leva, não tem mais amor à camisa, não tem mais o cara que se identifica com o Coritiba e joga no Coritiba até o final da carreira, ou vários anos pra depois, não... Hoje o cara tá no Coritiba, beija o escudo do Coritiba, amanhã se o Atlético oferece mais, ele vai pro Atlético e beija o escudo do Atlético. Acho que isso pro futebol não foi legal, não tem mais aquele identificação com o clube”. Fazendo repercutir as queixas de muitos torcedores, Tyson acredita que o crescimento das transferências entre clubes (inclusive as internacionais) prejudicou o futebol como um todo. Tendo ingressado no esporte com a ambição de jogar “no Coritiba, na Seleção Brasileira e no Flamengo”, Tyson afirma que, hoje, “o sonho de todo mundo é jogar na Europa. Só que a Europa...[silêncio]”

Nas três semanas em que permaneceu em Portugal para acompanhar os testes do jogador a quem presta assessoria, Tyson aproveitou a oportunidade para firmar contatos em clubes e explorar o potencial do mercado de transferências. O grande número de futebolistas brasileiros contratados por clubes portugueses, segundo ele, é motivado pela economia de custos e tem um viés geográfico: “Vai muito jogador pra Portugal, do nordeste, porque é jogador mais barato pra eles. Português que vem aqui por sul, Porto Alegre, São Paulo, Paraná ou Santa Catarina, o nível é melhor, então já se torna mais caro. Isso falado por dirigentes portugueses, o que eu tô te passando. Eles preferem nordeste porque o custo é bem mais barato e são a maioria dos jogadores que vai lá e dá certo, entendeu?” Além do interesse dos brasileiros pela acessibilidade da língua e proximidade cultural, haveria uma inclinação regional pelos profissionais dos estados do nordeste, devido ao seu custo mais baixo.

Em sua interpretação, a possibilidade de atuar na Europa é idealizada por muitos atletas: “Hoje o que acontece? É a globalização, é a mídia, é ver o Ronaldinho Gaúcho andando com carro de 600 mil, Ronaldo Fenômeno andando com Ferrari de um milhão – isso de dólar. (...) E na minha época, assim que eu falo, não tinha muito jogador na Europa, não escutava muito. (...) Então é o que eu falo pra você, hoje com a mídia, a garotada fala assim: eu vou pra lá porque acho que lá está o dinheiro e muita vezes quebra a cabeça, quebra a cabeça porque vai pra lá e pega um time da segunda divisão. Aqui poderia estar num time de primeira divisão ganhando 8 mil reais, vai pra lá na segunda divisão ganhando 9, 10, 7, 6 mil. Só que o custo de vida lá... acaba ganhando muito menos dinheiro do que se ficasse aqui no Brasil. Ah, mas tô jogando na Europa, entendeu?” Esta percepção das diferentes alternativas colocadas para os jogadores e a capacidade de avaliar as melhores opções são, para Tyson, “coisa que só quem vive o mundo do futebol mais ou menos tem noção”. Os aspirantes estariam desprotegidos pela falta de informação: “E a garotada vê as reportagens do Ronaldinho da vida, e Kaká e acha que é assim, chegar lá e ganhar milhões”.

Atualmente, além de se preparar para a prova da CBF visando adquirir o estatuto de Agente FIFA, Tyson considera ingressar em um curso superior de educação física. Perguntei se a avaliação que fazia de sua experiência como jogador era positiva ou negativa. Assegurou que: “O futebol pra mim é tudo. Tanto é que eu jogo até hoje (...) Hoje eu cai um pouco porque tem os filhos, e você segura um pouco mais. Mas o futebol pra mim é tudo. Hoje, analisando assim, teve algumas coisas que

eu fiz no futebol que isso eu repasso pros meninos que eu cuido, que foi negativo pra minha carreira, né? Então isso eu passo pra eles, olha, isso aqui é errado, isso daqui eu fiz e não é bom, isso aqui é errado, entendeu? Isso eu passo pra eles”.

Afirmando, de uma maneira similar a Vinícius, que nem sempre fez escolhas acertadas, acredita que “às vezes o destino é complicado, tem muito a questão da sorte, não sei se ainda de repente estou com dois filhos homens, de repente estes venham ser, dar mais continuidade ao futebol do que eu propriamente, porque eu acho que muita coisa é o destino. Eu não quis ir para o futebol de salão nem do Flamengo, nem do Corinthians só que quem jogava no Corinthians era Zé Elias, Vampeta, eram jogadores que depois foram pro campo. No Flamengo também tinha Marcelinho Carioca, tinha um monte de jogador que depois foi para o campo e que jogavam no futebol de salão, né? Então são coisas assim que, se de repente eu tivesse peitado e, vamos lá, que se dane, de repente eu tinha jogado no Flamengo ou no Corinthians futebol de campo, enfim...”. Tal afirmação revela que Tyson acredita que poderia ter tido uma carreira mais satisfatória caso alcançasse uma colocação em clubes maiores do que o Coritiba.

Perguntei se ele consideraria uma boa opção caso seus filhos (um de três anos e outro de cinco meses) decidissem investir na carreira de jogador: “Na minha opinião, com certeza. Eu não tô nem tanto falando financeiramente porque isso é muito, muito, muito bom. Mas eu tô dizendo assim que ele indo pro esporte, mesmo que não chega a ser profissional, mas este período (...) que é a formação do caráter, principalmente da pessoa, que é dos 10 aos 20 anos, eu acredito muito nisso, ela tendo contato com esporte, cara, ela não tem tempo de pensar em mais nada, porque o esporte consome muito e te deixa bem, sabe? Então pra mim seria uma alegria se eles... mesmo que não sejam profissional, meus filhos, mas se eles forem pro lado de esporte, competição, porque o esporte de competição te prepara pra vida. Depois que você joga, você não tem mais medo de nada”. Neste sentido, Tyson enfatiza o aprendizado pessoal que o futebol proporciona, garantindo que ele só tem aspectos positivos. Mas esta não é a vivência de todos os ex-boleiros.

*

Bruno nasceu em Curitiba em 1983, filho de uma advogada e um engenheiro. Sua experiência no esporte é bem diversa da de Vinícius e Tyson, em larga medida devido a sua condição de classe, como integrante de uma família com renda média-alta. Ele ingressou no futebol jogando salão, aos seis anos de idade, por influência dos

amigos da vizinhança: “Eu fui meio que convidado. Um amigo falou ‘ah, vamos lá jogar bola, assim’. Amigo de predinho, né?, aquelas coisas. Daí, claro, mãe leva e tal, aquela coisa”.

Matriculado em uma escolhinha particular denominada Esporte e Cia, Bruno treinava duas vezes por semana, no contraturno do colégio regular. “E... daí assim, dentro dessa escolinha, que era uma escola até grande de futebol de salão, eles faziam bastante campeonato interno assim, né? E esses campeonatos internos serviam mais pros professores e pro dono da academia formarem um time, uma seleção, dos jogadores ali os que eles achavam que eram bons, pra jogar campeonatos estaduais, campeonatos contra Atlético, Coxa, contra outras academias”. Depois de aproximadamente quatro anos na escolinha participando dos torneios internos, ele foi convidado para ingressar na equipe principal e passou a treinar quatro vezes por semana, mantendo a mensalidade no valor referente a duas aulas por semana.

Atuando como ponta esquerda, Bruno afirma que “depois que eu fui pra seleção, a coisa aconteceu muito rápido, assim, né? Muito torneio, a gente viajava sempre (...) Essa escola Esporte e Cia, na nossa época, ali que eu jogava com esse pessoal, ganhava sempre, sempre ganhava todos os torneios. Aqui de Curitiba quem sempre ganhou os torneios desse pessoal da minha geração foi a Esporte e Cia e a AABB [Associação Atlética Banco do Brasil], que é esse do Banco do Brasil”. A instituição recebia auxílio do Curitiba Foot Ball Clube, ao qual era vinculada, e a ajuda de custo disponibilizada aos jogadores era limitada aos gastos de viagens realizadas para torneios. Bruno enfatiza, todavia, que as condições de participação e contribuição eram particularizadas: “Eu me lembro que o goleiro, por exemplo, do nosso time, eles apoiavam porque o menino não tinha... não tinha... muito dinheiro⁵⁷. E goleiro tem que comprar luva, um monte de coisas, então eles pagavam as coisas assim. Na verdade, quem podia pagar, pagava e tal e quem não podia acho que decerto eles davam um jeito assim, né? Ajudavam. Ainda mais quem fosse da seleção, porque daí era gente que jogava bem e tal, e eles queriam que ficasse com eles, né?” Ele afirma que outras escolinhas tinham interesse em agregar os melhores jogadores e que foi convidado, quando tinha cerca de onze ou doze anos, para treinar no Atlético Paranaense. “Meu pai perguntou assim: ‘ó, você quer ir lá? Eles tão te chamando pra jogar lá. E Atlético é um time grande e tal, assim’. No salão era meio ruim, mas no

⁵⁷ Relevante que ele tenha, assim como Tiago, titubeado em nomear o jogador como sendo pobre.

campo era bom. E eles me chamaram pra ir jogar no campo. Eu falei ‘não, não quero, está bom com os meus amigos aqui’, aquela coisa assim, né?, de piá. E daí não fui”. Para Bruno, muito mais do que uma oportunidade profissional, o futebol se constituía em espaço de sociabilidade.

Ele concorda com a percepção da Tyson de que a maioria dos jogadores considerados bons na atualidade iniciou sua formação no futebol de salão. “Antigamente não tinha muito salão no Brasil. A piazada ia pro campo, mas vindo da várzea, né?, da pelada, do jogo com bola de meia, aquela coisa assim. Mas o salão, a partir do final dos [anos] setenta, assim, início de oitenta, isso é meio histórico mesmo, começou a ficar bem forte no Brasil. Então a piazada que joga bola hoje super bem, que é habilidosa tem muito dos fundamentos do salão. Começa jogando salão e depois vai pro campo”. Ao contrário da experiência típica dos futebolistas, para quem ingressar no futebol de campo representa uma promoção, Bruno diz: “A transição pro campo foi meio que estranha assim, tipo, não fui muito pela minha vontade assim, porque... porque a escola fechou. O cara chegou e falou assim ‘ó, a gente vai fechar a escola’ (...) E daí, pô, a gente se viu meio...[silêncio]”. Ele acredita que o principal motivo para o encerramento das atividades da escolinha tenha sido a gestão deficitária. “Aí como fechou a escola, deu aquela debandada, né? Pô, o que quê nós vamos fazer agora? Pra que escola que a gente vai? E eu na verdade não era muito, muito fissurado por futebol assim, então, pô, beleza, mais tempo pra ficar em casa brincando com o pessoal. Daí não preciso mais fazer futebol de salão, né?”

A postura de Bruno frente ao futebol é significativamente diferentes dos outros jogadores entrevistados para a realização desta pesquisa. Ele não se sentiu frustrado no momento em que a possibilidade de abandonar o esporte se colocou. Todavia, enfrentou a resistência de seu pai, para quem seria um desperdício (nem tanto financeiro, mas de talento), caso ele parasse de jogar. “Ele queria que eu jogasse, assim, porque ele... Ele via: ‘piá, você joga bola muito bem, entendeu? Você tem que tentar, não pode desistir assim’. Ele nunca foi de, porra, não sei o que ‘você vai ser e não sei o que e eu vou ganhar dinheiro’. (...) Mas ‘vamos jogar bola, você joga bem e tudo, eu vou te levar numa escola aí’. Daí eu falei ‘mas eu não quero’ e tal, não sei o que. Fiquei lá fazendo um tipo. Aí ele me levou, ele me levou meio que à força assim e tal. Daí ele me levou pra jogar lá no Paraná Clube, na escolinha de futebol de salão do Paraná Clube”. Bruno diz que sua inserção no Paraná Clube não foi boa, pois já havia uma equipe constituída, que era mais valorizada durante os

treinamentos e na qual ele não conseguiu se inserir. Além disso, a sede do Paraná Clube estava localizada a uma distância muito grande da sua casa, o que implicava num tempo de deslocamento excessivo “para chegar lá e jogar quinze minutos”. Ele optou por abandonar os treinos. Perguntei qual tinha sido a reação de seu pai, que anteriormente havia insistido para que ele continuasse jogando. Bruno disse que “daí quando ele viu que eu estava ficando infeliz, ele mesmo me tirou, assim ‘não, você não vai jogar mais e tal’. Aí eu parei”.

O jogador ficou seis meses sem praticar futebol ou qualquer outro esporte. “Aí a minha mãe e falou ‘pô, [Bruno], você joga bem bola...” Ele descreve como ser um bom jogador se constitui em uma identidade pessoal quase compulsória: “E esse negócio das pessoas falarem que você joga bem é uma parada... é uma pressão também assim. (...) E todo mundo me identifica por isso, assim. O [Bruno] que jogava futebol, entendeu?” Para sua trajetória pessoal, esta caracterização foi positiva e constituiu uma forma de relacionamento com o mundo. Identificando a si mesmo como uma “criança-problema”, Bruno diz que “o futebol era a única maneira de eu me aproximar, assim, do pessoal e de eu poder conversar sobre isso. (...) E dentro do campo eu sempre fui muito companheiro, nunca briguei com ninguém assim, sempre... Eu sempre fui muito mãe... Mãe no sentido de servir, assim, essa coisa que eu estava te falando do jogo, eu sempre servi, nunca fui fominha. (...) Então isso era uma coisa assim, que, claro, pra minha identidade, tipo, de... pô, eu acho que é isso que me faz ser pros outros, assim também, né?, e pra mim, conseqüentemente”. A insistência de sua mãe, além de um incentivo à prática de esportes, dizia respeito a esta construção identitária. Bruno concordou em voltar a jogar e passou a treinar no colégio particular onde estudava, onde foi convidado para participar de uma peneira no Coritiba Foot Ball e foi aprovado. Em suas palavras: “Eu poderia, realmente, ter ficado na escola ali pra ficar uma coisa mais assim tranqüila, mas... quando você vê que você pode, assim, né? Puta merda, jogar na categoria de base e tal, jogar com gente melhor assim... ter um professor melhor e tudo...”

A experiência de Bruno no Coritiba é relevante para o exame das relações de classe e raça no universo futebolístico. Ele diz: “Eu senti essa coisa do futebol como uma situação bem de ascensão social quando eu fui pro Coxa jogar lá. Porque no salão eu não tinha muito essa dimensão, até porque a gente era mais criança e também a escola ali era mais classe média e a piazada que jogava era mais classe média. Mas

quando eu fui no Coxa jogar, passar pela peneira, pô, o negócio era cruel, assim, sabe?” Enfatizando que esta é uma importante dimensão a ser discutida, Bruno descreve as relações que estabeleceu com seus colegas do Coritiba: “Eles sabiam que eu tinha dinheiro, assim, mais do que eles, né? Tipo classe média e tal. (...) Daí eles acho que, não sei como é que, se eles iam de ônibus ou tinha alguém que levava assim. Acho que a maioria ia de ônibus. Mas a minha mãe me levava no treino e tal. E eles viam que eu tinha ali um certo dinheiro e tal, a minha chuteira nem era boa, tinha gente que tinha chuteira melhor que a minha lá no negócio. Mas, puta, eles olhavam pra minha cara, assim, maior cara de, né?, branco, né?, meio europeu, não sei o qu, com a mãe levando pro treino, aquela coisa. Às vezes eu ia com uma camiseta de time de futebol e tal. Eu chegava no jogo, começava o jogo, os caras me quebravam, assim. Eles me quebravam. Aliás, eu não continuei jogando futebol de campo porque me... me destruíram, assim”.

Bruno afirma que seus companheiros de equipe agiam com maldade e que era um problema pessoal contra ele, não fazendo parte da violência normal do jogo. “E eles quando me derrubavam falavam ‘é, o que quê você está fazendo aqui riquinho?’, aquela coisa assim bem foda. ‘Deve ter três computador em casas’, tipo, os caras... E eu ‘o que quê eu estou fazendo nessa merda aqui, né? O que quê eu estou fazendo aqui? Eu tenho que ir embora’”. Quis saber se nenhum dos treinadores, técnicos ou encarregados no clube interferiam nas disputas. Ele respondeu que não: “Deixavam rolar, entendeu? Deixavam rolar. [Vocês que] se defendam, entendeu? A filosofia dos caras é assim, você tem que provar que você é bom, levando porrada ou não”.

Durante a maior parte do período em que atuou no Coritiba, Bruno permaneceu como jogador reserva do time principal em sua categoria, mas no momento em que alcançou a posição de titular de lateral esquerdo, a violência contra ele se intensificou. “Mas assim, pra manter a posição de titular, puta, era uma coisa, eu acho que foram as sensações mais assim, tipo, difíceis, porra, muito foda. É... da posição de lateral esquerdo tinham mais três, assim, que queriam a posição. Então o que acontecia? Os lateral esquerdo que queriam a minha posição eram amiguinhos ali, tinham a panelinha deles. E esses amiguinhos deles aí iam lá e me sentavam o cacete. Então eu apanhava muito. Fora os xingamentos, ‘pô, vai se fuder’ e não sei o quê, aquela coisa assim, né?” Bruno diz que esta situação o prejudicou psicologicamente e resultou na diminuição de sua auto-estima. Ele se preocupa em justificar a importância de sua narrativa e quais os condicionamentos sociais implícitos na

violência que enfrentou: “Eu estou falando isso mais ou menos pra dizer que... que eu comecei a ter a noção de que a parada é... é competitiva mesmo, assim, é um negócio que é foda e que dali daquele grupo de trinta vai sair dois assim, que vai virar jogador de futebol e vai ganhar um salariozinho legal, nem sei se isso, hem?, nem sei se isso. Acho que às vezes menos. É... que daí você começa a perceber que a parada é cruel, assim, porque tem muita gente que, ali, não tem nenhuma perspectiva, sabe? Tipo, está botando as fichas no negócio ali: ‘Vou jogar bola’. Às vezes não trabalha, a família precisando de comida em casa e tal, coisas que poderia estar ajudando, vai jogar bola, assim. E se um cara desse não dá certo na vida, puta, já era, né?” Apesar de sua formulação se aproximar da vitimização dos atletas provenientes de famílias pobres e esposar um certo determinismo, cabe ressaltar que Bruno tem consciência de sua posição privilegiada frente aos colegas e da limitação das oportunidades profissionais aos jovens de baixa renda.

Para ele, a violência a que foi submetido no Coritiba foi intensificada por sua origem de classe, mas os processos competitivos não estavam ausentes das relações entre os outros aspirantes: “Eu freqüentemente via briga, assim, gente brigando, piizada brigando, na porrada mesmo, né? Não deveria ser assim, mas... Mas os treinadores deixavam comer solto, porque pra eles até, porra, eles sabem que eles têm que vencer aquele negócio, então deixa eles comerem aí e o melhor vai vencer. É a lei da selva mesmo, né?” De acordo com Bruno, a prática de um esporte só tem serventia “se for pra te fazer feliz”. Nas categorias de base do Coritiba, porta de entrada para a profissionalização, ele se viu inserido em uma lógica incompatível com a sua. “Quando eu comecei a jogar com eles lá, isso começou a ficar evidente, [que] eu estava ali, porra, pra galgar espaço e ganhar dinheiro, assim, sabe? Tipo... deixou de ser uma coisa prazerosa pra virar um negócio de disputa de seleção, ali, de empresa, entendeu? Recrutamento e processo de seleção de uma empresa, assim, sabe?” Sua experiência parece corroborar a interpretação de Galeano, para quem a mercantilização destruiria o caráter lúdico do futebol. Sem preparo físico e correndo excessivamente, Bruno contundiu o joelho. “E daí eu tive que fazer fisioterapia, fiquei fazendo uns três meses de fisioterapia, sem poder jogar bola, assim, né? E, puta, daí eu já tava, que merda, né?, nem queria estar aqui nesse negócio, estou indo mal na escola, tá tudo errado, os caras me xingando o dia inteiro, eu ainda destruo o meu joelho, o que quê eu estou fazendo, né? Daí eu peguei e falei ‘ó, eu não vou jogar mais bola’. Daí eu nunca mais joguei”.

Para Bruno, com a exceção dos torcedores, todos os agentes envolvidos no futebol o encaram como um meio para ganhar dinheiro. “[E isto] faz com que a coisa vire meio que velho oeste, assim, sabe? Tipo... é... vou tirar até quanto der desse esporte aí. Isso o jogador mesmo, mas principalmente o cartola”. Ele defende que o problema não está na lucratividade em si, mas na falta de consciência sobre a necessidade de reinvestir: “De pegar esse dinheiro que ele ganha, por exemplo, com a venda de um jogador e botar ali no desenvolvimento de tecnologia, por exemplo, no centro de treinamento, coisa assim”. Ao mesmo tempo, enfatiza que a estrutura do futebol brasileiro está em transformação, em larga medida motivada pela entrada de investimentos empresariais, e isto resulta em melhores condições de trabalho para os jogadores, especialmente nas categorias de base, pelo menos nos maiores clubes do país. Comparando o futebol de São Paulo e do Rio de Janeiro, ele afirma sobre os dirigentes cariocas que “esse pessoal aí meio que não saiu dessa forma antiga de fazer investimento e de discutir o futebol assim. Então ficou nessa coisa, sugando ali a grana e tal, enriquecendo o seu bolso, desviando dinheiro e não pagando os impostos, endividando com o governo e tudo mais... Não que os outros sejam santinhos, mas... Mas rolou isso muito forte, assim. E, pô, o futebol decaiu. Porque daí o que acontecia? Chagava no final do ano, o time estava cheio de dívida e daí não tinha dinheiro pra comprar jogador novo ou então mesmo pra manter a estrutura de base do time. (...) Então eles começaram, os times acabaram ficando fracos assim, sabe?”

Bruno acredita que são poucos os clubes brasileiros que se capacitaram e conseguiram substituir as dinastias de cartolas por uma administração racional. Seu ponto de referência para um gerenciamento ideal é localizado nos clubes europeus. “Isso aí é uma coisa, do Brasil é essa merda, assim, cara. Eu sei porque eu joguei ali no Coxa e o Coxa era assim. Aqueles conselheiros do Coxa não faziam porra nenhuma, ficavam lá coçando o saco, ganhavam uma grana, porque eles, quando revelavam jogador eles é que ganhavam por trás. E se o jogador era vendido eles também ganhavam comissão. Só que o re-investimento no clube é uma coisa que não existe. E isso, por exemplo, o São Paulo sabe fazer; o Internacional sabe fazer. Por que? Porque eles foram pra Europa aprender lá como é que eles transformaram o negócio, o futebol na Europa numa coisa, num negócio mesmo, tipo, que você tem um centro de pesquisa, inclusive, assim, até desportivo, tem um negócio de fisioterapia de ponta, medicina de ponta, eles investem em medicina”.

Para ele, a estrutura administrativa dos clubes participantes da Liga dos Campeões é “impecável”: “Tipo, pelo que você vê e você vê falar e tudo assim, nesses documentários eles mostram tudo”. Além de ser relevante que ele baseie suas afirmações em produções televisivas, Bruno volta a utilizar a metáfora da “mãe” para se referir ao relacionamento entre os clubes “europeus” e os jogadores: “Mas a participação do clube na vida do jogador é maior, o clube é mais presente assim... Ele é mais mãe, eu acho... na Europa. Ele é mais... ele protege mais o jogador”. Recordando a crise no futebol italiano deflagrada em meados de 2005, que incluía acusações sobre manipulações de resultados e corrupção, Bruno ainda assim reitera que “o clube em si, pro jogador ele é bom”.

Uma das características da modernização do futebol brasileiro, para Bruno, é o aumento dos investimentos na formação de jogadores. Ele compara as “estrelas” (os jogadores famosos) com os atletas provenientes das categorias de base do clube: “E tem times que priorizam a equipe de base porque perceberam que, pô, contratar estrela não é... a longo prazo, assim, quer dizer, não é uma coisa muito boa. Porque estrela sai muito fácil também, entendeu? Se o cara começa a jogar muito bem ali, o time estrangeiro vem e contrata. Então. Não que o outro, o juniores ali que está jogando bem não vá ser contratado por um time estrangeiro, também é, mas assim, não dura muito, sabe? Normalmente o cara que é bom, ele acaba mudando até por proposta de ganhar dinheiro e coisa assim, sabe?” Fica claro, portanto, que para Bruno a transferência de jogadores motiva não apenas o enfraquecimento dos times, mas dos próprios clubes. Segundo ele, um investimento bem feito no futebol significa não precisar desmembrar o quadro de jogadores: “De você não poder manter um mesmo time durante duas temporadas... de tratar a coisa como profissional, ou seja, pagar o salário em dia, coisa que não acontece aqui. Muito, assim mesmo, os caras não pagam em dia. O jogador sai, porra, o clube devendo um monte pra ele. E pagar pro Estado lá o que deve e tal... Essas coisas que faz o futebol ficar uma coisa séria, assim, até, pô, legal isso aí”.

Bruno entende que a motivação para a demanda por jogadores brasileiros por parte dos clubes estrangeiros está no estilo de jogo diferenciado do país. Remetendo à mitologia racial e coreográfica como metáfora, ele afirma: “Eles [os europeus] não têm a habilidade do brasileiro, o gingado. Aí é do gingado, entendeu?, isso é uma coisa que, sei lá, perguntar assim ‘pô, porque que uma mulata ali no Rio de Janeiro samba daquele jeito e eu não consigo sambar, entendeu?’ (...) É uma coisa que tá na

veia assim, é um negócio meio que não... ela cresceu com aquilo, mas também parece que é uma coisa que, sei lá, herdou de alguma maneira. Então o brasileiro tem muito disso, assim, ele tem uma facilidade muito maior de driblar, sabe? E esse é o ponto forte do futebol brasileiro na verdade. É isso que faz os caras, a molecada ir pra fora”. Ele também menciona o interesse dos europeus pelos mercados de futebolistas argentinos e africanos (especialmente em Camarões e Gana) e as estratégias utilizadas para as transferências de jogadores menores de dezoito anos.

De acordo com Bruno, a demanda por jogadores brasileiros tem como contrapartida o desejo dos futebolistas nacionais migrarem para “a” Europa, não apenas pela remuneração, mas pela visibilidade: “É, o que eu sei é assim: o pessoal, quase todos os jogadores querem ir pra Europa jogar. Não pelo dinheiro, também, puta, muito pelo dinheiro, mas porque os melhores clubes de futebol estão na Europa, assim. São os melhores clubes de futebol, tipo Juventus, Barcelona, Inter de Milão. São os times que ganham muito dinheiro, assim, né?, porque realmente sempre tem um grande número de estrelas. E se você consegue fazer sucesso num time desses, puta, você está consagrado, assim, né?” Além disso, a oportunidade de atuar na seleção brasileira aumentaria, de acordo com Bruno, porque “os treinadores da seleção brasileira olham muito pros jogadores que estão jogando fora, porque estão, pô, se o cara está jogando lá fora, eles pensam assim também, se ele está jogando, é um cara que tem um destaque maior do que os outros. Mereceu estar lá e tal”.

Ele discorda das críticas contra a escalação de jogadores atuando no exterior para a equipe nacional: “Eu acho que assim: jogador bom é jogador bom, mesmo jogando fora e por mais que eu não veja ele jogando aqui no meu campo, por exemplo, no Paraná Clube ali e tudo mais... eu, sei lá, posso ver pela televisão. Mas ele é bom, entendeu? Ele é brasileiro também. Ele quer vestir a camisa brasileira, quer dizer. (...) Pra mim, acho que se você torce pelo Brasil... não é porque, sei lá, porque joga no teu time. Você torce pro Brasil porque é a seleção”. Em paralelo, ele considera que a bonificação concedida a jogadores brasileiros para que ingressem em seleções de outras nacionalidades é uma espécie de “capitalismo selvagem”, desrespeitoso. Reconhece, todavia, que muitos futebolistas não têm oportunidade de participar da equipe nacional, portanto “pro jogador é vantajoso, eu acho, né? Às vezes ele pensa assim ‘pô, jogar na seleção brasileira vai ser difícil pra caramba. Eu vou jogar aqui por esse país e tal, pra poder disputar a Copa do Mundo e coisa do

tipo'. Mas sei lá, cada um tem sua sentença aí, nesse daí eu não sei muito como é que funciona, como é que eu responderia a uma situação dessas”.

Bruno especifica o diferente potencial de visibilidade que diversos centros futebolísticos nacionais oferecem e o impacto que isto tem na carreira dos jogadores: “Tipo, no Qatar, nuns times assim, que ninguém conhece... Eles pagam muito dinheiro pro cara jogar lá. Mas o cara que vai pra esse... ou pro Japão, o negócio é pro cara que sabe que não vai conseguir ser contratado por um time da Europa, assim. E se for vai ser contratado por um time pequeno. E que ele não vai conseguir ter muito destaque e não vai ganhar dinheiro, entendeu?” No tocante às diferenças de rendimento, ele aponta que “um jogador bem sucedido na Europa é o melhor salário. Mais do que no Japão, mais do que no Qatar, mais do que em qualquer lugar. É o maior salário é desse do jogador da Europa que é bem sucedido”. Ele igualmente diferencia as colocações hierárquicas do futebol dentro da Europa: “O top de linha é a Itália. Jogar na Itália ou na Espanha, tipo Real Madrid, Barcelona, Inter de Milão, Milan, Juventus, são os times que pagam assim”.

Sobre Portugal, Bruno afirma que “não conhece muito”, só sabe que tem muitos brasileiros atuando no país, espalhados em equipes de primeira e segunda divisão. Ele acredita que a proximidade cultural possa ser um dos principais fatores para este número elevado, mas propõe a existência de uma outra motivação: “Uma coisa que uma vez eu pensei é que normalmente quando você vê um jogador indo pra Europa mas que não é pra jogar num time muito foda, mas que também não é pra jogar num time de segunda divisão, por exemplo, jogador que vai pra Inglaterra pra jogar em time de segunda divisão, assim... Eles vão pra Portugal, jogar no Sporting, no Porto, nesses times da primeira divisão lá. Eu tenho essa impressão de que é como se fosse uma porta de entrada pro futebol, pro mercado Europeu de futebol, assim”. Neste sentido, o futebol português não seria “europeu”, pelo menos no sentido em que o mercado futebolístico europeu é construído no Brasil, mas uma vitrine propícia para transferências potenciais aos grandes clubes da Espanha e da Itália.

Bruno salienta que os clubes brasileiros também lucram com as transferências internacionais de jogadores. Descrevendo o período de consternação de gUs*, ele recorda: “Teve uma época que o Robinho jogava no Santos, né? E daí ele tava comendo a bola, o cara fazia o que queria aqui no Campeonato Brasileiro. Aí tavam falando um monte ‘o Real Madrid vai contratar o Robinho’. O Real Madrid é aquele time que só tem estrela, né? ‘Vão contratar o Robinho’, uma especulação gigante,

assim. Agora você imagine o quanto de dinheiro que não envolve a venda de um jogador que nem o Robinho, porque quando um jogador é vendido, eu não sei exatamente qual é a porcentagem, mas sei que a maior parte do dinheiro fica com o clube, entendeu?” Ele defende que os clubes “seguram” os jogadores que se destacam para lucrar com o aumento de sua valorização e salienta a existência de diferentes remunerações de acordo com as posições dos jogadores em campo, valorizando atacantes e goleiros. Em paralelo, Bruno argumenta que a entrada no futebol “europeu” representa o topo da carreira de um jogador, mas pode igualmente significar uma limitação a sua mobilidade: “Aí ele foi pro Real Madrid. O Robinho. Contratou. Acho que pagaram, sei lá, trinta milhões, uma coisa assim. Um absurdo, muito alto (...) assim, não sei [exatamente]. Mas não importa. O importante, o fato é que ele foi pra lá. Daí o que aconteceu? Pô, compraram o cara, pagaram uma grana e tal, o cara vai ter que jogar bola. E o Robinho demorou pra começar a jogar bem lá. Puta, tava mal... jogando e não sei o quê. Daí, como é que acontece? A cabeça do jogador: ‘puta, se eu não jogar bem no Real Madrid, que outro clube vai me comprar aqui nesse negócio?’ Porque como o valor de mercado dele é alto, e ele não está jogando nada, nenhum time vai querer comprar ele. Então a alternativa é voltar pro Brasil, assim. Voltar pro Santos. E isso é o que ele não quer, porque ele quer exatamente ir lá pra fora...” A descrição de Bruno é bastante reveladora sobre os mecanismos de ascensão e as possibilidades de declínio implícitas nas transferências internacionais. “Mas daí o Robinho começou a jogar bem e ficar lá no Real Madrid e tal”.

O ex-atleta constrói o futebol como um universo cruel, cuja hierarquia entre clubes limita as oportunidades de muitos jogadores. Falando sobre o contexto brasileiro, afirma que em “time de primeira divisão, o cara não vai ganhar um salário baixo, tipo, que não possa viver, sei lá... Eu acho que um salário de um jogador reserva, por exemplo, de um time como o Atlético deve ser uns..., depende da posição também, eu acho que deve ser uns três mil, quatro mil. (...) Classe média. Um salário legal. Mas é aquela história, né? No Brasil existe série B, série C e série F, entendeu? A coisa vai longe. Então o pessoal que joga nos times de várzea aí, que às vezes só tem essa profissão, o cara não ganha nada, entendeu? Tipo, o que eu digo “nada”, não. Uma miséria”. Ele defende a relevância da frustração que muitos futebolistas enfrentam por não se colocarem nos clubes profissionais ou por serem relegados às

agregações marginais: “[G]ente que tem a bola, tem condições de desenvolver e que... acaba às vezes não passando e aí fica meio decepcionado. (...) Mas isso acontece no mundo inteiro, eu acho, né? Isso acontece em qualquer lugar, assim. Só que... é... é foda”.

A experiência de Bruno com o futebol resultou em dificuldades escolares. Ele afirma que o fato de treinar três ou quatro tardes por semana, sofrer com câibras e com os machucados resultantes da violência dos colegas, o desmotivavam para o estudo. Ele fez aulas particulares para se recuperar das notas baixas em matemática e não precisou repetir nenhuma série. Na altura em que realizamos a entrevista, Bruno tinha concluído o curso de Psicologia na Universidade Federal do Paraná, onde defendeu uma monografia sobre “o conceito de liberdade em Skinner e a repercussão desse conceito para o debate entre o humanismo e o behaviorismo radical”, e estava prestes a iniciar um mestrado na mesma área na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Sobre o futebol, afirma: “Ah, pelada até hoje eu joga, né? Até hoje. E gosto de jogar. Eu gosto muito de futebol pra jogar assim, sem se preocupar com... Claro que é legal ganhar, mas sem se preocupar com essa coisa de, puta, de fazer disso uma carreira, de fazer uma disputa que não é uma disputa afobada, que é uma competição meio... eu preciso passar a perna nesse cara pra eu conseguir vencer, sabe? Tipo... vou ter que machucar ele, assim. Coisa que rolava, assim. Isso não é legal”. Crítico à dimensão de competitividade desleal no futebol profissional, Bruno avança uma leitura diversa dos outros ex-jogadores, para quem o jogo constitui, entre outras coisas, um aprendizado de vida.

*

Mauro tem trinta e nove anos. Nasceu em Curitiba, em uma família de poucos recursos cujo pai era vendedor autônomo e a mãe, dona de casa. Ele jogava futebol nos campos de várzea e em 1984, quando tinha quinze anos de idade, ingressou no Colorado. “E joguei lá por um ano, um ano e meio, aí fui convidado pra jogar no Coritiba. Fui jogar no Coritiba. E estava treinando com a categoria júnior, quando apareceu a chance de ir pro exército. Como oficial, aquela coisa toda, ser aluno do NPOR”. O Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva (NPOR) faz parte de uma unidade de ensino do Exército Brasileiro responsável pela formação de sub-oficiais e aspirantes a oficiais. Trata-se de uma instituição voltada para estudantes universitários, com melhores condições de remuneração e formação se comparada às demais instâncias militares. Mauro afirma que optou por encerrar sua participação no

futebol profissional por motivos de saúde e que continuou praticando esportes no exército: “E eu resolvi parar de jogar futebol, naquela época. Falei ‘ah, não estou muito afim’, já tinha machucado muito o joelho. E fui pro exército. Dentro do exército continuei jogando futebol, pelas forças armadas aí, aquela seleção que tem. Fui pro Rio de Janeiro, treinei lá, fui atleta de atletismo, aquela coisa toda. Páraquedismo... alpinismo... tudo -ismo”.

Após concluir sua formação no exército, Mauro retornou à Curitiba para finalizar o curso de Educação Física na Universidade Federal do Paraná. Em 1994, iniciou um mestrado na Rússia, para onde mudou-se com sua ex-esposa e o casal de filhos. Imediatamente após o mestrado, continuou residindo no país para realizar o doutorado e trabalhou em clubes de futebol russos. “[Eu] fui porque sempre quis conhecer a Rússia, primeiro motivo, e segundo que o treinamento desportivo lá é muito forte. (...) Aí fiquei lá por quase cinco anos, morando em Moscou, tá? Aí na época eu levei família, filhos, tudo, estudaram lá... E lá eu trabalhei com futebol, com categorias de base no clube Saturno, como profissional desse clube. E depois ainda trabalhei com o Spartak, que é um clube, assim, de mais tradição da Rússia, né? Fiquei lá... sete meses no Spartak”.

Mauro tornou-se professor de nível superior quando retornou ao Brasil, trabalhando em duas universidades privadas de Curitiba, e deu continuidade ao seu engajamento no futebol: “Aí implantei na Universidade Tuiuti o futebol dos universitários. O que quê era isso? Pra jogar na minha equipe tinha, de qualquer jeito, que estar cursando a universidade. Tive que mandar embora muitos jogadores ótimos, bons de bola que participaram dos testes porque eles não estavam na universidade, né? Isso cortava o coração, mas a idéia do projeto era essa, ou seja, mostrar pro Brasil que pode estudar e jogar bola ao mesmo tempo”. Após dois anos na Universidade Tuiuti, Mauro transferiu o projeto para a Universidade Católica do Paraná. “Dois anos também. Eu tive que cancelar porque daí, no segundo ano, apareceram alguns aproveitadores... um tal de Albanir... agentes, já queriam colocar atletas deles, já foram conversar com o reitor... E acabaram desvirtuando... Quando eu vi, metade do time era de universitários e a outra metade era de jogadores que agentes queriam colocar ali pra vender. Então desvirtuou totalmente. Parei”. Significativo que sua equipe tenha sido alvo de interesse de agentes/empresários como potencial “vitrine” para a negociação de atletas e que as instâncias superiores da universidade tenham interferido para garantir a participação de atletas não-vinculados à instituição.

O professor encerrou seu trabalho como treinador das equipes universitárias e colaborou com um clube da segunda divisão paranaense, antes de ser convidado, por um ex-colega que havia conhecido na Rússia, para assumir coordenação da categoria júnior do Atlético Paranaense. “Na hora eu aceitei, larguei as universidades, não quis mais saber de curso, de nada, larguei tudo praticamente pra mergulhar no futebol. Aí fomos tricampeões paranaenses o ano passado e esse ano a gente teve uma campanha muito boa na Taça São Paulo, quando o Atlético fez a melhor campanha de um time paranaense na história. São trinta e oito anos de Taça São Paulo e nunca um time paranaense tinha chego na semi-final. Foi a primeira vez. Então, pô, eles ficaram muito felizes, né? A gente foi muito bem”. No momento em que conversamos, Mauro tinha sido promovido a coordenador das categorias de formação do clube há uma semana. Grande parte da entrevista se concentrou em sua experiência na capacitação de novos jogadores e como ela está relacionada às transferências internacionais.

De acordo com Mauro, o Atlético Paranaense tem um projeto diferenciado das demais agremiações no tocante à formação de atletas. O clube exige que os aspirantes continuem sua formação escolar, responsabilizando-se pela matrícula dos atletas em um colégio público, e promove a formação em nível superior, comprometendo-se a pagar as mensalidades caso algum dos jogadores ingresse em uma faculdade particular. “Dentro do Atlético você tem um pedagogo, ele acompanha os garotos na escola, as notas dos garotos, o comportamento deles, ele dá o apoio lá dentro, então se o garoto precisa de um reforço em matemática ele dá esse reforço, em português e assim por diante. Tem uma biblioteca lá dentro do CT pros garotos. Tem... computadores, internet, tudo direitinho”. Além dos profissionais do time principal, o Centro de Treinamento (CT) do Caju congrega as categorias juvenil e júnior do Atlético, perfazendo um total de aproximadamente sessenta aspirantes, a maioria dos quais reside no clube, a exemplo de Cacau. Mauro afirma que os boleiros das categorias de formação que não moram no CT são exceções: “Casaram. Estão com dezoito, dezenove anos, engravidaram a garota. (...) Então às vezes acontece desse tipo de coisa. E o clube dá total apoio, né? Ele não deixa desamparado, não deixa largado. Mesmo porque pode perder um grande atleta. Claro que, tudo por trás tem o lado financeiro (...) Mas a maioria dos clubes brasileiros só pensam nesse setor. Não investem nada. O Atlético investe muito, né? Ele tem o retorno também, mas ele investe bastante”.

De acordo com Mauro, o treinamento das categorias de formação do Atlético segue um roteiro elaborado pelo departamento de fisiologia e é acompanhado por preparadores físicos especializados. “É assim que funciona, então está bem organizadinho, está bem fechadinho, não tem, assim, como errar muito. Essa metodologia está sendo já imitada e copiada por muitos times no Brasil. Tipo espionagem mesmo. Eles vêm, espionam, copiam, levam o modelo”. A formação dos jogadores no Atlético inclui o trabalho de acompanhamento das famílias: “Existem algumas reuniões que nós fazemos pra orientar os pais, pra que eles não interfiram na... na vida do garoto. Não fiquem dizendo... que o garoto é um craque, nem que ele é um fracasso porque perdeu um campeonato. Que eles encarem aquilo como uma profissão como outra qualquer. (...) Pra evitar falar mal do treinador pro filho, falar mal de outro atleta pro filho. Orientar o filho o mal, tipo: ‘quebra aquele garoto pra você entrar no lugar dele’, entendeu? Esse tipo de coisa. Então periodicamente é feita reunião com os pais também”.

O coordenador afirma que a pretensão do clube é que dentro de alguns anos a maioria dos jogadores profissionais do Atlético seja formada pelo clube. A seleção de aspirantes é realizada em todo o Brasil por meio de uma rede de recrutadores que, segundo Mauro, é composta por “olheiros fantásticos, espalhados por aí. Só manda os melhores jogadores”. Aproximadamente cinco ou seis meninos realizam testes no Atlético todos os meses. “Tem um olheiro que tem dez olheiros que trabalham pra ele. Aí telefona, ele vai até o local, vê o garoto jogar uma, duas, três, quatro partidas... fica lá na cidade durante um tempo. Não vale a pena. ‘Ó, valeu, obrigada, desculpe’ e sai. Não, esse garoto vale. Liga, [Mauro], o garoto é bom. Pode agendar aí?’ Aí eu procuro lá na agenda... então tá, você vai mandar tal dia pra cá. Ah... não tem dinheiro nem pro ônibus. Então tá, nós mandamos o dinheiro, paga pra ele. Não, tem que vir de avião porque mora longe. Então vem de avião. Tudo assim. Assim que funciona”. Os jogadores permanecem por um prazo de uma a duas semanas sendo avaliados pelo clube. “Até o treinador esgotar as chances e falar assim: ‘é bom’. Ou: ‘não é bom’. Entendeu? Não se adaptou... porque muitos deles não se adaptam, né? Alguns saem de lugares muito pobres e chegam no CT que é o melhor do Brasil, de repente leva um susto: ‘meu Deus do céu. Que será?’ É tipo uma garota que tá no interior e de repente cai lá em Hollywood, né? Com flash, luz, estrela... Então é muito complicado. Às vezes dá um choque”.

Mauro enfatiza que a juventude e a origem social de grande parte dos aspirantes podem ser fatores complicadores em sua integração. Causa impressão que ele compare a experiência de um futebolista recém-chegado à representação de uma garota do interior em Hollywood – trata-se de uma interpretação similar à de Tyson, para quem os aspirantes “se deslumbram” ao conhecer a vida dos bofeiros profissionais.

Apesar de defender que os jogadores do Atlético que não cursam uma faculdade são “vagabundos”, já que a instituição garante o pagamento das mensalidades, e de ter elaborado um projeto de futebol para universitários, Mauro reconhece as dificuldades em conciliar os dois projetos (educacional e esportivo) e afirma que esta é uma das razões para o baixo número de jogadores provenientes de famílias de classe média. “Não dá tempo. Se ele for estudar, não consegue jogar bola. É uma questão lógica. Por isso que tem pouquíssimos jogadores que são médicos, advogados... não dá tempo. Se ele vai perder a infância dele sendo o melhor aluno da escola, ele não vai conseguir jogar bola. É uma coisa ou outra. (...) Nosso garoto está na favela. Então ele cheirou cola: ‘ah, joga aí que eu vou fazer um gol de bicicleta’. E faz. O garotinho de apartamento, classe média... não. Tem que estar na escola, o pai vai levar, vai buscar, não sei o quê. Não pode ficar na rua, tem horário pra isso, ‘não, você pode jogar bola uma hora, meu filho’. Então tá, uma hora não é suficiente pra fazer um craque. Entendeu? É assim que funciona. Então esses... esses garotos que são marginalizados, são chamados de delinqüentes na sua infância, não sei o que lá, trombadinha... No futuro vão ser os craques”. Relevante que Mauro, tanto quando Galeano e Ursi, construa uma representação da marginalidade como sendo desprovida de limites e um espaço de criatividade. Ao contrário desses autores, todavia, Mauro não estabelece uma relação de causa e efeito entre pobreza e marginalidade, apesar de sua perspectiva de comparação serem os meninos de classe média. Além disso, ele salienta a importância da “reintegração” para a formação dos atletas, fomentando o cumprimento de regras e horários: “Ah, porque senão não consegue. Se não, não consegue. Então você resgata, coloca na escola, entendeu?”

O Atlético organiza palestras e orientações sobre investimento financeiro para assessorar os atletas no gerenciamento de seus rendimentos. Mauro afirma que o comportamento da maioria dos jogadores de futebol é irresponsável com relação ao dinheiro. “Alguns guardam, investem, compram imóvel, abrem um negócio, compram caminhão, uma padaria, né? Alguns guardam o dinheirinho. Compram seu

apartamento, sua casa, mobília tudo direitinho, põem na poupança, compram dólar. Mas isso é... é minoria”. Para ele, a formação familiar é determinante para o relacionamento dos atletas com o aumento do poder aquisitivo: “O que se sabe é que, desses aí que ganham muita grana, eles vão chegar por volta dos cinqüenta anos sem dinheiro nenhum. Perdem tudo, gastam tudo, a família leva. Porque vem dessas famílias que a gente já falou, né? Então essas famílias... Não é que eles se aproveitem. Eles acabam gastando junto o dinheiro. Não ajudam... (...) Aqueles que mesmo humildes têm família, que o pai é trabalhador e tudo mais, esse conseguem guardar um dinheirinho. Aqueles que a família é meio largada, o pai largou da mãe, jogou pra lá, favela... esses não querem saber. Eles pegam o dinheiro e gastam mesmo. Falam assim: ‘foi feito pra gastar’. Trocam de carro como a gente troca de roupa”.

A despeito da carreira ser curta, o Mauro enfatiza que a reconversão profissional de um jogador é um processo difícil e poucos conseguem inserir-se em outras áreas de trabalho: “É raro. Alguns abrem aí um negócio de venda de automóvel... mas é uma loteria pra eles, porque eles nunca trabalharam nisso. Então eles não sabem se vão se dar bem ou não. Eles só sabem jogar futebol, desde que têm seis, sete anos de idade”. Mauro defende que, ao ingressarem nas categorias de base dos clubes, grande parte dos aspirantes já passaram pelo momento mais importante de sua formação, que se realiza durante a infância: “É que o período mágico pra se fazer um atleta, é isso que... o tempo de incubação é a infância e o início da adolescência. O garoto quando fizer 14, 15 anos ‘ah, agora eu quero jogar bola’. É tarde. Entendeu? Agora já é tarde. Você pode ficar vinte e quatro horas por dia treinando que ele não vai ser um craque. É isso que tem que ficar bem claro. E isso já está provado cientificamente. Existe um momento de maturação”.

Conhecendo a trajetória de Bruno, perguntei a Mauro como eram as relações entre os aspirantes no Atlético e se havia violência excessiva de uns contra outros. Ele me disse que há muita competitividade, mas em um nível “normal”, não existindo agressões: “A competição que um quer ser melhor que o outro, quer jogar. Mas com o seu recurso, porque o lateral direito que está aqui, o outro lateral direito está do outro lado do campo, então não tem como. Zagueiro que está aqui no time A, o outro zagueiro está lá do outro lado. Eles tentam mostrar que sabem, não tem... Entre eles não tem briga. Não, isso não existe. Se começar a existir isso esse cara sai... O grupo queima ele. Não tem como sobreviver. Não se cria um jogador assim no meio do futebol”.

A percepção de Mauro é, portanto, bastante diversa da de Bruno. Ele reitera que as autoridades do clube não permitiriam o comportamento violento entre os aspirantes: “Ali quem manda é o treinador e se o jogador começar a se mostrar desse jeito, ele sai já. Manda embora. Vai começar a bater nos outros ali, machucar jogador? Eles valem muita grana. É dinheiro, é cédula correndo no campo. É muito grana, muito investimento, muito trabalho, pra botar um piá que fica batendo nos outros? Manda embora”.

A imagem de que os jogadores são cédulas correndo em campo coaduna com a interpretação de Mauro sobre a estrutura econômica do futebol: “Na verdade o que é um clube de futebol? Ele é uma fábrica aonde se produz um produto, que é o atleta. Do mesmo jeito que uma fábrica, uma indústria que produz produtos aí fora, né?” Para ele, a melhor estratégia de marketing do clube é “a satisfação com o produto”. Neste sentido, o investimento do Atlético na formação de atletas é uma estratégia de mercado, intrinsecamente relacionada com as transferências internacionais: “É isso que o Atlético está fazendo. Ele está procurando fazer um atleta que atenda a essas necessidades do mercado atual. Então não adianta você mandar um atleta lá pra Inglaterra que não saiba falar inglês, que seja totalmente analfabeto, totalmente ignorante. É isso que o Atlético está evitando. Só pra te dar uma idéia, os quartos deles são nível... hotel quatro estrelas. Não vou dizer cinco, mas quatro estrelas. Internet, com aparelho de TV, com ar condicionado, com banheiros individualizados, então... tem quatro garotos no quarto, tem dois banheiros. Dois vasos sanitários, tudo separadinho, bonitinho, pra não causar constrangimentos”. Para Mauro, o conforto assegurado aos jogadores é parte de seu processo de formação, para que eles estejam preparados para conviver em contextos diversos. Cita o exemplo da cozinha do Centro de Treinamento do Caju, que serve setecentas refeições por dia e é planejada para produzir alimentos que não sejam prejudiciais aos atletas, com utilização de tecnologia de ponta. “Aí... tem a questão da etiqueta, é cobrado isso dos atletas, enquanto eles estão na refeição. É... varia bastante os pratos, então tem lá uma semana da comida portuguesa, daí na outra semana comida italiana... uma variação bem grande da comida. Pra eles se acostumarem. Um dia que eles chegarem num outro país não levar um susto: ‘o que quê é isso?’, né? Nossa!, mas um abacaxi com cereja no meio do feijão...”

Perguntei especificamente se os jogadores estavam sendo preparados para atuar fora do Brasil e Mauro retorquiu: “Eles estão sendo preparados pra vida.

Independente... Como a... a grande maioria deles busca sair do país e o Atlético busca vender pro mercado internacional, porque é aonde se ganha mais dinheiro... né?, então o Atlético procura preparar esses atletas da melhor forma. Pra que eles cheguem lá e, além de jogar um bom futebol, tenham uma vida também extra-campo muito satisfatória, bem regrada”. Ele assegura que a meta de todos os jogadores é atuar no exterior: “Eles vão dar entrevista, se você for conversar com eles: ‘não, eu quero crescer no Atlético, o Atlético me deu oportunidades’, serão essas as palavras (...) mas, quando você desligar o microfone e conversar mais sério, eles vão falar, quase que de forma unânime, todos eles querem sair do Brasil. É o sonho deles”. Ele enfatiza que os jogadores “não são bobos não” e que as novas tecnologias, especialmente as de comunicação, são rapidamente incorporadas em suas vidas, facilitando o acesso às informações. Salienta, todavia, a existência de uma diferença regional, relacionada à desigualdade geográfica brasileira: “Eu acredito que os jogadores mais do nordeste do Brasil sejam mais, assim, deficientes com relação a isso daí. Aqui no sul, não. Eles vêm de lá pra cá, rapidinho eles entram no esquema. São jovens, aprendem rápido, já tem celularzinho, já tem... notebook, já tem carro com tudo eletrônico... aprendem rapidinho a mexer nas coisas. São espertos, tá?”

Mauro acredita que o interesse por atuar no exterior é disseminado porque os rendimentos financeiros dos atletas são maiores: “Porque é aonde se tem o dinheiro. Eles têm uma carreira curta, de dez anos. Ele vai ganhar lá em um ano o que levará dez anos pra ganhar no Brasil. Então qualquer profissional dessa área pretende trabalhar lá fora, né? (...) No Brasil, nós não temos... Nós temos o melhor futebol do mundo, mas não temos a remuneração (...) O futebol do Brasil é pobre, é carente”. Segundo Mauro, o baixo poder aquisitivo da população brasileira torna os clubes do país menos atraentes para patrocinadores em potencial. Além disso, uma das características do futebol brasileiro seria a alta incidência ao marketing negativo, ou repulsa clubística. Segundo sua explicação: “Marketing negativo é quando uma marca fica exposta num clube e aí os que não torcem pra esse clube não compram essa marca. Então ele limita. No Brasil é assim. Então... você expor a tua marca em determinado clube tem que se estudar muito bem o tamanho da torcida, o quanto esse time é querido e o quanto ele é odiado, entendeu?”

Crítico à Lei Pelé, Mauro defende que ela forçou os clubes a negociarem jogadores cada vez mais jovens: “Porque o garoto quando chegar na idade profissional ele vai ter independência. Então o time tem que vender antes dele chegar

na idade profissional, porque senão daí ele perde o garoto. (...) Vende com 17, 18, vende com 19... quanto mais cedo... A lei obriga o time a fazer isso. Com isso vem outras conseqüências: treina o garoto mais forte, com cargas maiores de treinamento pra ele estar jogando muito bem, no profissional com 17 anos. É o que está acontecendo... Então isso já tem conseqüências fisiológicas...”

Em *Para ser jogador de futebol*, Raí cita o médico Turíbio Leite de Barros, fisiologista do São Paulo Futebol Clube, para argumentar que o treinamento físico e muscular específico de um atleta não deve ser iniciado antes dos 17 ou 18 anos de idade. Segundo o médico: “Até essa idade, deve-se contemplar o desenvolvimento neuromotor, o desenvolvimento da habilidade, da técnica e dos fundamentos do futebol. A ansiedade de ter um garoto talentoso jogando no futebol europeu o mais rápido possível não deveria, de maneira alguma, contrariar esta lei biológica do desenvolvimento” (apud Raí, 2005: 64-5).

O fato do treinamento ser intensificado antes da idade indicada é prejudicial ao jogador e reduz sua “vida útil” no futebol. Apesar do grande investimento do Atlético na elaboração de um programa fisiológico avançado para a formação de atletas, a agremiação também acelera o desenvolvimento muscular dos jogadores. Segundo Mauro, trata-se de uma prática comum no país: “Todos, todos os times fazem isso. Não tem como não fazer, porque senão morre o time, acaba o time. Porque daí você vai trabalhar, trabalhar, pro garoto, 20 anos, ir embora? Daí fecha a fábrica. Você... engarrafa, engarrafa, engarrafa coca cola e estoura tudo dentro da fábrica, você não consegue vender nenhuma. Então não tem lógica. A lei obriga os times... Todos os times fazem isso, não é só o Atlético”. Mauro defende que os jogadores estão cientes deste fato e explicita que esta situação é específica dos países que exportam atletas, não daqueles que compram: “E os garotos querem isso, eles sabem que tem que ser assim. Enquanto na Europa não... O garoto vai começar a jogar no profissional com 21, 22. Antes você não vai ver, em nenhuma modalidade esportiva européia, aparecendo antes da sua idade, não tem porque”.

Ele concorda que a legislação instaurada na época em que Pelé foi ministro dos Esportes representou uma espécie de Lei Áurea do futebol, mas salienta o impacto que ela teve sobre a maioria das agremiações do país: “O jogador tinha que... ele ficava preso à equipe, ele era um escravo da equipe. E o Pelé foi lá e acabou com essa escravidão. As equipes que se organizaram no Brasil e acordaram pra lei estão ainda rebolando um pouquinho, mas estão sobrevivendo no mercado. As outras equipes, que

são a grande maioria, não conseguiram sair disso ainda. Então elas estão patinando, não sabem o quê fazer”.

Para Mauro, são apenas seis ou sete os clubes que conseguiram se adaptar às transformações radicais instauradas pela Lei Pelé. As demais teriam ficado reféns de empresários: “Aí a equipe não tem dinheiro pra pagar, não tem nada. Ele [o empresário] chega no time de futebol e fala assim: ‘eu tenho três atletas. Eu pago o salário deles, pago o salário de mais três aí que vocês estão pagando, mas eles têm que jogar’. Aí você é presidente do time e fala ‘meu Deus, eu estou desesperado, preciso de dinheiro. Então tá bom’. Aí fecha um acordo, você manda os seus atletas, paga os salários deles...” O interesse dos empresários seria utilizar o espaço esportivo/midiático dos clubes para valorizar seus atletas e negociá-los. Nas palavras de Mauro: “Olha que bom: eu sou presidente de um time que eu não pago os salários, porque os empresários trazem os times, trazem os jogadores pra montar o meu time. Só que daí ele perde o controle. Porque ele faz a propaganda desses atletas e esses atletas vão embora. Por que? Vão ser vendidos. E o dinheiro não é do clube. O dinheiro é do empresário. (...) Então na verdade... é... isso que está acontecendo é algo que está acabando em esses times de futebol... é algo assim que está minando de vagarzinho essa estrutura. Porque os empresários estão vindo e corroendo essa estrutura”.

Frente a tal realidade, Mauro conclui que o futebol brasileiro não estava preparado para uma legislação como a Lei Pelé: “O Brasil não estava pronto, os clubes não estavam prontos. Ela foi muito brusca, foi muito violenta, muito rápida. Tinha que ter uma transição pra que os clubes se preparassem. (...) Foi maravilhoso pro... pros atletas, só que os atletas dependem do clube. Não foi maravilhoso pros clubes. Então foi unilateral”. Argumentando que há necessidade de revisão da legislação, Mauro enfatiza que o futebol brasileiro não estava suficientemente desenvolvido para democratizar-se: “A Lei Pelé é boa, é ótima, é... moderna, democrata... Mas nem sempre se pode ter essa democracia exagerada assim. Se viu só um lado. O Pelé viu o lado dele, de atleta. Se ele tivesse sido um dirigente veria de outra forma, né? Ele viu de um lado. Agora tem que se consertar, corrigir, modificar, porque senão o futebol brasileiro cada vez mais vai perder os seus atletas cada vez mais cedo pra Europa, principalmente”.

Entre os aspirantes das categorias de formação que Mauro dirige, todos recebem remuneração. Em geral, os contratos profissionais são feitos pelo clube com duração de cinco a seis anos, quando os atletas têm 16 ou 17 anos, e os salários são calculados de acordo com o potencial do jogador e o destaque por ele alcançado: “São jogadores que o Atlético vê futuro, são ótimos jogadores, então tem que pagar. (...) Foi pra seleção brasileira sub-dezessete, sub-dezoito, sub-vinte... se destacou, o passe valorizou, então o Atlético: ‘opa, vamos aumentar o teu salário’”. Mauro é contra a elevação exponencial da remuneração dos aspirantes e acredita que ela seja danosa para a carreira no futebol: “Alguns estão ganhando mais salário, alguns eu acho que é um absurdo. Pra idade. (...) Ele já começa com 16 anos a... a não jogar só futebol. Ele já está vendo isso como um grande negócio, que é um grande negócio. Mas ele vai perder a essência dele já no início do negócio, do processo. (...) Ele começa a pensar no carro, a pensar no som dele, na roda. Ele já não começa a pensar só no futebol. Aí a namorada dele... daí já começa a mulherada a dar em cima, ele já começa a ir em outros lugares aí... nhac!, desvia rapidinho. Então se ele ganhar pouco... É um grande jogador, vamos fechar um bom contrato com ele, mas ele não precisa desse dinheiro. Se ele tiver, vai gastar com besteira”. É significativo que Mauro mencione as mulheres como um dos fatores capazes de “desvirtuar” um jogador do caminho do futebol.

Quis saber qual era sua opinião sobre as populares Marias Chuteira e seu relacionamento com os jogadores. Ele me disse: “Funciona dessa forma: eles estão em evidência, têm bons salários, eles são pessoas que... é... são fáceis de serem enganados, né? Porque a maioria deles vem da classe baixa, não tem muita cultura, não é? Então... Eles são muito carentes, porque passaram aí desde os seus 12 anos de idade até os 20, 22 anos de idade, cerca de 10 anos, longe da família. São muito carentes. Aí aparece uma moça bonita, com um corpo bonito, com um sorriso bonito, leva ele pra dentro da casa dela, apresenta a mãe, apresenta o pai, leva todo o dia... acaba se apegando, né? E aí ele acaba muitas vezes caindo nesses golpes aí, golpe de barriga... Porque o que elas querem é fazer um filho no cara pra pegar pensão. Uma pensão de um jogador de futebol desses vai girar em torno de cinco, seis mil reais por mês. Ela fez a vida. Não vai precisar trabalhar nunca. Só cuida de um pirralhinho ali. Alguns jogadores ainda pegam o garoto depois. Ela fica lá... Então quer dizer, isso é comum”. Mauro afirma que, a despeito das orientações dadas pelos funcionários dos clubes, muitos jogadores “acabam caindo nesse golpe. Não todos, claro, né? Mas

muitos caem. Alguns dão sorte. Casam cedo, mas casam bem. Mas outros não. Outros são vagabundos mesmo, sabem de tudo isso e vão e querem aproveitar e curtem, né? Então... tem todos os tipos”. Segundo Mauro, as esposas de jogadores geralmente acompanham os maridos no caso de transferências internacionais: “As esposas vão. É raro quando a esposa não vai. Só se tiver criança pequena, se estiver grávida, alguma coisa assim. Ou esses países que realmente a cultura é muito complicada, eles preferem não levar, né? Daí eles vão sozinhos. Mas se for um país, assim... [silêncio]”.

O potencial de atração dos diferentes destinos disponíveis aos jogadores brasileiros é uma questão relevante para examinar a hierarquia de países estabelecida no universo do futebol. Para Mauro, nem todos os atletas que retornam ao país se sentem frustrados: “Alguns eles querem ganhar um dinheiro e voltar pro Brasil. Eles não querem ficar fora. Por exemplo, países árabes eles odeiam. Eles vão lá só pelo dinheiro, porque a cultura... (...) Porque é horrível a cultura. A comida... As mulheres andam todas vestidas... não se pode... é horrível. É... tem que rezar, pára no meio do treino. Uma cultura que choca muito”. A distância cultural, já apontada por Tyson, é também considerada um complicador por Mauro. “É... a China, a comida totalmente estranha, eles não sabem o que estão comendo. Tem muito inseto, cobra, rato, cachorro, cavalo... Então eles vão pelo dinheiro. Rússia é muito frio, né? Um idioma que eles ficam lá dois anos sem entender nada do que os caras estão falando à sua volta, ficam rindo da cara deles, eles não sabem do quê. Então isso irrita muito. Eles ficam, são bravos, guerreiros, mas pelo dinheiro”. O rendimento é também enfatizado porque em espaços marginais, a visibilidade dos jogadores é menor e isto, por sua vez, limita suas oportunidades futuras.

Mauro defende que os jogadores estão plenamente informados das diferenças entre os futebolis nacionais, inclusive pela facilidade de acesso às informações pela Internet: “Eles já sabem, já têm toda a orientação, sabem tudo. O que se come lá [na Turquia]... tudo, tudo. Até mesmo com a Internet facilitou bastante pra eles, né? (...) Os jogadores, por conversar, e o dia todo, eles vivem isso, eles respiram futebol vinte e quatro horas por dia, eles já sabem quais são os países aonde podem ganhar bom dinheiro”. Apesar deste conhecimento, eles nem sempre estão em posição de escolher seu destino: “Nos países aqui, mais do... do oeste europeu, é mais fácil, porque é uma Espanha, é Portugal, é França, é Itália... culturas mais parecidas com a nossa, né?”

Começa a entrar no leste europeu, nos Países lá... Baixos... África não leva ninguém. Ásia de uma forma geral eles não querem ir não. Eles vão porque não tem outra... Oriente Médio, então, eles vão porque não tem outra opção, né?” Na valorização diferencial de países, Mauro afirma: “A preferência hoje é a Espanha. Onde está o dinheiro”.

Ele relata que, “por incrível que pareça”, Portugal é o país que mais demanda futebolistas brasileiros. Em sua opinião, isto se deve ao idioma e à carência de jogadores portugueses: “Se eles estão buscando fora é porque lá está faltando muito jogador. É muito ruim o jogador português, né? É... assim, do futebol europeu, que a gente observa, o jogador... o espanhol também é péssimo. O futebol espanhol... tanto que todos os times praticamente são todos estrangeiros. Então o garoto espanhol não joga futebol. Com raríssimas exceções. (...) Então, quer dizer, o mercado lá tá fraco. Matéria-prima escassa. Aí eles vão buscar matéria-prima de boa qualidade aqui. E com uma facilidade incrível: o mesmo idioma. Facilidade incrível”. Simultaneamente, Mauro lembra que outros países europeus (especialmente Inglaterra, Espanha e França) se voltam para os mercados de jogadores africanos, enquanto os clubes portugueses dão prioridade aos brasileiros brancos: “Existe um racismo muito grande em, na... em Portugal. Racismo grande. A maioria dos jogadores que vai também é branca. Se você prestar atenção”. Trata-se de uma hipótese relevante, que mereceria uma pesquisa aprofundada.

Segundo a leitura de Mauro, o que determina a riqueza do futebol de um país são os patrocínios desportivos acertados com os clubes: “Porque quem banca o futebol... Você tem que ver o seguinte: os portugueses gostam de futebol? Gostam de futebol. Então eles assistem na TV? Assistem na TV. Vão ao estádio? Vão ao estádio. Então os patrocinadores investem nesse esporte. Investem. Por que? Porque eles têm retorno quando investem nesse esporte”. Para que a visibilidade fornecida por um clube seja ainda mais proveitosa para os patrocinadores, é preciso que ele seja vitorioso: “Eles sabem que a sua marca vai estar sendo vista. (...) Aí ele quer que o time ganhe. Quer que o time ganhe, aí ele tem que pagar mais. Paga mais. Traz melhores jogadores. E assim o processo vai”. Neste sentido, a explicação de Mauro explicita de que forma as parcerias entre empresas privadas e agremiações desportivas influencia as transferências, no caso, internacionais.

Da perspectiva dos boleiros brasileiros, Portugal seria uma porta de entrada para “a” Europa, geográfica e simbolicamente mais próxima dos clubes valorizados.

Nas palavras de Mauro: “Quanto mais perto... pra você chegar no banheiro você tem que passar pela cozinha. Então... vou pra cozinha. (...) Eles querem chegar o mais pertinho possível da Europa. É melhor ele estar lá do que estar aqui no interior do Rio Grande do Sul”. Para ele, a postura dos jogadores é perfeitamente coerente, pois os condicionantes da carreira exigem que eles se posicionem em busca do maior lucro possível: “Vai ganhar mais, vai estar mais perto. Eles querem isso. Alguns por mais tempo, outros por menos tempo. Todos querem. E o mais cedo possível. Quanto mais rápido ele puder sair do Brasil... porque ele sabe que a carreira dele aos 30 anos está acabando. É uma carreira curta, ela é meteórica. Então ele tem que guardar dinheiro nesse tempo, porque ele vai ter que viver mais 40 anos com o que fez nesses dez. Aproximadamente. Então se ele viver até os 70, ele não vai mais poder jogar bola. Não é todo mundo que vai ser treinador, não é todo mundo que vai ser comentarista, né? Então ele tem que se preparar”. No tocante a este aspecto, portanto, Mauro está de acordo com a equação de Pai Mei, segundo o qual “Europa = Fama = Sucesso = Mulheres = Dinheiro = Contratos Milionários de Publicidade. Se você fosse ele, qual escolha faria?”

Mauro afirma que a desigualdade de salários no futebol brasileiro é outro fator importante para a motivação dos jogadores em atuarem fora do país: “Pra você ter uma idéia hoje a maioria, oitenta e cinco por cento (85%) dos jogadores de futebol brasileiros que estão registrados com carteira assinada ganham entre um e três salários mínimos⁵⁸. Então é um percentual muito baixo. São pouquíssimos atletas que ganham bons salários no nosso país dentro do futebol. Por isso que eles querem sair daqui de qualquer jeito”. Inclusive para destinos que considerem pouco satisfatórios. Na estimativa de Mauro, 95% dos aspirantes não conseguem se estabelecer profissionalmente no futebol. Ele afirma, todavia, que não convive com frustrações deste calibre em sua prática cotidiana nas categorias de formação: “Porque chega no São Paulo, no Atlético, no Internacional, no Flamengo, no Corinthians também, chegam jogadores muito bons. Então em algum lugar do mundo eles vão jogar. Ou no Brasil ou em outro país. Por que? Porque são times grandes, que têm uma boa estrutura. Entendeu? Então aí não... esse problema a gente não vê muito. Mas mesmo assim a gente acaba vendo tristeza, alguns jogadores que pensam que vão jogar no

⁵⁸ O salário mínimo nacional no Brasil, em maio de 2008, está estabelecido em R\$ 415,00 o que corresponde a E\$ 162,60.

Atlético e acabam tendo que ir pra um time pequeno. Sai de uma estrutura gigantesca e vai pra uma estrutura menor. Sai do macro e vai pro micro”.

Para o Atlético, há situações nas quais pode ser interessante ceder um jogador não-aproveitado para um clube menor, de modo que ele possa estar em atividade e sendo visto: “Quando é pra time pequeno às vezes vale a pena o Atlético pagar o salário do garoto pro garoto jogar por outro time. Pra ele não ficar parado, né? Então o Atlético vai lá, dá o dinheiro pro time: ‘ó, o nosso garoto é bom, melhor do que o que vocês têm’. O time... é realmente muito bom o garoto, mas pra nós não é tão bom. Pra eles é bom, pra nós não é. Aí paga o salário, ele fica treinando... Por que? Porque se ele ficar no Atlético ele vai ficar no banco de reservas. Ou nem no banco de reservas. Lá pelo menos ele vai estar aparecendo, vai estar jogando, pode ser negociado. Então é melhor ter o produto na vitrine do que estocado lá na última prateleira do balcão. Então o Atlético faz isso”. A prática de empréstimo do clube paranaense pode ser encarada como uma estratégia semelhante a dos empresários, criticada por Mauro, que enfraquece as estruturas das agremiações desprovidas de capital e poder.

Perguntei a Mauro se o desejo de serem transferidos para fora do Brasil tinha sobrepujado a vontade, por parte dos jogadores, de atuarem na seleção nacional. Em sua resposta, assegurou que não: “Eles têm esse sonho, de vestir a camisa amarela, canarinho da seleção brasileira, jogar uma Copa do Mundo... Porque eles já sentaram numa sala e já viram a família toda chorando, vibrando durante uma Copa do Mundo. Então eles querem participar de uma Copa do Mundo. É o sonho dos grandes jogadores de futebol. De todos. Só alguns vão chegar. É... que dá zero vírgula zero dois por cento (0,02%) dos atletas que jogam futebol no Brasil. Que chegam a vestir uma camisa da seleção brasileira em qualquer uma das categorias”. Segundo Mauro, a baixa probabilidade de participarem da equipe nacional é um dos fatores que os disponibiliza a aceitarem jogar em outras seleções. “Então tem atletas que saem daqui e eles têm dentro de si que nunca vão ter uma chance na seleção brasileira. (...) São jogadores medianos no Brasil que lá [Estados Unidos, México, Canadá, América Central] são excepcionais. Porque o futebol lá é muito baixo nível”. Por outro lado, como foi afirmado por Tiago, atuar na seleção brasileira pode facilitar uma transferência vantajosa: “Só o fato de vestir a camisa amarela triplica o valor do passe deles”.

Mauro argumenta que o papel do Brasil como exportador de jogadores está relacionado a sua posição na distribuição internacional da produção capitalista: “Nós somos, como em várias áreas, não só no futebol, nós somos o quê? Meros fornecedores de matéria-prima. Nós somos um país de terceiro mundo (...) Só que pra nossa sorte, ao mesmo tempo que sai um atleta do Brasil, são criados dois novos. Sai um, vem dois novos. Vai um Robinho, aparece mais três e assim por diante”. Similar à interpretação de Ursi, a explicação de Mauro para a produtividade qualitativa e quantitativa da formação de futebolistas brasileiros se baseia em um conjunto de fatores sócio-culturais, econômicos e geográficos: “Porque nesses outros países civilizados, ou do primeiro mundo, vamos dizer assim, nesses países eles não têm como produzir esses atletas, porque eles não têm o espaço, não têm a rua, não têm o clima, não têm a falta de compromisso de pais, que deixa a criançada largada jogando futebol. Que são os garotos que vão fazer sucesso depois. É uma questão cultural também. Social, cultural. Que leva a gente ter esse monte de atletas aí à disposição (...) Então nós somos produtores mesmo. Vendemos e não vendemos o atleta mais caro”.

Trata-se, para Mauro, de uma condição estrutural do futebol internacional, intrinsecamente relacionada com a desigualdade econômica do mundo pós-colonial. “Outro dia até falaram o seguinte ‘ah, mas é... venderam um lateral na Inglaterra por vinte milhões de euros. E querem levar o Robinho por quinze milhões de euros. Que absurdo!’ É que vinte milhões de euros na Europa têm um valor. Quinze milhões de euros no Brasil têm outro valor. E eles não são burros. Então... tipo assim, ‘ah, vocês não querem vender o Robinho por quinze milhões... de euros? Então vende aí dentro do Brasil pra um clube. Quero ver qual clube que paga quinze milhões’. Não tem clube dentro do Brasil que possa pagar quinze milhões de euros pro Robinho. (...) Além do mais, os clubes que podem pagar, eles vão lá e buscam os seus Robinhos, buscam jogadores bons. Talvez não no nível do Robinho, mas bem próximo. Então porque eles vão gastar essa grana? Já na Europa não tem jeito. Eles têm que buscar e pegar rapidinho, porque muitas equipes querem os nossos atletas, tá? Então é assim que funciona essa... máquina, essa engrenagem do futebol no mundo. Não tem como fugir disso”. As transferências internacionais de jogadores são, portanto, construídas por Mauro como sendo uma característica estruturante do futebol mundial.

*

Apesar da diversidade de experiências destes quatro ex-boleiros e de sua inserção diferenciada no futebol contemporâneo, tal percepção de inevitabilidade das negociações internacionais de atletas brasileiros parece ser compartilhada. Neste sentido Vinícius, afirma que os jogadores que tiverem oportunidade “têm que ir”; Tyson, mesmo criticando a romantização da Europa, pretende estabelecer parcerias para negociar os atletas que assessora com clubes estrangeiros; e Bruno argumenta que a desestruturação das agremiações brasileiras é um dos fatores determinantes na imigração de boleiros. O principal motivador para as transferências é, ponto pacífico, a elevação de rendimentos propiciada aos jogadores atuando fora do país. A unanimidade em relação à intenção financeira dos deslocamentos se baseia na pressuposição de uma origem carente e está relacionada com crítica ao destino dado ao dinheiro. As recorrentes menções aos automóveis, diga-se de passagem, não estão descoladas de uma espécie de reivindicação de mobilidade (social e geográfica). Conjugada às condicionantes de visibilidade e à hierarquização das nações de destino, as falas dos ex-jogadores revelam a complexidade da carreira no futebol.

**

Em uma crônica de 1956, Nelson Rodrigues narra a história de Jaguaré, que foi goleiro do Club de Regatas Vasco da gama na década de 1930. “[A] época de Jaguaré coincidiu com a infância do profissionalismo. Morria-se de fome no futebol. O sujeito que tinha para a média [café com leite], para o pão com manteiga, podia se considerar um Rockefeller, de tanga, mas Rockefeller” (2007: 33). Rodrigues enfatiza que as agremiações não tinham departamentos médicos nem ofereciam tratamentos odontológicos – em suas palavras: “não tinha dentes, mas só cáries” na boca de Jaguaré. “Até que, um dia, apareceu, por aqui, o emissário de um clube estrangeiro. E o homem esfregou na cara de Jaguaré propostas dignas de um rajá. A princípio, o nosso patricio opôs uma recusa inexpugnável. Não queria aceitar nem por decreto. Acabou cedendo. Andou pela Espanha e, até por Paris” (Rodrigues, 2007: 33). De acordo com a nota explicativa inserida pelos editores da publicação, Jaguaré atuou no Olimpique de Marselha, na França, e no Barcelona, na Espanha. “Mas era outro, como homem e como craque. Como jogar sem a pornografia luso-brasileira? Sem as expressões obscenas que dinamizam, que transfiguram, que iluminam os jogadores? Traduzi-las seria uma traição. E Jaguaré vivia sob a persistente, a dilacerada nostalgia dos nomes feios intransportáveis” (Rodrigues, 2007: 33).

Rodrigues narra a história de Jaguaré para argumentar em favor dos “rijos e imorais palavrões da língua”. A defesa do linguajar de baixo calão é feita com base em seu potencial libertário e criador, através do estabelecimento de uma linha direta de descendência com os “nautas camonianos”: “Sem uma sólida, potente e jocunda pornografia, um Vasco da Gama, um Colombo, um Pedro Álvares Cabral não teriam sido almirantes nem de barca da Cantareira. O que os virilizava era o bom, o cálido, o inefável palavrão” (Rodrigues, 2007: 32). Tal mobilização dos personagens clássicos da expansão marítima realizada pela Península Ibérica no século XV não é despropositada. Segundo Connell, “[o] Império foi um empreendimento generificado desde os primórdios. Os homens que aplicavam a força na fronteira colonial, os ‘conquistadores’, como eram chamados no caso espanhol, foram talvez o primeiro grupo a ser definido como tipo masculino no sentido moderno” (Connell, 1995: 187, tradução livre).

Causa impressão que, qualificando o palavrão com adjetivos masculinos e tradicionalmente masculinizados, Rodrigues o eleve à característica fundamental do futebol: “Eis a verdade: – retire-se a pornografia do futebol e nenhum jogo será possível” (2007: 32). Para ele, são as obscenidades gritadas pela torcida que incentivam, “dopam”, o craque brasileiro. Daí que Jaguaré não tenha permanecido nos clubes estrangeiros: “Finalmente, não pôde mais: – veio correndo para o Brasil. Aqui, agonizou e morreu na mais horrenda miséria, mas feliz porque pôde soltar, no idioma próprio, seus últimos palavrões terrenos” (2007: 33). Observe-se que, também no caso de Jaguaré, o principal motivador para sua transferência foi a elevação de rendimentos propiciada pelos clubes estrangeiros.

Se é possível interpretar o linguajar de baixo calão em Rodrigues como uma metáfora para o ambiente futebolístico brasileiro, ele pode igualmente ser lido como fator estruturante na construção da sociabilidade (e da masculinidade) no futebol – ou, invertendo os fatores, mas mantendo sua relação intrínseca: na construção do futebol (e de sua sociabilidade) através da masculinidade. Neste sentido, os palavrões estão presentes nos comentários elaborados pelos debatedores no HardMOB, nos gritos das torcidas organizadas e nas falas da maioria dos jogadores. Que grande parte dele se refira de maneira pejorativa às mulheres e aos homossexuais homens revela seu aspecto político-discriminatório.

Ao mesmo tempo, é pertinente salientar que, com a exceção do juiz e dos arqui-inimigos clubísticos, o alvo principal de agressão verbal por parte das torcidas

são os jogadores. Isto é patente para com jogadores das equipes adversárias, constituindo exemplo os xingamentos dos palmeirenses contra Rycharlisson – que, aliás, só alcançaram as manchetes porque a orientação sexual do futebolista estava sendo publicamente questionada na altura. As injúrias da torcida contra jogadores de “seu” time, por outro lado, são tidas como especialmente ofensivas. Tyson relata diversas ocasiões em que entrou em conflito com os torcedores do Coritiba quando atuava na agremiação. No mesmo sentido, em seu livro de ensinamentos para aspirantes, Raí afirma: “[Q]uem não joga bem, é vaiado. E não fácil ser vaiado por trinta, quarenta mil vezes” (Raí, 2005: 75). Quase tão desrespeitosas quando as avaliações realizadas pela imprensa (que elogiam os “Banbanbans” e difamam os “Bunbunbuns”), as agressões da torcida se voltam contra futebolistas que não estejam satisfazendo as expectativas de seus adeptos e representam uma cobrança para com o jogador enquanto profissional. A acreditar em Tiago, nenhum atleta está isento de enfrentar uma “fase ruim”, o que significa que as críticas ofensivas de torcedores são parte constitutiva de sua trajetória.

Trata-se de um aspecto da carreira que é obscurecido por algumas representações hegemônicas que enfatizam as faces positivas da visibilidade e dos rendimentos futebolísticos. Quando se afirma que um bom jogador de futebol pode ter “salários astronômicos, fama, mulheres e carrões importados” em um “estalar de dedos”, além de objetificar as mulheres, se estabelece uma imagem do percurso profissional dos boleiros como desprovido de condicionantes negativos. Como as experiências das pessoas entrevistadas ao longo desta pesquisa demonstram, isto é uma mistificação. E talvez não seja exagero encará-la como estando atrelada a preconceitos de raça e classe, correlacionados ao nível educacional, na medida em que desacreditam o esforço necessário para tornar-se um jogador de futebol bem sucedido. Uma tira de Quino expõe e critica esta dimensão romantizada do futebol como percurso “fácil” em comparação com a educação formal.



(QUINO, 1991)

A historinha de Miguelito, personagem pertencente ao grupo de amigos de Mafalda, elabora um contraste entre o alegre devaneio sobre jogar futebol com o enfadonho aprendizado da geografia americana. Apesar de não serem projetos excludentes, esporte e educação com frequência se apresentam, na vida de um jogador, como alternativas a serem escolhidas – devido à incompatibilidade de lógica e logística entre as duas esferas. Para além da compressão da disponibilidade de tempo, apontada por diversos entrevistados, Sérgio Monteiro Souto argumenta que, para muitos aspirantes, “[a]ceitar o conselho para se preparar para uma profissão que não a de jogador, porém, se choca com a crença no sistema de igualdades iniciais. Essa convicção é reforçada no exemplo transmitido pelos grandes ídolos, que salientam a mística da predestinação, suplantando todas as possibilidades sinalizadas pelo universo profano. ‘Ah, Romário não estudou nada e está rico. Ronaldinho não sabe nem falar e é o melhor do mundo’” (2000: 21).

Miguelito prontamente reconsidera seu projeto de tornar-se jogador ao tomar conhecimento da possibilidade de ter sua integridade física ameaçada. A narrativa de Bruno sobre seu ingresso nas categorias de base de um clube profissional é especialmente reveladora para acessar a dimensão de violência implícita ao futebol. Trata-se de uma característica que não está desvinculada da competitividade entre equipes, jogadores e aspirantes, dando forma, simultaneamente, à performances de masculinidade. Reconhecendo a concorrência criticada por Bruno, Raí afirma: “A verdade é que o começo é cruel para todos, e é aí que muitos desistem” (2005: 28). Importa salientar que a competitividade “cruel” descrita por Bruno e por Raí é um processo de exclusão, no qual muitos aspirantes são preteridos – como Teco – ou se retiram conscientemente – como Bruno e, em certa medida, Mauro. Perceber tais condicionantes da carreira torna compreensível a afirmação de Tyson, para quem, no futebol, “fazer por fazer não tem. (...) Se você não gostar não vai, não tem como”.

O livro de Raí, por exemplo, proclama se destinar às pessoas para quem jogar futebol é, acima de tudo, um prazer: “É para você que gosta tanto de bola que seria capaz de pagar para jogar profissionalmente. E que sabe que talvez não exista maior privilégio nesta vida do que receber um salário para fazer aquilo que você mais gosta: jogar bola” (Raí, 2005: 10). Diferentemente da imensa maioria das obras sobre futebol, o texto de Raí, escrito em parceria com Soninha e Milly Lacombe, adota uma linguagem consciente em relação ao gênero e salienta a existência de jogadoras mulheres: “Para muitos meninos e meninas do Brasil e do mundo, felicidade é,

simplesmente, uma bola nos pés” (2005: 7). Estas afirmações expressam como o futebol se constitui em uma carreira dos sonhos, para além dos lucros financeiros e do reconhecimento social/midiático, pela dimensão lúdica intrínseca ao jogo. Não estranha, portanto, que Vinícius declare “adorar” o futebol e sinta profundamente não poder mais praticá-lo. Ou que gUs* reivindique a estadia de Robinho porque ele “alegra” os campeonatos do Brasil. De maneira similar, na crônica de Luis Fernando Veríssimo, o acordo que Tinho assinou com sangue para o Diabo em troca de sua alma não era destinado a conquistar riquezas e fama em si. A meta de Tinho era ser “um craque” (chutar com as duas pernas, cabecear com perfeição, driblar com maestria, passar com precisão) – riqueza e fama seriam conseqüências.

Considerações Finais

Mesmo que a FIFA continue promovendo o desenvolvimento do futebol em países pobres da África, da Ásia, da Oceania e da América Latina, a distância entre esses dois mundos não deverá se reduzir, porque não há como induzir a implantação do futebol-empresa onde não houver condições objetivas para tal (mercados consumidores, estrutura de financiamento, capacidade empresarial etc.). Assim, apesar de seleções africanas ou latino-americanas estarem revelando atletas de reconhecido talento e disputando de igual para igual com as seleções de maior tradição, as diferenças estruturais em relação à organização e ao poder econômico dos clubes e ligas tendem a manter a emigração daqueles atletas para os principais centros futebolísticos. Em outras palavras, a lógica da concorrência continuará operando por dentro do sistema, gerando desigualdades e concentrando o poder econômico nas mãos dos mais fortes.

(Proni, 2000: 57, itálicos no original)

Como aponta Marcelo Weishaupt Proni, as transferências internacionais de futebolistas provenientes de países do Sul para os do Norte são efeito direto das condições desiguais do futebol mundial – e elas reforçam tal desigualdade. Não sendo exclusivo do Brasil, o deslocamento de boleiros é uma característica estrutural da configuração internacional do jogo. A negociação de atletas, segundo Maguire, se baseia na demanda em organizações esportivas do Norte por trabalho qualificado cuja formação foi possibilitada por recursos do Sul. Neste sentido, o sistema desportivo funciona ativamente em sub-desenvolver o universo futebolístico de países como o Brasil. “A desqualificação dos Estados periféricos e semi-periféricos ocorre de acordo com os termos e condições estabelecidos pelos Estados centrais. Os trabalhadores mais qualificados, nos quais os Estados periféricos ou semi-periféricos investiram tempo e recursos, são levados embora para os Estados centrais, cuja riqueza deriva do controle sobre o trabalho atlético e artístico e o sistema de produção midiático-esportivo/artístico” (Maguire, 1999: 19, tradução livre). Importa ressaltar que a desvalorização observada nos países do Sul não é só econômica. Como argumentei ao longo deste trabalho, a migração de atletas reforça a hegemonia das nações do Norte também pela carga simbólica que transfere.

Jovens, os atletas enfrentam a dificuldade de colocação no mercado de trabalho contemporâneo, o que reforça a atratividade da carreira para as pessoas de sexo masculino (especialmente de baixa renda). Ao passo que a estagnação da filiação clubística limita a expansão das colocações para jogadores, as transferências tornam o futebol do país altamente rotativo – relacionadas à percepção crescentemente disseminada de que um bom futebolista brasileiro atua em agremiações européias.

Constituindo um percurso “normal” para meninos, rapazes e homens, espaço para a performance de masculinidade, o jogo é componente em projetos pessoais de ascensão social, trajeto cujo ponto de contraste em geral reside nas oportunidades oferecidas pela educação formal. Prática absorvente e promotora de disciplinas corporais, aprendizado e atuação no futebol comportam forte dimensão de superação e realização individuais, mas seu caráter competitivo limita as relações de amizade. As condicionantes da carreira acarretam em uma dinâmica de silenciamento que impede os jogadores de terem preponderância nas produções midiáticas a respeito do jogo e a respeito de suas próprias atuações.

Para além dos jogadores, uma pluralidade de interesses está envolvida nas negociações internacionais, desde os clubes, empresários, agentes, CBF, FIFA, torcidas até as famílias de aspirantes e profissionais. Entre os/as torcedores/as e parte da crônica esportiva, o reconhecimento outorgado aos jogadores brasileiros não se estende aos clubes nem aos agentes/empresários. As torcidas são, em geral, contrárias às transferências, mas são restritas às estratégias de atuação conjuntas de oposição. Da mesma maneira, a congregação de jogadores visando garantir melhores condições de trabalho é dificultada, entre outros fatores, pela competitividade do meio futebolístico. As desigualdades econômicas regionais e a proeminência dos clubes têm impacto direto nas transferências internacionais realizadas por agremiações brasileiras, sendo os mais destacados clubes do Sudeste e Sul (o Norte-interno) aqueles com maior participação proporcional na dinâmica de deslocamentos. Sendo espetáculo/encenação, a política geográfica da visibilidade no futebol (dentro do país e fora dele) é determinante para as diferenças de remuneração entre jogadores, demonstrando a desigualdade estrutural entre as organizações futebolísticas e alimentando a hierarquização de atletas. Os jogadores que não sejam bem-sucedidos em suas carreiras não têm condições apropriadas de trabalho nem espaço midiático, sendo implicitamente culpabilizados por sua posição inferior.

As transformações nos parâmetros reguladores dos contratos profissionais e das transferências internacionais tendem a enfatizar uma concepção capitalista/mercadológica do esporte. No Brasil, tais modificações estiveram diretamente relacionadas a projetos de modernização do futebol que tomaram como paradigma as alterações instauradas por clubes europeus. Com efeito, a história do jogo no país é rica em exemplos de iniciativas transformadoras cujas proposições seguiam as tendências preconizadas por agremiações sediadas no Norte. A inserção

do futebol na dinâmica capitalista-midiática acarretou na acentuação dos privilégios de alguns clubes e jogadores em detrimento de outros. Os aspirantes reconhecem tal disparidade e ambicionam inserir-se nas melhores colocações, que atualmente estão concentradas nas agremiações participantes da *Liga dos Campeões*. O caráter competitivo dos processos de seleção e recrutamento atua como legitimador da hierarquia, na medida em que o “dom” é tido como garantia de reconhecimento, justificando as desigualdades de posição entre atletas.

Que os clubes participantes da *Liga dos Campeões* congreguem os “melhores jogadores do mundo” se expressa, entre outras coisas, na configuração do *Winning Eleven*, jogo eletrônico produzido pela empresa Konami e conhecido na Europa como *Pro Evolution Soccer*. A performance dos atletas no vídeo game está diretamente relacionada com a percepção de sua qualidade no futebol “real”⁵⁹. Diferenciadas de jogador para jogador e de time para time, as respostas virtuais aos comandos do console são mais satisfatórias entre os futebolistas tidos como mais hábeis⁶⁰. A hierarquia de jogadores sedimentada no controle do vídeo game obscurece o processo de formação e produção de um atleta bem sucedido. Como demonstram as entrevistas com aspirantes e ex-boleiros realizadas nesta pesquisa, há uma diversidade de fatores implicados no percurso da carreira, entre os quais “jogar bem” é uma condição fundamental, mas não única. A justificativa dada pelo jornalista Julinho para a grande quantidade de jovens homens que ambicionam tornar-se “craques” é esclarecedora da dimensão fortuita relacionada ao trajeto futebolístico:

“Não vou dizer pra você que é a maneira mais fácil de você ganhar a vida, de você estourar, ganhar uma loteria. Às vezes é uma loteria. Você se destacar num clube e dar tudo certo, as coisas acontecerem satisfatoriamente pra que você... você tenha um bom condicionamento, você tenha um bom grupo de jogadores, que você tenha o técnico certo, que você tenha o dirigente certo... Que do outro lado também, você consiga visualizar situações que acabam favorecendo que você tenha esse destaque (...) Não vou dizer pra você que é a mais fácil. Mas é o glamour da coisa, né? Você está se vendo, daqui a cinco anos, dez anos, jogando num campeonato nacional ou... jogando num campeonato europeu. Sendo manchete de jornal, sendo destaque na televisão...”

⁵⁹ Agradeço a Marcos Garcez e Ariton Farias por terem me esclarecido este pormenor do *Winning Eleven*.

⁶⁰ Consta no endereço eletrônico do *Yahoo Respostas* uma discussão relevante neste sentido. “Marcelo” pergunta aos internautas: “Qual o melhor time ou pra enfrentar o Barcelona no WinEleven pra Playstation 2 ? (...) contra Messi, Ronaldinho, Eto'o e Henry e na defesas Thurram, Puyol; acabo quase sempre derrotado”. Dentre as manifestações à questão, três mencionaram a Inter de Milão, uma o Manchester United e uma o Real Madrid como adversários capazes de vencer o Barcelona. Outro internauta atestou: “Isso depende do jogador, se for viciado [sic] como eu no windeleven 10 eu posso ta com o vasco (o time mas fraco que tem) contra a seleção brasileira, eu ganho” (*Yahoo Respostas*, 2008: s/p).

Juntamente com a multiplicidade de condicionantes implicadas na carreira, é o fato da visibilidade/rentabilidade buscada pelos aspirantes não ser acessível a todos que lhe confere o caráter de “loteria”. Parte do *glamour* daqueles que alcançaram o “topo” é sustentada por sua superação dos concorrentes – sendo o processo de seleção, um processo de exclusão. Desigualmente distribuída, a visibilidade/rentabilidade alimenta hierarquias sociais, interagindo de forma complexa com as estratificações de raça, gênero e classe. Simultaneamente, reforça disparidades de poder internacionais. Exemplo maior desta hegemonia retro-alimentada é a distribuição, pela Federação Internacional de Futebol Associação, do prêmio de “melhor do mundo” – prontamente reproduzida em manchetes pelos meios de comunicação desportivos no Brasil e em outros espaços. De acordo com Sérgio Souto: “Poucos [integrantes dos mídia] se dão conta da contradição em si que representa a necessidade de notícia de uma eleição para ‘encontrar’ o melhor jogador do mundo, quando a própria existência da eleição já desautoriza seu resultado. (...) [N]a transformação de uma ocorrência em acontecimento, se transformou o que seria a eleição do ‘melhor jogador da temporada anual européia’ na de ‘melhor jogador do mundo’” (Souto, 2004: 127)⁶¹.

Ainda mais significativa é uma declaração feita por Anderson Luis de Souza, o Deco, futebolista nascido no Brasil e integrante da seleção portuguesa, ao jornal Record sobre suas ambições profissionais: “Sem dúvida que conta muito nestas coisas o ‘peso’ do clube onde se joga. Não adianta fugir a isso. E sinto que para atingir todas as minhas ambições infelizmente não o conseguirei ficando no FC Porto. A não ser que ficasse mais quatro anos a ganhar a Liga dos Campeões... E mesmo assim, não sei. (...) Quero um clube que me dê condições para poder ser o melhor do Mundo!” (apud Record, 2004: s/p). As maiores agremiações portuguesas, portanto, ocupam uma posição secundária na hierarquia do futebol mundial. Isto está em concordância com as falas de muitos dos atletas entrevistados, para quem Portugal é uma “vitrine” (ou uma “porta”) para alcançar “a” Europa – e não a Europa em si. Da perspectiva dos jogadores brasileiros, Portugal não parece ser o destino sonhado. Apesar de não terem dele uma representação negativa, como ocorre no caso dos países de religião oficial

⁶¹ Não sem sentido, quando tentei proferir este argumento em meio a um grupo de amigos homens que discutiam futebol, minha intervenção foi prontamente respondida com: “Mas isso é bem comentário de mulher mesmo”.

muçulmana, para os atletas nacionais Portugal não se encontra em nível de igualdade com Espanha ou Itália, por exemplo. Na paleta de destinos possíveis para futebolistas brasileiros, o mercado luso é imaginado como vitrine para alcançar o futebol “europeu”, reproduzindo o papel semi-periférico ocupado por Portugal na hierarquia de nações (Santos, 2001). A constatação de que, apesar de não ser o “favorito”, Portugal transformou-se na morada de 227 brasileiros em 2007, dá mostras da vulnerabilidade dos jogadores frente à demanda internacional e da perpetuação do ciclo colonial.

As diferentes geografias de ressonância implicam que nem todos os espaços possam “disseminar” jogadores de destaque (apesar de serem capazes de “produzi-los”). Neste sentido, alguns dos aspirantes cujas histórias de vida foram descritas nesta pesquisa já tinham iniciado seu percurso migratório, oriundos de regiões de influência próxima para a capital, Curitiba. Nas palavras de Deco: “Por exemplo, o Ronaldinho fez o que fez no Barcelona, que não ganhou nada, e para o ano vai estar na lista dos melhores do Mundo. Claro que o Ronaldinho é um grande jogador, isso é indiscutível, mas ele vai estar nessa lista porque é do Barcelona. Se ele estivesse no Benfica, que ficou em segundo lugar no campeonato português, estava ‘morto’, ninguém falava dele” (apud Record, 2004: s/p). Se este trabalho tentou não reproduzir a homogeneização presente em afirmações sobre o futebol “europeu” utilizando a denominação “clubes participantes da *Liga dos Campeões*”, é forçoso reconhecer que nem todas as agremiações que integram este campeonato têm o mesmo potencial de visibilidade/rentabilidade.

Um bom jogador de futebol é produzido por/em relações de poder que ultrapassam o espaço dos gramados. Tomando Pelé como exemplo, e sem desmerecer suas qualidades futebolísticas, ele não teria se tornado “Pelé” sem os investimentos político-capitalistas-midiáticos (e nacionalistas) feitos sobre sua pessoa e sua carreira. Arena simultaneamente de contestação e de hegemonia, não importa quão concentrada seja a acumulação de visibilidade/rentabilidade, nenhum atleta, time ou clube está a salvo da derrota em campo – e deve ser mais ou menos isso que torna o futebol divertido.

Especificamente no caso brasileiro, as transferências estão diretamente relacionadas com a representação do estilo de jogo do país (tido como “bonito”). Ao mesmo tempo em que tais representações atribuem valência positiva às vivências das classes populares, acarretam na estereotipização de um percurso romantizado a

respeito das trajetórias dos futebolistas, numa padronização que obscurece a diversidade de experiências existentes. São diferentes os pontos de partida no Brasil, com a gradação desigual de cidadanias, assim como são diferentes os destinos alcançados dentro e fora do país, considerando tanto os destinos geográficos quanto a escalada na gradação hierárquica do futebol. A concepção generalizada sobre o estilo “verde amarelo” traça uma linha de continuidade entre privação e criatividade, construindo uma imagem da pobreza como espaço desprovido de disciplinas, lúdico e despolitizado.

As conquistas das seleções brasileiras são cercadas de uma aura de orgulho compartilhado, que aqui denominei como ordem do discurso rodriguesiana – cuja inserção nas falas de jogadores, nas de torcedores, em produções midiáticas e acadêmicas constitui sinal de sua hegemonia. Num processo claro de invenção de tradições, os jogadores contemporâneos são representados como herdeiros diretos dos “craques” do passado, realimentando a mítica da predestinação e acentuando o nacionalismo. A polissemia de significados relacionados ao “país do futebol” permite problematizar o projeto de nação que foi construído ao redor e por meio do jogo. A sociabilidade do futebol é ativamente mobilizada em performances de masculinidade que excluem e muitas vezes denigrem as mulheres e os homossexuais em esferas públicas legítimas.

Ao mesmo tempo em que gera ausências óbvias, como as mulheres e os deficientes, a conclamação do estilo de jogo como característica da brasilidade se articula de maneira complexa com as desigualdades de classe e raça. O rápido empobrecimento de ex-boleiros se presta como argumento para concepções preconceituosas em relação aos desprovidos, articulando-se de forma ambígua com a romantização da pobreza. Em paralelo, as representações hegemônicas sobre o futebol brasileiro comportam uma pluralidade de estereótipos racistas, na medida em que o estilo “verde amarelo” é tido como tributário da participação de afro-brasileiros nos gramados. Não sem razão a Lei Pelé foi comparada à Lei Áurea. Reconhecimento positivo, a reivindicação da contribuição negra é simultaneamente perpetuadora de dinâmicas de exclusão, pois reforça e legitima dualidades como cultura x natureza, racionalidade x esporte, treinamento x inato – assinalando aos afro-descendentes o pólo menos prestigiado da contraposição estereotipada. Neste mesmo sentido, o futebol é mobilizado como elemento conotador e exemplo para argumentações em favor da existência da “democracia racial brasileira”, contribuindo dessa forma para o

esvaziamento da noção de miscigenação ao restringi-la a um formato previamente estabelecido e para a despolitização das desigualdades sociais.

Tendo partido de um projeto para investigar as transferências internacionais de futebolistas brasileiros, este trabalho estendeu seu escopo de interesse frente às problemáticas deparadas ao longo da pesquisa. Diversas questões permanecem em aberto, tanto nos debates precedentes quanto em potenciais continuidades ao trabalho. Uma das maiores ausências deixadas por esta dissertação diz respeito às perspectivas e expectativas dos jogadores imigrantes no período em que estão atuando em outros países. As experiências específicas em países e clubes de destino são, presumivelmente, bastante diversificadas, podendo servir de mote para a investigação das novas formas de cosmopolitismo emergentes na contemporaneidade. Em paralelo, se delineia a necessidade de tomar as iniciativas de organização de atletas e de torcedores como objeto de pesquisa, enfatizando a característica do futebol como moldura para a negociação de pertencas e construção de vínculos de sociabilidade e de conhecimento. Estas são questões que podem suscitar novas investigações.

Referências

- ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda e SOARES, Antonio Jorge. “Uma análise sobre o caso ‘Grafite X Desábato’ à luz do ‘racismo à brasileira’”. In: *Esporte e Sociedade*. Rio de Janeiro, ano 2, n.5, mar/jun 2007, p.1-17. Disponível em: <<http://www.racismonofutebol.org.br/index.php/Estudo-de-Caso/Estudo-de-caso/>>. Acesso em 27 maio 2008.
- ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda. *Uma leitura do idioma simbólico do racismo a partir do futebol*. Site Racismo no Futebol, s/l., 2005. Disponível em: <<http://www.racismonofutebol.org.br/index.php/Estudo-de-Caso/Estudo-de-caso/>> Acesso em: 11 maio 2008.
- ABRAMO, Helena Wendel e BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs). *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.
- ABRAMO, Helena Wendel. “Condição juvenil no Brasil contemporâneo”. In: ABRAMO, Helena Wendel e BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs). *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2005, p.37-72.
- AGENCIA ESTADO. Milene Domingues em concurso de dança da TV espanhola. São Paulo, 20 fev 2006. Disponível em: <<http://www.achanoticias.com.br/noticia.kmf?noticia=4297218>>. Acesso em 6 jun 2008.
- AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro, Mauad, 2002.
- ALABARCES, Pablo. *Fútbol y Patria: el fútbol y las narrativas en la nación en la Argentina*. Buenos Aires, Prometeu, 2002.
- ALMEIDA, Diosmar José Meira de. *Mario Filho e O Negro no Futebol Brasileiro*. Monografia de Conclusão do Curso de História, Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 2005.
- AMADO, Aécio e AQUINO, Yara. *Melhor jogadora de futebol do mundo pede "resgate" da modalidade no Brasil*. Agência Brasil, Rio de Janeiro/São Paulo, 26 jul 2007. Disponível em: <<http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2007/07/26/materia.2007-07-26.1299625844/view>>. Acesso em 30 maio 2008.
- AMARAL, Paulo. Entrevista com Regina Brandão, o nome por trás da mudança alviverde. In: *Gazeta Esportiva*, São Paulo, 28 ago 2006. <<http://www.gazetaesportiva.net/entrevista/futebol/ent179.php>>. Acesso em 23 maio 2008.
- ANTUNES, Valdelis Gubiã. “Jétson, de goleador a homem de negócios”. In: *FutebolPR*, Curitiba, 7 mar 2006. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/futebolpr/cadevoce/020506.shtml>>. Acesso em 3 jun 2008.
- ARAÚJO, Sandra Gil. Fútbol y migraciones. In: *Migraciones internacionales*. Tijuana, vol.1, nº3, p.55-78, julio/dicembre, 2002

- BELLOS, Alex. *Brasil: futebol ao ritmo do samba*. Lisboa, Civilização Editora, 2004.
- BINDI, Luis Fernando. *Futebol*. S/l, 2001. Disponível em: <<http://www.sampaonline.com.br/colunas/bindi/coluna2001mar09.htm>> Acesso em 23 abr 2007.
- BORGES, Rosângela e GEOVANILDA SANTOS, Maria José. “A juventude negra”. In: ABRAMO, Helena Wendel e BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs). *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2005, P.291-302.
- BOSCH, Matt. “Africa’s Football Status Quo”. In: *Pambazuka*. 2006. Disponível em: <www.pambazuka.org> Acesso em 23 abr 2007.
- BRANCO, Pedro Paulo Martoni. “Juventude e trabalho: desafios e perspectivas para as políticas públicas”. In: ABRAMO, Helena Wendel e BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs). *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2005, p.129-148.
- BRASIL. LEI Nº 9.615 - DE 24 DE MARÇO DE 1998. Brasília, Justiça Federal, 2003. “*Lei Pelé*” Disponível em: <<http://www.trt02.gov.br>> Acesso em 23 abr 2007.
- BRASIL, Sandra. “Entrevista: Milene Rodrigues”. In: Revista Veja, São Paulo, 24 set 2003. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/240903/entrevista.html>>. Acesso em 4 jun 2008.
- BRENNER, Ana Karina; DAYRELL, Juarez e CARRANO, Paulo. “Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros”. In: ABRAMO, Helena Wendel e BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs). *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2005, p.175-214.
- BRITO, Fausto. *Ensaio sobre as migrações internacionais no desenvolvimento do capitalismo*. Campinas, Unicamp, 2003. Disponível em <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/rev_inf/r12/brito.doc> Acesso em 23 abr 2007.
- CABRAL, Mariana. “Elas também jogam à bola”. *Fora de Linha: Revista das cadeiras do atelier de jornalismo e cyberjornalismo FCSH-UNL*. Lisboa, 2007. Disponível em: <<http://www.fesh.unl.pt/cadeiras/plataforma/foralinha/cyber/www/view.asp?edicao=00&artigo=1325>>. Acesso em 30 maio 2008.
- CALAZANS, Fernando. *O nosso futebol*. Rio de Janeiro, Mauad, 1998.
- CARLIN, John. “Most Bonito”. *New York Times*. Nova Iorque, 4 jun 2006. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2006/06/04/sports/playmagazine/04brazil.html?pagewanted=2&_r=1>. Acessado em 9 maio 2008.
- CARLIN, John. *Anjos Brancos à beira do inferno: os bastidores do Real Madrid*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2006.
- CARNEIRO NETO. “Coxa no topo”. *Gazeta do Povo. Caderno de Esportes*, Curitiba, sábado 8 set 2007, p.2.

- CARNEIRO NETO. “Raridades”. *Gazeta do Povo. Caderno de Esportes*, Curitiba, domingo 10 jun. 2007, p.2.
- CARNEIRO NETO. “Paraná de novo”. *Gazeta do Povo. Caderno de Esportes*, Curitiba, sexta feira 20 jun. 2007, p.2.
- CARNEIRO NETO. “Grandes negócios”. *Gazeta do Povo. Caderno de Esportes*, Curitiba, sexta feira, 17 ago. 2007, p.2.
- CARNEIRO NETO. “Encanto quebrado”. *Gazeta do Povo. Caderno de Esportes*, Curitiba, quinta feira 19 jul. 2007, p.2.
- CARNEIRO NETO. “Nova Postura”. *Gazeta do Povo. Caderno de Esportes*, Curitiba, sábado 18 ago. 2007, p.2.
- CARNEIRO NETO. “Futebol em crise”. *Gazeta do Povo. Caderno de Esportes*, Curitiba, domingo 15 jul. 2007. 2007, p.3.
- CARNEIRO NETO. “Igualdade rara”. *Gazeta do Povo. Caderno de Esportes*, Curitiba, domingo 17 jun. 2007, p.2.
- CARNIEL, Fagner. *O telejornal que “fala pra gente, mas não fala da gente”*: Globo Rural e identidade em Dois Vizinhos. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.
- CASTRO, Rui. *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- CLAYTON, Ben e HUMBERSTONE, Barbara. “Men's Talk: A (Pro)feminist Analysis of Male University Football Players”. In: *International Review for the Sociology of Sport*. Sage, n. 41, 2006, p.295–316. Disponível em: <<http://irs.sagepub.com/cgi/content/abstract/41/3-4/295>>. Acesso em 29 abr 2008.
- CBF (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL). *Transferências internacionais de jogadores 2007, 2006, 2005, 2004, 2002*. 2008. Disponível em <cbfnews.com.br> Acesso em 23 abr 2008.
- CBF (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL). *Ranking CBF 13 dez 2007*. 2007. Disponível em <cbfnews.com.br> Acesso em 23 abr 2008.
- CONNEL, Robert. *Masculinities*. Berkley, University of California Press, 1995.
- CORDEIRO, Luiz Carlos. *De Edson a Pelé: a infância do rei em Bauru*. Franca, DBA, 1997.
- CORREIO DO BRASIL. *Richarlyson é recebido aos gritos de 'bicha' por torcida palmeirense*. Rio de Janeiro, 30 ago 2007. Disponível em: <<http://www.correiodobrasil.com.br/noticia.asp?c=125082>>. Acesso em 28 maio 2008.
- DaMATTA, Roberto. *A bola corre mais do que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol*. Rio de Janeiro, Rocco, 2006.

- DAMO, Arlei. “A dinâmica de gênero nos jogos de futebol a partir de uma etnografia”. In: *Gênero: Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero - NUTEG*, v.7, n.2, Niterói, EdUFF, 1 sem 2007, p.135-150.
- DAMO, Arlei. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- DiGIANO, Roberto. *Fútbol y cultura política en la Argentina: identidades en crisis*. Buenos Aires, Leviatã, 2005.
- FARRED, Grant. “Long Distance Love: growing up a Liverpool Football Club fan”. In: *Journal of Sport & Social Issues*. Sage Publications, vol. 26, nº 1, fevereiro 2002, p.6-24.
- FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTEBOL. *Campeonato Paulista Feminino começa neste final de semana*. São Paulo, 11 abr 2008a. Disponível em: <<http://www.futebolpaulista.com.br/informe.php?sec=119&sub=&cod=10325>>. Acesso em 28 maio 2008.
- FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTEBOL. *Nacional está preocupado com falta de ritmo*. São Paulo, 27 maio 2008b. Disponível em: <<http://www.futebolpaulista.com.br/informe.php?sec=119>>. Acesso em 28 maio 2008.
- FERNANDES, R. (2007). Brecha na Lei Pelé cria “garotos de ouro”. In: *Gazeta do Povo. Cadernos de Esportes*, Curitiba, p.1, 5/jan.
- FERRARI, Luís. *Fifa banca ação contra o racismo no Brasil*. S/1, 18 maio 2008. Disponível em: <<http://www.racismonofutebol.org.br/index.php/Noticias/Fifa-banca-acao-contra-o-racismo-no-Brasil.html>>. Acesso em 28 maio, 2008.
- FERREIRA, Heraldo Simões. “Porque a Europa não produz Robinhos?” In: *Lecturas: Educación Física y Deportes*, Buenos Aires, v. 10, n. 89, oct. 2005. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd89/robinhos.htm>>. Acesso em 7 maio 2008.
- FIENGO, Sergio Villena. “El fútbol y las identidades: prólogo a los estudios latinoamericanos”. In: ALABARCES, Pablo. (org) *Futebologías*. Buenos Aires, Clacso, 2003, p.20-35.
- FIFA (FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION). *Commentary on the regulations for the status and transfer of players*. Zurique, FIFA, 2005. Protocolo disponível em: <www.fifa.com> Acesso em 23 abr 2007.
- FIFA (FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION). *Players' Agents List*. FIFA, Zurique. Disponível em: <<http://www.fifa.com/aboutfifa/federation/administration/playersagents/list.html>>. Acesso em 10 jun 2008.
- FLORENZANO, José Paulo. *Afonso & Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro*. São Paulo, Musa Editora, 1998.
- FOER, Fanklin. (2005) *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

FOLHA ONLINE. *Juiz arquiva queixa de Richarlyson e diz que futebol “é viril”*. São Paulo, 3 ago 2007. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u317411.shtml>>. Acesso em 28 maio 2008.

FÓRUM HARDMOB. *ESTADÃO FILHA DA PUTAAAA - preciso da ajuda de vcs*. S/l, 2005. Disponível em: <<http://forum.hardmob.com.br/showthread.php?t=193267>>. Acesso em 5 maio 2008.

FÓRUM HARDMOB. *Normas de Uso do Fórum (revisão 22/03/2008)*. S/l, 2008. Disponível em: <<http://forum.hardmob.com.br/showthread.php?t=322952>>. Acesso em 5 maio 2008.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade cultura*. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

FRANZINI, Fábio. *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)*. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

FREITAS, Carlos Eduardo. *O fim da “lei do passe” e seus efeitos*. S/l, 2001. Disponível em: <<http://www.pt.org.br/assessor/leipasse.htm>> Acesso em 27 fev 2007.

FUTEBOL FINANCE. *Salários dos Jogadores de Futebol 07/08 II*. Lisboa, 2008. Disponível em: <<http://www.futebolfinance.com/salarios-dos-jogadores-de-futebol-0708-v11/>>. Acesso em 28 maio 2008.

G.E.R.C. INDEPENDENTE (Torcida Organizada do São Paulo Futebol Clube). *Gritos da Independente*. Disponível em: <<http://pessoal.sercomtel.com.br/neto.degrau/gritos.htm>>. Acesso em 26 maio 2008.

GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. 3ª ed., Porto Alegre, L&PM, 2004.

GAZETA DO POVO. “Fifa proíbe máscara e gorro”. *Caderno de Esportes*, quarta-feira, 7 jun. 2007, p.5-5.

GAZETA DO POVO. “Internacional”. *Caderno de Esportes*, segunda-feira, 20 ago. 2007, p.15-15.

GAZETA DO POVO. “Marta evita se iludir com o futuro no Brasil”. *Caderno de Esportes*, quinta-feira, 21 dez 2006, p.2-2.

GAZETA DO POVO. “Entrevista: Marcos Malaquias, empresário de jogador”. *Caderno de esportes*, Curitiba, domingo 30 mar 2008, p.5.

GAZETA DO POVO. “Felipão e o presidente”. *Caderno de Esportes*. Curitiba, Sábado 24 nov. 2007, p.1.

GAZETA DO POVO. “Europa exhibe estrelas do futebol brasileiro”. *Caderno de Esportes*. Curitiba terça feira 18 set. 2007, p.3.

GAZETA DO POVO. “Marketing e êxodo criam geração de fãs ‘europeus’”. *Caderno de Esportes*. Curitiba, domingo 20 maio 2007, p.1.

GAZETA ESPORTIVA. “Ministro pede alteração de idade mínima para transferências”. *Gazeta Esportiva*. Brasília, 12 maio 2008. Disponível em: <http://www.gazetaesportiva.net/ge_noticias/bin/noticia.php?chid=157&nwid=3002>. Acesso em 17 jun 2008.

GERTHRDT, W. *The colourful history of a fascinating game*. In: History of the game by Fifa. Disponível em: <www.fifa.com/en/history>. Acesso em: 23/abril/2007.

GOELLNER, Silvana Vilodre. “Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades”. *Revista Brasileira de Educação Física*. São Paulo, v.9, n.2, abr/jun 2005, p.143-151. Disponível em: <www.usp.br/eef/rbefe/v19n22005/v19n2p143.pdf>. Acesso em 28 maio 2008.

GRÊMIO RECREATIVO TORCIDA ORGANIZADA INFERNO CORAL. Web Site Oficial. Disponível em <<http://www.grtoinfernocoral.com.br/paginas/gritos.htm>>. Acesso em 26 maio 2008.

GUIMARÃES, Nadya Araujo. “Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil?” In: ABRAMO, Helena Wendel e BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs). *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2005, p.149-174.

GURGEL, Anderson. “Riquezas e misérias de uma paixão nacional”. In: *Desafios*. São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://desafios2.ipea.gov.br/desafios/edicoes/24/artigo22656-1.php>> Acesso em 23 abr 2007.

HAMILTON, Aidan. *Um jogo inteiramente diferente! Futebol: a maestria brasileira de um legado britânico*. Rio de Janeiro, Gryphus, 2001.

HELAL, Ronaldo. “As idealizações de sucesso no imaginário brasileiro: um estudo de caso”. In: HELAL, Ronaldo (org). *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro, Mauad, 2001, p.135-148.

IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA). *Informações Básicas Municipais (MUNIC)*. Rio de Janeiro, IBGE, 2001.

IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA). *PIB cresce 5,4% e chega a R\$ 2,6 trilhões em 2007*. Rio de Janeiro, IBGE, 12 mar 2008. Disponível em: <http://www1.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1106&id_pagina=1>, acessado em 30 mar 2008.

JACOBS, Claudia Silva e DUARTE, Fernando. *Futebol Exportação*. Rio de Janeiro, Editora SENAC Rio, 2006.

KNIJNIK, Jorge Dorfman e VASCONCELLOS, Edras Guerreiro. “Sem impedimento: o coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no Brasil”. In: COZAC, João Ricardo Lebet. *Com a cabeça na ponta da chuteira: ensaios sobre a psicologia do esporte*. São Paulo, Annablume, 2003, p.73-90.

LASSANCE, Antonio. “Brasil: jovens de norte a sul”. In: ABRAMO, Helena Wendel e BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs). *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2005, p.73-86.

- LOPES, Sergio Leite. “Considerações em torno das transformações do profissionalismo no futebol a partir da observação da Copa de 1998”. In: *Estudos Históricos*. Vol.1 nº 23, 1999. Disponível em: <www.cpdoc.fgv.br/revista> Acesso em 23 abr 2007.
- LOVISOLO, Hugo e SOARES, Antonio Jorge. “Darwin e o futebol”. *Revista Eletrônica Polêmica*, Rio de Janeiro, v. 14, 2005. Disponível em: <http://www.polemica.uerj.br/pol14/cimagem/p14_9.htm>. Acesso em 5 jan 2008.
- LOVISOLO, Hugo e SOARES, Antonio Jorge. “De dentro e de fora: futebol e imagem do Brasil”. *Revista Eletrônica Polêmica*, Rio de Janeiro, v. 13, 2004. Disponível em: <http://www.polemica.uerj.br/pol13/cimagem/p13_8.htm>. Acesso em 5 jan 2008.
- LOVISOLO, Hugo e SORARES, Antônio Jorge. “Futebol: a construção histórica do estilo nacional”. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 25, n. 1, p. 129-143, set. 2003.
- LOVISOLO, Hugo. “Saudoso futebol, futebol querido: a ideologia da denúncia”. In: HELAL, Ronaldo (org). *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro, Mauad, 2001, p.77-99.
- MAGALHÃES, Mário. *Viagem ao país do futebol*. São Paulo, DBA Artes Gráficas, 1998.
- MAGUIRE, Joseph. *Global Sport: identities, societies, civilizations*. Cambridge, Polity Press, 1999.
- MARANHÃO, Rafael. “Marta: ‘O Brasil é o país do futebol masculino’: Craque não tem certeza de que seu prêmio trará apoio às competições femininas”. *Globo on line*. Rio de Janeiro, 19 dez 2006. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Arquivo/0,,AA1393866-4840,00.html>>. Acesso em 28 maio 2008.
- MASCARENHAS, Gilmar. “Tensões e mudanças recentes na cultura e na gestão do futebol brasileiro: entre a tradicional base local e as forças do mercado”. In: GARGANTA, Júlio; OLIVEIRA, José e MURAD, Murício. (org) *Futebol de muitas cores e sabores: reflexões em torno do desporto mais popular do mundo*. Cidade do Porto: Universidade do Porto/Campo das Letras, 2004. p.87-100.
- MATTOS, Cláudia. *Cem anos de paixão: uma mitologia carioca no futebol*. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.
- MESSNER, Michael e SABO, Donald A. (Eds.) *Sport, men, and the gender order: critical feminist perspectives*. Human Kinetics Books, Illinois, 1990, p. 1-114.
- MOREIRA, João Almeida. *Liedson: a minha história*. Prime Books, Lisboa, 2006.
- MOURA, Gisella de Araújo. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getulio Vargas, 1998.
- NERY, André Luiz. “Brasil exporta mais atletas, mas ganha menos”; “Exportação de atletas supera a de bananas”. São Paulo, G1, 30 jul. 2007. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Economia_Negocios/0,,MUL76681-9356,00.html>. Acesso em 17 jun 2008.

- NOGUEIRA, Armando. *O canto dos meus amores*. Rio de Janeiro, Dunya Editora, 1998.
- OLIVETTO, Washington; BEIRÃO, Nirlando. *Corinthians: é preto no branco*. São Paulo, Editora DBA, 2002.
- OS FANÁTICOS (Torcida Organizada do Clube Atlético Paranaense). *Gritos*. Disponível em: < <http://www.furacao.com/torcida/gritos.php>>. Acesso em 26 maio 2008.
- PAPPON, Thomas. *Brasil aposta na juventude para vencer os EUA*. BBC Brasil/Esportes Terra, S/l, quinta-feira, 26 ago 2004. Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/atenas2004/interna/0,,OI371912-EI3995,00.html>>. Acesso em 30 maio 2008.
- PELÉ. (NASCIMENTO, Edson Arantes do.) *Pelé, a autobiografia*. Rio de Janeiro, Sextante, 2006.
- PRONI, Marcelo Weishaupt. *A metamorfose do futebol*. Campinas, Unicamp. IE, 2000.
- QUINO. (LAVADO, Joaquín Salvador.) *Toda Mafalda: da primeira a última tira*. Editora Martins Fontes, São Paulo, 1991.
- RAÍ (OLIVEIRA, Raimundo Vieira de), SONINHA (MARMO, Sonia Francine Gaspar), LACOMBE, Milly. *Para ser jogador de futebol: dicas de um campeão para você se tornar um jogador profissional de sucesso*. São Paulo: Jabuticaba/Senac RJ, 2005.
- RECCHIA, Tiago. “Los Tres Inimigos”. In: *Gazeta do Povo*, Curitiba, 26 maio 2007, p.1-1.
- RECORD. “Deco: ‘Portugal me deu tudo’” [Entrevista com Deco]. *Jornal Record*, S/l, 2004. Disponível em: <<http://www.record.pt/noticia.asp?id=502096&idCanal=17>>. Acesso em 17 jun 2008.
- REDAÇÃO DO JM. “Ronaldo sai de casa e deixa Milene Rodrigues”. In: *Jornal da Mídia*. Salvador, 10 out 2003. Disponível em: <http://www.jornaldamidia.com.br/noticias/2003/10/Ronaldo_sai_de_casa_e_deixa_Mi.shtml>. Acesso em 8 jun 2008.
- REINECKEN, Marcio. “Mercadores de Ilusões”. *Gazeta do Povo. Caderno de esportes*, Curitiba, domingo 30 mar 2008, p.4.
- ROCHA, Everardo. “As invenções do cotidiano”. In: *Jogo de espelhos: ensaios de cultura brasileira*. Rio de Janeiro, Mauad, 2003, p. 13-32.
- RODRIGUES, Nelson. *O berro impresso nas manchetes: crônicas completas da Manchete Esportiva 55-59*. Rio de Janeiro, Agir, 2007, pp.1-243.
- SANTOS, Boaventura de S. *Globalização: fatalidade ou utopia?* Porto, Afrontamento, 2001.
- SCHWARTZ, Cristian. “Entrevista com Tostão: ex-jogador e comentarista”. In: *Gazeta do Povo*, Caderno de Esportes, Curitiba, sábado 10 maio 2008, p.3-3.

SCHWINDEN, Antônia. *Dez atleticanas e uma fanática*. Curitiba, Edição da autora, 2008.

SEITZ, Oliver. *Introdução à Indústria do Futebol*. (Curso de capacitação do Estação Business School). Curitiba, out 2007.

SIMON, Carlos. “Sonho FC: ‘lapidando pedras preciosas’ no Uberaba”. *Tribuna do Paraná, Esporte de Letra*. Curitiba, quarta feira, 4 jun 2008, p.24.

SINGER, Paul. “A juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social”. In: ABRAMO, Helena Wendel e BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs). *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2005, p.27-36.

SOARES, Antonio Jorge. “História e invenção das tradições” e “A modo de espera”. *Estudos Históricos*. Vol.1 nº 23, 1999. Disponível em: <www.cpdoc.fgv.br/revista>. Acesso em 23 abr 2007.

SOUTO, Sérgio Monteiro. “Futebol: entre o simbólico e o mercado”. In: GARGANTA, Júlio; OLIVEIRA, José e MURAD, Maurício. (org) *Futebol de muitas cores e sabores: reflexões em torno do desporto mais popular do mundo*. Cidade do Porto: Universidade do Porto/Campo das Letras, 2004. p.119-136.

SOUTO, Sergio Monteiro. *Os três tempos do jogo: anonimato, fama e ostracismos no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro, Graphia, 2000.

SPOSITO, Marília Pontes. “Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil”. In: ABRAMO, Helena Wendel e BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs). *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2005, p.87-127.

TAPA NA CARA. *Os 10 maiores salários do futebol mundial, jogadores que mais ganham dinheiro no futebol*. S/l, 3 março 2008. Disponível em: <http://tapanacara.com.br/blog/2008/03/os_10_maiores_salarios_do_fute.html>. Acesso em 27 maio 2008.

THE OFFICIAL SITE OF MARTA. *De Dois Riachos para a conquista do mundo; Família é o porto seguro de Marta e Marta eleva nível do futebol brasileiro*. S/l, 29 maio 2008. Disponível em: <<http://www.marta10.com>>. Acesso em 29 maio 2008.

TOLEDO, Luiz Henrique de. “Pelé: os mil corpos de um rei”. In: GARGANTA, Júlio; OLIVEIRA, José e MURAD, Murício. (org) *Futebol de muitas cores e sabores: reflexões em torno do desporto mais popular do mundo*. Cidade do Porto: Universidade do Porto/Campo das Letras, 2004. p.147-168.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no futebol*. São Paulo, Hucitec/FAPESP, 2002.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DAS COUMIDADES EUROPEIAS (2005), Parecer de 15 de Dezembro de 1995. “*Sentencia Bosman*”. Protocolo disponível em: <http://eur-lex.europa.eu>, Acesso em 23 abr 2007.

UNIVERSO MASCULINO. *Lance que quase que ninguém vê*. Símbolo Comunicação, S/l, Ed. 19, 2007, p. 1-4. Disponível em:

<<http://www.revistaum.com.br/Edicoes/19/artigo17142-1.asp>>. Acesso em 12 jun 2008.

URSI, José Melquíades. *Como nascem os deuses da bola*. Curitiba, Edição do Autor, 2005.

VASCONCELLOS, Paulo César. *O Brasil e a Bola*. Ministério das Relações Exteriores, Brasília (DF), s/d. Disponível em: <http://www.dc.mre.gov.br/brasil/tex_esportes.asp>. Acesso em 11 jun 2008.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. “O Tinho”. In: *Gazeta do Povo*. Caderno Paraná Política, Curitiba, p.11, 18 jan 2007.

VOGEL, Arno. O momento feliz: reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: DA MATTA, R. (org.) *Universo do futebol: Esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.

Anexo I

Tabela 8 - Transferências Internacionais de jogadores brasileiros por país de destino/2007

PAÍS	QUANTIDADE		PAÍS	QUANTIDADE	
ÁFRICA DO SUL	1		ESTÔNIA	1	
ANGOLA	6		HUNGRIA	3	
ARGÉLIA	2		LETÔNIA	3	
LÍBIA	2		LITUÂNIA	13	
MARROCOS	2		MACEIDÔNIA	3	
TUNÍSIA	3	16	MONTENEGRO	4	
COSTA RICA	8		POLÓNIA	13	
EL SALVADOR	3		REP. CHECA	13	
GUATEMALA	4		ROMÊNIA	17	
HONDURAS	8		RÚSSIA	11	
SURINAME	2		SÉRBIA	10	
TRINIDAD E TOBAGO	2	27	UCRÂNIA	7	135
ESTADOS UNIDOS	14		ALAMENHA	44	
MÉXICO	9	23	AUSTRIA	19	
ARGENTINA	3		BÉLGICA	13	
BOLÍVIA	12		DINAMARCA	7	
CHILE	4		ESCÓCIA	1	
COLÔMBIA	6		ESPANHA	38	
EQUADOR	5		FINLÂNDIA	6	
PARAGUAI	21		FRANÇA	14	
PERU	2		GRÉCIA	18	
URUGUAI	10		HOLANDA	11	
VENEZUELA	9	72	ILHAS FAROE	3	
ARMÊNIA	7		INGLATERRA	6	
ARZEIBAIJAO	2		IRLANDA	2	
BAHAIN	5		ITÁLIA	47	
CHINA	27		LUXEMBURGO	1	
CHIPRE	9		MALTA	4	
CORÉIA	8		NORUEGA	3	
GEÓRGIA	2		PORTUGAL	227	
HONG KONG	31		SUÉCIA	19	
ÍNDIA	5		SUIÇA	17	500
INDONÉSIA	21		AUSTRÁLIA	10	10
JAPAO	57		ARÁBIA SAUDITA	9	
KOREA	8		EGITO	1	
MALÁSIA	6		EMIRADOS ÁRABES	18	
SINGAPURA	1		IRÃ	6	
TAILÂNDIA	4		ISRRAEL	15	
VIETNÃ	20	213	KUWAIT	3	
ALBANIA	1		LÍBANO	6	
BALÁRUS	1		OMAM	4	
BÓSNIA	4		QATAR	13	
BULGÁRIA	9		SÍRIA	1	
CROÁCIA	20		TURQUIA	13	89
ESLOVÊNIA	2				

Fonte: CBF, 2008.

Anexo II

Tabela 9 - Transferências internacionais de jogadores brasileiros por estado do clube de origem / 2007

ESTADO	QUANTIDADE
DF	14
GO	55
MS	16
MT	13
AL	30
BA	18
CE	19
MA	13
PB	7
PE	30
PI	3
RN	10
SE	13
AC	1
AM	4
AP	1
PA	12
RO	8
RR	3
TO	2
ES	25
MG	93
RJ	133
SP	286
PR	104
RS	88
SC	84

Fonte: CBF, 2008.

Anexo III

Roteiro da entrevista com adeptos da torcida organizada *Os Fanáticos*

Desde já agradeço sua participação nesta pesquisa e asseguro que os dados serão utilizados unicamente para fins acadêmicos, garantindo o sigilo das informações pessoais.

1. Idade, sexo, escolaridade e profissão.
2. O que é o futebol pra você?
3. Como você se descreveria dentro do universo do futebol?
4. Como você se informa sobre futebol?
5. Você se interessa mais por futebol profissional ou amador? Por que?
6. Você acha que o Brasil é o país do futebol? Por que?
7. Por que muitos jovens querem ser jogadores de futebol?
8. Na sua opinião o que é necessário para ser um jogador profissional?
9. O que você acha da carreira de jogador de futebol profissional?
10. Você acha que os jogadores de futebol brasileiros são melhores do que os de outros países? Por que?
11. Você acha que os clubes brasileiros são os melhores do que os de outros países? Por que?
12. O que você acha de jogadores atuando fora do Brasil participarem da seleção?
13. O que você acha de jogadores nascidos no Brasil atuando em outras seleções nacionais?
14. Qual jogador brasileiro você mais admira? Por que?
15. Você se interessa pelo futebol jogado em outros países? Quais?
16. Você admira algum jogador estrangeiro? Qual e por que?
17. O que você acha de jogadores estrangeiros no Brasil?
18. Você acha que o futebol brasileiro tem se transformado nos últimos anos?
19. O que você acha do mercado internacional de transferências de jogadores?
20. As transferências internacionais ajudam o futebol brasileiro? Quem é mais favorecido e quem é mais prejudicado?
21. Na sua opinião, por que aumentou nos últimos anos o número de transferências internacionais de jogadores brasileiros?
22. O que você acha dos empresários / agentes de jogadores?
23. Quais os países que mais compram jogadores brasileiros?
24. Qual o motivo da diferença de salários entre os jogadores de futebol?
25. Qual o motivo da diferença de rendimento entre os clubes?
26. Você acha que um maior rendimento do clube acarreta numa melhor performance do time?
27. Em algum momento você já sonhou em ser um jogador profissional de futebol?
28. Se você fosse jogador, preferiria atuar no Brasil ou no exterior? Por que?
29. Quais países você gostaria de jogar? Teria algum país para onde você não iria?
30. O que você acha que tem importância na decisão de atuar no exterior?
31. Na sua opinião, o que deveria melhorar no futebol brasileiro?